

MARIE LU

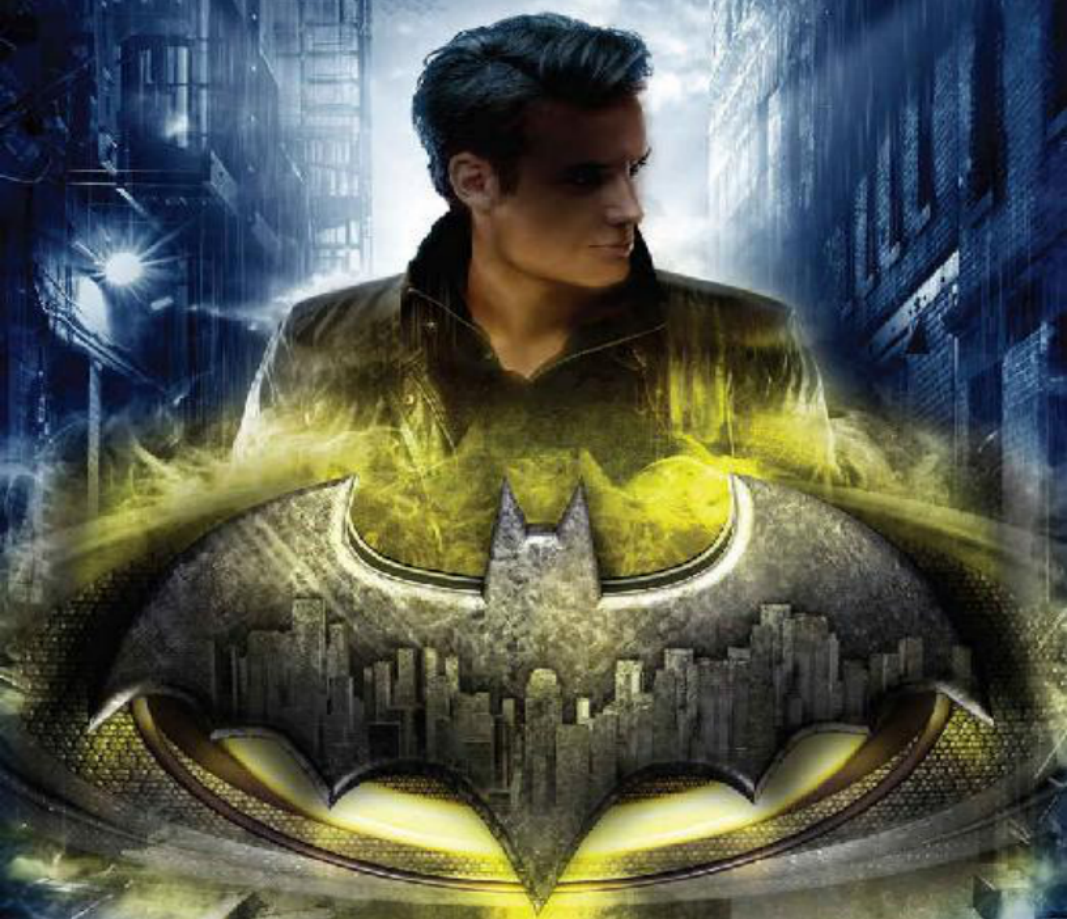


BATMANTM
CRIATURAS DA NOITE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MARIE LU



BATMAN™

CRIATURAS DA NOITE

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

BATMAN™

CRIATURAS DA NOITE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e

não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

BATMAN

CRIATURAS DA NOITE
LENDAS DA DC 2



MARIE LU



Batman é uma criação de Bob Kane e Bill Finger



Copyright © 2018 DC Comics.

BATMAN and all related characters and elements

© & TM DC Comics. WB SHIELD: TM & © WBEI. (s18)

RHUS39853

Jacket art by Jacey

Título original: *Batman: Nightwalker*

Tradução por Editora Arqueiro Ltda.

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's
Books,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização
por escrito dos editores.

Mariana Serpa
Victor Almeida
Anna Beatriz Seilhe e Rachel Rimas
DTPhoenix Editorial
©T0c4
Jacey
Ana Paula Daudt Brandão
© Primo Gallanosa
Marcelo Morais

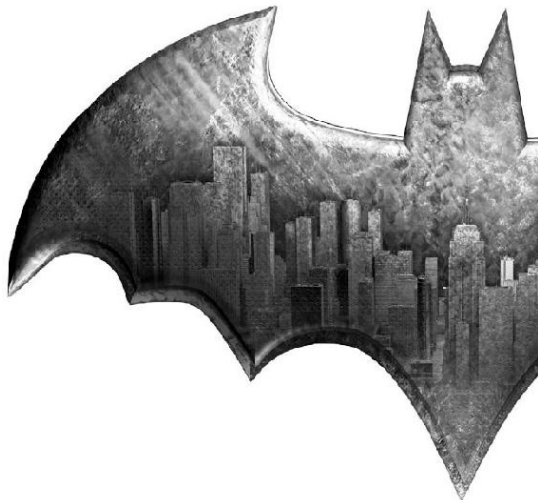
TRADUÇÃO:
PREPARO DE ORIGINAIS:
REVISÃO:
DIAGRAMAÇÃO:
CAPA:
COMPARTILHAMENTO:
ADAPTAÇÃO DE CAPA:
FOTO DA AUTORA:
ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK:

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538, ©T0c4 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Dianne –

Bruce Wayne seria sortudo se tivesse você como amiga.



PRÓLOGO

O sangue sob as unhas a incomodava.

Luvras baratas e inúteis, pensou a garota, contrariada.

Ela até se precavera e tinha colocado duas luvas em cada mão, mas um golpe de faca talhara as duas camadas. *Idiota*. Em qualquer outra noite, teria parado e, de maneira metódica, removido aquele sangue debaixo das unhas. Mas não havia tempo.

Sem tempo, sem tempo.

O luar invadia o piso da mansão, iluminando parte do corpo nu do homem. Ele sangrava de um jeito estranho, diferente das outras vítimas. O sangue formava um círculo perfeito sob o corpo, feito uma poça de calda cristalizada.

Ela suspirou, enfiou a lata de spray de tinta vermelha na mochila e recolheu alguns dos trapos espalhados pelo chão. Na parede a seu lado estava o símbolo que ela acabara de desenhar às pressas.

Tudo dera errado naquela noite, desde as inesperadas complicações do sistema de segurança de sir Grant à surpresa do homem ao dar de cara com eles. Eles tinham se atrasado. Ela odiava se atrasar.

Ela circulou pelo quarto, recolhendo suas ferramentas e enfiando tudo na mochila. O luar iluminava suas feições à medida que ela percorria a fileira de janelas. Sua mãe costumava dizer que, desde criança, ela tinha cara de boneca: olhos grandes, escuros e cristalinos, cílios compridíssimos, nariz fino, lábios rosados e pele de porcelana.

As sobranceiras retas lhe conferiam uma expressão de constante vulnerabilidade.

Essa era a questão. Só viam o que importava nela quando já era tarde demais. Até suas unhas ficarem manchadas de sangue.

Por conta da pressa, seu cabelo havia se despenteado e agora cascadeava sobre os ombros. Ela o prendeu num coque. Um ou outro fio tinha caído e agora jazia em algum ponto do chão, deixando pistas para a polícia. Mas na verdade não seria um problema, desde que ela conseguisse escapar a tempo.

Vou matar todos eles, pensou, com amargura. *Me largaram aqui limpando essa bagunça...*

Em algum momento no meio da noite irrompeu o som estridente de sirenes.

Ela virou a cabeça na direção do som. Por instinto, levou a mão até uma das facas presas à cintura. Então começou a correr. Suas botas eram silenciosas; ela se movia feito uma sombra. O único barulho que emitia era o da pancada fraca da mochila nas costas. Enquanto avançava, ergueu o cachecol preto até a metade do rosto, cobrindo nariz e boca, e colocou o visor escuro. Através dele, a mansão se transformava numa grade de linhas verdes e sinais térmicos.

As sirenes se aproximavam rapidamente.

Ela parou outra vez para tomar fôlego e escutar. O som vinha de diferentes direções... Ela seria encurralada. *Sem tempo, sem tempo*. Disparou escadaria abaixo, a silhueta mesclada às sombras da mansão, então virou bruscamente numa curva no fim da descida e rumou não para a porta da frente, mas para o porão. O sistema de segurança havia sido reprogramado para trancar a porta, mas o porão era sua rota de fuga, com todos os alarmes desativados e as travas das janelas preparadas para responder aos comandos.

Assim que ela alcançou o local, as sirenes do lado de fora ficaram ensurdecedoras. A polícia havia chegado.

– Abrir janela A – sussurrou ela no bocal.

A janela reprogramada se destrancou com um clique suave e obediente. A polícia estaria reunida diante das portas frontais e traseiras. Sem ter conhecimento da pequenina janela no nível do solo, não pensaria em conferir a lateral de uma casa tão imensa.

Ela correu mais rápido. Ao alcançar a janela, começou a se içar para cima e para fora, serpenteando pela saída numa fração de segundo. No gramado da frente ouviu um policial gritando num

megafone, viu os sinais térmicos de pelo menos uma dúzia de guardas em pesados coletes à prova de balas, os rostos cobertos por capacetes, os fuzis de assalto apontados para a porta.

Ela deu um salto na escuridão, pôs-se de pé, ergueu o visor e se preparou para disparar. Mas uma luz ofuscante a envolveu.

– *Mãos ao alto!* – gritaram várias vozes ao mesmo tempo.

Ela ouviu os cliques de armas sendo destravadas e o latido furioso dos cães policiais contidos por seus parceiros.

– *De joelhos! Agora!*

Ela havia sido capturada. Queria matar alguém por aquele erro. Agora era tarde demais. Pelo menos ele havia fugido. Por uma fração de segundo pensou em puxar uma faca, atirar-se no policial mais próximo e fazê-lo de refém.

No entanto, havia muitos ali, e a luz era intensa demais. Ela não tinha tempo para executar um movimento daqueles sem que a polícia soltasse os cachorros, e não estava a fim de ser espancada até a morte.

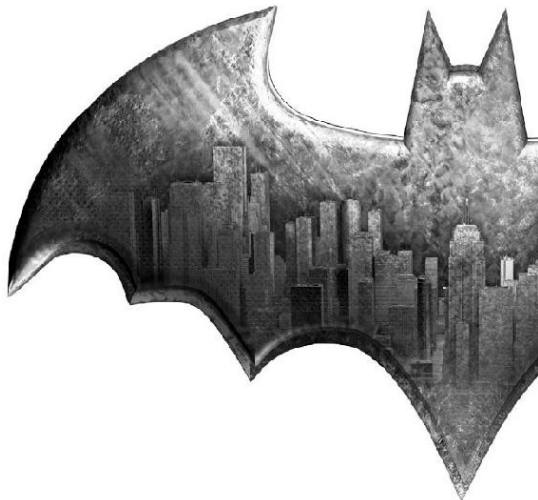
Em vez disso, ergueu as mãos.

A polícia a empurrou com força no chão; terra e grama lhe arranharam o rosto. Ela viu de esguelha o próprio reflexo nos capacetes opacos dos policiais, os canos das armas apontados para seu rosto.

– Nós a pegamos! – gritou um deles pelo rádio, a voz marcada por empolgação e medo. – Fiquem a postos...

Vocês me pegaram, repetiu para si mesma enquanto sentia as algemas frias se fechando em seus pulsos. Porém, mesmo com o rosto pressionado contra o chão, ainda se permitiu um pequeno e desdenhoso sorriso por detrás do cachecol.

Vocês me pegaram... por enquanto.



CAPÍTULO 1

Se Bruce Wayne pudesse ser resumido em um carro, seria este: um novíssimo e personalizado Aston Martin preto-carvão, impiedoso e luzidio, com uma faixa metálica adornando o teto e o capô.

Ele agora testava o limite do veículo, entregando-se ao ronco do motor, à resposta ao mais leve toque, abraçando as ruas de Gotham ao entardecer. O brinquedinho fora presente da WayneTech, equipado com os mais modernos dispositivos de segurança – uma parceria histórica entre a lendária montadora de carros e o império Wayne.

Bruce fez outra curva fechada e os pneus rangeram em protesto.

– Eu ouvi isso – disse Alfred Pennyworth na chamada de vídeo pela tela do carro, encarando Bruce com um olhar de reprovação. – Um pouco mais devagar nas curvas, patrão.

– O Aston Martin não foi feito para curvas lentas, Alfred.

– Também não foi feito para ser destruído.

Bruce sorriu de leve. Os óculos de sol de modelo avião refletiam o sol poente enquanto ele seguia com o carro rumo aos arranha-céus de Gotham.

– Por que não confia em mim, Alfred? – perguntou Bruce. – Foi você quem me ensinou a dirigir.

– E ensinei o senhor a dirigir como se estivesse possuído por um demônio?

– Um demônio *habilidoso* – retificou Bruce, girando o volante num movimento suave. – Além disso, foi um presente da Aston Martin e

está equipado até os dentes com itens de segurança da WayneTech. Só estou dirigindo para exibi-lo na festa beneficente de hoje à noite. E a única forma de fazer isso direito é conferindo o que essa obra de arte é capaz de fazer.

Alfred suspirou.

– Exibir os itens de segurança da WayneTech numa festa beneficente não é o mesmo que usar o carro para incitar a morte – retrucou Alfred num tom seco. – Lucius Fox pediu que o senhor levasse o carro à festa para que a imprensa possa escrever resenhas apropriadas a respeito.

Bruce fez mais uma curva acentuada. O carro calculou a posição em relação à estrada no mesmo segundo. No para-brisa ele viu surgir e se desvanecer uma série de números translúcidos. O carro respondia com misteriosa precisão, em perfeita harmonia com o asfalto, mapeando os arredores nos mínimos detalhes.

– É exatamente o que estou fazendo – insistiu Bruce. – Tentando chegar lá a tempo.

Pela tela sensível ao toque, Alfred balançou a cabeça e seguiu espanando o pó do peitoril de uma janela da mansão Wayne. A luz do sol deixava mais evidente sua pele pálida.

– Vou matar o Sr. Fox por achar que isso seria uma boa ideia.

Um sorriso afetuoso se formou nos lábios de Bruce. Às vezes ele via em seu guardião extraordinária semelhança com um lobo, com seu olhar atencioso, estafado e azul-cinzentos. Umas poucas mechas brancas haviam começado a rajar o cabelo de Alfred nos últimos anos, e as rugas nos cantos dos olhos haviam se aprofundado. Ele era a personificação da razão de Bruce. Ao se lembrar disso, o jovem reduziu um pouco a velocidade.

A noite chegava, e com ela o período em que os morcegos saíam para caçar. Ao se aproximar, Bruce viu suas silhuetas orbitando os recônditos da cidade para se unir ao restante da colônia. E sentiu-se um pouco nostálgico.

Certa vez seu pai descobrira que um terreno próximo à mansão Wayne era um dos maiores abrigos de morcegos da cidade. Bruce se lembrava daquele tempo de infância, quando se acorava no gramado da frente, estupefato, deixando de lado os brinquedinhos para ver seu pai apontar para os milhares de criaturas que irrompiam ao anoitecer, varrendo o céu numa fileira ondeante. Eram independentes, dizia o pai, mas sabiam se deslocar como uma

unidade.

A lembrança fez Bruce apertar as mãos no volante. Seu pai deveria estar ali, sentado no banco do carona, observando os morcegos com ele. Mas isso era impossível agora.

À medida que Bruce se aproximava do centro, as ruas se tornavam mais sujas, até que o sol poente foi encoberto pelos arranha-céus, os becos envoltos por uma mortalha de sombras. Ele cruzou a Torre Wayne e o Centro Financeiro Secco, e notou alguns mendigos em meio às vielas, evidente contraste entre a pobreza e um marco da opulência. Ali perto ficava a ponte de Gotham, com metade da nova pintura finalizada. Barracos jaziam aleatoriamente debaixo da ponte.

Bruce não se lembrava de ver a cidade daquele jeito quando era mais jovem. A memória que guardava de Gotham era de uma impressionante selva de concreto e aço, recheada com uma sucessão de carros luxuosos e porteiros de ternos pretos, aroma de couro novo, colônias masculinas e perfumes femininos, saguões resplandecentes de hotéis de luxo, iates estacionados no porto banhado pelas luzes da cidade.

Ao lado dos pais, Bruce conhecera somente o lado bom da cidade. Nunca havia percebido as pichações, o lixo nas sarjetas e o povo encolhido nos becos sombrios, pedindo esmola. Como uma criança protegida, vira apenas o que a cidade podia oferecer pelo preço certo, e nada do que a cidade fornecia a quem não tinha nada.

Aquilo tudo havia mudado em uma fatídica noite.

Bruce estava ciente de que pensaria nos pais naquele dia, no dia da abertura de seu fundo patrimonial. Por mais que estivesse emocionalmente preparado, as lembranças ficariam para sempre cravadas em seu coração.

Finalmente, entrou na rua que fazia esquina com o Bellingham Hall. Um tapete vermelho atravessava a calçada em frente e avançava pela escadaria. Os paparazzi haviam se reunido junto à rua, já disparando as câmeras em direção ao carro.

– *Patrão Bruce.*

Bruce percebeu que Alfred ainda discorria sobre segurança.

– Estou escutando, Alfred – disse ele.

– Eu duvido, patrão. O senhor me ouviu sugerir uma reunião com Lucius Fox amanhã? Vai trabalhar com ele durante todo o verão... Vocês dois deviam pelo menos começar a organizar um plano detalhado.

– Sim, senhor.

Alfred fez uma pausa e o encarou com um olhar severo.

– E comporte-se hoje à noite. Entendido?

– Prometo ficar quieto num canto.

– Muito engraçado, patrão. Vou cobrar essa promessa.

– Nenhum desejo de aniversário para mim, Alfred?

Nesse momento um sorriso enfim surgiu no rosto de Alfred, suavizando suas feições duras.

– Feliz aniversário, patrão – respondeu ele, com um meneio de cabeça. – O senhor é *mesmo* filho de Martha, organizando esse evento. Ela ficaria orgulhosa.

Ao ouvir o nome da mãe, Bruce fechou os olhos por um instante. Todos os anos, em vez de comemorar o próprio aniversário, ela promovia uma festa beneficente, cuja arrecadação era encaminhada ao Fundo de Proteção Legal de Gotham, um grupo que oferecia defesa jurídica a quem não podia arcar com os custos. Bruce apenas seguia a tradição da mãe, agora que a responsabilidade pela fortuna da família havia oficialmente desabado em seus ombros.

O senhor é mesmo filho de Martha. Bruce, no entanto, apenas ignorou o elogio, sem saber o que dizer.

– Obrigado, Alfred. Não espere por mim acordado.

Os dois finalizaram a chamada. Bruce parou em frente ao edifício. Por um instante, ele se permitiu apenas ficar ali, sentado no carro, aquietando as emoções enquanto os paparazzi berravam do lado de fora.

Ele crescera sob os holofotes, suportando anos de manchetes sobre si mesmo e seus pais. BRUCE WAYNE, 8 ANOS, ÚNICA TESTEMUNHA DA MORTE DOS PAIS! BRUCE WAYNE É O HERDEIRO DA FORTUNA! BRUCE WAYNE, AOS 18 ANOS, O JOVEM MAIS RICO DO MUNDO!

E assim por diante.

Alfred já havia entrado com uma ordem judicial contra fotógrafos por apontarem suas lentes para as janelas da mansão Wayne. No ano em que seus pais foram assassinados, Bruce teve que voltar correndo da escola, aos prantos e em pânico após quase ser atropelado pelos carros dos ávidos paparazzi. Ele passara os primeiros anos tentando se esconder para que os tabloides não inventassem novos rumores.

No entanto, ou alguém se escondia da realidade, ou lidava com ela. Com o tempo, Bruce erigira um escudo protetor e negociara uma trégua não verbal com a imprensa.

Ele surgiria em sua figura pública, refinadíssimo, e deixaria que os jornalistas o fotografassem quanto quisessem. Em troca, eles voltariam as atenções à questão de sua escolha. No momento, a pauta era o empenho da WayneTech no reforço da segurança de Gotham: desde novas tecnologias de segurança para o banco da cidade e drones que auxiliassem o departamento de polícia até artefatos de segurança automotiva fornecidos de graça, com softwares de código aberto.

Ao longo dos anos, Bruce passara incontáveis noites enfiado em seu quarto, ouvindo obsessivamente a frequência de rádio da polícia e investigando casos arquivados por conta própria. Desmontara protótipos da WayneTech sob a luminária da escrivaninha, no meio da escuridão, examinando microchips reluzentes e encaixes artificiais, estudando a tecnologia desenvolvida por sua empresa para aprimorar a segurança da cidade.

Se alcançar esse objetivo significava estar no noticiário, então que fosse.

Tão logo um funcionário avançou para abrir a porta do carro, Bruce disfarçou o desconforto, saiu com um único e gracioso movimento e abriu um sorriso impecável para os repórteres. As câmeras foram disparadas. Guarda-costas de ternos pretos e óculos escuros empurravam as pessoas para trás, abrindo caminho para ele, mas os repórteres ainda se apinhavam, os microfones estendidos, berrando perguntas:

- Está ansioso pela formatura?
- Aproveitando a nova fortuna?
- Como é ser o bilionário mais jovem do mundo?
- Quem você está namorando, Bruce?
- Ei, Bruce, olha para cá! Dá um sorriso!

Bruce fez a gentileza de oferecer ao homem um sorriso agradável. Sabia que era fotogênico. Alto e magro, os olhos azuis-escuros feito duas safiras, o cabelo preto para trás num penteado irretocável, terno sob medida, sapatos lustrosos.

- Boa noite – disse ele, parando por um instante diante do carro.
- Bruce! Este carro é a sua primeira compra? – gritou um paparazzo, com uma piscadela. – Já está aproveitando o espólio?

Ele encarou o homem, recusando-se a morder a isca.

– Este é o novo Aston Martin do mercado, totalmente equipado com tecnologia de segurança da WayneTech. Fiquem à vontade para explorar o interior hoje à noite, em primeira mão – respondeu ele,

apontando para o carro. Um dos guardas de terno havia aberto a porta para a imprensa dar uma olhada. – Obrigado a todos por cobrirem a festa beneficente da minha mãe hoje. É muito importante para mim.

Embora Bruce falasse sobre a instituição de caridade apoiada pelo evento, a multidão gritava junto, ignorando suas palavras. Ele olhou em volta, exaurido. Por um instante, se sentiu sozinho e sobrepujado. Correu o olhar pelos paparazzi, à procura de jornalistas sérios. Já via as manchetes do dia seguinte: BRUCE WAYNE COMPRA CARRO MILIONÁRIO! JOVEM NÃO PERDE TEMPO COM A HERANÇA! Ele esperava, contudo, que entre aquelas palavras houvesse algumas verdadeiras, detalhando o trabalho feito na WayneTech. Era isso que importava.

Depois de permitir uma saraivada momentânea de cliques, Bruce seguiu para a entrada do edifício. Havia convidados no alto da escadaria: membros da elite de Gotham, integrantes do conselho, grupos de admiradores. Bruce se percebeu categorizando cada um deles. Era uma estratégia de sobrevivência que desenvolvera desde a morte dos pais. Havia os que o convidavam para jantar só para tentar arrancar uma fofoca; os dispostos a trair os amigos para estar com ele; o colega de classe rico que espalhava mentiras a seu respeito por pura inveja; as que faziam de tudo para sair com ele e na manhã seguinte revelavam os detalhes aos tabloides.

Seu rosto, porém, permaneceu indiferente, e ele cumprimentou cada um com educação. Só mais uns passos até a entrada. Ele só precisava chegar lá, e então encontraria...

– Bruce!

Uma voz familiar se destacou em meio ao caos. Bruce ergueu os olhos até o topo da escadaria, onde uma garota na ponta dos pés acenava para ele. Seu cabelo escuro deslizava pelos ombros, e a iluminação destacava a pele morena e as curvas. Ela usava um vestido com glitter, que dava a seus movimentos um brilho prateado.

– Ei! – gritou a moça. – Aqui!

Aliviado, Bruce relaxou a postura. *Dianne Garcia*. Categoria: amiga de verdade.

À medida que ele se aproximava, ela instintivamente deu as costas para a multidão aglomerada atrás da corda de veludo na rua, numa tentativa de protegê-lo dos flashes.

– Atrasado para o próprio aniversário? – perguntou ela, com um sorriso.

Ele deu uma piscadela grata.

– Foi só para dar um charme.

– A festa está uma loucura – prosseguiu ela. – Acho que você pode bater um novo recorde de arrecadação.

– Esse é o objetivo – respondeu ele, abraçando-a. – Ou você acha que aguento aquelas câmeras lá embaixo por diversão?

Ela riu. Aquela era a garota que um dia arrancara o dente de outra criança com um soco por ter perturbado seus amigos, que decorara o primeiro capítulo de *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens, para ganhar uma aposta, que passava uma hora encarando o cardápio só para escolher o mesmo hambúrguer de sempre.

Dianne o segurou pelo braço e o conduziu para dentro do edifício, deixando os paparazzi para trás. Do lado de dentro, a iluminação era de um azul suave, com candelabros pendendo do teto alto em tons cintilantes de prata e branco. Esculturas de gelo e as mais diversas comidas cobriam as extensas mesas do banquete, enquanto outra mesa exibia fileiras de itens de leilão, que tremiam de leve por causa da batida da música.

– Achei que você teria entrevista numa universidade hoje – disse ele em meio à barulheira, enquanto Dianne apanhava uma tortinha de limão de uma das mesas. – Não que eu esteja reclamando por você estar aqui, é claro.

– Foi mais cedo. Minha *lola* precisava de mim em casa à tarde para buscar o meu irmão. Além disso, não quis privá-lo da minha companhia hoje à noite. – Ela se inclinou para a frente e sussurrou: – Essa é a minha maneira fofa de dizer que não trouxe presente para você.

– Nadica de nada? – perguntou Bruce, levando a mão ao coração e fingindo dor. – Estou magoado.

– Se quiser, posso assar um bolinho para você.

– Por favor, não.

No ano anterior, Dianne tentou preparar uma fornada de biscoitos de aniversário para Bruce e acabou colocando fogo na cozinha da mansão Wayne. Os dois tiveram um bocado de trabalho para apagar tudo e esconder de Alfred as cortinas chamuscadas.

Dianne deu um apertão no braço dele.

– Então você vai ter que se contentar com comida de lanchonete.

Anos antes, Bruce, Harvey e Dianne haviam combinado que trocariam os presentes de aniversário por encontros em sua lanchonete preferida. Era onde se reuniriam aquela noite, depois da festa

beneficente. Lá, Bruce poderia se despir da roupa de bilionário e ser um simples garoto prestes a se formar no colégio, ser provocado pelos seus dois melhores amigos, saborear hambúrgueres gordurosos e milk-shakes de chocolate.

Ele sorriu ao pensar nisso, ansioso por aquele momento.

– Está bom para mim – disse ele a Dianne. – Mas como foi a entrevista?

– O entrevistador não pareceu horrorizado com as minhas respostas, então vou ser otimista e dizer que fui bem – respondeu ela, dando de ombros.

Essa é a maneira de Dianne dizer que foi perfeita. Bruce aprendera a reconhecer o dar de ombros sempre que tentava subestimar algum feito: nota máxima nas provas, admissão em todas as universidades para as quais se inscrevera, discurso de oradora na cerimônia de formatura no mês seguinte.

– Parabéns – disse ele. – Mas você já deve ter ouvido isso do Harvey.

Ela sorriu.

– A única coisa que o Harvey fez hoje à noite foi me implorar para não deixá-lo sozinho na pista de dança. Você sabe que os dois pés esquerdos dele amam dançar.

Bruce riu.

– Ele está sozinho na pista agora?

– Ah, ele sobrevive por dois minutos – respondeu Dianne, com um sorriso travesso.

O volume da música foi aumentando mais e mais enquanto eles rumavam para a pista de dança, até que por fim os dois cruzaram as portas duplas e avançaram até uma sacada diante de um espaço repleto de gente. Ali, a música alta fazia o chão tremer. No palco abaixo havia um estrado elaborado, onde um DJ balançava a cabeça ao ritmo da batida. Atrás dele, uma enorme tela se estendia do chão ao teto, exibindo uma série de animações.

Dianne cobriu a boca com as mãos em concha.

– *Ele chegou!* – gritou ela para a multidão abaixo.

Gritos irromperam da pista de dança, sufocando até a música. Bruce olhou em volta enquanto os berros de “parabéns” preenchiam o salão. Ele sorriu e acenou, e na mesma hora o DJ aumentou a música. Então a batida ganhou força, e a multidão se transformou num mar de braços e pernas sacolejantes.

Bruce deixou a vibração preencher seus sentidos, e o prolongado desconforto que ele estivera sentindo se desvaneceu. Dianne desceu com ele até a multidão. Enquanto ele cumprimentava um convidado atrás do outro, parando para tirar selfies com alguns, perdeu Dianne em meio à confusão de corpos. Só conseguia enxergar um borrão de rostos familiares e estranhos, silhuetas banhadas por néon e escuridão.

Lá está ela. Dianne finalmente tinha encontrado Harvey Dent, que estava de cabeça baixa, metade do rosto iluminada por uma luz néon roxa, enquanto se esforçava ao máximo para manter o ritmo. Bruce sorriu ao vê-lo e começou a cruzar a pista. Os amigos acenaram para ele.

– Bruce!

Ele se virou ao ouvir a voz, mas antes que pudesse responder foi agarrado com força pelos ombros. Encarou um rosto de sorriso duro, os dentes brancos ainda mais brancos no rosto pálido.

– Ei... Parabéns, cara!

Era Richard Price, filho do prefeito de Gotham. Bruce franziu as sobrancelhas, surpreso. Fazia alguns meses que os dois não se falavam, mas Richard já havia crescido uns centímetros, e Bruce teve que erguer de leve o olhar para encontrar os olhos do outro rapaz.

– Ei – respondeu ele, retribuindo o abraço. – Achei que você não viesse.

– E perder a festança? Jamais – respondeu Richard. – Meu pai está aqui... Bom, está lá na sala do leilão. Ele nunca perdeu uma festa beneficente da sua mãe, e não perderia agora.

Bruce assentiu, cauteloso. Os dois haviam sido melhores amigos. Moravam em extremos da mesma vizinhança, atrás dos portões de propriedades exclusivas, haviam frequentado a mesma escola secundária e as mesmas festas, tinham até feito aulas de kickboxing na mesma academia. Costumavam jogar videogame na sala de cinema de Bruce.

Ele ainda sentia uma pontada de dor com as lembranças.

As coisas, porém, foram mudando à medida que eles cresceram e Richard entrara numa categoria bem específica: o tipo de amigo que só faz contato quando precisa de algo.

Bruce se perguntou o que seria aquela noite.

– Ei – disse Richard, olhando depressa para o lado, tocando o ombro de Bruce e indicando a saída. – Posso falar com você em algum lugar? Só um segundinho?

– Claro.

Os dois saíram da pista de dança e entraram em uma sala mais tranquila. Ali, Richard se virou e encarou Bruce com um sorriso ansioso. Bruce de algum modo se alegrou ao ver aquela expressão. Era o mesmo sorriso que Richard exibia quando criança, ao encontrar algo empolgante que precisava compartilhar. Talvez de fato estivesse ali só para celebrar o aniversário de Bruce.

O amigo se aproximou e baixou a voz:

– Meu pai está me enchendo o saco. Fica me perguntando se eu já tenho algum estágio em vista para o verão. Você pode me ajudar?

O instante de esperança de Bruce evaporou, substituído pela deprimente e familiar decepção. Richard precisava de alguma coisa outra vez.

– Posso recomendá-lo para Lucius Fox – disse Bruce. – A WayneTech está procurando estagiários...

Richard balançou a cabeça.

– Não, quero dizer, na verdade eu não quero *fazer* estágio. Sabe, tipo, só me dá uma moral com o meu pai, diga a ele que estou fazendo qualquer coisa na WayneTech durante o verão e me deixe entrar no prédio algumas vezes.

Bruce franziu a testa.

– Quer que eu ajude você a fingir que está fazendo estágio, para que o seu pai não encha mais o seu saco?

Richard deu um cutucão desanimado nele.

– É o último verão antes do início da faculdade. Não quero ficar trabalhando... Você sabe como é, não sabe, Wayne? Só diga ao meu pai que estou trabalhando com o Lucius.

– E como você vai sustentar essa mentira?

– Já disse... Só me deixe entrar na WayneTech de vez em quando. Tire uma foto minha no saguão, coisa assim. É só o que o meu pai precisa ver.

– Sei lá, cara. Se o Lucius ficar sabendo, vai acabar contando a verdade para o seu pai.

– Ah, quebra essa, Bruce! Pelos velhos tempos – apelou Richard, ainda com o sorriso escancarado. – A empresa é sua, não é? Vai deixar aquele nerd mandar em você?

Bruce se irritou. Desde que conhecera Lucius, Richard não parava de bajulá-lo.

– Eu não vou ajudá-lo a mentir – retrucou Bruce. – Se quiser dizer

ao seu pai que está estagiando na WayneTech, vai ter que estagiar *de verdade*.

Richard soltou um grunhido irritado.

– Você só precisa mencionar a história uma ou duas vezes para o meu pai. Não vai custar nada para você.

Bruce balançou a cabeça. Quando eram mais novos, Richard aparecia em seu portão sem avisar, todo resfolegante diante do interfone, com o último joguinho lançado ou o novo conjunto de bonecos na mão. Em dado ponto, os encontros passaram a debates sobre os filmes preferidos, depois a pedidos de Richard para copiar o dever de casa de Bruce, ou para que Bruce finalizasse sozinho os trabalhos em dupla, ou para que o recomendasse para trabalhos.

Quando se dera essa mudança? Até agora Bruce não entendia quando ou por que as coisas haviam tomado o rumo errado.

– Eu não posso – respondeu Bruce. – Desculpe.

Ao ouvir aquilo, o olhar de Richard pareceu se escurecer. Ele encarou Bruce como se esperasse que ele mudasse de ideia, mas, como isso não aconteceu, meteu as mãos nos bolsos.

– Está certo – murmurou ele, contornando Bruce para retornar ao salão. – Já entendi tudo. Você faz 18 anos, pega as chaves do império e de uma hora para outra fica bom demais para ajudar os amigos.

– Richard! – chamou Bruce.

O rapaz parou e olhou para trás. Bruce o encarou por um momento.

– Se você não estivesse querendo a minha ajuda, teria vindo à festa?

Houve uma pausa, e Bruce soube que a resposta era não. Richard se limitou a dar de ombros, então deu as costas e seguiu pelo corredor, sem responder.

Bruce ficou ali parado um instante, ouvindo a batida da música. Teve a súbita sensação de não pertencer àquele lugar. Viu a multidão de colegas de classe e amigos na pista de dança e se perguntou se alguém, além de Dianne e Harvey, estaria ali se não fosse seu sobrenome. Os paparazzi do lado de fora não estariam, disso não havia dúvidas.

Se ele fosse apenas Bruce, o garoto da casa ao lado, alguém se importaria?

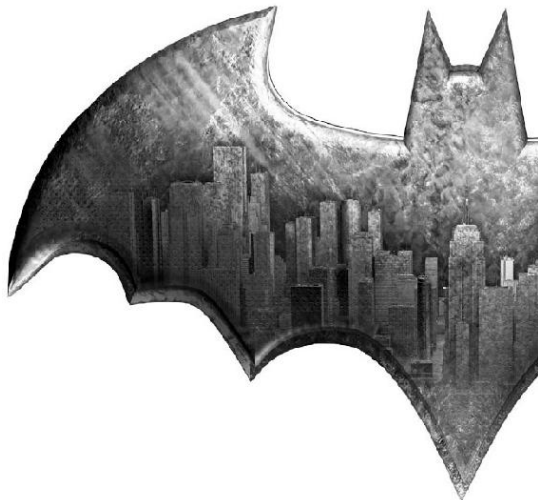
Em vez de voltar para a pista de dança, Bruce desceu até o salão e atravessou uma porta simples que levava à saída. Contornou o prédio

até a entrada da frente, onde as câmeras já haviam registrado o que queriam do Aston Martin e agora se aglomeravam no topo da escada, aguardando a chegada ou saída de convidados especiais. Despercebido, Bruce apanhou o carro e entrou. Um dos guarda-costas observando os paparazzi na entrada o avistou assim que ele bateu a porta do carro e ligou o motor.

– Sr. Wayne! Senhor! – gritou o homem, mas Bruce apenas fez um breve aceno de cabeça.

Pela janela, ele viu alguns paparazzi se virarem de olhos arregalados, notando sua partida, o falatório transformado em berros.

Bruce, porém, enfiou o pé no acelerador antes que alguém pudesse alcançá-lo. Pelo retrovisor, o edifício rapidamente sumiu. Talvez fosse falta de educação sair tão cedo da própria festa para ficar sozinho, mas ele não desacelerou nem olhou para trás.



CAPÍTULO 2

Luzes néon borravam as ruas noturnas de Gotham. Havia poucos carros àquela hora; Bruce só ouvia o som dos pneus no asfalto e do vento. Era isso que o atraía nas máquinas: elas entendiam algoritmos, não emoções; quando ele pisava fundo, o carro só podia responder de uma forma.

Em um ponto atrás de si viu os faróis dos veículos dos paparazzi tentando acompanhá-lo. Bruce se permitiu abrir um sorriso sarcástico e acelerou mais. O mundo à sua volta se transformou num borrão.

Um bipe forte soou dentro do carro, seguido pela voz eletrônica.

– *Velocidade não recomendada para esta rodovia.*

No mesmo instante, surgiu em um dos cantos da tela a velocidade indicada e um sinal sonoro sugeriu que Bruce reduzisse.

– Cancelar – respondeu Bruce.

Os alertas desapareceram. Ele sentiu o carro se firmar ainda mais na estrada, seu leve tremor sendo assim compensado pela estabilidade do veículo. Pelo menos os equipamentos da WayneTech estavam funcionando conforme o esperado. Lucius ficaria feliz em saber.

O telefone do carro tocou. Ao olhar o número na tela viu que era Dianne. Deixou tocar algumas vezes antes de enfim responder. A voz de Dianne preencheu o carro junto com o ruído da festa.

– Bruce? – disse ela em meio à barulheira. – Para onde você foi? Vi que você se afastou com o Richard, mas depois ouvi dizer que foi embora e...

– Eu fui embora – respondeu ele.

– O quê? Está tudo bem? – perguntou Harvey, aflito.

– Está, sim – confirmou Bruce. – Não se preocupem. Só preciso tomar um pouco de ar e clarear as ideias.

Fez-se uma pausa do outro lado, então Dianne voltou a falar:

– Faça o que tiver que fazer.

– Se precisar da gente – acrescentou Harvey –, estamos aqui.

Bruce relaxou um pouco ao ouvir as palavras dos amigos. Os três haviam chegado ao ponto de sentir o humor dos outros dois, por isso não precisavam se explicar. Eles simplesmente sabiam.

– Obrigado – falou ele, e desligou.

Bruce não fazia ideia de qual seria seu destino naquela noite, mas depois de um tempo percebeu que estava traçando uma rota mais longa em direção à mansão Wayne. Entrou numa rua qualquer, passando por fileiras de prédios depredados, com manchas permanentes nas paredes após décadas de água e imundície. Varais se espalhavam entre as janelas. Vapores subiam dos bueiros. Ele seguiu até a curva fechada de um cruzamento, onde parou no sinal.

Do lado de fora, um velho mendigo se preparava para dormir na rua, e ao fim do quarteirão outro enfiava jornal velho nos sapatos. Duas crianças brincavam num beco abarrotado de lixo.

Bruce desviou o olhar. Não deveria estar ali. Entretanto, lá estava ele, dirigindo em meio à pobreza num carro que provavelmente valia mais que os ganhos da vida inteira de todos os moradores do bairro. Teria ele direito de sentir tristeza, com tudo que tinha?

Aquelas eram as ruas que seus pais haviam lutado a vida toda para melhorar. As mesmas ruas onde o sangue deles fora derramado. Bruce respirou fundo quando o sinal abriu, então acelerou. Gotham estava destruída em muitos sentidos, mas não era irreparável. Ele encontraria uma forma de recuperá-la. Era esse o manto que ele havia herdado.

Pouco tempo depois, já estava de volta ao lado abastado de Gotham. Os paparazzi estavam mais lentos, mas certamente o alcançariam. Se Bruce não se livrasse deles agora, acabariam em frente aos portões da mansão, fabricando manchetes sensacionalistas sobre a razão de sua saída prematura da própria festa. Ao pensar nisso, Bruce se aborreceu e acelerou. E o alerta do carro voltou a soar.

Ao parar em outro sinal, ouviu sirenes de polícia. O som vinha de um ponto mais adiante – e não apenas de um veículo, mas do que deviam ser dezenas.

A curiosidade sobrepujou o mau humor, e Bruce franziu a testa. Passara tanto tempo investigando crimes por conta própria que aquele som sempre o deixava alerta. Naquela área da cidade, tomada de vitrines elegantes, a mera intensidade das sirenes parecia destoante. Bruce desviou da rota que o teria levado de volta à sua casa. Em vez disso, foi de encontro às sirenes.

Assim que completou outra curva, o barulho se tornou ensurdecedor; os prédios no fim da rua refletiam a massa de luzes azuis e vermelhas. Barreiras de concreto e fitas amarelas bloqueavam por completo o cruzamento. Havia carros de bombeiro e veículos da SWAT aglomerados.

Dentro do carro, uma voz eletrônica se pronunciou:

– *Forte atividade policial à frente. Rota alternativa sugerida.*

Um mapa se materializou na tela do carro e uma sensação de temor invadiu o peito de Bruce. Ele descartou a imagem do mapa e parou bruscamente diante da barricada. No mesmo instante, o inconfundível som de tiros ecoou pela noite.

Ele recordava muito bem aquele som. A memória da morte dos pais lhe trouxe uma onda de vertigem. *Outro assalto. Outro assassinato. É só isso.*

Então ele balançou a cabeça. *Não, não faz sentido.* Havia muitos policiais ali para aquilo ser um simples assalto.

– *Saia do veículo e levante as mãos!* – gritou uma policial, a voz no alto-falante se propagando pelo quarteirão.

Por um instante, Bruce achou que a ordem fosse para ele, mas então viu que ela estava de costas para ele, com os olhos fixos na lateral do edifício onde se lia INDÚSTRIAS BELLINGHAM & CIA.

– O cerco se fechou, Criatura da Noite! Este é o último aviso!

Outro policial avançou até o carro de Bruce. Balançava os braços de forma exagerada para que Bruce desse meia-volta.

– *Retorne agora. É perigoso!* – avisou o homem, a voz tomada de pânico.

Antes que Bruce pudesse responder, uma bola de fogo reluzente explodiu atrás do policial. A rua estremeceu.

Mesmo dentro do carro, Bruce sentiu o calor da explosão. Todas as janelas do prédio estouraram ao mesmo tempo e um milhão de estilhaços caíram no pavimento. Os policiais se agacharam no mesmo instante, protegendo a cabeça. Fragmentos de vidro despencaram feito granizo no para-brisa de Bruce.

Do lado de dentro do bloqueio, um carro branco disparou e virou uma curva. Bruce percebeu para onde ele rumava: uma estreita abertura entre as barricadas da polícia, por onde acabara de passar um veículo do esquadrão da SWAT.

O automóvel avançou numa reta em direção à brecha.

– Eu mandei *sair!* – gritou o oficial para Bruce, com um filete de sangue descendo pelo rosto. – Isso é uma *ordem!*

Bruce ouviu o carro fugitivo disparar em direção à fresta, cantando os pneus no asfalto. Estivera mil vezes na garagem de seu pai, ajudando-o a consertar um sem-número de motores dos melhores carros do mundo. Na WayneTech, Bruce observara, fascinado, a condução de testes em motores adaptados, jatos conceituais, tecnologia stealth e todo tipo de novos veículos.

Por isso ele sabia: fosse lá o que estivesse instalado sob aquele capô, era mais veloz que qualquer veículo do departamento de polícia de Gotham.

Eles nunca vão conseguir pegá-lo.

Mas eu consigo.

Seu Aston Martin provavelmente era o único veículo ali capaz de alcançar o do criminoso, o único com poder de persegui-lo. Bruce respirou fundo e acompanhou com o olhar o provável trajeto que o carro seguiria, parando numa placa ao fim da rua que apontava para a rodovia.

Eu consigo alcançá-lo.

O veículo branco em fuga irrompeu pela brecha na barreira policial, acertando duas viaturas.

Não, desta vez não. Bruce afundou o pé no acelerador.

O motor do Aston Martin emitiu um rugido ensurdecedor e disparou. O policial que havia gritado para ele recuou, cambaleante. Pelo retrovisor, Bruce viu o homem se levantar e erguer os braços, acenando para que as outras viaturas avançassem.

– Não atirem! – gritou o homem, já distante. – Civil se aproximando! *Não atirem!*

O carro fugitivo fez uma curva brusca no primeiro cruzamento. Momentos depois, Bruce apareceu em seu encalço. A rua fez um zigue-zague e se elevou num amplo arco que levava à rodovia. A Criatura da Noite disparou pela rampa, deixando um rastro de fumaça e duas marcas de pneu no asfalto.

Bruce avançou; seu carro mapeou o solo no mesmo instante,

descrevendo uma curva perfeita na subida da rampa até a rodovia. Ele deu dois tapinhas no para-brisa, no ponto exato onde se encontrava o veículo branco da Criatura.

– Atrás dele – ordenou Bruce.

Agora um alvo verde brilhava sobre o carro branco.

– *Carro assinalado* – disse a voz do Aston Martin.

Um pequeno mapa surgiu no canto do para-brisa, mostrando a posição exata do carro fugitivo em relação a Bruce. Agora, por mais que tentasse escapar, não seria possível.

Bruce acelerou ainda mais. Seu corpo inteiro formigava com a explosão de adrenalina.

– Cancelar – ordenou ele assim que seu carro tentou reduzir a marcha.

Ele seguiu serpenteando entre os veículos, de uma faixa a outra. O Aston Martin respondia com extrema precisão, sabendo exatamente quando passaria por um espaço estreito e a rapidez com que necessitava avançar.

Bruce estava prestes a alcançar a Criatura da Noite. O carro à frente começou a ziguezaguear loucamente. Os poucos veículos ainda na rodovia desviavam, enquanto os dois seguiam a toda por entre as faixas.

Um refletor iluminou Bruce e a estrada adiante. Ele olhou para cima e viu um helicóptero preto voando baixo, acompanhando a perseguição. Atrás dele seguiam as viaturas da polícia.

O que estou fazendo?, pensou Bruce, tenso e exaltado. Porém, não reduziu a velocidade. Em vez disso, pressionou as costas no banco e pisou fundo. Tinha os olhos fixos no carro serpeante à sua frente.

Só mais um pouco. Bruce estava tão perto que viu o motorista olhar para trás e encará-lo. O carro branco avançou em um caminhão que levava um carregamento de imensos canos, forçando o motorista a invadir a pista de Bruce. O Aston Martin emitiu um bipe de alerta e desviou automaticamente. Bruce puxou o volante com força. Por um momento achou que fosse bater no caminhão... mas seu carro deslizou para o lado num encaixe perfeito.

Apesar de tudo, Bruce se sentia invencível, até *instintivo*, concentrando-se somente em seu alvo e na batida forte do coração.

Lá do alto, a voz no alto-falante do helicóptero gritou:

– Pare o carro! Civil, *afaste-se*. Você *vai ser preso*. *Pare seu veículo!*

Bruce, porém, havia alcançado o alvo. *Quase lá*. Apertou o volante

com força, esperando que seus cálculos estivessem corretos. Se ele encostasse da maneira certa na traseira do veículo da Criatura da Noite, a velocidade e a resistência do carro à frente provavelmente o fariam capotar.

É o fim.

Alfred vai me matar.

Ele deu um toque de leve no volante. Seu coração apertou por um instante, nervoso diante do que estava prestes a fazer.

– Desculpe – murmurou ele para o Aston Martin.

Então, acelerou. Dessa vez o carro tentou parar, e ele sentiu o volante resistir a seu movimento.

ALERTA! Colisão à frente!

– Cancelar! – gritou Bruce, enfiando o carro na traseira do veículo da Criatura.

Estrondo de metal contra metal. Bruce sentiu uma onda de choque, e seu pescoço chicoteou para o lado. Ele foi arremessado num arco, e com a força do impacto o cinto de segurança feriu seu peito. Os pneus do outro carro gritaram no asfalto – ou talvez tivesse sido Bruce, ele não tinha certeza. Ele viu o veículo capotar, momentaneamente levado pelo ar. O mundo voou ao seu redor. Bruce viu de relance o rosto do motorista: um homem, a pele clara salpicada de sangue.

O carro branco aterrissou com o teto no chão. Fez-se uma explosão de vidro, e a carroceria de metal foi esmagada numa massa retorcida. Por mais que Bruce soubesse, enquanto sua cabeça balançava, que tudo devia ter levado menos de um segundo, era como se conseguisse ver o metal se retorcendo pouco a pouco, os milhões de lascas das janelas cortando o ar.

A polícia correu até o carro branco, os rifles apontados para o motorista. O homem estava de cabeça para baixo, quase inconsciente, os braços balançando.

– *Não se mexa, Criatura da Noite!* – gritou um policial. – *Você está preso!*

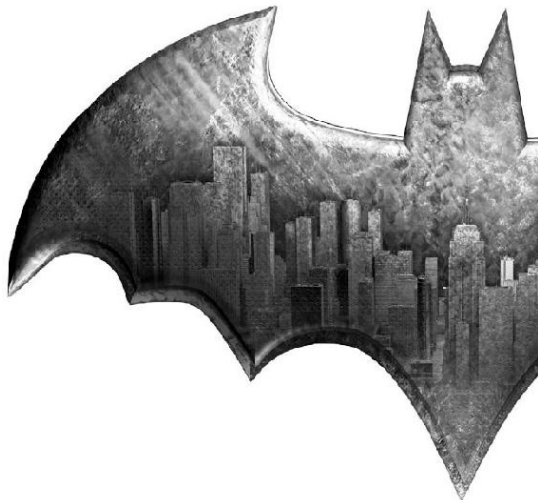
Bruce sentiu outra onda de tontura. Enquanto um dos policiais se aproximava, aos berros, cheio de raiva, Bruce ouviu seu carro efetuar uma chamada de voz para alertar Alfred e enviar coordenadas para a polícia.

O guardião de Bruce respondeu ao primeiro toque, a voz tensa e frenética:

– Patrão Wayne? Patrão Wayne?

– Alfred... – disse Bruce, mal ouvindo a própria voz. – Você pode me dar uma carona?

Ele não ouviu a resposta de Alfred. Não sabia ao certo se conseguia *ouvir* suas palavras. Só se lembrou de desabar no banco, e viu o mundo se apagar.



CAPÍTULO 3

Interferência em cena de crime. Desobediência a ordens policiais. Obstrução da justiça.

Se Bruce queria evitar os noticiários após o alvoroço de seu 18º aniversário, enfiar o carro novinho na traseira de um veículo criminoso não era a melhor maneira de conseguir isso. Sobretudo faltando tão pouco para a formatura.

Pelo menos a imprensa havia cessado o falatório sobre seus pais e seu dinheiro; agora o foco estava na sua sanidade mental e nas impressionantes fotos do carro destruído. Rumores de sua possível morte tinham invadido a internet quase de imediato após o acidente, assim como as especulações sobre ele estar dirigindo sob efeito de drogas ou tentando fugir da polícia.

– Duas semanas conturbadas? – perguntou Lucius Fox do outro lado da mesa.

Os dois estavam numa sala de espera do Tribunal de Justiça assistindo ao jornal. A filmagem da colisão entre seu Aston Martin e o carro fugitivo estava sendo transmitida pela terceira vez. Duas semanas haviam se passado desde o episódio, e Bruce ainda sentia uma leve dor de cabeça por conta da concussão. Perdera uma semana inteira de aulas e passara a seguinte aturando perguntas dos colegas de classe, além de hordas de repórteres de tocaia nos portões da mansão. Mesmo assim, não podia evitar uma ponta de satisfação ao ver a cobertura dos noticiários. Ficava claro para quem assistia – até

para Lucius – que o fugitivo teria escapado se Bruce não tivesse intervindo.

Não que isso interessasse à Justiça.

– Pelo menos o nosso carro funcionou direitinho, não? – arriscou Bruce. – O que me diz *desse* teste dos itens de segurança?

Lucius ergueu a sobrancelha, incapaz de esconder um leve sorriso frente ao comentário, então soltou um suspiro e balançou a cabeça. Pelo menos não tinha o mesmo olhar de pânico que exibira ao visitar Bruce no hospital pela primeira vez e ao vê-lo preso a um acesso intravenoso.

– A culpa é minha – respondeu Lucius. – Para começo de conversa, eu não devia ter pedido para você ir com o carro para a festa.

– Bom, acabei estando no lugar certo na hora certa.

– Ou no lugar errado e na hora errada. Bruce, por que fez isso? Uma súbita necessidade de virar justiceiro?

Fora a mesma pergunta feita pela polícia, mas Bruce ainda não sabia ao certo como responder.

– Porque achei que poderia impedi-lo – retrucou ele. – E a polícia, não. Eu devia ter ficado parado vendo tudo?

– Você não é encarregado da aplicação da lei, Bruce – retorquiu Lucius. – Não pode simplesmente intervir assim – concluiu, dessa vez num tom empático.

Bruce não respondeu. Se tivesse sido capaz de intervir naquele beco tantos anos antes, sua vida teria sido muito diferente.

– Não vou fazer isso de novo – disse ele.

O vídeo mostrava a polícia gritando para que o outro motorista deixasse o veículo, e o homem sendo puxado dos destroços.

– Um integrante de baixo escalão das Criaturas da Noite – disse o repórter. – Pouco se sabe sobre o grupo, embora as autoridades tenham exibido seu símbolo para a imprensa. Ele é geralmente marcado na residência de cada um de seus alvos.

Criaturas da Noite. Bruce ouvia essa expressão nos noticiários desde o ano anterior. O principal suspeito de assassinar o tal empresário sir Grant fazia parte das Criaturas da Noite, ele não tinha dúvida.

A tevê mostrou o desenho de uma moeda envolta em chamas, e em seguida imagens do objeto pichado nas laterais de diversas construções que abrigavam cenas de crime. Havia algo pessoal e ameaçador naquele símbolo: queima de riquezas, como as Criaturas teriam prazer em fazer com o próprio Bruce se lhes fosse dada a

chance.

– Bom, Bruce... – disse Lucius, enquanto a cena começava a se repetir. – Acho que os nossos planos de verão serão alterados.

Bruce encarou seu mentor. Embora fosse o líder de pesquisa e desenvolvimento da WayneTech, Lucius Fox era incrivelmente jovem. Tinha um sorriso ágil, olhos vivos e alertas e passos enérgicos, e parecia sempre ávido para mudar o mundo.

– Ainda posso vir ao laboratório nas horas vagas – sugeriu Bruce, encarando Lucius com esperança. – É só eu não aparecer dirigindo.

Ao ouvir isso, Lucius soltou uma risada baixinha.

– Vamos ajustando as coisas ao seu novo cronograma. O mundo é mais perigoso do que você imagina, Bruce. Mas a gente está tentando proteger você. – Ele indicou com a cabeça um tablet sobre a mesa. – Tenho um presentinho.

Bruce analisou o tablet. O aparelho estava conectado às suas contas bancárias, acessadas somente por suas digitais e uma senha, ostentando a nova tecnologia desenvolvida por Lucius e pela WayneTech.

– Se houver qualquer acesso suspeito às suas contas, como uma tentativa de senha incorreta, por exemplo, será enviado um alerta à sua rede, e o computador transgressor será desativado no mesmo instante.

– Obrigado, Lucius. Estou louco para ver tudo que a sua equipe andou desenvolvendo.

O olhar de Lucius se iluminou.

– Os drones de segurança ainda não estão prontos para patrulhar Gotham, embora nosso Armamento de Defesa Avançada já esteja à venda em Metrópolis. Estamos negociando com eles uma compra gigantesca.

Esse era um projeto pelo qual Lucius e Bruce eram apaixonados: tecnologia de encriptação para proteger os bancos de Gotham tão bem quanto as contas de Bruce, máquinas de drones vigiando as ruas da cidade. Tecnologia em todas as frentes para ajudar a população.

– Que bom. Esta cidade precisa de mais segurança – comentou Bruce, baixinho. – A gente vai fazer isso acontecer... Tenho certeza.

Pelo canto do olho, Bruce tornou a ver o noticiário exibindo imagens da Criatura da Noite com as mãos para cima. Ele havia se matado na prisão, cortando os pulsos com uma lâmina contrabandeada um dia antes da acareação com os detetives. A polícia

ainda não fazia ideia do que as Criaturas queriam naquele prédio; agora, com o único suspeito morto, a pista mais importante tinha sido perdida.

Bruce observou a imagem da ficha criminal do homem na tevê, tentando aceitar que alguém que ele vira vivo apenas duas semanas antes agora estava morto. O pensamento lhe revirou o estômago. O sujeito devia ser extremamente leal ao chefe... ou tinha muito medo do que ele poderia fazer.

Lucius meneou a cabeça para a tevê.

– Com as Criaturas da Noite nas ruas, isso tem que acontecer logo, antes que seja tarde.

Um silêncio se fez entre os dois. O ar pesou com a lembrança dos falecidos pais de Bruce. Lucius colocou a mão no ombro de Bruce.

– Fique firme, rapaz – disse ele, gentilmente.

Bruce se lembrou daquele olhar, o mesmo de quando visitava a WayneTech com o pai e escutava Lucius – à época um promissor estagiário – explicar em detalhes os projetos nos quais estava trabalhando.

Bruce sorriu para o seu mentor.

– Desculpe a confusão, Lucius.

– Um dia – disse Lucius, com um tapinha no ombro de Bruce –, vou contar para você todas as confusões em que me meti quando tinha a sua idade.

Ele se despediu e saiu da sala. O celular de Bruce vibrou. Ele viu as mensagens no grupo de Harvey e Dianne:

Harvey: Ei, e aí, qual o veredito oficial?

Bruce: Que outro seria? Culpado.

Harvey: Que droga, cara. Qual foi a pena?

Bruce: Cinco semanas de condicional e serviços comunitários.

Harvey: Nãããooooo.

Dianne: Isso é tipo metade do verão!

Dianne: E as provas finais e a formatura estão chegando!

Dianne: Eles disseram onde você vai cumprir a pena?

Bruce: Ainda não.

Dianne: Vamos marcar uma saída. Para comemorar você ter sobrevivido sem quebrar o pescoço. Estamos devendo um encontro de aniversário na lanchonete.

Dianne: *Vai ficar tudo bem, ok?*

Ao ler aquilo, Bruce abriu um sorriso. No instante em que começou a se perguntar quanto tempo ainda aguardaria na sala, dois policiais entraram. Um deles chamou Bruce com um meneio de cabeça.

– Está liberado – disse ele. – Vamos levá-lo para casa. Seu guardião está conversando com a detetive Draccon.

– Detetive Draccon? – perguntou Bruce enquanto saíam.

– Sim. Ela está discutindo a sua sentença com o Sr. Pennyworth – respondeu o policial, sem paciência para mais explicações e deixando Bruce especular sobre a tal detetive.

Meia hora depois, no início da tarde, eles estacionaram em frente aos elaborados portões dourados da mansão Wayne. Os quatro pilares que margeavam a entrada da frente surgiram, junto à escadaria de pedra que conduzia às imponentes portas duplas. Um par de torres de três andares se elevava de cada lado da mansão. Postes de ferro, com as lâmpadas ainda apagadas, ladeavam o caminho de pedras do portão à escada.

Bruce viu um carro azul parado diante do portão, onde se lia DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE GOTHAM pintado em branco nas portas, bem grande. De pé junto à porta do motorista estava Alfred, acompanhado de uma mulher. Ela vestia uma blusa de seda clara que contrastava com sua pele negra e um sobretudo caramelo bem alinhado. A mulher se endireitou ao ver o carro se aproximar.

– Vocês demoraram – disse ela para o policial ao volante.

– Desculpe, detetive – respondeu o homem. – Peguei trânsito no caminho.

– Bruce – anunciou Alfred –, esta é a detetive Draccon.

A detetive apoiou a mão na janela aberta do passageiro. Bruce reparou nos anéis simples de prata em seus dedos e nas unhas impecáveis, pintadas de marrom-claro.

– Prazer em conhecê-lo, Bruce Wayne – disse a mulher. – Que bom que você não veio dirigindo.

As janelas do salão da mansão Wayne estavam abertas, deixando entrar um pouco de sol e brisa. Uma escadaria adornada com corrimões de ferro trabalhado subia em curva até uma sacada, que dava para as salas de estar e de jantar. Naquele momento era tudo uma bagunça; a mobília estava protegida por uma lona branca e operários acabavam de pintar as paredes, sem contar que parte da

escadaria permanecia interditada para conserto de um trecho solto do corrimão. Alfred conduzia da garagem à cozinha dois entregadores de compras para o preparo das refeições da semana.

Tudo na cena fazia lembrar uma semana normal, à exceção de Bruce sentado diante de uma detetive carrancuda, que agora o observava por detrás dos óculos de aro vermelho com um olhar sagaz. Tudo nela era arrumado à perfeição. Não havia um único vinco em suas roupas. O cabelo preto estava puxado para trás em fileiras ordenadas de tranças, que formavam um coque grosso no alto da cabeça. Nenhum cacho fora do lugar.

Bruce tentava decidir em que categoria encaixá-la. Conhecera pouca gente na vida que não queria se aproximar para conseguir alguma coisa ou intimidá-lo por pura inveja. A detetive, no entanto... Ela não queria nada, não sentia inveja e certamente não parecia ter intenções escusas. Naquele momento não fazia questão de esconder seu desagrado. Ele se perguntou sobre seu trabalho, que casos ela teria investigado ao longo dos anos.

Ao ver o brilho de interesse no olhar de Bruce, Draccon apertou os lábios.

– Um policial da divisão me contou que ainda se lembra de você pequenininho. Definitivamente não esperava seu golpe de publicidade.

– Não foi golpe de publicidade – retrucou ele. – Já recebo atenção suficiente.

– Ah – disse ela, com a voz fria e calma. – É sério? Bom, que sorte a sua ter um exército de advogados.

– Não estou tentando me safar de nada – protestou ele.

Alfred lançou a Bruce um olhar de advertência, enquanto servia um prato de queijos e uma bandeja de chá na mesinha lateral. A detetive Draccon se inclinou para apanhar uma xícara, cruzou as pernas e perguntou:

– Você já fez serviço doméstico na vida, Bruce?

– Eu costumava ajudar os meus pais no jardim, e o meu pai na garagem – respondeu ele. – E fazia trabalho voluntário com eles distribuindo sopa.

– Ou seja... não.

Bruce abriu a boca para protestar, então fechou. Não. Era verdade. Alfred gerenciava uma dúzia de funcionários que mantinham a mansão em perfeita ordem; eram bem-pagos para trabalhar com profissionalismo e passar despercebidos. Louças sujas desapareciam da

cozinha, toalhas limpas surgiam dobradas e prontas para uso nos banheiros. Bruce recordava o som ocasional de uma vassoura nos corredores, de um par de jardineiros cortando as sebes do lado de fora. Porém, com uma pontada de vergonha, percebeu que não conhecia nenhum empregado da mansão Wayne.

– Bom, você está prestes a fazer serviço doméstico de verdade – prosseguiu a detetive. – Serei a supervisora do seu serviço comunitário, Bruce. Sabe o que isso significa?

– O quê? – perguntou Bruce, encarando a mulher e tentando manter a expressão calma.

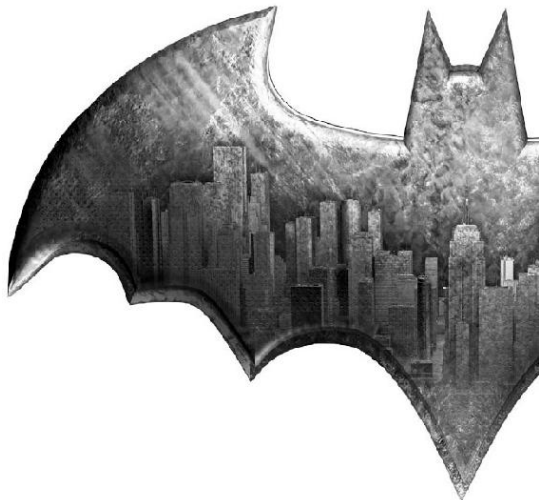
– Significa que vou garantir que você jamais queira criar confusão com a lei outra vez.

Draccon bebericou delicadamente o chá.

– E para onde a senhora vai me mandar? – perguntou Bruce.

Ela apoiou a xícara no pires.

– Asilo Arkham.



CAPÍTULO 4

– Asilo Arkham... – disse Harvey aquela noite, num tom meditativo, ao lado de Dianne na cozinha de Bruce. – Essa não é aquela prisão de criminosos com insanidade mental? Não sabia que um lugar desses era opção para serviço voluntário.

Bruce remexeu a comida. Pedira hambúrgueres e milk-shakes em casa, para que não tivessem que ir à lanchonete, mas nenhum dos três parecia estar com muito apetite.

– Ouvi dizer que o interior do Arkham é um pesadelo – acrescentou Dianne, de cenho franzido. – Será que a Dracon acha mesmo tranquilo mandar você para lá? Como é que você vai se concentrar nos estudos para as provas finais?

– *Você* está estudando para as provas finais? – perguntou Bruce, com um sorriso irônico. – A formanda mais dedicada que eu conheço?

– Estou falando sério, Bruce! Arkham é *perigoso*. Minha mãe disse que os prisioneiros de lá cometeram alguns dos crimes mais horrendos da história de Gotham. E sempre rolam brigas e fugas...

Harvey grunhiu, deslizando uma moeda por entre as juntas dos dedos, em movimentos fluidos como água. Deu um tranco com o pulso, e num rodopio perfeito a moeda foi parar no balcão da ilha.

– Igual a aqui fora – resmungou ele, dando um tapa na moeda, que se recusava a cair de vez. – Deu cara.

Bruce tentou não sentir pena de Harvey. O amigo estava ali para lhe dar apoio, claro, mas também para evitar o pai, que chegara em

casa outra vez bêbado. O hematoma no maxilar de Harvey já estava ficando roxo.

– Você vai dormir aqui, não vai? – perguntou Bruce, enquanto Harvey começava a deslizar a moeda pelos dedos.

Harvey alisou o cabelo loiro, tenso e cabisbaixo.

– Se o Alfred não se incomodar – respondeu ele. – Desculpe por eu ficar...

– Você tem que parar de se desculpar. Fique o quanto quiser.

Bruce apontou com o queixo a escadaria da sala de estar.

– O quarto de hóspedes da ala leste já está pronto para você. Só tome cuidado com os corrimões, que estão meio bambos. Também tem roupas no armário.

– Posso usar as minhas próprias roupas – respondeu Harvey num tom incisivo, puxando as mangas do moletom de capuz surrado.

Bruce pigarreou.

– O que *quis* dizer foi que você não precisa se preocupar com seu tempo de estadia. Tem tudo aqui. Se precisar de alguma coisa, pode pedir para o Alfred.

– Obrigado. Vou ficar só esta noite. Meu pai vai me esperar de volta amanhã. Até lá ele já vai estar sóbrio.

Dianne trocou um olhar com Bruce, então estendeu a mão e tocou o braço de Harvey.

– Não há nenhuma lei que o obrigue a estar em casa amanhã de manhã – disse ela, com delicadeza.

– Ele é o meu pai. Além do mais, as coisas só vão piorar para o meu lado se eu não estiver lá.

Bruce fechou a mão, irritado. Perdera a conta de quantas vezes dera queixa do pai de Harvey à polícia, mas toda vez que os assistentes sociais iam visitar a residência, o velho Dent parecia calmo e equilibrado.

– Harvey – disse Bruce, numa nova tentativa –, se você der queixa, não vai ter que voltar para casa. Vai poder só...

– Eu não vou dar queixa, Bruce – interrompeu Harvey, girando a moeda com tanta força que ela voou para longe do balcão. Ela aterrissou no chão azulejado com um estalido.

Bruce soltou um suspiro silencioso.

– Bom... Você pode ficar por mais tempo se quiser, ok?

– Obrigado.

Harvey, porém, já se esquivava das perguntas, e Bruce soube que

insistir no assunto seria ir longe demais. A seu lado, Dianne o encarava com severidade. *Deixa ele em paz*, tentava dizer. De súbito, a punição de prestar serviços comunitários no Arkham parecia leve, até trivial, comparada ao que Harvey era obrigado a enfrentar cada vez que voltava para casa.

Harvey se abaixou para apanhar a moeda e recomeçou a rodopiá-la.

– Então – perguntou ele, mudando de assunto –, a detetive explicou por que escolheu o Asilo Arkham?

– Ela não precisou dizer nada – respondeu Bruce. – Acho que escolheu um lugar onde é mais provável que eu aprenda a lição.

– Qual lição?

– Não ajudar a polícia? – sugeriu ele.

Harvey suspirou.

– Não *interferir* no trabalho da polícia. Não é sua função salvar o mundo, Bruce.

– Eu sei, eu sei – respondeu Bruce com uma careta, apanhando a moeda de Harvey para examiná-la. – Só estou sendo chato. Estava mesmo esperando que a gente pudesse passar a maior parte deste último verão juntos.

Dianne cutucou Bruce com o cotovelo.

– Bom, você ia trabalhar em projetos de segurança da WayneTech com o Lucius durante o verão, não ia? Talvez ver o interior do Arkham contribua com algumas ideias.

Dianne tinha razão. Ele era obcecado por casos criminais desde a infância; no entanto, ler romances de mistério e escutar a frequência de rádio da polícia no meio da noite não seriam nada comparados a ver com os próprios olhos o interior de uma prisão. Talvez o período no Asilo Arkham pudesse ser um estudo pessoal sobre o funcionamento da justiça, um olhar atento à conduta dos detentos e ao sistema de segurança prisional. Pelo menos era melhor encarar a sentença dessa forma.

– Vou tentar ficar numa boa com a Draccon – disse ele. – Talvez não seja tão ruim.

– Bom, pelo menos você vai poder dizer que cruzou com os criminosos mais perigosos da cidade – acrescentou Dianne, dando uma mordida no hambúrguer. – Tipo, quando é que você vai ter a chance de fazer isso de novo?

Em uma de suas primeiras aulas no ensino médio, Bruce assistiu a um documentário sobre o Asilo Elizabeth Arkham. Era um relato de sessenta minutos sobre o sistema carcerário em todo o país. Arkham, nos subúrbios de Gotham e negligenciado por completo pelo governo, recebera destaque por ser uma penitenciária particularmente controversa.

Se o local é uma prisão, diziam os críticos, deveria ser chamado como tal. Se de fato fosse um hospital, deveria ser estruturado como uma enfermaria, uma instituição de saúde mental ou um centro de reabilitação. Em seu formato único de tratamento, o Asilo Arkham parecia o resquício de uma época mais sombria, pertencente ao passado. Bruce tinha conhecimento das diversas petições que haviam circulado pouco tempo antes na tentativa de alterar o nome do local e modernizar a instituição.

No entanto, enquanto Alfred dirigia com Bruce pela gélida estrada que contornava a cidade, adentrando um estirão de floresta rumo a uma serra de grama amarelada e rochas íngremes, Bruce pensava que os muros do Arkham não pareciam fazer parte de um local que *pudesse* mudar. Ou que *algum dia* mudaria. A longa via que levava aos portões do asilo era ladeada por árvores esqueléticas, quase nuas, mesmo no início do verão. Placas antigas advertiam contra qualquer tipo de carona. A distância havia uma torre antiga, também parte da penitenciária, que no passado lançava sua luz sobre os fugitivos que tiveram a sorte – ou o azar – de conseguir ultrapassar os muros da prisão.

Que bela forma de aproveitar um sábado, pensou Bruce.

Ele imaginou como aquela área devia ser quando o asilo foi inaugurado. Não conseguia visualizar o lugar com árvores floridas ou gramados verdejantes. Talvez o asilo sempre estivesse à beira da morte.

O Arkham se avultava no alto da colina. Os portões externos da prisão pareciam resquícios de uma era antiquíssima: compridos, assombrosos e góticos, com a inscrição ASILO ARKHAM enferrujada acima das barras pontudas. Nas laterais havia estátuas idênticas de olhar malicioso, encarando-os de soslaio, com frontes sérias e bochechas fundas, os corpos ossudos por sob capuzes entalhados. Uma delas erguia uma balança com o punho imóvel. Bruce não sabia dizer se as figuras representavam a justiça ou a morte. Talvez ali não houvesse muita diferença entre as duas.

O lugar era uma monstruosidade de pedras e torres, com alguns andares totalmente sem janelas. Havia quatro torres de observação viradas para o complexo, junto a um prédio principal que se elevava no centro, com teto pontiagudo. Havia mais torres enfileiradas no perímetro dos portões de fora e de dentro, e do carro Bruce via os guardas nos pilares empunhando seus rifles.

Enquanto avançavam pela área de concreto, Bruce avistou Draccon – mais elegante do que nunca, as tranças escuras presas no familiar coque –, já à espera deles junto às imensas portas frontais, com dois guardas e uma mulher corpulenta e baixa, de camisa preta lisa.

Bruce respirou fundo. Não devia estar tão nervoso, mas quando olhou para baixo e viu as mãos cruzadas no colo, percebeu que estavam trêmulas. Ele as apertou. Adentrar os portões do Arkham o fazia se lembrar quão impenetrável era aquele lugar e deixava a desagradável sensação de que *ele* era agora um prisioneiro que estava ali para cumprir pena.

Você não vai ficar muito tempo aqui. Cinco semanas vão passar voando, tentou dizer a si mesmo.

– Boa sorte hoje, patrão Wayne – disse Alfred, parando o carro diante da escada que levava às portas da frente.

Bruce desviou o olhar das janelas para o espelho retrovisor, que refletia o olhar familiar de Alfred. Com um suspiro, ele assentiu para o guardião, abriu a porta do carro e saiu para encontrar as pessoas à sua espera.

Ao vê-lo se aproximar, a mulher de camisa preta descruzou os braços e estendeu a mão para ele. Era mais baixa que Bruce, mas tinha um aperto de mão forte. Sua pele era morena-clara e seus olhos eram de um castanho intenso. Os guardas que a escoltavam usavam coletes à prova de balas, onde se lia **SEGURANÇA** em letras brancas.

– Chegou cedo – grunhiu a mulher, olhando de relance para o carro de Alfred, que já retornava para ir embora. – Que bom que contratou uma babá que sabe ver a hora.

– O nome dele é Alfred – respondeu Bruce. – E ele é o meu guardião.

A mulher se limitou a abrir um sorriso torto.

– É, tenho certeza de que ele não enxerga você como um bebê de quem ele precisa tomar conta.

– Bruce, esta é a Dra. Zoe James – disse Draccon com um suspiro enquanto ajeitava os óculos. – Chefe da segurança do Arkham. Você

vai se reportar diretamente a ela.

– A detetive me acha difícil – afirmou a Dra. Zoe, com uma piscadinha para Bruce. – Mas vamos nos divertir durante a sua estada aqui, não vamos, Wayne?

– Você é difícil – retrucou Draccon, revirando os olhos. – Não me faça me arrepender disso, Dra. Zoe.

– Não fale dessa maneira. Eu sou um doce de pessoa.

Antes que Draccon pudesse responder, a Dra. Zoe assobiou uma musiquinha contente e acenou para que os dois a acompanhassem.

– Você vai ter que bater o ponto na recepção toda vez que chegar – disse ela, olhando para Bruce por sobre o ombro. – Só poderá sair depois que pegar a minha assinatura, senão a sua contagem de horas não vai ter validade. Então seja bonzinho comigo.

Os dois pararam diante das portas da frente. Só então Bruce viu que eram de metal sólido, num desenho moderno que se destacava da arquitetura gótica. A Dra. Zoe tocou com a palma da mão uma placa ao lado de uma das portas, então digitou um longo código. As portas fizeram um estalido alto, correram devagar para os lados e revelaram um saguão com iluminação fraca.

Bruce acompanhou a Dra. Zoe e a detetive Draccon até um pequeno balcão protegido por uma parede de vidro grosso. Atrás deles, as portas se fecharam com um baque alto.

Um atendente mal-encarado ergueu os olhos, mascarando ruidosamente um chiclete. Parou de mascar por um instante ao ver Bruce. Retorceu o canto do lábio.

– É o garoto – disse ele, apertando os olhos e assentindo para a Dra. Zoe enquanto passava um cartão por baixo do vidro. – Não parece tão rico quanto a tevê faz parecer.

Bruce manteve a cabeça baixa, esperando que o homem não percebesse o leve rubor em suas bochechas, e preencheu o cartão o mais depressa possível. Draccon e a Dra. Zoe o conduziram mais para dentro do edifício, onde cruzaram um par de portas deslizantes cerradas com barras e ladeadas por guardas armados com pistolas carregadas.

Eles estavam no interior do Arkham.

A primeira coisa que impressionou Bruce foi a frieza da iluminação nos corredores. Lâmpadas fluorescentes reluziam sobre o piso azulejado e as paredes manchadas, conferindo ao ambiente um tom esverdeado e mórbido. As paredes davam a nítida sensação de se

avultar por todos os lados, como se fossem acabar se fechando por completo e esmagá-lo feito um inseto. De algum outro corredor vinham ecos de gritos raivosos e um estrépito ensandecido, que podia ser gargalhadas ou soluços.

– A administração do prefeito Price negligencia este lugar – comentou a Dra. Zoe, enquanto caminhavam. – O fato de tudo aqui ser tão fortemente vigiado, nossos guardas, sistemas, instalações, funcionários, deixa bem claro quanto esses criminosos são considerados perigosos.

Uma dupla de guardas veio pisando firme pelo corredor, sem fazer contato visual com eles, praticamente arrastando um detento com metade do rosto rasgado por uma grosseira cicatriz. Ao passar, o prisioneiro sorriu.

– Ora, ora – exclamou o homem, espichando o pescoço e olhando Bruce com uma carranca. – O que essa carnhinha delicada está fazendo num lugar como este?

Antes que alguém pudesse detê-lo, o sujeito avançou em Bruce.

Bruce instintivamente assumiu uma postura de combate. A Dra. Zoe, porém, já havia segurado e torcido o braço direito do prisioneiro, imprensando-o contra a parede com tanta força que o rosto do homem ficou vermelho.

– Bons reflexos – disse Draccon a Bruce, com leve surpresa.

– Acho que a academia serve para alguma coisa – respondeu ele, o coração batendo acelerado no peito.

– Outro showzinho desses – advertiu a Dra. Zoe ao detento –, e vou aumentar a sua pena em alguns anos. Sei quanto você gosta de ficar aqui comigo.

Ela abriu um sorriso azedo para o homem, que soltou um rosnado em resposta. Ele encarou Bruce outra vez, e ao fazer isso se permitiu um sorrisinho taciturno.

– Sua pele é muito lisinha para este lugar – vociferou o sujeito. – Se estiver a fim de umas cicatrizes, me procure.

Bruce desviou o olhar, e os guardas seguiram arrastando o detento pelo corredor. Ele tentou imaginar o homem quando criança, lembrou-se *dele próprio*, um garoto sentado no quintal com o pai, observando os morcegos dominarem a noite. Certas pessoas talvez nunca tivessem tido infância.

A seu lado, a Dra. Zoe o observava, de braços cruzados.

– O que está pensando, Wayne?

– Estou me perguntando em que momento uma pessoa passa de criança a assassino.

– Ah. Interessado em psicologia criminal, é? – retorquiu ela. – Bom, está no lugar certo. Sabe aquele homem que acabou de ver? Matou quatro pessoas num café.

Bruce se arrepiou.

– Simpático ele.

– A Dra. Zoe é a chefe da segurança daqui há uma década – acrescentou Draccon. – Como pode ver, é preciso certo nível de rigor para comandar um lugar feito este.

Eles saíram do pequeno corredor, e de repente o espaço se abriu sob um imenso teto abobadado, onde se via andares e mais andares de celas. Ao se deparar com toda a extensão do Arkham, Bruce paralisou. Aquilo ali era o portão do inferno.

– Qual é o problema? – perguntou Draccon, num tom seco. – Já se arrependeu do passeio?

– Esta é a ala leste, feminina – explicou a Dra. Zoe enquanto eles seguiam para a direita. – Os homens ficam na ala oeste. As instalações médicas ficam nos corredores centrais, que conectam as duas alas. Existe um andar adicional no subsolo, que abriga os detentos em tratamento intensivo. Você vai varrer e esfregar os corredores da ala feminina, além de faxinar os banheiros usados pelos guardas. Amanhã você limpa o subsolo. Vamos conciliar o trabalho com o restante do seu ano letivo. Assim que as férias de verão começarem, espero vê-lo aqui todas as manhãs. Nossos zeladores dão conta de manter este lugar impecável, então acho que um bilionário consegue tranquilamente fazer o mesmo. Sugiro que aprenda depressa.

Bruce olhou o interior de uma das celas. Uma prisioneira de uniforme cor de laranja se debruçou nas barras e, ao cruzar o olhar com ele, encarou-o com desprezo.

– Ei, mulherada! – berrou ela, enquanto o grupo passava. – Parece que os nossos guardas subiram de nível!

As outras começaram a gritar, disparando insinuações vulgares. Bruce rangeu os dentes e cravou o olhar firme na parede. Já vira homens bradarem impropérios a Dianne e até comprara brigas com alguns por isso. Aquela, porém, era a primeira vez que ele vivia isso na pele.

– Vamos lá, Bruce Wayne. Sorria para a gente!

Ei, Bruce, olha para cá! Dá um sorriso!

Aquilo o fez pensar nos paparazzi aglomerados à sua volta feito um enxame de abelhas, bombardeando-o sem cessar, castigando-o quando não ouviam a resposta desejada. Ele olhou Draccon de esguelha; apesar do desejo da detetive de puni-lo, até ela parecia um pouco solidária.

Enfim, por misericórdia, eles chegaram ao final da ala. A Dra. Zoe os conduziu pelos corredores médicos, onde funcionários consertavam as portas, e eles adentraram outros corredores fluorescentes, esverdeados e frios.

O grupo pegou um elevador para descer ao subsolo. Era escuro e úmido, permeado por um ar de constante ranço. Pendurada sobre a entrada havia uma placa: TRATAMENTO INTENSIVO DO ASILO ARKHAM.

– Os piores dos piores ficam aqui, Wayne – disse a Dra. Zoe. – Se eu fosse você, tentaria dar conta do serviço mais depressa nesse corredor.

Havia dois funcionários reprogramando a fechadura da porta. Bruce notou as câmeras de segurança que percorriam o teto em intervalos regulares. As portas das celas eram de metal sólido, versões menores das pesadas portas de correr da entrada do Arkham e claramente mais reforçadas que as dos andares superiores. A porta de cada cela possuía uma janela de vidro, provavelmente à prova de balas, por onde Bruce vez ou outra via um prisioneiro sentado num aposento austero. Os uniformes dali eram diferentes dos laranjas usados pelos detentos de cima. Eram brancos, como se para marcar um tipo especial de ameaça.

– Reconheço alguns desses criminosos, Dra. Zoe – comentou Draccon, enquanto eles seguiam. – Muitos deles são monstros.

A doutora deu de ombros.

– Só ontem chegaram três Criaturas, transferidas da Penitenciária de Gotham.

Ao ouvir aquilo, Draccon balançou a cabeça, frustrada.

– Ainda não conseguiu descobrir o que eles estavam aprontando naquela noite, conseguiu? – perguntou a Dra. Zoe.

– Receio que não.

– Criaturas da Noite? – perguntou Bruce, grato por ter algo a pensar além de sua sentença. – Quantos deles estão soltos?

– Não se preocupe com isso, Wayne – retrucou Draccon, num tom rígido. – Agradeça por isso não ser da sua conta.

De uma das celas, despontaram várias vozes. A Dra. Zoe encarou a

porta.

– Esta é uma das novas transferências – disse ela. – Mais perspicaz que todas as Criaturas da Noite que já recebemos aqui.

Pela janela, Bruce espiou a cena. Três homens – um de terno, os outros dois de uniforme policial – rodeavam e interrogavam alguém. O tom de frustração vinha da polícia.

– Acha isso engraçado, não é? – vociferou um dos policiais. – Degolar um velho, vê-lo sangrar até morrer? Como você teve acesso às contas dele? O que o seu pessoal está fazendo com todos aqueles milhões? Não vai responder, hein? É melhor parar com esse sorrisinho.

– Antes que a gente pare ele na marra – acrescentou outro policial.

– Quem mais estava *com você*? – grunhiu o primeiro, como se já tivesse repetido a pergunta inúmeras vezes.

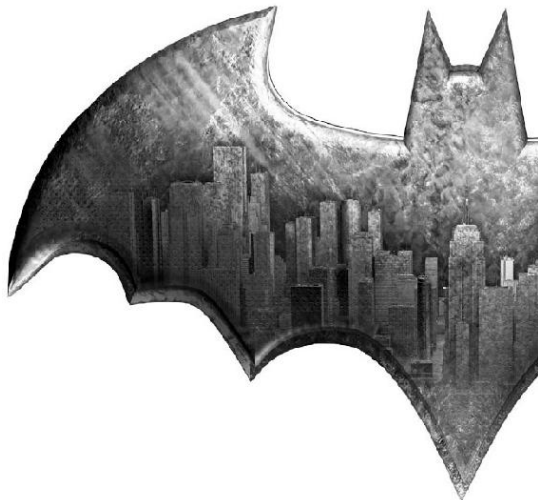
Bruce tentou ver quem era a pessoa, mas depois de cruzarem a janela ele perdeu a chance. Os gritos se tornaram abafados e mais fracos.

– Não quer falar.

– Eu solicitei pessoalmente a transferência – disse Draccon, olhando Bruce com frieza. – Não se preocupe. Eles sempre cedem.

Eles deixaram o corredor, mas o som do interrogatório continuou pairando. Bruce se pegou pensando no que os policiais estariam tentando arrancar daquela pessoa. Ele frequentaria o subsolo e provavelmente veria aquela cena se repetir diversas vezes. Talvez, quando retornasse, a polícia já tivesse conseguido arrancar alguma coisa.

E talvez Bruce conseguisse vislumbrar quem era a pessoa. Quem era *ela*.



CAPÍTULO 5

– Qual o problema, bonitinho? Nunca sujou essas mãozinhas antes?

Primeiro dia em Arkham. As prisioneiras encaravam Bruce com malícia durante a faxina, com sorrisos escancarados, provocações ecoando pelos corredores. Batiam as botas e as escovas de dente nas grades das celas.

A aparência de Bruce naquele momento contrastava bastante com a de semanas atrás. Em vez do rapaz feliz, circulando em sua festa de aniversário, vestindo um terno sob medida e posando junto a um Aston Martin, agora ele usava um uniforme azul surrado, e suas mãos estavam cobertas por um par de luvas de limpeza amarelas.

Ignore-as. Apenas se concentre, Bruce lembrou a si mesmo enquanto cruzava lentamente o corredor. Elas queriam ver sua expressão se alterar, queriam irritá-lo.

– Meninas, temos um bilionário esfregando a nossa sujeira.

Mais assobios.

– Que coisa! Acho que o dinheiro não compra o mesmo que antigamente.

– Mas ele é bonitinho, não é?

– Eu iria até presa por uma casquinha. Ei, Bruce! Vamos fazer um trato? A gente para de perturbar o seu trabalho se você tirar a camisa e esfregar o chão com ela.

Risos abafados percorreram o corredor.

E assim seguiu o resto do dia, um corredor após o outro, até que

todas as vozes se fundiram numasó barulheira. Bruce mantinha a cabeça baixa. A Dra. Zoe foi visitá-lo três vezes e, mesmo sem receber dela nada além de uma olhadela, Bruce ansiava por sua presença. Toda vez que ela aparecia, as prisioneiras sossegavam, dando a ele momentos de paz.

Ao final do dia, a Dra. Zoe foi até ele.

– Vá para casa, Wayne – disse ela, chamando-o com um meneio de cabeça e avançando pelo corredor. – Você está tão cansado que só está espalhando sujeira pelo chão.

Não era exatamente pena, mas Bruce concluiu ser quase isso. Por pouco ele não se esqueceu de assinar a saída. Nem sequer se lembrava de ter entrado no carro de Alfred. A única coisa que registrou foi a gratidão que sentiu ao afundar o corpo nos bancos frios de couro e acordar na manhã seguinte na própria cama.

– Como está indo até agora? – perguntou Dianne no dia seguinte, enquanto caminhavam juntos para a aula de inglês.

Bruce tentava abstrair os cochichos e olhares dos colegas que cruzavam com eles no corredor. Podia ouvir seu nome nos sussurros, bem como trechos das fofocas sobre o motivo do acidente de carro.

Bêbado.

Louco.

Problemas mentais.

A luz que entrava pelas janelas fazia as sombras se espicharem pelo corredor, envolvendo a escola em grades. Bruce soltou um suspiro, forçando-se a manter o olhar fixo à frente. O dia anterior parecera interminável – e ele teria que retornar àquela prisão de verdade dia após dia, durante semanas.

– Podia ter sido pior – respondeu ele, e contou como foi.

Eles chegaram à sala de aula e se acomodaram nas carteiras.

– Ai, que horror – disse Dianne, compadecida, balançando a cabeça. – Mais cinco semanas disso?

– Não é tão ruim. Só muita provocação.

Bruce enviou por mensagem de texto alguns dos insultos mais memoráveis, para não ter que pronunciá-los em voz alta.

– Pois é. Sei bem como é isso. Todas as mulheres sabem. Não tem graça nenhuma.

– Não se preocupe comigo, Di. Sério.

Dianne tocou o braço de Bruce e tentou encorajá-lo.

– Você vai sobreviver – disse ela. – Daqui a algumas semanas as aulas também vão terminar e...

Ela parou de falar ao som do sinal, então concluiu, num tom mais baixo:

– E a sua passagem pelo Arkham vai acabar antes do que você imagina.

As palavras dela trouxeram certo conforto. Bruce respirou fundo e tentou internalizá-las.

– Espero que sim.

Em contraste com toda a gritaria da véspera, o subsolo que abrigava o tratamento intensivo do Arkham estava envolto por um silêncio assustador quando Bruce chegou, vindo da escola.

O silêncio arrepiou os pelos de sua nuca. Se ele não tivesse noção, poderia jurar que aquele era um corredor de filme de terror: a luz pálida e esverdeada, as paredes nuas, o eco fraco de suas botas. Se fantasmas existissem, viveriam ali com certeza.

Ao começar a cruzar o corredor, ele ouviu as vozes dos detetives que vinham da última cela. Talvez estivessem interrogando outra vez a tal prisioneira. Bruce acabava de passar em frente à janela da primeira cela quando uma pancada alta ecoou lá dentro. No mesmo instante ele deu um salto para trás – e viu um detento o encarando pelo vidro.

– Ora, ora, ora, se não é o garoto novo. Você deve ser delicioso de retalhar – disse o homem, praticamente cuspiendo as palavras.

Na mesma hora o restante do corredor ganhou vida, até que outros berros começaram a ecoar. Bruce desviou o olhar e se concentrou no chão à sua frente.

– Qual é o problema, garoto? – perguntou o detento. – O que fez para acabar aqui, neste buraco, limpando a nossa mer... Ei, *ei!* Onde pensa que vai?

Ao ver Bruce se afastar, o homem bateu no vidro, furioso.

– Sabe por que *eu* vim parar aqui? Porque eu gosto de cortar as minhas vítimas. Gosto muito mesmo! – bradou ele, correndo o dedo pelo pescoço.

Bruce se apressou, tentando afastar da mente aquele tom de voz doentio.

A cela seguinte não era melhor: abrigava um enorme homem moreno – que de macacão parecia ainda maior –, com tatuagens que

cobriam cada centímetro de pele exposta, inclusive o rosto. Soltou uma risada quando Bruce passou, e só parou de encará-lo depois que ele saiu por completo de seu campo de visão. Então jogou o imenso ombro contra a vidraça, fazendo-a estremecer.

O terceiro detento era alto e cadavérico, de dedos compridos, unhas quebradas e veias azuis aparentes sob a pele. Bruce o reconheceu dos noticiários, um assassino em série responsável por pelo menos vinte crimes com requinte de crueldade.

O quarto detento, careca, de pescoço grosso e olhos claros e cristalinos, rodeava a cela de um canto a outro, até que chutou com força a parede.

Esses eram assassinos que haviam aterrorizado Gotham quando estavam à solta, estampando os noticiários. Agora a única coisa que separava Bruce de cada um deles era uma camada de metal e vidro.

Bruce chegou ao final do corredor. Reduziu o passo e se aproximou da última cela, onde os policiais haviam interrogado alguém dias antes, num tom de voz frustrado. Ele refletiu sobre os detentos pelos quais acabara de passar, os sorrisos tortos e olhares fixos, seus crimes impronunciáveis. Se eles eram o tipo de bandido que ficava ali embaixo, o que era preciso para requerer atenção exclusiva da polícia? Quem ocupava aquela última cela?

A vidraça da porta descia quase até a cintura de Bruce, o bastante para que ele enxergasse a maior parte do interior da cela. Era simples como as outras, com nada além de um colchão e vaso sanitário com pia num canto. Seu olhar se deteve na figura solitária sentada no lado de dentro, encolhida num canto, as pernas esticadas, vestindo um uniforme branco de mangas compridas.

Era uma mulher. Não, uma *garota*.

Parecia ter a mesma idade que Bruce, recostada languidamente na parede com a cabeça para trás, a expressão vazia de uma boneca, os olhos mirando o nada. Olhos muito, muito escuros. Seu cabelo comprido parecia ter um brilho azul, de tão preto que era, e a pele era tão clara sob a luz que parecia coberta de talco. A boca era pequena e rosada, o rosto tinha formato de coração, o pescoço, esguio e arqueado.

Bruce pestanejou. Era essa a prisioneira que a polícia de Gotham estava interrogando? Ele não sabia o que esperava, mas a garota não era nada do que imaginara. Parecia uma colega de escola, jovem demais para um lugar feito Arkham. Ao contrário dos outros detentos,

ela exibia uma calma mortífera, e nada ali sugeria qualquer traço de criminalidade. Naquela fortaleza de violentos e desajustados, ela parecia... deslocada.

Mesmo assim, *havia* algo em seu olhar... algo que fez um arrepio subir pelo corpo de Bruce.

A garota moveu os olhos delicados. Sem mover a cabeça, ela o encarou.

Bruce levou um susto e se afastou da vidraça. *Aqueles olhos*. Não eram simplesmente escuros... Aquelas profundezas guardavam algo oculto, recôndito, ardiloso. Eram a janela de uma mente sagaz e naquele exato instante analisavam Bruce. Ela dava a estranha sensação de estar memorizando tudo a respeito dele, de ser capaz de ler seus pensamentos.

Ao olhar as mãos da garota, Bruce percebeu que ela segurava um guardanapo numa intrincada dobradura de flor. No entanto, toda vez que ela mexia os pulsos, a flor assumia o formato de um escorpião. Indo e vindo, a figura se transformava. Impossível, imaginou ele, fazer uma dobradura tão complexa em um simples guardanapo. Aquilo o lembrou a precisão com que sua mãe costumava dobrar as cartas antes de enviá-las, reforçando com afinco as dobras, de modo que cada segmento do papel se alinhasse à perfeição.

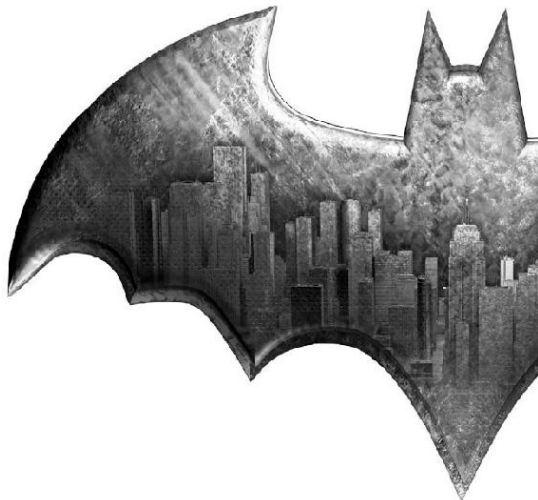
Os dois se encararam por mais um instante. Bruce então saiu do campo de visão da garota e soltou a respiração.

Talvez a equipe tivesse transferido a prisioneira original para outra cela e colocado aquela garota ali em seu lugar. Isso faria mais sentido. Bruce franziu a testa e voltou ao trabalho. O que ela tinha feito para estar na ala de tratamento intensivo da prisão mais notória de Gotham? Parecia tão... tranquila. Graciosa. Inocente, até.

Ele pensou em seu sistema de classificação das pessoas. Onde ela se encaixava?

Sem poder se prolongar mais, ele recolheu tudo e se preparou para sair da ala. Enquanto caminhava, deu outra olhada para a cela. De certa forma esperava que a garota ainda o encarasse, com os olhos escuros e insondáveis, queimando-o até os ossos.

Ela, no entanto, havia tornado a mirar o vazio. Estava imóvel. O origami em suas mãos havia retornado à figura da flor. Bruce refletiu por um instante, então balançou a cabeça e saiu. Talvez ela nem tivesse reparado nele, talvez fosse só imaginação.



CAPÍTULO 6

Ao cair da noite, enquanto saía de Arkham em direção ao carro de Alfred, Bruce ainda pensava na garota.

– Como foi hoje? – perguntou Alfred.

Pelo retrovisor, Bruce lançou um olhar seco para ele.

– Me diverti à beça. Recomendo.

Alfred franziu a testa.

– De onde o senhor herdou todo esse sarcasmo, patrão?

– Sei lá – respondeu Bruce, debruçando-se no banco de Alfred e apoiando um braço na lateral. – Talvez tenha sido de você.

– Eu? Sarcástico? – indagou Alfred, curvando os lábios em um levíssimo sorriso. – Só falta agora o senhor me acusar de ser inglês.

Apesar do dia cansativo, Bruce abriu um sorriso ao ouvir a resposta. Observou os troncos das árvores passando pela janela, feito borrões. O rosto da garota não lhe saía da cabeça; ao se deixar levar pelos pensamentos, ele viu aqueles olhos cintilando em intervalos rítmicos em meio aos troncos, mais escuros que a noite.

Poucos minutos depois, eles chegaram à academia onde Bruce passava muitas de suas noites. Bruce saiu do carro, respirou fundo e entrou. Precisava de um bom treino para desanuviar a mente, para tirar aquela garota da cabeça.

O lugar era um clube exclusivo, onde o treinador Edward Chang, medalhista de ouro olímpico em boxe e luta livre, aceitava somente alunos para treinamentos particulares. Bruce correu o olhar pelo

gigantesco espaço sem divisórias, com dois andares. Tatames azuis jaziam dispostos em variadas configurações por toda a extensão do piso, e bem no centro se via um octógono, que abrigava disputas oficiais entre o treinador e seus alunos. Havia dezenas de estações com pesos, cordas de pular, sacos de boxe e acessórios acolchoados, além de múltiplas paredes de escalada. Num canto distante havia uma piscina de oito raia.

Ele foi até o vestiário e se trocou rapidamente, enrolou as mãos em gaze branca e salpicou com talco. Apanhou no armário um par de óculos.

As instalações eram impressionantes, mas o que encarecia tanto a academia era a tecnologia por trás daqueles óculos. Com eles, Bruce agora via etiquetas – TATAME, RINGUE, PISCINA – pairando sobre cada área do salão. Um painel central exibia um carrossel giratório de cenários onde era possível realizar o treinamento.

Bruce foi rolando os cenários até encontrar seu preferido. Estendeu a mão no ar para selecionar sua opção, e o mundo à sua volta se escureceu por completo.

Em um segundo, as imagens retornaram – e Bruce se viu parado no alto de uma torre envolta por uma massa de nuvens crepusculares. Encarava um mar de arranha-céus reluzentes interconectados por cabos, de modo que era possível percorrê-los. O exterior de cada edifício era circundado por escadarias em espiral. Ao olhar para cima, viu um céu noturno virtual. A altura era tão realista que ele sentiu a cabeça girar.

Os arranha-céus e obstáculos simulavam o desenho da academia em si, a disposição dos tatames, o ringue em formato de octógono e assim por diante. Dentro daquele cenário Bruce podia, ainda, selecionar seu treino; se quisesse cruzar os arranha-céus e subir e descer as escadarias, os cabos e as escadas eram contornados com luz branca, para facilitar a visão. Se desejasse escalar os edifícios, o destaque incidiria nas laterais das construções, cujos pontos de apoio eram replicados nas paredes de escalada.

Bruce selecionou os cabos e as escadarias. O contorno branco se acendeu, num contraste impressionante com a escuridão do anoitecer. Ele alongou o corpo, aliviado, pronto para esquecer os sombrios corredores do Arkham, e se permitiu encarar a lateral vertiginosa do arranha-céu. Então saltou.

Segurou um dos cabos, que o conduziu ao arranha-céu mais

próximo. No mesmo instante em que alcançou o prédio, começou a correr a passadas firmes e equilibradas, fruto dos anos de prática. Depois, deu outro salto e agarrou a escadaria externa do edifício. No cenário real, ele segurava com firmeza as barras de metal que pendiam sobre uma série de tatames azuis.

Bruce tomou impulso, contraindo os músculos dos braços e das costas, subiu pela escadaria e seguiu correndo. Deu um salto mortal e agarrou outro cabo. Seu rosto já suava. A cada minuto o exercício de aquecimento o acalmava, fazendo-o se concentrar em nada além das batidas compassadas de seu coração.

– Bruce!

Bruce interrompeu a simulação, ergueu os óculos e viu o treinador Chang emergir do escritório no corredor dos fundos e acenar para ele.

– Treinador – disse Bruce, com um sorriso.

O homem respondeu com um meneio de cabeça. Tinha o cabelo raspado nas laterais, formando um moicano no alto. Ao cruzar os braços, seus músculos se destacavam. As orelhas eram cheias de cicatrizes, denunciando seu passado combativo.

– Bom trabalho.

Bruce estava prestes a responder, quando outra figura entrou na área de treinos. Richard.

– Ei, Bruce – disse Richard, forçando um sorriso e flexionando os punhos.

– Richard me contou que vai viajar na noite em que ele geralmente treina – disse o treinador. – Espero que não se incomode de ter companhia hoje. Vocês podem treinar em dupla, como costumavam fazer.

Como costumavam fazer. Fazia anos que Richard e ele não treinavam juntos, como amigos. *Que beleza de sessão relaxante,* pensou.

Richard assentiu.

– Como nos velhos tempos.

Bruce sentiu o exagero em sua voz, o sarcasmo. O treinador jogou um bando de equipamentos no chão, alheio à tensão entre os dois. Então baixou o olhar e pegou o celular.

– Se aqueçam um pouco. Vamos começar as sequências em meia hora.

Ele atendeu a ligação e se afastou, deixando os rapazes sozinhos.

Os dois avançaram até um dos tatames, onde Richard começou a rodear Bruce.

– Ouvi dizer que você saiu mais cedo da festa – disse Richard. – Foi por minha culpa?

– Eu só precisava clarear as ideias.

Bruce procurava uma brecha, os olhos fixos no outro rapaz.

– Ah, Bruce! – respondeu Richard, com uma risadinha. – Acha que eu não conheço você a ponto de saber quando está mentindo?

Bruce abriu e fechou as mãos. Lembrou-se de rodear Richard naquele mesmo espaço quando eram mais jovens, os dois gargalhando e lançando desafios.

– Se você me dissesse isso anos atrás, eu acreditaria – respondeu ele.

– Nosso afastamento não foi culpa minha.

– Foi o quê, então? – indagou Bruce, de cara fechada. – Alguma coisa que eu fiz?

Richard assumiu uma expressão sombria.

– Talvez o ego de alguém tenha subido à cabeça.

– Por quê? – retorquiu Bruce, sentindo a irritação subir. – Porque parei de deixar você se dar bem às minhas custas? Porque você passou a não poder mais me usar?

– Não seja arrogante.

Então era isso, pensou Bruce, resignado. Richard queria brigar, estava ávido por uma briga. Ao vê-lo assumir uma postura ofensiva, Bruce semicerrou os olhos e recolocou os óculos. Os dois se conectaram ao mesmo canal, e o ringue em redor deles se transformou num heliporto no terraço de um arranha-céu.

Richard avançou, mirando a cabeça de Bruce. Por instinto, Bruce elevou os braços; o golpe acertou seu antebraço, e ele imediatamente contra-atacou. Bruce circundou o oponente, contido, à espera de um novo ataque. *Defesa primeiro*.

Outra investida, e mais uma troca de golpes. Bruce, mais ágil, desviou do ataque, mas percebeu que Richard andara praticando. Pois bem, ele não era o único que havia mudado. Uma pancada, duas. Richard mal conseguiu bloquear o segundo golpe de Bruce.

A expressão de Richard revelava surpresa. Ele deu um salto à frente e largou um forte empurrão em Bruce, que tropeçou para trás. *Golpe ilegal*. Antes que Bruce recuperasse o equilíbrio, Richard mirou um chute cruel em seu joelho. Bruce explodiu de dor. Cerrou os dentes, tentando não gritar, mas sua perna cedeu e ele quase caiu. No último segundo, porém, conseguiu se equilibrar.

Bruce semicerrou os olhos. Seu cabelo escuro caía na testa. Aquele golpe não tinha sido ensinado pelo treinador.

Os golpes cresceram em número e agilidade. Richard tinha vantagem sobre Bruce em peso e altura, mas em compensação era mais lento, e Bruce viu que ele começava a se cansar. Usou o momento para golpear duas vezes a lateral do tronco de Richard, numa sucessão rápida. Com um grunhido, o rapaz se curvou.

Bruce fez outra investida para cima de Richard, que agarrou seu punho e, usando a vantagem do peso, o arremessou em direção à beirada do ringue. Bruce cambaleou, mas desta vez estava preparado. Rodopiou de volta e acertou Richard com força no estômago.

Richard se inclinou para a frente e ergueu a mão, num gesto silencioso de desistência. Bruce hesitou, arquejante, o corpo todo latejando de dor. No mesmo instante que baixou os braços, Richard atacou, mandando um gancho no queixo de Bruce. Teto preto.

Quando retomou a consciência, Bruce jazia deitado no octógono, sem os óculos, encarando o rosto preocupado do treinador, que o ajudava a se sentar. Por quanto tempo tinha apagado?

O treinador franziu o cenho, meneando a cabeça para que eles saíssem do ringue.

– Podem parar, vocês dois – disse ele, apontando para os rapazes. – Vocês lutavam tão bem. Agora não posso deixá-los sozinhos por um minuto que querem matar um ao outro?

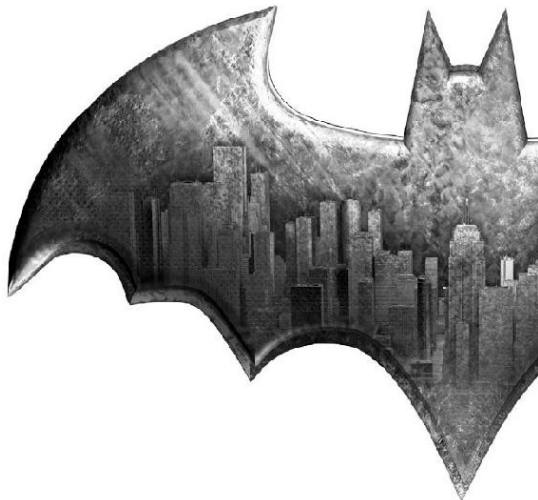
Bruce se encolheu, tocando de leve a mandíbula inchada enquanto o treinador saía para pegar uma compressa de gelo. Ele encarou Richard.

– Hoje em dia você só consegue ganhar na trapaça, não é?

– Coitadinho do Bruce Wayne. Sempre injustiçado.

Richard lhe lançou um olhar frio e virou as costas. De certa forma, para Bruce aquilo era pior que a dor física.

– No mundo real não existe isso de trapaça, Bruce. É simplesmente a vida.



CAPÍTULO 7

– O que aconteceu com você? – perguntou Draccon ao ver Bruce no refeitório do Arkham durante o fim de semana, encarando o profundo hematoma roxo em seu maxilar.

Bruce se acomodou diante dela com a bandeja do almoço, sem responder de pronto. O resto da semana felizmente havia passado sem maiores transtornos, tomado de provas finais, anuários e preparativos para a formatura. Bruce estava grato por tudo aquilo. Era uma distração muito bem-vinda depois da briga com Richard. Sentia até alívio por estar no Arkham em pleno sábado.

– Não é tão ruim quanto parece – disse ele, por fim. – Eu vou ficar bem.

Para alívio de Bruce, ela não fez mais perguntas. Em vez disso, coçou a cabeça e voltou a comer.

– Espero que sua estada aqui continue tenebrosa, Wayne – disse ela.

– Quase tanto quanto a da senhora.

– Ah, é? – perguntou ela, com uma risadinha. – Então você está bem mal.

Bruce observou a detetive por um instante. Tinha as unhas lixadas com perfeição, ainda com o mesmo esmalte marrom que combinava com o tom de sua pele. Ela era tão atenta à forma de comer, reparou Bruce, quanto à própria aparência. O jeito de garfar a comida, de acomodar o guardanapo ao lado do prato num quadrado perfeito, com

as bordas paralelas à mesa. Não admirava que fosse detetive, tão apegada a detalhes. Apesar de tudo, ele gostava da companhia dela. Pelo menos ela não dava ouvidos a bobagens nem o tratava com escárnio.

Os pensamentos de Bruce se voltaram outra vez à garota no subsolo do Arkham. Ele cruzara o corredor várias vezes desde a primeira troca de olhares, mas a cela estava sempre lotada de detetives e policiais – incluindo Draccon, que passava as sessões esfregando o pescoço, frustrada, diante da garota em silêncio.

Bruce não podia deixar de admirar a teimosia da moça. Ela nem se dava o trabalho de olhar para os interrogadores; apenas mantinha os olhos fixos à frente, como se estivesse alheia à presença deles ali. E sempre com um guardanapo nas mãos, criando origamis: um cisne, um barco, uma estrela... Bruce sempre se pegava rodeando o local, à espera de que ela transformasse o papel em outra coisa. Em algo mais ameaçador.

Draccon percebeu que ele a analisava.

– O que você quer, Wayne? – perguntou ela. – Parece estar se coçando para fazer uma pergunta.

– Eu vi a senhora e a sua equipe no subsolo duas vezes na semana passada – respondeu Bruce. – Qual é a história daquela garota da última cela?

Draccon ergueu a sobrancelha.

– Está tão entediado que começou a bisbilhotar?

– É difícil não ouvir o espetáculo – acrescentou Bruce, remexendo o purê de batatas numa tentativa de deixá-lo mais cremoso.

Draccon baixou o garfo e tornou a esfregar a testa. Fosse lá o motivo, pensou Bruce, estava claro que aquela investigação era um assunto delicado.

– A garota está presa por um bom motivo, pode acreditar, mas o que conversamos com ela não é da sua conta.

Bruce encarou a própria comida, escolhendo com cuidado as palavras seguintes.

– Não parecia muito uma conversa – retrucou ele. – Detetive.

– Como é que é?

– Com todo o respeito – disse ele, cortando com displicência um naco de carne –, só vi a senhora e os outros oficiais *fazendo* perguntas a ela. Nunca a vi responder.

Pela expressão de Draccon, Bruce concluiu que a garota não

colaborava em nada. Provavelmente ficava encarando o vazio durante todo o interrogatório, fingindo ignorar a presença deles, dobrando os origamis. Não se surpreenderia se alguém, de tanta frustração, rasgasse o maldito origami.

– As Criaturas da Noite nos fornecem uma lista infundável de casos – praguejou Draccon.

Criaturas da Noite. Bruce se inclinou para a frente.

– O que eles querem?

Draccon deu de ombros.

– Você já viu o símbolo deles, não viu? Uma moeda em chamas, geralmente pintada em spray na parede? Eles são uma gigantesca rede de ladrões e assassinos. Vão atrás dos ricos, coisa de centenas de milhões de dólares. E usam o dinheiro para financiar suas operações.

– Que operações?

– Até então, assassinatos de alvos específicos, bombardeio de fábricas, coisas do tipo. Eles espalham o terror na cidade. O grupo se considera uma espécie de Robin Hood, mas de forma meio distorcida, toda aquela coisa de tirar dos ricos para dar aos pobres... Só que a única coisa que eles deram aos pobres desta cidade foi um lugar mais perigoso onde viver.

– Tirar dos ricos para dar aos pobres – repetiu Bruce, sem evitar uma risadinha.

– O quê? – indagou Draccon, encarando-o.

– As pessoas às vezes se esquecem da segunda parte – comentou ele.

Draccon tirou os óculos de aro vermelho e olhou Bruce de cima a baixo.

– Filosófico – disse ela, bem-humorada, então abanou a mão. – Bacana seu interesse, Wayne. Mas você está aqui para cumprir serviço comunitário, não para trabalhar como detetive. Vamos nos esforçar para você sair logo daqui, não para se embolar ainda mais nessa teia.

Ao descer para o subsolo depois do almoço, Bruce viu que uma das lâmpadas bruxuleava num ritmo perturbador. Lançava um brilho trêmulo às paredes, um ar de surrealismo, como se o corredor fosse desaparecer caso ele fechasse os olhos.

Havia duas celas vazias, e vários detentos dormiam. Alguns ele já não reconhecia. Ninguém permanecia ali por muito tempo. Talvez àquela altura a garota também já tivesse sido transferida, por mais

que Bruce sentisse uma estranha decepção ao pensar nessa possibilidade.

Ele chegou ao fim do corredor; a cela da garota ficava ao lado da lâmpada tremeluzente. Reduziu o ritmo das passadas. Ela ainda estava ali, agora sozinha.

Ela está presa por um bom motivo.

Mas era tão *jovem*. Décadas mais jovem que qualquer pessoa ali. Bruce a observou de cenho franzido, à espera de algo, qualquer coisa – um ataque de raiva, um insulto ameaçador – que revelasse uma pista sobre o motivo de ela ser considerada perigosa a ponto de estar presa ali. Seu olhar pairou na nova figura que ela dobrava no guardanapo. Parecia um leão, ainda inacabado. Ele se perguntou em que ela o transformaria depois.

Enquanto ele encarava, ela olhou de esguelha para a porta. Para *ele*.

Novamente aquele olhar o pegou desprevenido. Dessa vez Bruce se forçou a não demonstrar espanto. Caminhou em direção à porta e parou bem diante do vidro.

Ela o encarou por um longo instante. Claro que não diria nada, Bruce lembrou a si mesmo. Estava ali havia semanas, talvez meses, e não pronunciara sequer uma palavra. Por quanto tempo mais Draccon tentaria arrancar algo dela? O que exatamente eles queriam ouvir, afinal? Se...

– Você é o Bruce Wayne.

Tinha acabado de ouvi-la *falar*? E mais... ela o reconhecera. O som daquela voz o surpreendeu tanto que, por um instante, ele paralisou. A voz era suave, mas o som das palavras era claro como um sino. Agradável. Apaziguante, até.

– O próprio – respondeu ele, incerto se ela podia ouvi-lo.

Houve outra pausa, mas a garota não desviou os olhos. Continuou a encará-lo daquele jeito calmo e silencioso, quase sem piscar, com olhos de lago preto em mármore branco. Por fim, ela ergueu o canto dos lábios, no mais sutil movimento.

– Você é diferente do pessoal de sempre.

Faça-a falar.

– Posso dizer o mesmo de você – arriscou ele.

Ela deixou de lado o guardanapo em forma de leão.

– Quem é que tem a audácia de bater num bilionário?

Bruce pestanejou, instintivamente esfregando a mandíbula. Ela se

referia ao hematoma.

– Não foi nada – murmurou ele.

– Humm – respondeu a garota, apertando os lábios. – Uma pessoa próxima, imagino, alguém que o conhece bem.

Ela inclinou a cabeça para o lado, derramando o cabelo sobre os ombros em um rio de escuridão. Algo em seus movimentos remetia a uma dançarina, cheia de graça e agilidade. Ela parecia ciente de que Bruce assimilava todos os seus gestos.

– Todo mundo tem inimigos. Mas o seu olhar... tão duro, tão frustrado. A pessoa que fez isso ainda está nos seus pensamentos.

Bruce não respondeu. Havia algo enervante na forma como ela o analisava, fazendo dele um quebra-cabeças a ser montado. Diante do silêncio de Bruce, um brilho surgiu nos olhos da garota.

– Isso realmente o incomoda, não é? Você gosta de entender por que as coisas acontecem, de desvendar mistérios, arrumá-los em caixinhas... Mas não desvendou esse ainda.

A mente de Bruce rodopiava, tentando encontrar a categoria certa para *ela*.

A garota suspirou.

– Já entendi o seu problema.

– E qual é? – perguntou Bruce, enfim encontrando a voz.

– Você hesita. Coitadinho, sempre querendo dar uma segunda chance. – Ela o estudava, com um olhar que lhe abrasava as entranhas. – *Não*.

– Não o quê?

– *Não hesite*.

Bruce franziu a testa, hipnotizado por aquelas estranhas palavras. *Não hesite*. Num espaço de trinta segundos a garota o havia esquadrinhado. Como ela sabia? Como podia falar como se ouvisse cada pensamento que fervilhava em sua mente?

– Quem é você? – perguntou ele.

– Me chamo Madeleine.

Madeleine.

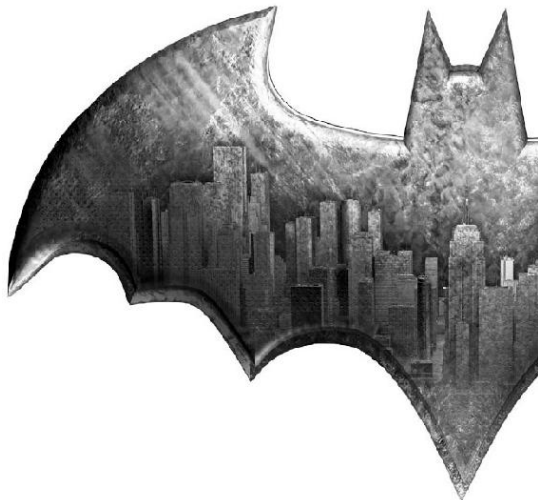
Bruce tinha certeza de que ouvira mais dela no último minuto que qualquer outra pessoa. Aguardou, achando que ela poderia falar mais. A garota, no entanto, apenas levou as mãos à nuca e arqueou as costas, espichando o corpo languidamente e deixando-o entrever suas costelas por sob o macacão. Ajeitou o corpo e cruzou as pernas.

– Por que você está aqui? – perguntou Bruce, esperando que ela

respondesse.

Ela, porém, não respondeu. Fosse lá o que a levara a se comunicar com ele, por menor que fosse, claramente desaparecera, e com tamanha rapidez que ele achou que tivesse sido imaginação.

Ele ficou ali mais um pouco, mas, diante do silêncio da garota, deu meia-volta. O fantasma daquela voz se aderiu aos seus pensamentos, suscitando mais perguntas que respostas.



CAPÍTULO 8

Dia da formatura. Capelos voando pelo ar, vivas irrompendo pela multidão de alunos sentados no extenso pátio gramado da escola.

Bruce permanecia com Alfred e Lucius, recebendo cumprimentos, sorrindo, fazendo os gestos corretos. Ansiara pelo término da escola, contara os dias com Dianne e Harvey.

Aquele deveria ser o dia mais importante de sua vida. No entanto, sua mente estava longe. As palavras de Madeleine ainda ecoavam em sua mente.

Você é diferente do pessoal de sempre.

Bruce ainda ouvia aquela voz com clareza em seus pensamentos, como se estivesse à sua frente, presa atrás da vidraça. Ela o conhecia; estava claro que o observara durante o mesmo tempo em que ele a observara. Por que ela se dava o trabalho?

– Bruce.

Ele se forçou a prestar atenção a Lucius, que o chamava.

– Vamos planejar isso o quanto antes, sim? – comentou ele, dando um tapinha no ombro de Bruce. – Uma demonstração dos drones que estamos desenvolvendo. A Fundação Wayne está organizando um imenso baile de gala beneficente para exibí-los em ação.

Lucius puxou de leve a jaqueta dele.

– Tem uns nomes importantes na lista de convidados – prosseguiu.
– O conselho, oficiais de Metrópolis, os Luthors... todo mundo está interessado no que estamos produzindo, Bruce.

Lucius olhou para um ponto mais distante, onde se via um homem rodeado por diversos policiais.

– Inclusive o prefeito.

Se o prefeito estava por perto, provavelmente Richard também estava.

Dianne e Harvey se aproximaram. A amiga notou o olhar de Bruce e passou um braço pelo pescoço dele.

– Que cara é essa? Hoje é dia de comemorar – comentou ela, com um sorriso.

– Como vai, senhor? – disse Harvey a Alfred, com um aperto de mão formal.

Harvey parecia pouco confortável ali, em meio aos familiares de todos, mas sem o pai. Bruce se aproximou do amigo, num gesto protetor.

– Vocês dois devem estar orgulhosos do Bruce – concluiu Harvey.

– Como estou de você – respondeu Alfred, com um sorriso e uma piscadela. – Bom trabalho, Sr. Dent.

Dianne segurou Harvey pelo braço e começou a puxá-lo. Atrás dela seus milhares de parentes comemoravam aos berros e acenavam para ela.

– Harvey, Bruce, venham cá... Minha família está desesperada para ver vocês.

Harvey abriu a boca para protestar, mas Dianne já o arrastava. Assim que se aproximou, ele foi engolfado pela família de Dianne, numa entusiasmada onda de cumprimentos e abraços acolhedores. Ele enrubesceu, mas seu rosto corado já parecia se alegrar.

– Vá falar com eles – disse Lucius, cutucando Bruce. – Eu faço companhia ao Alfred.

Bruce agradeceu e partiu em direção aos amigos. Não havia ido muito longe quando o prefeito Price entrou em seu caminho, com Richard logo atrás.

– Bruce Wayne! – exclamou o homem, tocando o ombro de Bruce e abrindo um sorriso afetuoso que lhe esticava o rosto pálido e sardento. – Faz anos que não nos vemos. Olhe só como você cresceu! Parabéns, filho... não que alguém tivesse dúvidas de que você se sairia muito bem. Não é verdade, Richard?

Ele olhou de esguelha e com desinteresse para o filho.

Bruce assentiu. O prefeito sempre fora amoroso com ele.

– Obrigado, senhor – respondeu ele, apertando a mão do prefeito. –

Parabéns ao senhor também, e ao Richard.

O prefeito nem sequer sorriu.

– Você é um rapaz muito educado, mas aceitarei os parabéns por este aqui quando ele de fato merecer.

O prefeito exibia um olhar tão desdenhoso que Bruce mal acreditava que ele estava falando do próprio filho. Richard permaneceu ali parado, constrangido e em silêncio, enquanto o pai falava.

– É uma pena que não o vejamos mais lá em casa com tanta frequência, Bruce.

– Eu tenho andado meio ocupado ultimamente, por conta do trabalho de verão e... do trabalho no Arkham.

– Ah, isso – respondeu o prefeito. – Sua atitude para deter a Criatura da Noite demonstrou iniciativa. Você tem todas as qualidades de um líder. Eu me lembro de você ainda pequeno. A criança mais esperta que já vi. Ainda é.

Ele deu um tapa forte nas costas de Richard. O rapaz se curvou para a frente, de olhar baixo.

– Podia ensinar uma coisinha ou outra para este aqui.

A atenção de Bruce retornou a Richard, que agora evitava a conversa. Algumas lembranças começaram a fazer sentido para Bruce, como na época em que ia fazer lição de casa na casa de Richard. O sujeito sempre enaltecia Bruce, sempre na frente do filho. Naquela época, e mesmo agora, não parecia muito importante. Alfred às vezes também era duro com Bruce, e com frequência na frente dos amigos. Algo, contudo, nas palavras do prefeito, na postura distante de Richard, fez Bruce dar importância àquelas lembranças. Talvez o abismo entre os dois fosse maior do que ele imaginava.

– Ouvi dizer que está trabalhando com Lucius Fox este verão.

– Estou, sim, senhor.

– Bom! – exclamou o prefeito, escancarando um sorriso. – É o que se espera de um gênio da tecnologia como você. Venha ao meu escritório qualquer hora dessas, e mostrarei o que a Fundação Wayne anda fazendo pela cidade. Tenho certeza de que você vai realizar feitos muito importantes a Gotham, filho. Sei disso.

Filho. Ao lado do prefeito, Richard tinha o semblante mais desgostoso do que nunca, e Bruce sentiu um embrulho desagradável no estômago. Pela primeira vez, se perguntou se a indiferença do prefeito por Richard e os elogios tecidos a Bruce não eram parte do

motivo por trás do desgaste da amizade.

– Obrigado, senhor – respondeu ele, sem saber o que dizer.

O prefeito assentiu, então acenou para alguém do outro lado da quadra. Sem dizer uma palavra a Richard, ele se afastou.

– Se pudesse, meu pai adotaria você – disse Richard, enfiando as mãos nos bolsos.

Bruce pensou no desespero de Richard em prosperar, no seu despudor em estar sempre trapaceando.

– É *por isso* que a gente não se dá mais bem? Por causa do seu pai?

Richard deu de ombros, mas seus olhos revelavam que aquilo o atingira com mais força do que transparecia.

– Ontem à noite mostrei a ele em que posição eu estava entre os melhores da classe. Sabe o que ele me disse, sem nem me olhar? Perguntou qual tinha sido a *sua* posição.

Bruce se encolheu.

– Eu sinto muito. Não sabia disso.

– É, você nunca soube – respondeu Richard, fechando ainda mais a cara. – Por outro lado, você não precisa escutar esse tipo de coisa, não é? Você tem o Alfred.

– Do jeito que você fala, até parece que o Alfred nunca pega no meu pé.

– Ele é seu mordomo...

Ao ouvir aquilo, a compaixão momentânea de Bruce se desvaneceu.

– Alfred é meu guardião. Você sabe disso. E, se vai começar a falar sobre os meus pais, aviso logo para parar por aí.

O tom de advertência de Bruce só pareceu irritar Richard ainda mais.

– Qual é? Não estou dizendo que a culpa é sua.

Bruce balançou a cabeça.

– O que o incomoda de verdade?

Richard parou por um instante. Então voltou a enfiar as mãos nos bolsos e cravou os olhos na direção do pai, que estava junto a um grupo de familiares.

– Descobri que o meu pai me excluiu do testamento.

De súbito, a ficha de Bruce caiu. Seu fundo patrimonial fora liberado pouco tempo antes. Seus pais haviam lhe entregado as chaves de seu império sem pestanejar, por mais que Bruce sentisse mais o peso da responsabilidade que os benefícios. Por outro lado, se Richard

recentemente descobrira que o *próprio* pai havia decidido excluí-lo do testamento, a recente fortuna pessoal de Bruce devia parecer uma afronta pessoal.

– Sinto muito, Richard. Olha, não sei o que você quer que eu diga.

A expressão de Richard assumiu um ar de crueldade.

– Eu não quero a sua compaixão. Pelo menos você não tem que ser o filho reserva. Seu pai nem está mais vivo...

Uma onda de raiva invadiu Bruce.

– Cuidado.

– Só estou *falando*. Você pode fazer o que quiser, e ainda teria a bênção dos seus pais.

– Está dizendo que a minha vida é *mais fácil* porque eles não estão presentes? – indagou Bruce, cuja ira crescia e embaçava sua visão. – Eu daria *tudo que tenho* para ter os dois de volta.

– Pare de bancar o superior, Bruce – retrucou Richard num tom áspero, com uma carranca que se transformou num sorrisinho de escárnio. – Você sabe que gosta de não ter que se esforçar pela aprovação dos seus pais. Todo mundo ama o pobrezinho do Bruce Wayne, porque a mamãe e o papai estão a sete palmos do...

Bruce não soube o que houve em seguida. Em um segundo estava parado diante de Richard, a postura tensa, abrindo e fechando as mãos, tentando conversar com o antigo amigo; no instante seguinte, os dois estavam caídos no chão, e Bruce pressionava um joelho contra o peito de Richard, cujo nariz sangrava. Ele devia tê-lo acertado com muita força, pois ao encarar o próprio punho viu sangue nos dedos. Ouviu gritos vagos e assustados à sua volta, mas pareciam sons abafados debaixo d'água. O espaço, os espectadores... tudo se transformou num borrão, e ele vislumbrou um lampejo da garota na cela – Madeleine –, que o encarava com seus olhos pretos.

Não hesite.

Então, na mesma rapidez com que havia começado, tudo acabou. Richard levou a mão ao nariz, com sangue escorrendo. Bruce foi levantado e arrastado para longe, as botas chutando a terra. Levou mais alguns segundos para perceber que quem o segurava eram Dianne e Harvey, atônitos.

Harvey agarrava o braço de Bruce, com a mandíbula rígida. Com uma pontada de culpa, Bruce percebeu que Harvey devia estar habituado com cenas feito aquela. Porém, quando olhou para o amigo, Harvey balançou a cabeça.

– Eu sei – disse ele, apenas. – Respire fundo. Eu sei.

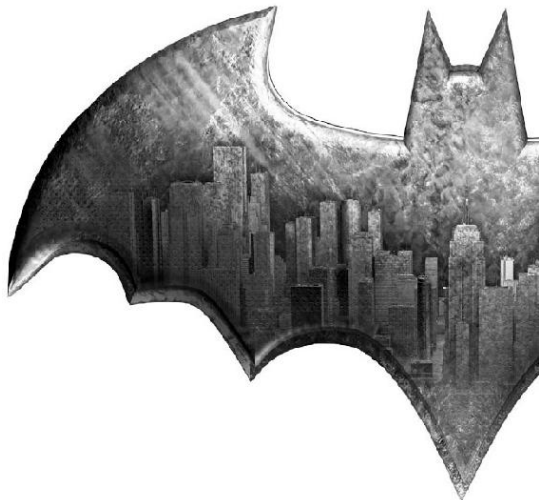
– Ei, está tudo bem – murmurou Dianne em seu ouvido, agarrada a seu outro braço.

Bruce parou de se debater e olhou para Richard, que ainda segurava o nariz e o encarava cheio de ódio. O coração de Bruce batia com força, e as últimas frases de Richard reverberavam em sua cabeça. O mundo parecia vazio e abafado, e ele, do outro lado do vidro, observava uma amizade que desmoronara por completo.

Richard levantou devagar. A manga da camisa estava manchada de sangue, mas, para surpresa de Bruce, o rapaz abriu um leve sorriso, sombrio e satisfeito.

– Você vai se arrepender disso – disse Richard.

Antes que Bruce pudesse responder, ele foi embora.



CAPÍTULO 9

Draccon e a Dra. Zoe perceberam o silêncio incomum de Bruce no dia seguinte e também as marcas em seu punho. Para alívio dele, no entanto, escolheram não comentar nada.

Os rumores sobre a briga se espalharam depressa. E aquele incidente não se dissiparia com o tempo, como aconteceria com qualquer pessoa normal; Bruce não tinha dúvidas de que algum tabloide traria estampada uma foto desfocada, enviada por um aluno que testemunhara o ocorrido, junto à manchete com a interpretação que o jornal bem entendesse. Ele estava mantendo distância das publicações do dia.

No refeitório, enquanto pegava sua bandeja, Bruce entreouviu o que Draccon dizia a Dra. Zoe:

– ...que tem alguma coisa errada com essa garota... Não, ainda não soltou um pio... Ela sabe, eu *sei* que ela sabe, ela já trabalhou diretamente com o chefe das Criaturas da Noite. Deve ter sido até braço direito dele... Eles estão de olho em todas as propriedades, bancos, fábricas das Indústrias Bellingham... Em breve vão atacar o resto... Já desmascarei muita gente na minha época, mas ela...

Estão falando da Madeleine. Talvez Draccon a tivesse interrogado outra vez aquela manhã, claramente sem sucesso.

Draccon olhou para Bruce, que se aproximava da mesa; a Dra. Zoe fez o mesmo. As duas pararam de falar.

– Detetive – disse Bruce, sentando-se. – Dra. Zoe.

– Boa tarde, Bruce – disse Draccon, tornando a encarar o café.

O encontro com Madeleine repercutia na mente do garoto. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo até que as duas vissem as imagens das câmeras de segurança e comesçassem a fazer perguntas. Ele pigarreou.

– Eu... – começou ele, tentando pensar na melhor forma de revelar o ocorrido. – Eu acabei ouvindo um pouco da conversa das senhoras. Era outra vez sobre aquela garota, não era?

Draccon franziu a testa, como se Bruce tivesse a acusado de fazer um mau trabalho. Então suspirou e tornou a bebericar o café.

– A garota ainda não abriu a boca – resmungou ela. – Hoje faz exatamente quatro meses que está presa, e ainda não disse uma palavra a ninguém.

– Disse, sim – retorquiu Bruce.

Draccon ergueu a sobrelha por sobre a caneca de café, enquanto a Dra. Zoe palitava os dentes.

– Do que está falando, Wayne? – perguntou a Dra. Zoe.

– Ela conversou comigo. Sabia quem eu era. Disse que se chamava Madeleine.

Draccon engasgou. O café respingou da caneca que ela apoiou com força na mesa. Bruce esperou a mulher se recompor. Por fim, arquejante e resfolegante, ela limpou a boca com o guardanapo, cravando nele um olhar maldoso.

– Você fuçou os arquivos – vociferou ela. – Onde andou bisbilhotando?

– Não bisbilhotei – retrucou Bruce.

– Não minta para mim.

– Não estou mentindo – disse Bruce, sorrindo. – A senhora não me acha capaz de inventar uma mentira melhor que essa? Eu teria dito que ela me contou algo bem mais interessante que um nome.

– Como você sabe que ela se chama Madeleine? Algum detento contou? – perguntou ela, recostando-se na cadeira, de braços cruzados. – Porque *eu* não disse nada.

– *Ela* me contou. Semana passada, enquanto eu estava limpando lá. A Dra. Zoe o encarava com desconfiança.

– Não acredito em você.

– Veja as imagens da câmera de segurança – sugeriu Bruce.

– Está me desafiando?

– Acalmem-se, vocês dois – disse Draccon, estendendo as mãos

para ele. – Bruce, conte como foi a conversa. Ela não saiu revelando o nome sem mais nem menos.

– Eu vejo as senhoras e outros policiais na cela dela com frequência – respondeu ele. – Interrogando. Mas semana passada ela estava sozinha e percebeu que eu olhava para a cela. E me disse: “Você é o Bruce Wayne.”

Ele fez uma breve pausa, certo de que Draccon o interromperia, mas a detetive permaneceu em silêncio, incentivando-o a prosseguir.

– Daí eu confirmei. Ela falou que eu era muito diferente do pessoal que passava por ali, e me disse o nome dela.

Um estranho brilho irrompeu no olhar de Draccon, como se ela tivesse percebido algo que Bruce não captou muito bem.

– Talvez ela goste de você por causa da idade – refletiu a Dra. Zoe em voz alta.

– Talvez porque sabe que você é o mais novo bilionário do pedaço – acrescentou Draccon.

Ela observou Bruce por mais um instante antes de se levantar. Parecia ter deixado todos os planos do dia de lado.

– Muito bem – disse ela. – Quer saber mais sobre essa garota?

– Tudo que eu tiver permissão para saber.

Draccon apontou para a porta do refeitório.

– Venha comigo.

Uma chuva forte caía quando eles chegaram, enevoando a paisagem. Pela janela embaçada do escritório de Draccon no departamento de polícia do centro da cidade, Bruce mal distinguia as luzes do teatro independente de Gotham brilhando entre as gotas de chuva. Só desviou o olhar quando Draccon retornou à sala, trazendo duas canecas de café fumegantes e uma pasta de papel pardo debaixo do braço.

Ela pôs uma caneca diante de Bruce e largou a pasta na mesa entre os dois, com um baque forte.

– Ela se chama Madeleine Wallace – disse Draccon. – Tem 18 anos. *Dezoito*. Podia ter se formado com ele.

– Só isso? – respondeu Bruce.

Draccon meneou a cabeça para que ele abrisse a pasta.

– Acabei de pegar o arquivo. Aí tem todo o histórico dela. A prisioneira mais jovem da história do Arkham, porém não menos perigosa. Há um histórico de crimes na família... a mãe, para ser mais

específica. Madeleine é acusada de três crimes, todos no mesmo padrão, e passou meses na nossa lista de procurados, até que em fevereiro passado enfim conseguimos prendê-la, na propriedade de Grant.

Ela encarou Bruce com um olhar sério.

– Tem umas fotos aí. Se achar que não tem estômago, não olhe.

Bruce abriu a pasta. Logo de cara estava a fotografia de Madeleine Wallace, séria, branca feito gesso, o cabelo preto e liso envolvendo o rosto feito uma mortalha. Se não fosse o macacão de prisioneira e o número que ela segurava, se passaria por uma estudante qualquer. Bruce vasculhou o restante das informações, mas havia pouquíssimas coisas, à parte a menção a seu particular talento para tecnologia. Bruce estremeceu ao pensar como alguém assim podia ter cometido três assassinatos com requintes de crueldade, a ponto de ir parar no Asilo Arkham. Que ideias passavam pela cabeça dela? Ele virou a página.

Ele estremeceu. Era uma fotografia de página inteira de um dos assassinatos.

Draccon assentiu, taciturna.

– Acha divertido interferir nos assuntos da polícia? Bem-vindo ao meu mundo.

Havia páginas e páginas de fotos. Bruce só conseguiu se deter mais longamente em alguns fatos óbvios – um homem mais velho, uma poça de sangue, um olhar horripilante no rosto paralisado, a última expressão do sujeito antes de morrer. Percorreu as fotos com o estômago embrulhado, incapaz de desviar os olhos, porém com medo de ver mais. Sua visão perdeu o foco, e sua respiração encurtou.

O teatro. Sangue na calçada. Tinha alguém gritando, sempre gritando.

– Bruce?

Em meio ao estupor, ele sentiu a mão de Draccon em seus ombros, sacudindo-o com força. Virou-se depressa para a detetive, que o olhava com preocupação.

– Tudo bem com você? – perguntou ela, balançando a cabeça. – Eu não devia ter mostrado isso. Podemos voltar...

– Eu estou bem – retrucou Bruce, fechando a cara e esquivando o corpo.

Respirou fundo e se forçou a encarar novamente a fotografia. *Foco.*

– Estou reconhecendo este homem – disse ele.

Draccon se sentou e apoiou um braço no encosto da cadeira, ainda

encarando Bruce com desconfiança.

– Você já deve ter cruzado com ele em algum evento da Wayne. Sir Robert Bartholomew Grant, diretor de fundos de cobertura que virou membro do conselho da cidade. Era muito conhecido nos círculos da filantropia. Organizava uma festa beneficente por mês.

Draccon torceu muito de leve os lábios, como se a ideia de um homem tão rico lhe amargasse o paladar. Então balançou a cabeça, parecendo culpada por pensar mal dos mortos.

– Foi encontrado desse jeito na própria casa. A última vítima de Madeleine – disse ela, hesitante, enquanto os dois encaravam a foto. – Degolado, múltiplas facadas. As contas bancárias foram totalmente limpas, coisa de milhões. Nas semanas que se seguiram à morte, as Criaturas da Noite bombardearam um prédio no campus da Universidade de Gotham que levava o nome dele, depois as instituições de caridade que ele apadrinhava.

Bruce meneou a cabeça lentamente. Ele tinha uma vaga lembrança do homem, sabia que devia ser conhecido de seus pais. Virou a página e se deparou com as fotos da vítima seguinte.

– Annabelle White – prosseguiu Draccon. – Ex-presidente da Airo Technologies, outra filantropa, mas que evitava aparições públicas. Suas contas também foram esvaziadas. O centro de operações dos laboratórios da Airo foi bombardeado pouco tempo depois.

– Ouvi falar nesse caso – murmurou Bruce, passando depressa as fotos para não ter que se deter em nenhuma. – Ela morava perto de mim. Eu me lembro de ver da minha casa as luzes das viaturas da polícia rodeando a dela.

Na verdade, ele havia ouvido os policiais em pânico pela frequência de rádio da polícia e acompanhara ao vivo um pouco do caos.

Draccon assentiu. Bruce passou para a última página.

– Edward Bellingham III – prosseguiu ela –, herdeiro da fortuna petroleira Bellingham. O mesmo tipo de crime, também cometido em casa. Foi nesse que enfim conseguimos uma digital que nos levou a Madeleine, embora estivesse claro que havia múltiplos criminosos envolvidos em cada crime: dois pares diferentes de marcas de pneus no asfalto, tanto da entrada da frente quanto dos fundos, em extremos opostos da propriedade.

Bellingham. *Indústrias Bellingham & Cia.*, o nome na lateral do prédio onde Bruce perseguira o carro da Criatura da Noite.

– Ele era o dono do local bombardeado pelas Criaturas da Noite, não era? – perguntou Bruce.

Draccon assentiu.

– Mesma história. Fortunas dilapidadas. Seus legados destruídos. As Criaturas da Noite estão travando uma guerra contra os ricos, Bruce. Querem punir a elite que acreditam ter corrompido o sistema e fazem isso roubando o dinheiro desses cidadãos e usando-o para financiar a destruição de tudo que essas pessoas valorizavam.

Aquelas vítimas poderiam ter sido seus pais. Quem haviam deixado para trás? Teriam essas pessoas filhos, filhas, irmãos, gente que precisaria aprender a viver sem um ente amado? O pensamento suscitou raiva em Bruce. Haveria justificativa em qualquer assassinato? Será que Madeleine dormia bem à noite, com tanto sangue nas mãos?

Sangue na calçada. Sangue no chão.

O garoto fechou a pasta e sentiu um alívio imediato. Olhou para Draccon, sentada diante dele, aquecendo as mãos na caneca de café.

– Todos filantropos abastados – disse ele.

– E todos mortos em casa – acrescentou Draccon. – O sistema de segurança de cada residência não apenas foi comprometido, mas totalmente reprogramado para trabalhar contra os proprietários, trancando-os dentro da própria casa em vez de protegê-los. O sistema de sir Grant, por exemplo, devia ter emitido um chamado à polícia, mas em vez disso destravou a porta da garagem e permitiu a entrada dos criminosos. As câmeras da casa inteira foram reconectadas para ajudar os invasores a localizar sir Grant dentro da propriedade. E assim por diante.

As câmeras de segurança trabalhando contra ele, e o dinheiro também. Bruce estremeceu, imaginando a própria mansão trancafiando-o, feito uma tumba.

– E Madeleine tem ligação com as Criaturas da Noite?

– Ela foi presa fugindo da propriedade com uma lata de spray na mochila, que correspondia à tinta usada no desenho do símbolo feito dentro da casa. Pode ser que ela seja uma integrante muito importante. Passamos meses tentando arrancar informações dela, propondo redução da pena, mas ela não soltou nem um pio. Quer dizer, até você chegar com seu flertezinho de don Juan.

– Eu não flertei com ela.

Draccon ergueu as sobrancelhas diante da resposta dele, e um

lampejo de bom humor iluminou seu rosto. Bruce não comentou, mas, sendo herdeiro de uma fortuna e seguindo os passos dos pais na filantropia, ele era mesmo uma vítima perfeita para ela... *eles*. Não podia ser coincidência.

– Conseguimos descobrir um pouco sobre Madeleine com as outras Criaturas presas – prosseguiu Draccon. – Não muito, não o bastante, mas melhor do que nada. Madeleine é uma exímia manipuladora. Parece conhecer os outros melhor do que eles próprios. Descobre quem são as pessoas mais importantes da sua vida e usa seu relacionamento com elas para vasculhar sua mente.

Bruce pensou no olhar penetrante da moça, em como ela adivinhara suas questões com Richard e plantara uma semente em seus pensamentos. *Não hesite*. E ele não havia contado uma palavra a ela. Um arrepio percorreu seu corpo.

– Eu acredito nisso – respondeu ele, com a voz embargada.

– Bruce – disse Draccon, encarando-o com cautela. – Nós solicitamos que seu mentor, Lucius Fox, criasse um sistema de segurança melhor para as suas novas contas bancárias.

Bruce pestanejou. *O sistema que Lucius instalara em suas contas pouco tempo antes*.

– Foi um pedido do departamento de polícia de Gotham?

Draccon assentiu. Então era por isso que Lucius estava entusiasmado com o desenvolvimento de um sistema de segurança específico para as contas do herdeiro. O sistema seria usado posteriormente para proteger os bancos da cidade, claro, mas a primeira função era resguardar Bruce das Criaturas da Noite.

– Bom – disse Draccon, analisando a reação dele. – Você agora faz parte do caso, quer queira ou não.

Bruce assentiu. Agora que sabia mais sobre Madeleine, a ideia de vê-la no Arkham lhe trouxe ao peito uma sensação diferente. Seu coração congelou, enrijeceu.

Posso ter sido jovem demais para salvar os meus pais, mas agora sou capaz de fazer justiça. Posso impedir outras mortes antes que as Criaturas da Noite voltem a atacar. Não serei a próxima vítima deles.

– Eu quero ajudar – disse ele.

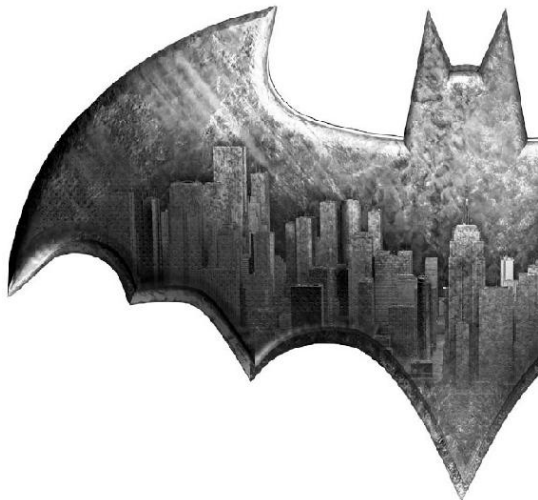
Draccon franziu a testa.

– Se você não tivesse 18 anos e não fosse adulto perante a lei, eu nem consideraria esse plano. Ainda estou meio em dúvida, levando em conta quem você é e quem são os alvos das Criaturas. Mas a garota

não disse uma palavra a ninguém, além de você.

Ela analisou Bruce.

– Pois bem. Vamos ver se você consegue fazê-la falar.



CAPÍTULO 10

Aquela noite Bruce se revirou na cama, inquieto, visitado por um pesadelo atrás do outro. Viu-se outra vez nas ruas sombrias da saída do teatro, as mãos enfiadas nos bolsos, tremendo de frio sob a chuva fina, a mãe o abraçando. Tentou gritar para que o pai voltasse e escolhesse outro caminho, mas ele não parecia ouvir. Em vez disso, os três se afastaram cada vez mais da iluminação das ruas, por fim percebendo que vagavam por becos totalmente escuros, tomados de névoa e vapores. Foram apertando o passo até desatarem a correr. Ele sentia as pernas rastejando sobre um lamaçal, mas seguiu em frente.

Então os becos se transformaram em passagens: os familiares corredores da mansão Wayne, iluminados pelo luar. Ele agora gritava por Alfred, mas ele não estava em lugar nenhum. Não recordava por que estava correndo, mas sabia que precisava fugir. Toda vez que chegava à porta da rua, abria-a e se deparava com o corredor da mansão.

Por que ele não conseguia sair?

Tropeçou em algo no chão. Ao olhar para baixo, viu que havia esbarrado no corpo de Richard, mutilado e ensanguentado. Teve a fraca lembrança de bater no amigo sem parar.

– Oi, Bruce.

Ele se virou. Era uma voz que ele só ouvira uma vez, mas que reconheceu no mesmo instante. Madeleine ergueu os olhos e o encarou, os lábios grossos e o rosto belíssimo.

– Como é fácil para você – disse ela, abrindo um sorriso diante do corpo de Richard.

Então ergueu o braço e cravou uma faca no estômago de Bruce.

O jovem se sentou na cama de repente, com um arquejo assustado. Do lado de fora, um vento forte açoitava os galhos, que golpeavam a janela. Ele ficou parado um instante, tremendo e respirando fundo, até que seu coração enfim se acalmou. Forçou-se a organizar as ideias.

Ele não conseguiria conversar com Madeleine se ela já o dominava antes mesmo de a conversa começar. Bruce tentou repelir as imagens dos três assassinatos que Draccon mostrara. Se quisesse de fato colaborar com a investigação, se quisesse *mesmo* aprender sobre justiça, precisava ser capaz de enfrentar a escuridão.

– Isso vai dentro da camisa. Isso aqui vai no bolso.

Numa cadeira do escritório de Draccon, Bruce inclinou o corpo para a frente. A detetive ergueu um quadradinho fino que mais parecia uma lâmina de alumínio. Entregou-o a Bruce, que o enfiou com cuidado no bolso frontal do uniforme. Ao pressioná-lo, o quadradinho se grudou no tecido. Draccon entregou a ele um cartão retangular, que Bruce enfiou num dos bolsos da calça.

– O quadradinho do bolso da camisa é um microfone sem fio – disse ela. – Vai captar suas conversas com bastante clareza. A outra peça vai gravar tudo.

Bruce assentiu.

– Mais alguma coisa que eu deva saber sobre Madeleine?

– Mesmo sem dizer uma palavra, ela vai dar um jeito de fazer você duvidar de si mesmo. É impossível intimidá-la, e eu nunca a vi perder a compostura. Cuidado com o que disser a ela. Vamos zelar pela sua segurança. Mesmo assim, se proteja.

Era um aviso estranho. Madeleine estava atrás de grades de aço. Não tinha absolutamente nada para usar como arma.

– Pode deixar – respondeu ele.

As palavras da detetive repercutiram em sua mente, fazendo-o parar para pensar como um departamento inteiro de polícia fora, até então, incapaz de decifrar aquela garota.

– E não se esqueça – recomendou Draccon enquanto os dois se levantavam –: ninguém além de mim, você e a Dra. Zoe sabe disso. Você decide se deve informar ou não seu guardião, mas, para todos os efeitos, você está só cumprindo serviço comunitário. Você sabe disso,

certo?

– Sabe disso, o quê? – retrucou Bruce.

Um sorriso fugaz surgiu no rosto de Draccon.

– Você é hilário, Wayne.

O vento da noite anterior dera lugar a uma manhã sombria, de nuvens baixas e escuras. Quando Draccon e Bruce chegaram ao asilo, gotas robustas de chuva haviam começado a cair, e trovões ecoavam no céu.

A rotina matinal não se alterou. Bruce assinou a entrada em silêncio, pegou os apetrechos de limpeza e rumou para o subsolo, enquanto Draccon se retirou para falar com a Dra. Zoe. Assim que ela se foi, porém, Bruce soube que as duas estavam ajeitando o equipamento na sala da guarda, atentas à conversa que esperavam que acontecesse.

O andar do tratamento intensivo estava particularmente sinistro naquela manhã; a pressão do ar parecia esmagar Bruce de todos os lados. Ao se aproximar da cela de Madeleine, ele arriscou uma espiadela pela vidraça. Ela estava outra vez sozinha, conforme o esperado, parada no centro da cela, analisando algo no teto que ele não podia ver.

Ele a encarou por uns instantes, esperando que ela o notasse. Diante de sua imobilidade, deixou o esfregão cair de propósito com um estrondo, então o pegou de volta. Endireitou o corpo, olhando para ver se ela estava prestando atenção.

Não estava.

Talvez a primeira vez tivesse sido a última. Bruce sentiu uma estranha decepção.

– Você é mais desajeitado do que eu me lembrava.

A voz era súbita e assustadora, um eco de seu pesadelo; no entanto, quando Bruce se virou e encarou o vidro, Madeleine ainda olhava para o teto, como se o ignorasse. Ela, porém, continuou a falar.

– Você não está agendado para este andar hoje. Por que está aqui?

Ela marcava os dias? Uma série de pensamentos invadiu Bruce. Ele poderia dizer, claro, que o asilo havia alterado seu cronograma. Mas ela perceberia na hora a mentira, e isso a faria desconfiar de que ele talvez estivesse ali num disfarce para interrogá-la. Então optou por outra tática.

– Eu não devia estar – respondeu ele baixinho, aproximando-se do vidro. – A minha supervisora já foi embora.

Ao ouvir isso, Madeleine arqueou o pescoço e inclinou a cabeça para trás. Tinha os olhos fechados, os cílios delicadamente curvados. A cortina de cabelo preto se derramava por sobre um dos ombros numa trança grossa e brilhante estilo espinha de peixe, a ponta solta se desfazendo. Ela se virou para encará-lo.

– Ora, sentindo-se rebelde hoje, Bruce? Veio me agradecer pelo conselho?

Conselho? Como se aquilo o tivesse instigado a atacar Richard? Como ela podia saber que algo tinha acontecido? Quando ele tornou a olhá-la, ela o encarava. Assim como na primeira vez, ele se arrepiou.

Precisava ter cautela com as expressões que fazia perto de Madeleine. Ela interpretava muito mais do que se podia esperar.

Bruce se certificou de que ninguém observava e se aproximou um pouco mais da cela.

– Eu vim aqui porque você falou comigo da última vez – respondeu ele. – E quase sempre tem um monte de policiais por aqui, tentando convencê-la a falar.

Ela voltou a encarar o teto.

– E você ficou curioso?

– Fiquei.

Ela inclinou a cabeça num gesto lento e metódico, e os pelos da nuca de Bruce se arrepiaram.

– Por que tanta curiosidade?

Como alguém que matava de forma tão brutal podia ter gestos tão tranquilos e contidos? Ela nunca pensava nas mortes? Não se revirava na cama, cheia de pesadelos?

– Ouvi falar dos assassinatos que você cometeu – comentou ele.

– Ah, foi? – respondeu ela, com uma piscadela. – E como se sente em relação a mim?

– Ainda não sei. Nunca conversei com uma assassina antes.

– Ah, sim. Nós, detentos do Arkham, somos apavorantes – murmurou Madeleine, distraída, tornando a encarar o teto. – Quantas vidas vocês, bilionários, destruíram?

Bruce sentiu uma pontada de raiva se espalhar pelo seu corpo. *Falsa comparação.* Ela estava brincando com a cabeça dele.

– Por que você matou aquelas pessoas?

Madeleine tornou a dar de ombros, em silêncio, e sua indiferença irritou Bruce ainda mais.

– O que está olhando? – perguntou ele, erguendo a cabeça para o

teto.

Ela fez um beicinho, pensativa.

– As câmeras de segurança no teto – respondeu ela em voz alta, como se quisesse ser ouvida.

– Por que está encarando as câmeras?

– Para estragá-las, claro.

Bruce a encarou, ressabiado. Era um blefe, mas ele não conseguia ver que cartas ela tinha.

– Talvez não seja uma boa ideia dizer isso em voz alta.

– Por que não? Não seria difícil. Essa tecnologia é antiga, percebe?

Ela apontou para os cabos que percorriam o teto, presos em canos de metal e terminando em diminutas câmeras redondas, embutidas no exterior da porta de cada cela.

– Para desativar o sistema é só usar o misturador de frequências certo, na frequência certa. Qualquer dispositivo na área de alcance do sinal consegue derrubá-lo – disse ela, com um tapinha na têmpora. – Nunca confie na tecnologia. Tudo que é feito para nosso benefício também pode ser usado contra nós.

Bruce escutava, aturdido e fascinado. Ela se dirigia diretamente a quem a monitorava, do outro lado da câmera de segurança. Parecia brincar com o operador como um gato brincava com seu rato, desafiando-o a se defender, talvez até desviando sua atenção do que de fato desejava fazer. Ou talvez estivesse só se divertindo. Bruce cravou os olhos na cama, a única mobília dentro da cela. Se ela desse um salto no ângulo certo, conseguiria tocar a câmera. Mas ainda não havia feito isso.

– Está tentando fazer com que levem embora a sua cama? – perguntou ele, incrédulo.

Havia algo de indecifrável no rosto dela, passando de uma expressão a outra feito nuvens a prenunciar uma tempestade.

– Foi isso mesmo que você veio me perguntar hoje?

Bruce encarou os dedos brancos e finos da garota, que começavam a trançar as pontas soltas do cabelo.

– Por que está falando comigo? – perguntou ele. – Faz meses que não diz uma palavra a ninguém.

– Ah – respondeu Madeleine, abrindo um sorriso. – Melhorou.

Ela jogou o cabelo por cima do ombro, desinteressada. A trança tornou a se desprender em um mar de ondas, e a garota bocejou.

– Esse uniforme é novo, não é? O outro estava meio grande em

você, e o tom de azul era um pouco diferente.

Bruce olhou as próprias roupas. Nem *ele* tinha notado a diferença. Por quanto tempo ela o estivera observando?

– Observadora – disse ele, encarando-a de volta.

Ela abriu um sorriso radiante, com genuína satisfação.

– Espero que a polícia tenha ouvido isso pela sua escuta. Eles têm o péssimo hábito de falar comigo como se eu fosse idiota.

Ela sabe da escuta. Como?

Bruce praguejou internamente. Devia ter sido mais esperto. *Draccon* devia. Enquanto lutava para manter a expressão serena, Madeleine o encarava fixamente, à espera de uma reação. Não havia por que negar. *Você é mais desajeitado do que eu me lembrava*, dissera ela. Pensou que ela se referia ao esfregão, mas então percebeu que talvez falasse da escuta desde o início.

Pelo menos agora Draccon tinha uma prova da conversa.

– Como descobriu? – perguntou ele.

– Você veio no dia errado. Está falando um pouco mais alto que o normal, para ter certeza de que o microfone está captando a sua voz. Sua postura está diferente da última vez... Está inclinado para a esquerda e espichando um pouquinho o pescoço na direção do microfone. Você é canhoto, não é? E o seu microfone está no bolso esquerdo da camisa, não está? Imaginei, pelos seus movimentos durante a limpeza.

A voz dele. A postura. A mão dominante. Bruce ficou ali parado, sem palavras. Ela estava certa, claro, sobre tudo.

Madeleine enrugou a testa, decepcionada com a expressão dele.

– Bom... Se eu estava em dúvida antes, agora tenho certeza. Sua cara está gritando que eu estou certa. Você é um livro aberto para mim.

Bruce a olhou de esguelha.

– Talvez você seja confiante demais.

Ela se espreguiçou, desviou o olhar e deu um passo em direção à cama.

– Está me entediando – disse ela, com um suspiro.

Se proteja. A advertência de *Draccon* lhe veio outra vez à mente, agora assumindo um novo significado. Ele se perguntou o que *Draccon* estaria pensando naquele exato instante, enquanto ouvia o interrogatório. *Preciso fazer alguma coisa, e rápido.* Se não fizesse, poderia perder totalmente a confiança de Madeleine e pôr um fim

àquela conversa.

Em um impulso, Bruce pôs a mão no bolso da camisa e arrancou fora a escuta. Se Draccon pudesse falar com ele naquele momento, provavelmente estaria gritando. Bruce ergueu o quadradinho diante do vidro, para que Madeleine visse, e atirou-o do outro lado do corredor. Meteu as mãos nos bolsos da calça, apanhou o gravador e jogou longe também.

– Pois é – disse ele, erguendo as mãos. – Você me pegou.

A expressão de Madeleine não mudou... muito. Ela, porém, ergueu minimamente a sobancelha, para deixar claro que não esperava ver Bruce entregar o disfarce tão depressa. Ele a havia surpreendido. *Nada disso faz sentido se ela não confiar em mim.*

– Acho que já chega por hoje – disse ela, ainda com um sorriso no canto dos lábios.

Então sentou-se na cama e se deitou de lado.

– Ei... – protestou Bruce, erguendo a mão, cuspidando toda a irritação nas palavras. – Alto lá. Você veio falar comigo *primeiro*, muito antes de eu despertar a atenção da polícia. Não fui eu que comecei isso. Você sempre soube que se falasse comigo a polícia viria até mim, me poria uma escuta e me mandaria retornar. Agora você vem e me diz que já chega. Qual é o motivo disso tudo?

– Eu queria ver se vale a pena falar com você – respondeu Madeleine.

– E?

Dessa vez, porém, ela não respondeu.

Bruce se aproximou mais da janela. Ele havia suportado a mira de incontáveis câmeras de paparazzi. Conseguira persuadir Draccon a envolvê-lo num caso de verdade. Mas ali, a 30 centímetros daquela garota, estava sem palavras. Inseguro do que ela sabia, de como sabia, se naquele exato instante ela desvendava mistérios a respeito dele, se estava fazendo algum joguinho. Se pensava em meios de matá-lo, caso estivesse solta. As imagens dos três assassinatos lhe vieram à mente.

Em que categoria ela se encaixava? Ele não sabia por onde começar.

Talvez tudo tivesse mesmo acabado ali. Ele não teria serventia para Draccon se Madeleine não se abrisse. Bruce encarou a garota por mais um instante, como se ela pudesse tornar a se virar para ele... mas ela permaneceu de olhos fechados.

Quando ele estava prestes a sair, Madeleine se mexeu, enfiando as

mãos entre a cabeça e travesseiro.

– Você é diferente dos outros – disse ela.

Bruce congelou. Deu meia-volta.

– Como assim?

– *Como assim?* Eles me interrogam porque é o trabalho deles. E você? Não creio que precise do salário.

Bruce pensou nas noites em claro escutando a rádio da polícia, na obsessão com as tecnologias de segurança da WayneTech.

– Não gosto de ficar parado, me sentindo inútil – respondeu ele. – Quero entender *por quê*.

– Hummm – murmurou Madeleine, como se refletisse.

Ela se virou, e Bruce viu parte de seu rosto colado ao travesseiro, os olhos ainda fechados.

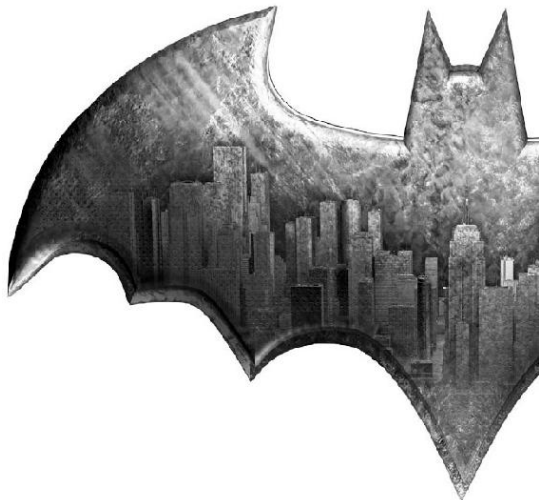
– Para alguém que tem tudo, há trevas em seu coração.

Bruce só conseguiu ficar parado, encarando-a. Como ela sabia? Teria ouvido em seu tom, em suas palavras?

– Como assim? – perguntou ele, mas ela já não prestava atenção, respirando num ritmo constante, como se tivesse dormido.

Alguns minutos se passaram, até que por fim ele desistiu e foi embora. Sua mente ainda via aquela silhueta esguia encolhida na cama. As últimas palavras de Madeleine não haviam sido ditas com deboche ou sarcasmo. Ela falara sério.

Eram as palavras de alguém que, de alguma forma, o compreendia.



CAPÍTULO 11

– Você é um imbecil.

– Eu queria que ela confiasse em mim.

Dracon fez uma careta no escritório, largando diante de Bruce um sanduíche. Diversos papéis voaram de uma pilha na beirada da mesa.

– E por isso você jogou fora o esquema inteiro? Não podia pelo menos ter tentado mentir? Não temos registro de nada que ela disse perto de você.

– Ela já sabia a verdade – retrucou Bruce. – Percebi nos olhos dela. Você queria que eu conquistasse a confiança dela, não queria?

– Não tente adivinhar o que eu queria que você fizesse – retorquiu Dracon.

– Não se irrite por eu dizer a verdade.

Dracon jogou as mãos para cima, frustrada.

– É nisso que dá confiar num garoto para encontrar algo útil.

Bruce se inclinou para a frente e encarou a detetive com firmeza.

– Me dê mais uma chance de falar com ela. Ela não teria encerrado a conversa com aquela frase se não tivesse interesse em voltar a falar comigo. Estava curiosa. Dava para sentir na voz dela.

– Não acredite numa palavra que ela diz.

– Você nem sequer falou com ela.

– Eu já fiz muitos detentos falarem, na minha época – retrucou Dracon. – Madeleine está dizendo frases estratégicas, devolvendo as suas perguntas, querendo saber por que você está interessado nela,

jogando uma isca com aquela última observação a seu respeito. Pode ser que a isca seja uma tentativa de obrigá-lo a falar sobre os seus pais.

– Não.

Draccon hesitou por um instante, sabendo que tinha ido longe demais. Com um lampejo de culpa no rosto, suspirou.

– Me desculpe, Bruce – disse ela, dessa vez mais suave. – Mas, se continuar deixando que ela conduza o rumo das conversas, vai se colocar nas mãos dela, e não o contrário.

Bruce abriu a boca para argumentar, mas pensou melhor. Draccon tinha razão. Além do mais, se não tomasse cuidado, ela o expulsaria do caso, o que significaria retornar aos termos normais da condicional, aos intermináveis dias de trabalho. Ele vislumbrou as mãos de Madeleine trançando o cabelo, a cabeça inclinada, aquele sorriso perturbador. Ela guardava nos olhos um oceano de mistério, uma tristeza não dita por trás das íntimas palavras finais. Ele sentia necessidade de desvendar mais, de ouvi-la contar os segredos que se recusava a revelar à polícia.

– Vou tomar cuidado – disse Bruce. – Prometo. E vou seguir os seus comandos em relação ao que dizer a ela.

O subsolo do Arkham parecia ficar mais sufocante cada vez que Bruce descia até lá.

Ele parou na frente da cela de Madeleine. Ela estava sentada, encarando o nada, com os braços em torno dos joelhos. Ele deixou seus apetrechos de limpeza no canto do corredor e caminhou até a porta da cela, com as mãos nos bolsos. Ao chegar à janela, ergueu as mãos, para que ela visse.

– Achei que iam parar de mandá-lo para cá – disse Madeleine, antes que ele pudesse falar, virando lentamente a cabeça para encará-lo.

Lá estavam outra vez aqueles olhos profundos e escuros. Ao encontrar os dele, tinham uma expressão indagativa, como se furtassem seus pensamentos.

– Veio sem escuta hoje – disse ela.

– Como você sabe?

Ela deu de ombros.

– A detetive estava mais irritada comigo que de costume. Não estaria tão frustrada se soubesse que ainda pode arrancar informações

através de você.

Madeleine apoiou o queixo nos joelhos, num gesto cheio de assustadora inocência.

– Ela queria que você largasse o caso, não queria?

Bruce fez uma careta. Madeleine parecia capaz de prever cada um de seus pensamentos.

– Queria.

– Por que você voltou?

Não acredite numa palavra que ela diz, advertira Draccon repetidas vezes. Porém, a última frase de Madeleine ainda repercutia na mente de Bruce.

– Fiquei pensando no que você falou na nossa última conversa.

Madeleine lançou um olhar de inocência e zombaria.

– Como assim?

– Você disse que há trevas no meu coração – respondeu ele, baixando o tom. – Percebi a mudança na sua voz, como se houvesse algo... algum tipo de conexão entre a gente.

Ela apoiou a cabeça em uma das mãos.

– Não – respondeu ela. – Só sei o que aconteceu com os seus pais. Todo mundo sabe, não é? Eu estava dando as minhas condolências, à minha maneira. Isso conta, vindo de alguém como eu?

Ela tornou a sorrir para ele, indolente e sagaz, como se tivesse encontrado um brinquedo interessante. Agora, porém, falava sobre os pais dele. *Não deixe que ela conduza o rumo das conversas*, Draccon dissera a ele. Assim como a detetive previra, lá estava Madeleine, brincando com os detalhes de seu passado.

– Não preciso das suas condolências – disse ele. – Mas quero conhecer você melhor.

– Que fofo – murmurou ela. – Traga flores da próxima vez. Não entende nada de sedução?

– Você está de sacanagem comigo.

Madeleine escancarou um sorriso.

– Ai, bem que eu queria.

Bruce sentiu o rosto esquentar. O que estava fazendo, nessa tentativa de arrancar algo mais dela? Madeleine Wallace era uma prisioneira do Asilo Arkham. Era doida em todos os sentidos, e agora lá estava ela, ensaiando um flerte perverso com ele. Havia cometido três assassinatos a sangue-frio, retalhado três gargantas com a precisão de um cirurgião psicopata.

Bruce de súbito se sentiu um idiota por ter descido até ali e esperado uma resposta sensata dela. Ele precisava de uma nova tática. Precisava mudar sua estratégia.

Bruce balançou a cabeça e deu meia-volta.

– Quer saber? Deixa para lá – disse ele. – Está óbvio que não estamos indo a lugar algum.

– Espere.

Ele parou. Quando tornou a encará-la, viu que Madeleine havia se virado para ele, as pernas pendendo da lateral da cama, os braços empoleirados na grade. O cabelo comprido e liso emoldurava seu rosto, e ela o encarava com uma expressão séria.

– Eu também perdi a minha mãe – disse ela.

Bruce deu meia-volta.

– Mentira – retrucou ele, querendo vê-la se defender.

– Eu também perdi a minha mãe – repetiu ela. – Sei como isso afeta o coração de uma pessoa. Foi por isso que eu disse aquilo.

– Como ela morreu? – perguntou Bruce.

– Você é curioso *demais*.

Ele não recuou.

– Você já sabe o que aconteceu com os meus pais.

– E daí?

– E daí que a minha pergunta é justa. A polícia disse que a sua mãe cometeu crimes.

O deleite em seus olhos se desvaneceu no mesmo instante, dando lugar à raiva.

– Você não sabe nada sobre a minha mãe – respondeu ela, baixinho. – Nem sobre mim.

Madeleine suspirou e desviou o olhar, perdida em pensamentos.

– Minha mãe era professora de robótica na Universidade de Gotham. Era a melhor do departamento, uma das melhores da área. Passava fins de semana me ensinando a desmontar e montar relógios. Mesmo nos dias mais atarefados ela se sentava comigo à noite e me mostrava o funcionamento de um software, como uma sequência de códigos dava movimentos a um braço artificial.

Madeleine meneou a cabeça para ele.

– Você deve entender disso, não é, Bruce Wayne? Tipo, você agora está no comando da WayneTech, não está?

As palavras fizeram subir um arrepio pela espinha de Bruce, ao mesmo tempo que a menção à robótica acendeu seus olhos. Ele não

era exatamente assim?

Madeleine percebera a mudança na postura dele.

– Almas afins – murmurou ela, disparando para a beirada da cama.
– O que você desmontava quando era criança? Relógios? Robôs?

– Telefones – respondeu ele, evocando num lampejo a lembrança de se sentar à escrivaninha, encarando a pilha de placas de circuito e baterias que antes habitavam aparelhos montados. – Laptops.

– Eu também. Eu construía os meus.

– Você também fabricava seus próprios computadores?

– Fabricava. Para mim e para os outros.

– Foi assim que arrumou esses calos nas mãos? – indagou Bruce, observando as mãos dela.

– Você reparou nos meus calos – disse ela, franzindo os lábios rosados. – Ah, Bruce Wayne não é tão maçante quanto parece.

Bruce abriu um sorriso.

– Acha que é a única com olho atento?

Madeleine riu.

– Meu ofício é saber o que outros não sabem – respondeu ela, com uma piscadela.

– Sherlock Holmes – retrucou Bruce, apontando a origem da citação e apreciando o espanto de Madeleine.

– Muito bom – comentou ela, esfregando os dedos. – Mas os meus calos são do violino. Acho que tenho mais em comum com Holmes do que imaginava.

Violino. Ele começava a se perguntar se haveria algo que aquela garota não pudesse fazer.

Cuidado, Bruce. Ele percebia a atração que sentia por ela, percebia o desejo de conversar mais, de descobrir tudo a seu respeito.

No entanto, ele não estava falando com qualquer pessoa. Não, aquela era Madeleine, assassina encarcerada no Asilo Arkham, uma criminosa que o desafiava num jogo não verbal. Suas vítimas tiveram seus edifícios e laboratórios explodidos pelos criminosos com quem ela estava envolvida. Era provável que ela não hesitasse em fazer o mesmo com ele e a WayneTech. Bruce repetiu as palavras para si mesmo várias vezes, até voltar à realidade.

Chega de papo furado.

– E você aprendeu tudo isso com a sua mãe? – perguntou ele, tentando retornar a conversa ao passado dela.

Madeleine desviou o olhar. Bruce sentiu um estranho lampejo de

decepção ao matar aquele momento de intimidade.

– Isso não importa mais – disse ela, cruzando as pernas sob o corpo e se recostando na parede. – Ela está morta. Morreu na prisão.

Morreu na prisão.

– O que foi que ela fez para acabar presa?

Madeleine pestanejou, os olhos com aspecto ainda mais escuro. Fosse lá por que motivo, ela não queria falar sobre aquilo.

– Sempre curioso, não é? – disse ela. – Foi por isso que voltou aqui para conversar comigo, sem qualquer vantagem além da satisfação do seu próprio interesse. Foi por isso que bateu o carro na perseguição e veio esfregar chão aqui no Arkham. Acha que vai solucionar o mistério das Criaturas da Noite, não acha?

– E você? – retrucou Bruce. – O que *você* quer? Quem está protegendo? Por que não conta nada à detetive Draccon sobre os planos das Criaturas? Sobre o edifício das Indústrias Bellingham?

– Ah, isso. Não consegue esquecer, não é, Bruce?

– Esquecer? Destruí o meu carro, e o fugitivo que persegui está morto, então... Pois é, estou achando meio difícil esquecer.

Era um tiro no escuro, mas ele precisava tentar. Olhou a garota de esguelha.

– Não sou como as Criaturas da Noite – concluiu ele. – Não me disponho a descartar quem não serve mais ao meu propósito. Queria saber o que tem de tão importante naquele prédio.

Ela analisou o rosto dele por mais um instante.

– Digamos, Bruce Wayne, que você viva num mundo em preto e branco. Você sabe que existem cores em algum lugar. Então lê todos os livros sobre cores que é capaz de encontrar. Pesquisa dia e noite até conseguir descrever os comprimentos das ondas azuis, vermelhas e amarelas, até saber que uma faixa de grama, pela lógica, deve ser verde, e que, quando você olha para o céu, pela lógica ele é azul. Você recita tudo que sabe a respeito das cores, mesmo que nunca as tenha visto com os próprios olhos.

Ela se ajoelhou.

– Então, um belo dia, você vê as cores. Você entenderia? Reconheceria? Será que alguém tem condições de compreender de verdade alguma coisa, ou *alguém*... sem experimentar por si mesmo?

Bruce semicerrou os olhos, intrigado. Ela falava como se já fosse uma velha.

– Agora está falando do experimento mental de Frank Jackson? –

perguntou ele.

– Você *também* conhece o trabalho filosófico de Jackson? Muito bom. Você é um sujeito interessante, Bruce Wayne.

– O que está tentando dizer?

Madeleine se levantou da cama e caminhou até ele. Sua expressão havia se assentado num mar tranquilo, cujas profundezas escondiam monstros, e Bruce, por instinto, deu um passo para trás. Ela parou bem diante do vidro que os separava e inclinou o corpo para a frente. Ele pôde enxergar com clareza os detalhes de seu rosto: uma pequenina pinta de nascença no pescoço esguio, a espessura dos cílios, cada mecha brilhosa de cabelo, os lábios grossos que se uniam num sorriso.

Ela era linda.

– A primeira regra para enganar alguém – disse ela – é entremear muitas verdades com umas poucas mentiras.

Ela baixou o rosto e o encarou.

– Difícil, não é? Acreditar em qualquer coisa que eu diga?

No fim das contas, Madeleine estivera brincando com ele o tempo todo, até nas palavras magoadas, nas expressões raivosas.

– Então talvez eu esteja apenas perdendo meu tempo – retrucou ele.

– Você devia ser grato. Estou dando uma lição para você – soltou Madeleine, estampando o sorriso enigmático. – Não confie em ninguém, suspeite de tudo. Se quer descobrir a verdade, não devia ficar aqui parado, tentando me fazer falar. Saia pelo mundo e veja a cor por si mesmo.

A fuga da Criatura da Noite veio com clareza à mente de Bruce. O que estava acontecendo por trás da fachada de tijolos do velho edifício Bellingham? Bruce não conseguia desviar o olhar de Madeleine. Um arrepio percorreu seu corpo.

– Você tem medo de mim – disse ela.

Em vez de Bruce encontrar uma categoria para Madeleine, era *ela* quem o desvendava, a cada passo do caminho.

– Você está encarcerada no subsolo do Arkham – respondeu ele. – Não tenho medo de você.

– Talvez tenha medo de gostar de mim – rebateu ela, com um sorriso doce.

– Por que eu gostaria de você?

– Bom, você fala bastante quando está aqui.

– Eu poderia dizer o mesmo a seu respeito.

Um brilho provocativo surgiu nos olhos de Madeleine, que jogou a trança para trás, feito um cordão brilhoso.

– Talvez eu esteja apenas tentando ler os seus pensamentos – retrucou ela.

Bruce apoiou o ombro na vidraça que separava os dois, então suspirou.

– Você faz ideia de por que eles estavam lá?

Madeleine pôs a mão na cintura e mordeu os lábios, analisando-o. Ele se perguntou o que ela procurava.

– Volte para o prédio – disse ela, por fim. – Se quiser achar alguma coisa, vai ter que entrar lá.

Entrar lá?

– Isso é um palpite?

Ela apenas deu de ombros.

– Pode ser que eu saiba de algumas coisas.

– Sabe quem é o líder das Criaturas?

– Quantas perguntas! Não posso dar todas as respostas, Bruce... Terá que descobrir algumas sozinho.

– Como vou saber que está dizendo a verdade? Você acabou de me mandar desconfiar de todo mundo.

Ela parecia satisfeita.

– Você *deve* desconfiar de mim, acima de tudo – respondeu ela. – Mas estou achando que você quer desvendar o mistério das Criaturas da Noite, e a polícia não quer mais que você se envolva. Pode ser que eu tenha exatamente a informação de que precisa, mas é você quem tem que usá-la.

Era por isso que ele tinha voltado. Para conseguir informações que Draccon passara meses tentando arrancar dela. *Mantenha a mente firme. Ela pode querer se infiltrar.* Bruce se perguntou se *queria* que ela se infiltrasse, só para ver do que a garota era capaz.

– Você sabe que é muito provável que eu encaminhe essa informação à polícia. Por que está me contando isso, sendo que passou meses sem dizer nada a eles?

Um brilho travesso perpassou pelos olhos de Madeleine.

– Porque, Sr. Wayne, acho que ando gostando bastante das suas visitas.

Ainda que tudo dentro dele o mandasse se afastar, já que aquela era uma garota que tinha sangue nas mãos, que poderia trabalhar para uma organização de assassinos... ele queria ficar ali, queria continuar

a conversa.

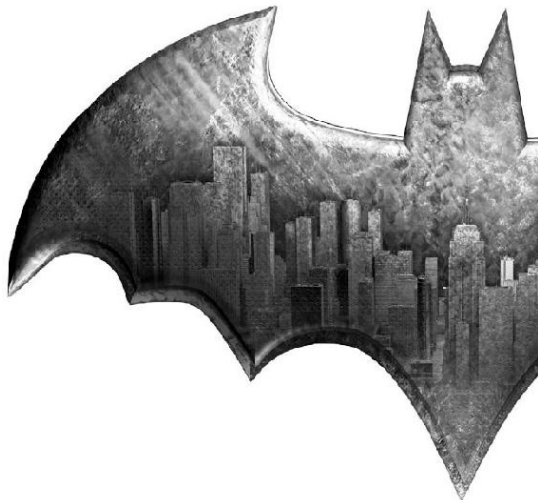
Eu preciso, disse a si mesmo, justificando o sentimento. *Estou indo mais longe que qualquer integrante da polícia. Sou a única chance deles.*

– E o que é que vou encontrar quando chegar lá? – indagou Bruce.

Ela levou o dedo aos lábios, provocativa, e acenou um adeus enquanto retornava à cama.

– Confira os tijolos mais baixos da parede norte do prédio. Vou deixar que conclua se isso vai ou não se converter em uma informação útil.

Bruce se afastou também. Ela podia estar mentindo em relação a tudo, o que não impedia seu coração de disparar dentro do peito. *Informação útil.* As palavras dela agora comandavam a mente de Bruce, e ele se sentia impelido a segui-las.



CAPÍTULO 12

– Você odeia essa banda – disse Dianne, enroscando o braço no de Bruce.

Harvey, Dianne e ele rumavam para um show no novo parque central de Gotham. O ar estava surpreendentemente frio aquela noite, resultado de uma semana de tempestades irregulares, e o sol poente rajava de rosa e dourado algumas nuvens.

– Eu não *odeio* essa banda – respondeu Bruce, mentindo. – Só acho que os Midnight Poets são superestimados.

Sua atenção, porém, estava voltada ao que acontecia ao redor. O parque ficava a poucos quarteirões de distância da esquina entre as ruas Eastham e Wicker, onde o prédio das Indústrias Bellingham & Cia. fora bombardeado. Se ele conseguisse encontrar uma oportunidade para se afastar da multidão, poderia dar uma olhada melhor no cruzamento, talvez até entrar no prédio e seguir a pista de Madeleine.

Bruce ajustou a mochila nas costas, constrangido com tudo que levava caso precisasse. Uma torquês, para abrir quaisquer trancas que houvesse nas portas do prédio. Uma faca. Uma máscara de esquí. Luvas. Itens que um criminoso levaria na mochila. Ele estaria perdido caso fosse revistado. Pensou mais uma vez em Madeleine e seu sorrisinho enigmático. O que mais ela sabia e se recusava a contar à polícia?

– *Superestimados?* – perguntou Dianne, com um cutucão forte que o

trouxe de volta ao presente. – Eles são considerados a grande promessa entre as bandas indie.

– Ah, é óbvio que tem quem goste – retrucou Bruce, abrindo um sorriso irônico. – Longe de mim impedir que vocês desfrutem desse show horrórico.

Dianne fez uma careta e revirou os olhos. Bruce sabia que ela tinha percebido seu devaneio.

– Bom, no dia em que eles se apresentarem no intervalo do Super Bowl, vou esfregar essa sua frase com força bem na sua cara.

– Bruce, você está estranho desde o dia da formatura – disparou Harvey enquanto comia um churro, espalhando migalhas açucaradas. – Em geral você demora um pouco mais até se irritar dessa maneira. O que está acontecendo no Arkham? Trabalhar lá está afetando você?

Bruce hesitou. O máximo que mencionara aos dois tinha sido que Draccon enfim começara... não exatamente a amolecer com ele, mas a inteirá-lo de alguns aspectos de seu trabalho como detetive. O restante, contudo – a conversa com Madeleine sobre as Criaturas da Noite –, ele não revelara.

Bruce deu de ombros.

– Talvez um pouco. O Arkham é barulhento demais, os detentos me chateiam o tempo todo.

– Talvez a detetive Draccon dê um jeito de encurtar a sua pena – sugeriu Harvey –, para que você não tenha que lidar com isso todo dia. Não é nada saudável.

Você não faz ideia.

– Vou falar com ela – respondeu Bruce.

Harvey parecia querer perguntar mais. Dianne soltou um suspiro e apressou o passo, forçando-os a acompanhá-la.

– Podemos não falar do asilo hoje? – perguntou ela.

Bruce sentiu uma pontada de alívio ao vê-la dar uma piscadela e indicar o parque, onde o público lotava o gramado com toalhas de piquenique e cadeiras de praia. Algumas silhuetas espreitavam atrás de troncos de árvores, aguardando a distração dos seguranças para escalar os galhos e assistir ao show de lá.

– Vocês perceberam que esta é uma das últimas vezes que nós três vamos sair juntos em Gotham, né? – comentou ela.

– A gente tem o verão inteiro – respondeu Harvey. – Você só vai embora no final de agosto, não é?

– Pois é, daqui a dez semanas – respondeu Dianne, erguendo todos

os dedos das mãos. – A minha *lola* me lembrou disso hoje de manhã. Quase se afogou em lágrimas.

Bruce sentiu um súbito aperto no coração ao perceber o pouco tempo que tinham juntos.

Os três chegaram ao parque, e a conversa sobre o futuro deu lugar à procura por um bom lugar para sentar. Eles enfim se acomodaram num trecho de grama livre e aguardaram a chegada da banda ao palco. Enquanto Dianne debatia qual era a melhor música dos Midnight Poets com Harvey, que tentava fazê-la cantar as letras aos berros, Bruce olhava para o vazio.

A detetive Draccon o alertara que Madeleine tentaria manipulá-lo. Provavelmente ela estava certa. Mas havia algo no tom da garota... *Para alguém que tem tudo, há trevas em seu coração.* Ela dissera aquilo de um jeito familiar, como se também carregasse o fardo de algo do próprio passado. Que perda ela havia sofrido? Draccon não contara muita coisa sobre a história de Madeleine, nem sobre sua família. E se aquelas palavras guardassem mais do que Draccon sabia?

Uma onda de aplausos irrompeu na multidão, distraindo Bruce por um instante. A banda subiu ao palco. O vocalista pigarreou. Dianne gritou o nome de uma música; Harvey deu um cutucão nela e gritou sua preferência. A banda começou a tocar, e a multidão seguiu entoando os refrãos.

Bruce se limitou a escutar a cantoria à sua volta, com o olhar fixo nos amigos. Eles faziam parecer tão fácil se envolver, baixar a guarda e apenas *ser*. Uma sensação de solidão tornou a invadir Bruce, que percebia que talvez nunca fosse capaz de se abrir da mesma forma que os amigos. Lá estava Harvey – todo engomadinho, seguidor da lei, determinado a obter o melhor do sistema. E Dianne, fruto de uma família grande e amorosa, que simplesmente nutria fé pelo sistema como um todo.

E se o sistema, no entanto, necessitasse de ajuda? Em todas as histórias de mistério que ele já lera a polícia sempre ficava um passo atrás do herói. E se a única forma de consertar tudo fosse assumindo as rédeas?

Ele acompanhou com palmas a canção seguinte, tentando não torcer a cara para a música que ouvia, até ter certeza de que Harvey e Dianne estavam totalmente concentrados no show. Então, ao início de uma música que levou a plateia ao delírio, Bruce se levantou e começou a se esgueirar pela multidão. Ao vê-lo se afastar, Dianne

estranhou.

– Banheiro – sussurrou ele, e seguiu em frente.

Nos arredores do parque, um silêncio surpreendente envolvia as ruas escuras. Parecia que todos num raio de 1,5 quilômetro haviam decidido assistir ao show ou evitavam por completo a área, deixando as calçadas desertas. Uma brisa fria correu, trazendo o aroma do oceano e um odor pungente de esgoto.

Bruce ajustou o blazer e puxou o capuz do moletom. Os morcegos de Gotham voavam à noite; ao parar e olhar para cima, ele viu uma colônia circundando o horizonte, ávida para dar início à caçada noturna. Ele apertou o passo sob o céu cada vez mais escuro, até chegar a ruas iluminadas por débeis poças de luz.

Parou, por fim, no cruzamento, bem debaixo das placas onde se lia EASTHAM e WICKER, e analisou cada um dos edifícios.

Nada parecia fora do comum, pelo menos à primeira vista. O aglomerado de barricadas e viaturas de polícia já não estava ali havia muito tempo, os vidros quebrados e cartuchos de munição tinham sido retirados. Era quase como se nada de extraordinário tivesse ocorrido ali. No entanto, as marcas de pneu permaneciam – linhas pretas, profundas e nervosas –, e o prédio da Bellingham ainda exibia as marcas chamuscadas da explosão e do incêndio. Um labirinto de andaimes agora ocupava a maior parte do que fora destruído. Novas janelas e tijolos tinham sido colocados, e uma cerca gradeada e coberta de lona preta circundava a propriedade, bloqueando a visão do térreo.

Ele contornou o quarteirão lentamente, absorvendo os detalhes e se lembrando do que acontecera ali. O bloqueio da polícia, o carro em fuga. O tiroteio, a explosão que devastara o prédio.

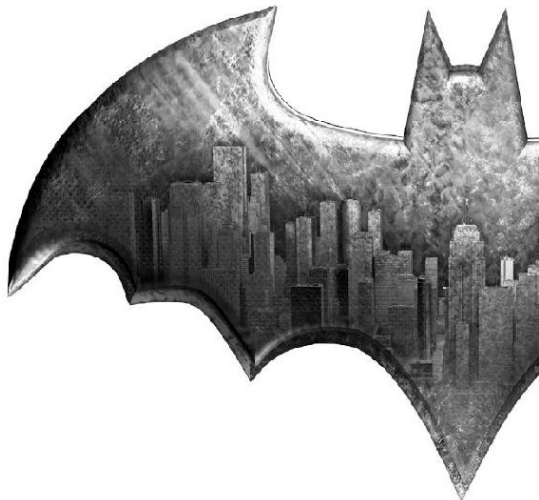
Fortunas dilapidadas. Seus legados destruídos.

Ao chegar ao cruzamento, Bruce parou e se virou. Dali enfim enxergava o nome da fachada despontando na fileira de tijolos do segundo andar: INDÚSTRIAS BELLINGHAM & CIA.

Ele atravessou a rua e andou até o prédio. Sobre a cerca gradeada, viu as lascas nos tijolos desgastados pelo tempo, a história incrustada nas paredes daquele lugar. Percorreu a tapagem devagar, à procura de algo, *qualquer coisa*, fora do comum. Os minutos se passavam.

Até que uma voz o chamou:

– Bruce.



CAPÍTULO 13

Ao se virar, Bruce deu de cara com Dianne.

– Pelo amor de Deus! – exclamou ele, arquejante, apoiando o peso do corpo nos joelhos. – Será que dava para me seguir fazendo menos barulho?

– Ah, *you* ficou surpreso? – indagou ela, estendendo os braços e soltando um xingamento em filipino, que ele não entendeu.

Ela está mesmo nervosa, pensou ele.

– O que *you* está fazendo aqui? – perguntou Bruce com um suspiro, correndo a mão pelo cabelo. – Harvey está com você?

– Pedi que ele guardasse o nosso lugar. Agora me diga o que está acontecendo. Você ataca o Richard, depois sai para vagar sozinho no local do crime onde se meteu em confusão...

– Nada. Só vim dar uma olhada.

Ele encarou a expressão fulminante de Dianne. Pelo brilho em seus olhos, percebeu que ela já sabia que ele escondia algo.

– Beleza.

Bruce cruzou os braços. Respirou fundo e começou a contar a Dianne a respeito de Madeleine. A primeira conversa entre os dois. Os crimes pregressos. O envolvimento dele na investigação de Draccon. Falava rápido e aos sussurros, como se alguém pudesse entreouvi-lo e contar à detetive Draccon.

Quando terminou, Dianne estava pálida.

– Não acredito que incluíram você numa doideira dessas. Você só

pode estar brincando.

– Elas precisavam da minha ajuda.

Dianne cravou o olhar nele.

– Escuta só, digamos que essa garota... que é uma *assassina psicopata*, diga-se de passagem... *esteja* dizendo a verdade. Como é que a polícia ainda não encontrou nenhuma prova? Eles gastaram semanas vasculhando essa esquina, sem encontrar nenhuma pista sequer dos planos das Criaturas da Noite.

Bruce ergueu a mão.

– Se eu não encontrar nada, então joguei fora uma noite. Mas e se a Madeleine me passou uma pista de verdade? Ela me disse para ficar de olho na parede norte. Talvez a polícia tenha deixado passar alguma coisa.

Dianne se aproximou de Bruce e apertou os olhos, desconfiada.

– Ah, estou sacando – declarou ela, depois de um instante. – Já entendi tudo.

– Entendeu o quê?

– *Você*. Já saquei qual é a sua – respondeu ela, cruzando os braços e encarando Bruce. – *Você gosta dela*.

– O quê? – indagou Bruce, afastando-se. – Foi *isso* o que você concluiu do que acabei de contar?

– Está na cara, Bruce. Lembra a Cindie Patel, do sétimo ano? Você era doido por ela... Lembra quando ela perdeu o bracelete da avó no recreio e você passou os cinco recreios seguintes procurando?

– Ei, eu encontrei o bracelete.

Dianne bateu palmas duas vezes.

– Foco, Bruce! Você tem mania de ser o herói salvador e agora está obcecado com uma pista aleatória que essa garota jogou a ponto de arriscar a sua condicional. É exatamente a mesma coisa.

Bruce lançou a ela um olhar irônico.

– A única diferença é que Cindie Patel sentava do meu lado nas aulas de biologia, e Madeleine está presa por três homicídios.

– Você entendeu o que eu disse.

Talvez ela esteja certa. Mas nada daquilo fazia sentido.

– Olha, estou aqui porque *quero* – disse ele, dessa vez com firmeza. – É *isso*.

– Dá no mesmo. Sabe, o Harvey ia ficar furioso com você se descobrisse que é *isso* o que está aprontando. E ele tem razão, Bruce. Às vezes a gente tem que confiar que a polícia vai fazer o que é certo.

Se a Draccon descobrir que você anda bisbilhotando desse jeito, pode até estender a sua pena.

Sempre curioso, não é?

Ele balançou a cabeça, tentando dissipar as palavras de Madeleine.

– Que tal assim? Se eu não encontrar nada...

– Se *a gente* não encontrar nada – retrucou Dianne, dando de ombros. – Agora estou envolvida.

Bruce cravou os olhos nela, que não recuou.

– Beleza. Se *a gente* não encontrar nada, prometo que nunca mais farei esse tipo de coisa. Nunca mais. Mas você não pode contar nada a ninguém. Estou falando sério.

Dianne fechou a cara.

– Está me devendo uma, por garantir que você não acabe se matando.

Ao ouvir isso, Bruce abriu um sorriso torto.

– Beleza. Obrigado por cuidar de mim. Ah, olha só... o Lucius está organizando um baile de gala daqui a umas semanas, para exibir alguns dos drones da tecnologia de segurança que a WayneTech vem desenvolvendo. Quer ir comigo, para garantir que eu não acabe me matando?

Dianne o encarou de esguelha.

– Sério?

– Vai ser bem chique.

– Vai ter comida boa?

– A melhor – prometeu Bruce.

Ela fez um biquinho e refletiu por um instante.

– Ok. Parece uma boa.

Bruce apontou para a esquina.

– Fique parada aqui, ao lado do batente daquela porta. Ali. Agora não está tão evidente. Fique de olho em mim. Se eu não voltar em meia hora, peça ajuda.

– Beleza. Mas só se você ficar no telefone comigo o tempo todo – respondeu Dianne, apanhando o celular e dando dois toquinhos nele. – Se você realmente levar mais de meia hora, vou botar toda a polícia de Gotham atrás de você.

– Justo.

Bruce se afastou de Dianne e voltou a circundar a tapagem, que contornava todo o edifício, sem qualquer brecha. Depois da segunda volta ele parou, esfregando os olhos cansados.

O que estava procurando?

Pelo canto do olho, algo lhe chamou a atenção. Ele encarou a base da cerca gradeada. Franziu a testa, examinando com afinco. A cerca estava inteira, claro... mas o metal exibia uma série de protuberâncias, como se tivesse sido soldado depois de um arrombamento. Era um detalhe sutil, que Bruce quase deixara passar. A cerca tinha sido soldada. O que significa que alguém a havia aberto, em dado momento, e ocultado com cuidado os vestígios.

Operários de construção. Investigadores do departamento de polícia. Detetives particulares. Bruce pensou em todos os possíveis não criminosos. Podia não significar absolutamente nada, mas ali havia ocorrido um crime ainda sem solução. E se as Criaturas da Noite estivessem fazendo outra coisa além de apenas destruir o legado das Indústrias Bellingham? Bruce tornou a olhar a fachada do prédio. Alguém voltou ali sem querer ser descoberto.

Ele tirou a mochila de um dos ombros, abriu o zíper, pegou as luvas e a máscara de esqui e as vestiu. Ergueu a torquês, posicionando-a com cuidado ao redor do metal. *Clique. Clique.* Um a um os fios se abriram, caindo silenciosamente na palma de sua mão. Ele jogou os pedaços quebrados na mochila e fechou o zíper. A cerca se abriu um milímetro. Bruce esgarçou um pouco mais, até que houvesse um espaço mínimo para passar o corpo, então avançou devagar e entrou.

Havia tábuas de madeira pregadas por toda a extensão do edifício, mas com espaço suficiente para uma escalada. Do lado de dentro, o lugar era claustrofóbico e fedia a mofo, poeira e um odor pungente de metal. Bruce aguardou um instante, para que os olhos se adaptassem à escuridão. Sentia-se à vontade nas trevas. Logo após a morte dos pais ele passara muitas noites enfiado em seu closet, em despensas vazias da mansão ou no sótão, onde soprava uma brisa fria. Muitos de seus colegas temiam o escuro, como se representasse perigo. Bruce, porém, sabia que era uma vantagem.

Seus reflexos agora estavam alertas, afiados por todas as horas de treino na academia. À medida que o cenário obscuro gradualmente começava a tomar forma, ele percebeu que estava num espaço aberto, sem divisões. Lâmpadas pendiam das vigas expostas do teto, metade delas estouradas e quebradas, deixando cacos de vidro espalhados pelo chão. Tudo estava coberto com lençóis – mesas, cadeiras, maquinário. Nas tábuas empoeiradas do assoalho havia marcas de

pegada, talvez dos policiais que passaram por ali. *Talvez de mais alguém.*

– Este lugar está uma zona – sussurrou Bruce no celular.

– O que foi que a Madeleine falou? – perguntou Dianne.

– A parede norte – murmurou Bruce de volta, se orientando. – A fileira de tijolos. Ela mandou olhar lá.

Ele se virou para a parede norte. Ela se estendia de um canto a outro do recinto, intocada. No terço mais baixo havia uma fileira de tijolos antigos e escuros, em contraste com a tinta branca acima. Bruce se aproximou da extremidade mais próxima e se abaixou. Passou a mão pelos tijolos. Estavam cobertos por uma fina camada de poeira.

Então Madeleine estava certa. Já esteve ali antes.

– Achou alguma coisa? O que exatamente você está procurando? – perguntou Dianne, do outro lado da linha.

– Algo incomum – respondeu Bruce.

Por um tempo ele se sentiu um bobo, correndo a mão pelos tijolos, cruzando lentamente o recinto. Nem fazia ideia do que podia ser considerado incomum... Só sabia que, se encontrasse, reconheceria.

Ele havia percorrido quase todo o local, quando sentiu um tijolo de textura meio esquisita, um pouco mais liso que os outros. Bruce franziu o cenho e se agachou para ver melhor.

– Acho que encontrei alguma coisa – sussurrou ele.

– O quê? – perguntou Dianne.

– Um tijolo está estranho – respondeu Bruce, empurrando-o com cuidado. – Não está preso feito os outros. As bordas não encostam na argamassa.

Bruce pressionou com mais força. A princípio, nada aconteceu. Então... o tijolo recuou cerca de 2,5 centímetros e a parede estremeceu. Ele deu um salto para trás, quase derrubando o celular. Ao olhar para cima, viu que uma parte da parede havia deslizado cerca de 15 centímetros para o lado, revelando uma entrada.

Bruce encarou o vão por um instante. Arriscou um passo escuridão adentro, em busca de apoio para os pés. *Escadas.* Havia degraus metálicos atrás da parede que levavam a uma área desconhecida.

– Dianne – sussurrou ele, com os olhos arregalados. – Tem uma escada atrás da parede.

Dianne soltou um palavrão do outro lado do telefone.

Madeleine disse mesmo a verdade. Bruce estremeceu, perguntando-se por que ela o teria ajudado – e se talvez aquilo fosse uma *emboscada*.

– Não vá – disse Dianne, num eco dos pensamentos dele. – Seja lá o que encontrar, não vai ser bom.

Bruce podia sentir o medo em sua voz.

– Eu vou descer – retrucou ele. – Fique de olho aí. E me avise se notar alguma coisa suspeita.

– Bruce! – chamou ela. – Você está me devendo tantas que vai precisar de *anos* para pagar as prestações.

Bruce soltou uma risadinha, então deu meia-volta e adentrou as sombras. Avançava devagar. Os degraus eram estreitos e altos e desciam em espiral. A cada passo, ele parava e testava o ponto de apoio. Foi descendo lentamente pela escuridão, degrau após degrau, até enfim tocar com o pé o que parecia uma porta de concreto.

– Estou na base – sussurrou ele.

Perto dali, identificou o contorno de uma barreira de construção abandonada.

– Que lugar é esse?

– Não faço ideia – sussurrou Bruce.

Ele ergueu um braço, tentando não bater em nada. Tocou o teto. Sentiu aspereza, feito concreto bruto. Acendeu a lanterna do celular. O aparelho iluminou muitos centímetros à frente. Era um túnel, que conduzia à total escuridão. Bruce recordou as passagens estreitas na caverna perto da propriedade de sua família e os morcegos que às vezes saíam de lá em revoada.

Por que tanta curiosidade? O pensamento lhe trouxe um arrepio, mas ele cerrou a mandíbula e avançou. Continuava em silêncio completo.

O túnel era mais comprido do que Bruce esperava, e o teto foi ficando cada vez mais baixo. Por que Madeleine o mandaria até ali? O que ela sabia sobre aquele lugar? E se o túnel desabasse?

E se houver mais alguém aqui embaixo? Bruce subitamente vislumbrou um homem à sua espera no fim do túnel, apontando uma arma em sua direção.

Ele prosseguiu.

Por fim, o túnel se alargou. O piso rebaixou meio degrau, e Bruce cambaleou.

O chão era diferente ali – lustroso, encerado. A lanterna do celular formava um pequeno círculo de luz na parede. Ele a apontou mais para longe, até que enxergou um interruptor. Ali.

Ligou.

Uma luz fluorescente o cegou. Por instinto, Bruce fechou os olhos e cobriu o rosto. Ao tornar a abri-los, soltou um arquejo.

– Droga – sussurrou ele.

– O que foi? – perguntou Dianne.

Bruce encarava um recinto abarrotado de munição. Armamentos, balas, pentes extras. Devia haver pelo menos cem armas de todas as formas e tamanhos, espalhadas sobre mesas, penduradas nas paredes. Era desconcertante. Parecia um arsenal militar.

– Bruce – murmurou Dianne pelo telefone.

Mesmo sem poder ver o que o amigo via, ela ouvia a tensão em seu silêncio.

– Saia daí – ordenou ela.

Um som fraco pairou na direção de Bruce. Ele parou. Vinha do outro extremo do recinto, onde uma segunda porta levava ao lado de fora. Era uma voz masculina, num tom grave e frustrado. Parecia conversar com alguém. No mesmo instante, Bruce apagou a luz e desligou o telefone, tornando a ser envolvido pela escuridão. Começou a subir de volta.

Tarde demais.

A segunda porta se abriu. Uma silhueta masculina entrou, ainda falando alto, e acendeu a luz. Bruce vislumbrou um rosto barbado, pálido e cansado.

– Olha, eu não tenho mais tempo para tomar conta deste depósito. O caminhão precisa estar aqui amanhã à noite, para podermos levar o res...

Ao se deparar com Bruce, o homem se calou. Os dois se encararam por um instante, atônitos, em silêncio. O homem semicerrou os olhos, confuso.

– Ei... você não é o...? Foi o chefe que...?

Bruce começou a fugir, mas o homem disparou em sua direção. Ao alcançar a parte estreita do túnel, ele sentiu mãos ásperas o agarrarem pelos ombros. Seus instintos entraram em ação. Num mesmo movimento, Bruce se desvencilhou do homem e ergueu o punho para socá-lo.

Seu oponente bloqueou o golpe, por muito pouco, e largou em Bruce o próprio punho. Bruce se abaixou e chutou o homem com força na panturrilha, derrubando-o. Ele tentou fugir, mas o homem o agarrou pela calça, derrubando-o, e enganchou as duas mãos na máscara de Bruce.

Aquilo deixou o homem indefeso por um instante. Bruce deu impulso para se erguer e, com cada grama de furor que pôde reunir, acertou um gancho no queixo do homem. O corpo do bandido desabou no chão.

Tremendo dos pés à cabeça, Bruce encarou o homem inconsciente. Seus braços e suas pernas ardiam. Haveria mais gente ali embaixo com aquele cara? *Estocando armamentos*. Madeleine o levava direto até ali. Havia ajudado Bruce, quando a polícia passara meses sem conseguir fazê-la falar.

Draccon vai me matar por isso.

Qual era, porém, o *motivo* daquela estocagem de armas? A quantidade de munição que havia ali embaixo parecia um exagero para qualquer coisa que não fosse um ataque irrefreável. E se aquele não fosse o único esconderijo? Uma sensação muito ruim o invadiu. O que as Criaturas da Noite estavam planejando que requeresse tantas armas?

Tenho que contar à polícia que estive aqui.

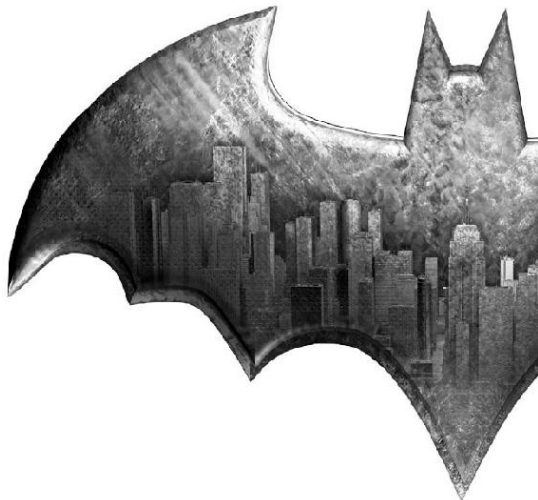
Mas o que ele diria? Que agira por um pressentimento baseado nas palavras de uma assassina? Que estava invadindo uma propriedade? Dessa vez ele podia até arrumar um problema ainda maior...

Deixe a polícia juntar as peças. Eles vão encontrar a cerca violada e a parede aberta.

Bruce ligou o telefone, com as mãos ainda trêmulas. Imediatamente recebeu uma ligação de Dianne, que gritava alguma coisa em uma voz fina, aguda, quase em pânico.

– Bruce? Bruce! Onde você está? Eu chamei a polícia. Saia daí!

– Está tudo bem. Estou subindo – respondeu ele enquanto corria por onde havia entrado, ainda envolto no mistério daquele esconderijo.



CAPÍTULO 14

No dia seguinte, lá estava Bruce de novo no escritório de Draccon, encarando em silêncio as ruas úmidas de Gotham pelo vidro da janela. A detetive, sentada à sua frente, lia a primeira página do jornal. Os arquivos sobre Madeleine jaziam abertos sobre a mesa, os documentos numa pilha organizada. Draccon por fim largou o jornal e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

– O que foi? – perguntou Bruce.

Draccon empurrou o jornal para ele, que leu a manchete principal.

POLÍCIA ENCONTRA COVIL DAS CRIATURAS DA NOITE

– Havia uma rota subterrânea inacabada – murmurou ela.

– Tipo as que conectam os edifícios no centro? – perguntou Bruce, com cuidado ao proferir cada palavra.

Draccon assentiu.

– Você conhece o túnel que passa por debaixo da Torre Wayne, certo?

– Conheço – respondeu Bruce.

A Torre Wayne, assim como o Centro Financeiro Secco e todos os outros arranha-céus, tinha um passadiço subterrâneo. Em dias quentes de verão, quando as ruas pareciam fornalhas, ou nos dias de fortes nevascas, os transeuntes podiam circular pelas rotas subterrâneas sem precisar pôr os pés do lado de fora.

– Pois bem – prosseguiu Draccon. – Ele era parte de uma rota subterrânea cujo financiamento foi cancelado pela cidade. As Criaturas da Noite transformaram o trecho sob o edifício Bellingham num depósito de armas.

Bruce retraiu-se mentalmente a noite anterior inúmeras vezes. Dianne e ele retornaram ao show em silêncio e conseguiram convencer Harvey de que haviam sido interrogados pela polícia. *Alguma esquisitice rolando na rua*, disse Bruce a Harvey, e Dianne confirmara. *A polícia voltou a investigar aquela esquina e anda interrogando todo mundo por aquelas bandas.*

Poucos minutos depois, ouviram sirenes na altura do cruzamento do prédio da Bellingham. Aquilo pareceu confirmar a história, e Harvey deixou quieto.

Dianne não dissera uma palavra sobre o ocorrido, e Bruce também não. O possível incremento na condicional de Bruce, além da possibilidade de causar perigo a Harvey, obrigara os dois a se calarem. E, embora ele continuasse esperando que a polícia o intimasse ou que Draccon o enchesse de perguntas, ninguém parecia saber que eles haviam estado lá.

– Como foi que a polícia descobriu o esconderijo? – perguntou Bruce.

Draccon esfregou o pescoço, esgotada, e meneou a cabeça.

– A polícia recebeu um telefonema anônimo – respondeu ela, com um suspiro. – Quem é que sabia da abertura naquele túnel inacabado? Havia um homem inconsciente lá no tal abrigo, suposto fornecedor de materiais para as Criaturas da Noite. Era peixe pequeno, tinha sido designado para transportar as armas a um novo local.

Bruce manteve a expressão inocente e curiosa.

– Ele contou por que estavam fazendo isso?

– Não creio que ele fosse importante a ponto de saber – respondeu ela. – Ele revelou o local para onde o arsenal seria transferido, mas, quando a polícia foi conferir, já não havia nada. Outra Criatura já tinha limpadado todo o lugar. O pobre coitado estava tão aterrorizado que ontem mesmo tentou se enforcar com a própria camisa.

Draccon hesitou, então prosseguiu.

– Ficou dizendo algo sobre um mascarado que o atacou, falando que devia ser um policial disfarçado. Não conseguiu dar mais detalhes. As Criaturas devem ter arrumado inimizade com as gangues locais por invadir o território delas.

– Talvez eu consiga tirar alguma informação da Madeleine – disse Bruce.

Draccon entrelaçou os dedos e o encarou, indecisa.

– Não sei, não, Bruce.

– Ela pode saber o motivo por trás de toda essa estocagem.

Draccon soltou outro suspiro e deu um gole no café.

– Não me agrada seguir com isso. Você não devia estar envolvido tão a fundo nessa história, e me preocupa saber que ela fica falando com você. Além do mais, não quero me indispor com o seu guardião.

Alfred. Bruce ainda não havia mencionado nada daquilo para ele, nem explicado por que estava sendo atormentado por pesadelos cada vez piores e mais frequentes, cheios de sombras e corredores escuros e uma garota de longo cabelo preto.

– Mas eu ainda estou sentado aqui no seu escritório – respondeu Bruce, afastando os outros pensamentos. – A senhora ainda está me mantendo informado a respeito das Criaturas. Certo? Isso deve significar que ainda quer que eu ajude da forma que puder... e que me considera capaz de arrancar alguma coisa da Madeleine.

Draccon encarou Bruce com um olhar sério.

– Não se esqueça das últimas vítimas dela. Eram todos filantropos cheios da grana. Ela roubou quantias vultosas deles e os matou em suas próprias casas. Você viu as mortes.

Ela hesitou.

– Sua descrição bate com o tipo de vítima dela – concluiu ela.

– Eu sei. Mas vou ficar bem – respondeu ele. – Ela está presa no Arkham. Podemos achar um jeito de desmascarar as Criaturas e chegar até o chefe. Estamos muito perto.

Draccon encarou a caneca por um longo instante.

– Não ponha escuta em mim – acrescentou Bruce. – Ela vai saber. Só me deixe continuar conversando com ela.

Por fim, Draccon se recostou de volta na cadeira.

– Só mais uma vez – respondeu ela, erguendo um dedo. – Uma. Depois a gente vê como fica.

Uma tempestade varreu Gotham. Na manhã seguinte, o céu que envolvia as janelas do asilo ainda era escuro como a noite.

Ao descer para seu turno e parar em frente à cela de Madeleine, Bruce não a viu empertigada sobre a cama. Por um instante achou que ela tivesse sido transferida – até percebê-la encolhida, numa bolinha.

Só enxergava o macacão branco e o cabelo preto esparramado em torno do corpo.

– Você tinha razão – disse ele, depois de uma longa pausa.

Ela não se mexeu. Parecia encarar o espaço, com os olhos fixos em algum ponto do chão. A bandeja de metal estava do outro lado da cela, e o guardanapo – em geral dobrado num intrincado origami – jazia amassado próximo à beirada da cama. Bruce sentiu o peso da inquietação. *Tem algo errado.*

– Madeleine? Está me ouvindo?

Mais uma pausa. Por um instante, Bruce achou que a vidraça da cela tivesse sido trocada por uma à prova de som, ou que Madeleine estivesse perdida em profundos pensamentos. Talvez o estivesse ignorando, como às vezes fazia. Estava prestes a dar meia-volta quando enfim veio a resposta.

– O que é que você quer, Bruce Wayne?

Seu tom de voz era mais baixo, mais irritado. A sensação de desconforto nas entranhas de Bruce aumentou.

– Não sei se você ouviu as notícias.

No entanto, uma parte dele sabia que ela devia, de alguma forma, ter ouvido. Afinal de contas, Madeleine parecia saber de tudo.

– A polícia localizou um depósito subterrâneo de armamentos das Criaturas da Noite no edifício Belling...

– Parabéns – respondeu ela, antes que ele pudesse terminar.

A menina desenroscou um pouco o corpo, e ele viu seu rosto com mais clareza. Sem erguer a cabeça, ela o encarou.

– Você sabe seguir instruções, no fim das contas.

Não estava presente sua natureza travessa, o sorrisinho provocador que ela costumava exibir; havia apenas uma pessoa fria. Bruce pestanejou, confuso. Não sabia por que se incomodava com aquela irritação dela.

– Por que está fazendo isso? – perguntou ele. – Por que esperou até que eu viesse para começar a fornecer informações à polícia? Ficou claro que você sabia daquele espaço, sabia da parede de tijolos. Obviamente esteve envolvida com as Criaturas no passado. Então, por que agora? O que está ganhando com isso?

– Talvez eu tenha decidido virar a página – respondeu Madeleine, sarcástica.

Fez-se outro silêncio no corredor. Bruce a encarou mais de perto. Ao olhar seus braços, percebeu uma novidade: um hematoma

arroxeados no antebraço. Quatro, mais precisamente, como se ela tivesse sido agarrada por alguém. Ele tornou a encarar o rosto dela. Agora via que um dos olhos dela estava roxo.

Madeleine Wallace era uma criminosa, uma assassina notória encarcerada por três crimes brutais; naquele instante, porém, Bruce se esqueceu de tudo aquilo. Só via diante de si uma garota da sua idade em posição fetal, vulnerável, despida da habitual arrogância.

Um trovão abafado ressoou do lado de fora. Madeleine soltou um xingamento.

– Odeio tempestades – disse ela. – Se um raio causar problemas na eletricidade, ficaremos presos aqui dentro feito ratos.

– Não vai acontecer nada com você – respondeu Bruce, olhando as portas do corredor.

Estava mesmo tentando tranquilizá-la?

– E, mesmo que acontecesse, vocês todos seriam evacuados.

Madeleine o ignorou, ainda olhando para baixo.

– Ratos enjaulados – continuou ela, sussurrando, estremecendo e se encolhendo ainda mais.

Ela tem claustrofobia, pensou Bruce.

– O que aconteceu? – perguntou ele. – Quem fez esses machucados em você?

Ela levou mais um longo momento até responder.

– Eu me recusei a tomar o intravenoso hoje – disse ela, por fim. – Rolou uma briguinha na clínica.

Draccon não tinha mencionado que Madeleine recebia medicamentos.

– Bateram em você? – perguntou ele.

– Não está óbvio?

Madeleine ergueu a cabeça e o encarou com ironia. Então tornou a deitar a cabeça na cama e suspirou.

– Não conte a Draccon que você sabe – pediu ela. – Prefiro que ela continue me achando difícil.

– Sinto muito – disse Bruce.

Para a própria surpresa, ele de fato *sentia*. O hematoma no olho de Madeleine estava feio. O agressor havia batido com força. Uma onda de raiva tomou conta dele. Ele pensou no detento que a Dra. Zoe imprimara na parede no primeiro dia. O sujeito a atacara, sem dúvida, mas a guarda também não parecia ver problemas em tratar os prisioneiros com brutalidade. Bruce não achava que fariam isso a

alguém tão jovem quanto Madeleine.

Draccon não estava sabendo daquilo?

– Não é culpa sua – murmurou Madeleine.

Ela se inclinou para a frente e balançou as pernas. Então olhou para ele.

– Você me perguntou por que decidi contar sobre a sala subterrânea.

Bruce assentiu em silêncio, esperando que ela prosseguisse.

– Depois que os seus pais morreram, como você superou?

Um peso invadiu Bruce. *Tome cuidado.*

– O que isso tem a ver com...?

Ela encolheu os ombros, parecendo ainda mais pequenina.

– Os outros sempre esperam que a gente siga em frente depois de uma perda, não é? – indagou Madeleine, desviando o olhar. – Nos primeiros meses, é uma torrente de empatia. Então pouco a pouco a coisa vai esfriando, e um dia você se encontra sozinho diante do túmulo, se perguntando por que todo mundo seguiu adiante, passou a se preocupar com outras coisas, e você ainda está ali, carregando em silêncio a mesma dor. As pessoas se entediam com o seu luto. Querem falar de coisas novas. Então você para de tocar no assunto, para não entediar ninguém.

Bruce percebeu que meneava a cabeça. Então, as palavras vieram. Ele se ouviu narrar todos os dias antes e depois do cinema. Cada palavra de ódio dirigida a todos os assassinos de inocentes.

Ao terminar, ele em parte esperava vê-la sorrindo, outra vez provocativa, satisfeita por arrancar dele aquelas informações. Ela, porém, havia se virado para encará-lo com seriedade.

Por que ele revelara tudo aquilo? Queria que ela compreendesse a dor que havia infligido nos outros? Ou queria ouvir a dor *dela*, tentar entendê-la?

– Minha mãe foi presa por matar uma pessoa – contou ela, depois de um tempo. – Fez isso por amor ao meu irmão.

Bruce não sabia *por que* a mãe dela havia ido para a cadeia, nem qualquer coisa sobre a família dela.

– Seu irmão?

Madeleine assentiu.

– Eu tinha um irmão mais velho. Quando ele era criança, teve as articulações atacadas por uma bactéria rara, o que o deixou muito doente. A infecção piorou e ele foi definhando. Sofria dores absurdas.

Ela parou, suas feições se contorcendo diante da lembrança. Bruce jamais a vira daquele jeito – os olhos sombrios, uma expressão que o fez recordar seus primeiros meses sem os pais.

– Ela esgotou todas as forças tentando salvá-lo – prosseguiu Madeleine. – Levou de uma clínica a outra, foi recusada em todas. Era professora universitária, mas nosso plano de saúde era uma piada. Não chegava nem perto de cobrir as despesas. Então minha mãe arrumou empregos extras.

Ela respirou fundo. Bruce sentiu uma pontada de culpa ao pensar na própria fortuna e na pobreza dos outros.

– Enfim ela encontrou uma médica que aceitou tratar o meu irmão. Ficamos empolgadíssimos.

Enquanto ela falava, Bruce visualizava as cenas: uma mulher sentada à beira da cama do filho, as mãos na cabeça. Visitas a diversas clínicas, a cada dia mais desespero.

– O que aconteceu?

– Meu irmão morreu sob os cuidados daquela médica. Ela alegou que não havia nada a ser feito, que era a hora dele, que ele enfim havia sucumbido à doença. Mas a minha mãe não acreditou. Achava que tinha algo errado. Então um dia ela invadiu o consultório, revirou a papelada e descobriu que a médica não estava cuidando do meu irmão. Só estava arrancando o nosso dinheiro e dando a ele placebos. Água com açúcar.

Madeleine ergueu a cabeça e encarou Bruce.

– Quando a médica chegou, a minha mãe ainda estava lá. Ela nem golpeou com muita força... mas a matou. Foi um acidente.

O silêncio que se fez foi arrebatador.

– Sinto muito – disse Bruce.

Que palavras ele poderia oferecer além daquelas? Que outras palavras alguém oferecera a *ele* depois da morte de seus pais?

– Ela morreu na prisão. Ninguém soube me dizer exatamente o que aconteceu, embora eu tenha visto como eles tratam os detentos.

Madeleine deu de ombros, como se estivesse totalmente acostumada àquela realidade. Bruce observou os hematomas da garota.

– Durante o tempo que ela passou lá, eu via os ricos saindo da prisão. Invadi o sistema da penitenciária, e o lance era que *eles* sempre conseguiam prisão domiciliar. Enquanto isso, eu via a minha mãe apodrecer ali. A gente não tinha dinheiro. Eu tinha 10 anos na época.

Dez. O número atingiu Bruce com força, e de súbito ele se viu com aquela idade, caminhando sozinho para a escola pela primeira vez, ciente de que seria apanhado depois por Alfred – não por sua mãe ou seu pai. Como era a carinha de Madeleine? Uma criança pequena, delicada, de cabelo longo e olhos sérios? Ela também ia para a escola sozinha? Aonde ia, sem a proteção de um guardião, sem dinheiro? Como havia terminado ali, mais uma assassina, alçando a um novo patamar o crime da própria mãe?

Draccon sabia de tudo aquilo? Bruce duvidava. Ela era durona, mas não era cruel.

– Uma vez você me perguntou por que cometi aqueles crimes – disse ela. – Diga, *Bruce Wayne*: você me põe no mesmo saco do criminoso que matou os seus pais? Acha que mereço apodrecer no inferno, morrer com uma injeção letal na veia?

Ela o encarou com desprezo e prosseguiu.

– Você é bilionário. O que sabe *de fato* a meu respeito? Será que alguém como você compreende de verdade o que é o desespero?

Não confie em ninguém, suspeite de tudo.

Os pensamentos dele estavam confusos, a imagem dos pais caídos na calçada úmida em contraste com a figura de uma garotinha solitária, perdida, sem a mãe e o irmão. Bruce balançou a cabeça e franziu o cenho.

– Se a Draccon soubesse que isso estava acontecendo com você, não aprovaria. Acho que nem a Dra. Zoe aprovaria.

Madeleine soltou um grunhido de nojo. Levantou-se da cama e foi até a vidraça. Apenas uns centímetros e uma barreira de vidro a separavam de Bruce.

– Ainda crédulo demais. Ninguém dá a mínima para o que acontece comigo. Só querem as informações que posso fornecer. Provavelmente vão proibi-lo de continuar vindo aqui.

Ela hesitou, então prosseguiu.

– Não quero ver Gotham pegando fogo. Mas prefiro morrer antes de entregar o que sei a eles.

O olhar de Madeleine agora estava mais brando, e Bruce se deu conta de que aqueles olhos não eram tão escuros, afinal de contas – vez ou outra, quando a luz incidia no ângulo certo, exibiam tons de castanho e mel. Se os dois não estivessem separados por um vidro, se ela não estivesse encarcerada ali, ele teria achado aquela proximidade esquisita, até mesmo íntima.

– Foi por isso que você resolveu falar comigo? – perguntou Bruce.
– Porque sente que compartilhamos o mesmo tipo de história?

Ela franziu as sobrancelhas, intrigada.

– Estou contando isso porque... é difícil desvendar o jovem Bruce Wayne. Talvez eu esteja apenas dizendo para tomar cuidado.

As últimas palavras foram ditas com tanta determinação que Bruce sentiu um arrepio. *Ela está me dando um aviso.* Ela baixou os olhos e alterou de novo a expressão. Fechou a cara, como se insegura de si pela primeira vez.

– Ou talvez eu simplesmente goste de você – murmurou ela.

– Eu não vou poder falar com você de novo – respondeu Bruce, pousando as mãos no vidro. – Draccon disse que esta seria a minha última vez aqui embaixo.

Madeleine o encarou, desconfiada.

– O que os olhos não veem... – disse ela, indicando as câmeras com a cabeça. – Se quiser voltar aqui, vai ter que usar o misturador de frequências certo, na frequência certa.

Ela está tentando enganar você, disse Bruce a si mesmo, dividido entre uma maré de desconforto e outra de confusão.

– Está mesmo sugerindo que eu mexa no sistema de segurança do Arkham? Por que eu faria isso?

– Não estou sugerindo nada – retrucou ela. – Só estou comentando o que seria necessário para me ver de novo. *Se quisesse me ver. Se precisasse.*

Truques. Trapaças. Mentiras. Suas palavras, no entanto, guardavam uma súplica estranha e silenciosa, na forma como ela dissera aquela última frase. *Se precisasse.* Parecia haver um tom de advertência em sua voz. Certa urgência. Devia haver tanto mais que ela estava omitindo dele...

Madeleine balançou a cabeça, como se mudasse de ideia.

– Você não acredita em mim – disse ela. – Então não volte, simples assim. Conte a Draccon o que eu disse, se quiser. Seja como for, nada vai mudar o que acontece comigo aqui embaixo.

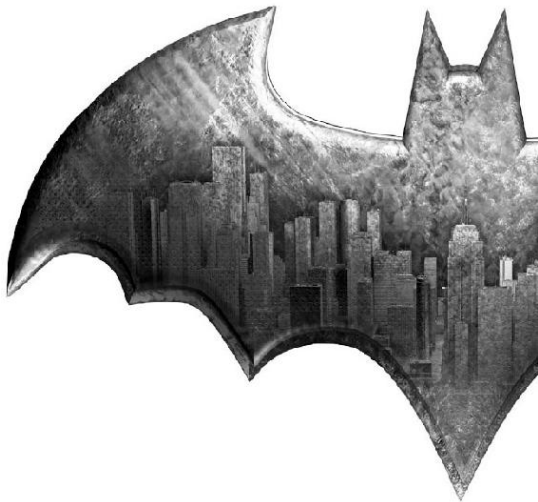
Bruce abriu a boca para retrucar... mas um estrondo ensurdecedor abalou o corredor. Todas as luzes se apagaram no mesmo instante. A escuridão tomou conta, e ele se sentiu pairando no vácuo. À sua volta irromperam gritos dos outros detentos do corredor – uns comemorando, outros urrando para que os guardas consertassem as luzes, um grupo batendo nas vidraças e tentando abrir as portas das

celas. Ele já não ouvia a voz de Madeleine em meio às outras, nem enxergava seu rosto. Outro som, porém, fez seu corpo estremecer.

Com um rangido, a porta de uma cela se abriu.

Uma luz escarlate foi acionada, banhando o corredor em vermelho-sangue. Bruce avistou dois detentos saindo de suas celas, enquanto uma voz premente irrompia pelo sistema de alto-falantes. Um alarme disparou.

Fuga.



CAPÍTULO 15

Os detentos saíram de suas celas e pestanejaram sob a luz vermelha. Um deles olhou para a câmera de segurança mais próxima. O outro encarou Bruce, incrédulo.

O garoto ouviu os alarmes berrando nos andares superiores, sentindo o tremor de passadas firmes em algum ponto acima.

– Bloqueio de sistema! – gritou uma voz pelos alto-falantes. – *Bloqueio de sistema!*

Bruce avistou a porta de saída enquanto um zunido alto ecoava pelo corredor. No alto piscava uma luz verde, indicando seu destravamento. *Corra*, pensou ele. *Saia daqui*. Seus olhos dispararam para a cela de Madeleine. Ela não tinha aberto a porta, mas também não estava à vista; não era possível enxergá-la pela vidraça.

O primeiro detento livre avançou em direção à porta. Sem pensar duas vezes, Bruce correu para bloqueá-lo. O homem arreganhou os dentes e pulou em cima de Bruce, a fim de mordê-lo. Bruce saltou para trás, protegendo o pescoço. Depois, acertou um golpe certeiro na mandíbula do detento. O sujeito cambaleou para trás, ganindo um palavrão, mas tornou a avançar em Bruce. Havia loucura em seu olhar, um intenso desespero, e sua voz deixou o garoto arrepiado.

– *Me deixa sair* – sibilou o homem. – *Sai da minha frente...*

Bruce recuou ao sentir as garras do homem arranharem seu ombro. Então se abaixou e projetou todo o peso sobre o detento, fazendo-o voar para trás. Ele caiu no chão com o prisioneiro e estendeu o braço

para agarrar o cabo do esfregão que jazia a seu lado.

Usando o cabo como bastão, Bruce acertou com força a perna do homem, que soltou um urro. Ele se levantou e desferiu outro golpe, dessa vez no estômago. O homem curvou o corpo e desabou de lado. O alarme continuava a soar à volta deles; tudo ao redor se transformara num borrão escarlate.

Bruce ergueu a cabeça e avistou o segundo detento. Era o homem que ameaçara retalhá-lo. O sujeito não estava fugindo. Em vez disso, caminhou até a cela de Madeleine e meteu a mão na porta. Um medo tomou conta de Bruce.

Assim que o sujeito abriu a porta da cela de Madeleine, Bruce o empurrou para longe. O homem, porém, era pelo menos uns 30 centímetros mais alto que ele. O prisioneiro abriu um sorriso sombrio. *Vou morrer aqui.* A simples ideia fez correr pelas veias de Bruce uma onda de adrenalina. O homem deu um bote. Bruce mergulhou no chão, evitando por pouco o golpe, então disparou em direção à porta de Madeleine.

O detento se virou para ele e se preparou para atacar.

Guardas irromperam pelo corredor, de escudos erguidos e capacetes, armas em punho, ordenando que os detentos se deitassem no chão. O enorme homem que encarava Bruce desviou o olhar, rodeado pelos guardas. Esgarçou a boca num rosnado e estremeceu ao receber um choque de um deles, desabando com força no chão. Bruce olhou os guardas arrastarem o detento de volta à cela, ainda se debatendo e gritando. O alarme enfim se calou. As portas tornaram a se fechar. Só então a Dra. Zoe surgiu. Pela primeira vez desde que Bruce a conhecera, ela parecia chocada. Talvez até culpada.

– Tudo bem com você? – perguntou ela, arquejante, com mechas da trança se soltando, enquanto ele se levantava. – Porcaria de tempestade. Você não devia ter ficado aqui embaixo. Eu...

Ela suspirou, balançando a cabeça, e pôs a mão no ombro dele.

– Me desculpe. Vamos tirá-lo daqui.

Enquanto saía, Bruce se virou e encarou a cela de Madeleine. Ela estava outra vez deitada na cama, em posição fetal. Parecia meio trêmula. Ao vê-lo sair, ergueu a cabeça e olhou para ele. Abriu um breve sorriso, vacilante feito a chama de uma vela, tão breve que talvez ninguém mais tivesse visto.

Bruce se viu pensando outra vez nas palavras de Madeleine. *Ratos enjaulados*, ela dissera. Ele tinha pulado para protegê-la.

As mãos de Bruce ainda tremiam enquanto ele acompanhava a Dra. Zoe pela saída do corredor, os gritos dos outros detentos ainda ecoando pela sala.

Bruce só retornou ao asilo na semana seguinte; foi preciso um tempo de folga depois que os noticiários mencionaram a breve rebelião e os repórteres invadiram os portões da mansão.

Ao voltar a encontrá-lo, a Dra. Zoe parecia envergonhada. Havia preocupação em vez do habitual sarcasmo. Ela até o informou de que, devido ao ocorrido, conversara com Draccon e o juiz para reduzir as horas que ainda restavam a ele. As faxinas de Bruce no andar de tratamento intensivo foram definitivamente suspensas.

Bruce, no entanto, não queria encurtar o período no Arkham, nem deixar de visitar o subsolo. Ainda havia muitas perguntas, muito a descobrir a respeito de Madeleine. Ele foi procurar Draccon na delegacia, para ver o que ela diria.

– Que bom que você não se machucou – disse Draccon em seu escritório, revirando algumas pastas com documentos.

Bruce a observava trabalhar, sentado à mesa da detetive.

– Vou falar com o juiz. Nunca ouvi falar de nenhuma pane no Arkham, mas ao que parece a tempestade suscitou uma perfeita reação em cadeia de falhas no sistema de segurança. Não vai tornar a acontecer.

– Madeleine não tentou fugir – comentou Bruce, de cenho franzido.

– Por que ela ficou quieta daquele jeito, se podia ter saído correndo?

– Não faço ideia. Ela contou algo sobre a descoberta subterrânea?

Talvez eu esteja apenas dizendo para tomar cuidado. Ou talvez eu simplesmente goste de você.

Bruce afastou as palavras dela da mente.

– Não falou mais nada, mas também não pareceu surpresa quando toquei no assunto – disse ele. – Qualquer outro comentário útil que ela possa ter feito eu já informei à senhora.

Bruce observou a detetive. Madeleine pedira que ele não dissesse nada, mas ele se perguntou se devia mencionar os hematomas ou perguntar sobre a medicação. Porém, se aquilo soasse como uma crítica à conduta da polícia em relação à garota, Bruce também podia dar a impressão de estar sentindo compaixão, ou afeto, por ela.

A ideia de não falar mais com Madeleine lhe trouxe ao peito uma sensação estranha e desagradável. Por que ele a havia protegido?

Não conte a Draccon, sussurrara Madeleine.

Talvez fosse melhor, pensou Bruce, se ele continuasse investigando por conta própria. Tinha que haver alguma informação sobre a mãe de Madeleine e seu período na prisão. Ele descobriria sozinho. Olhou para a pilha organizada de pastas que jazia na beirada da mesa de Draccon, com toda a documentação de Madeleine até o momento.

– E o resto da conversa? – perguntou Draccon, enquanto puxava uma pasta preta e grossa da prateleira mais alta e apanhava de dentro um formulário.

Bruce abriu a boca, ainda sem saber como compartilhar com Draccon o relato de Madeleine sobre a prisão da mãe. O que saiu, contudo, foi diferente:

– Ela perguntou sobre os meus pais. E eu contei.

– Então fico feliz em saber que você não vai voltar lá para baixo de novo – comentou Draccon, balançando a cabeça. – Não vale a pena botá-lo em perigo para tentar arrancar dela alguma informação potencial.

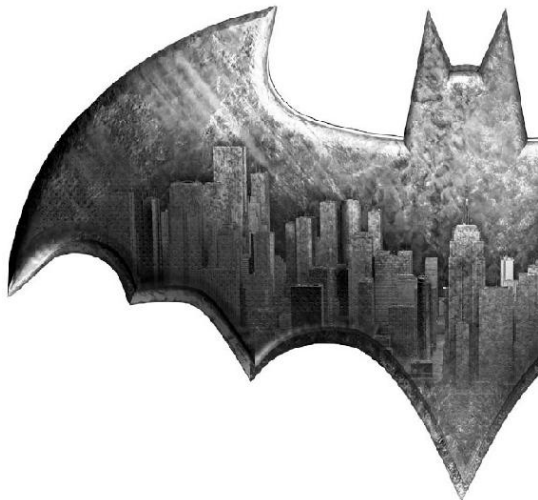
Com um suspiro, ela se ajoelhou e puxou uma caixa da prateleira de baixo cheia de pastas.

– Ah, aqui estão os seus papéis do tribunal.

Por alguns segundos ela desapareceu de vista. Bruce agradeceu à detetive pela preocupação, mas uma dúvida persistente ainda pairava em sua cabeça.

E se Madeleine *estivesse* se confidenciando com ele?

Então, enquanto Draccon procurava a papelada, Bruce pegou o documento que exibia o perfil de Madeleine. Enrolou-o com cuidado e o enfiou no bolso interno da jaqueta. Precisava descobrir a fundo os mistérios sobre aquela garota; precisava obter todas as informações possíveis. E precisava fazer isso sem a polícia em sua cola.



CAPÍTULO 16

No dia seguinte, ao ser deixado por Alfred na entrada dos novos laboratórios da WayneTech, Bruce estava exausto. Seus sonhos tinham sido agitadíssimos e envolviam corredores de prisão banhados em luz sangrenta, estradas rumo à escuridão, uma garota enroscada no próprio uniforme, uma figura ameaçadora partindo para cima dele. Sonhos de sua mão tocando o vidro, a mão de Madeleine pressionada no lado oposto, ela lhe pedindo que tomasse cuidado.

– Você parece cansado – comentou Lucius ao cumprimentá-lo.

Bruce abriu um sorriso para o mentor e começou a caminhar com ele.

– Obrigado. Você também está com uma cara ótima.

Lucius sorriu.

– Que bom que o seu período no Arkham está quase terminando.

Já havia tanto tempo assim que estava lá? Os baldes de água suja e o trabalho braçal em breve ficariam para trás, bem como a garota estranha, misteriosa e impressionante trancafiada no subsolo.

– Estamos trabalhando duro para aperfeiçoar os mínimos detalhes, Bruce – disse Lucius, enquanto cruzavam o saguão principal.

A menção a seu nome o tirou do devaneio. Lucius pressionou a mão em um monitor junto a duas portas de vidro e esperou que Bruce fizesse o mesmo. Dois pesquisadores ofereceram um jaleco branco e um par de óculos a cada um.

– Se a nossa tecnologia passar a integrar o sistema de segurança de

Gotham, precisamos garantir que tudo esteja à prova de falhas. Precisamos ter a plena confiança dos cidadãos, bem como do conselho da cidade.

Ele olhou para Bruce.

– Bem como a *sua*.

Ao passar por um dos corredores do laboratório, Bruce teve um *déjà-vu*. Estivera ali com seu pai quando Lucius ainda era estagiário; agora era natural, embora estranho, que Lucius fizesse o mesmo com Bruce para inteirá-lo do trabalho. A obra de Thomas Wayne podia ser vista por todos os cantos das Indústrias Wayne – sobretudo ali, nos laboratórios experimentais, onde Bruce enxergava a influência direta do olhar astuto de seu pai nas linhas suaves dos corredores e da arquitetura.

Por fim eles pararam em frente a um par de portas metálicas que se estendiam do chão até o teto. Bruce estava ansioso. Estivera em outras partes do prédio dezenas de vezes. *Aquelas* portas, no entanto, levavam à fábrica de protótipos. A última vez que pisara ali era uma criança, e seu pai ainda estava vivo.

Lucius olhava para Bruce de relance enquanto um dos outros pesquisadores digitava o código num painel ao lado da porta. O painel emitiu um bipe, ficou verde, e eles entraram.

A sala parecia ainda maior do que Bruce se recordava. Uma grade de ripas metálicas entrecortava o teto, e centenas – milhares – de lâmpadas iluminavam o espaço. Ao redor deles se avultavam objetos de todas as formas e tamanhos: diversos Humvees remodelados e customizados, envoltos em placas de metal escuro, com os pneus revestidos; finíssimas lâminas de metal erguidas uma ao lado da outra em uma grade; uma fileira inteira de prateleiras de metal, cada uma contendo o que pareciam canhões de braço saídos de um livro de ficção científica. Enquanto um dos funcionários fazia uma pergunta a Lucius, Bruce examinou as prateleiras, apanhando e analisando alguns itens.

Ele parou diante de um pequeno objeto quadrado, com uma tela que ocupava toda a parte inferior. Ao virá-lo de cabeça para baixo, viu uma série de frequências impressas no plástico.

– Ah, isso – gritou Lucius da outra ponta da prateleira, dando de ombros ao ver que Bruce analisava o item. – É só um dispositivo de reparo. As frequências reiniciam os aparelhos eletrônicos, se eles pararem de funcionar.

Bruce assentiu para Lucius sem muito interesse. Quando o homem retomou a conversa com os pesquisadores, porém, Bruce abriu o invólucro traseiro do dispositivo. As palavras de Madeleine lhe voltaram à mente, bem como a lembrança dela encarando o teto. Se ele conseguisse fazer alguns reajustes naquele dispositivo, poderia burlá-lo para embaralhar temporariamente as câmeras de segurança do Arkham. Com isso, poderia pelo menos chegar a Madeleine caso houvesse alguma emergência, ou se as Criaturas voltassem a atacar e ele precisasse de mais informações.

Bruce desativou o alarme do dispositivo, para levá-lo consigo. Então o enfiou no bolso e voltou para perto de Lucius.

– O que é isso? – perguntou Bruce.

Lucius deu um sorriso.

– Algo que tenho certeza de que vai gostar.

O monitor exibia um capacete preto opaco e uma cota de malha da mesma cor. O tecido refletia a luz, como se fosse feito de metal, mas a textura deixava claro que era dobrável feito seda, capaz de se moldar ao corpo do usuário. Bruce se inclinou para analisar mais de perto.

– Andamos trabalhando em vestimentas protetoras – prosseguiu Lucius. – Este é o nosso mais recente experimento em tecidos à prova de balas, com anéis reforçados, feito uma armadura de correntes microscópicas, forte como aço, mas maleável o bastante para que o usuário possa saltar e se mexer. Está em fase de testes, claro, ainda imprópria para uso real. Estamos fechando um contrato bem lucrativo.

Bruce assentiu. Aquela roupa poderia ser muito útil no futuro. Teria sido muito bem-vinda quando ele se meteu na passagem subterrânea do edifício Bellingham.

Eles caminharam por várias fileiras, até que Lucius parou. Bruce viu uma série de máquinas com pernas e braços metálicos. Rotores duplos conectados às costas pareciam lhes conferir habilidades de voo, e sobre a cabeça de cada robô incidiam duas linhas finas de luz cinza-azulada, feito um par de olhos estreitos.

Lucius parou ao lado de uma das máquinas e estendeu a mão.

– Agora, sim! Isso é o que você estava esperando para ver.

Bruce encarou as luzes. *São os drones*. Pareciam encará-lo de volta, assustadores, como se estivessem *cientes* de sua presença. Se a intenção de Lucius era intimidar, tinha conseguido.

– Como funcionam? – perguntou ele, tentando não encarar aquele olhar penetrante.

– Bom – disse Lucius –, vou demonstrar.

O drone mais próximo se remexeu, ganhando vida, e seus olhos começaram a emitir um brilho azul. Imediatamente a máquina pareceu detectá-los.

– Ada – disse Lucius, com um meneio de cabeça para o robô, que no mesmo instante se virou em sua direção.

– *Sr. Fox* – respondeu a máquina.

– Pois bem – prosseguiu Lucius, olhando de volta para Bruce. – Ada é um apelido carinhoso para Armamento de Defesa Avançada. Ele já deduziu, com base nos nossos batimentos cardíacos, sinais elétricos corporais e linguagem gestual, que eu e você somos amigos. Ela também já vasculhou a internet para reunir informações sobre nós dois. Me empresta o seu celular?

Bruce entregou o aparelho. Lucius instalou um app enquanto Bruce observava, cauteloso. Um instante depois, Lucius devolveu o celular. Na tela, Bruce viu que o aplicativo exibia silhuetas brancas e azuis, dele próprio e de Lucius, enquadrando ambos na categoria AMIZADE de um dado código de cores.

– Agora, se detectasse um indivíduo hostil – prosseguiu Lucius –, ele imediatamente reagiria da maneira apropriada.

– E como o robô reconhece a hostilidade?

– Pela linguagem corporal. Postura agressiva. Além disso, ele também compreende as palavras, e algumas ativam o detector de hostilidade.

Lucius se virou para o robô, encurvou os ombros, apertou os olhos e ergueu os punhos.

– Permita-me demonstrar – disse ele, sem tirar os olhos da máquina.

Ada no mesmo instante assumiu uma postura rígida e estendeu os membros, revelando dois pares de armas acoplados de cada lado. Empertigou-se por um momento, avultando-se sobre Lucius.

– *Entregue-se, ou será preso.*

No mesmo instante, o robô projetou um escudo metálico de um dos braços e o estendeu diante de Bruce e dos outros, tão depressa que ele mal teve tempo de enxergar a cena acontecer. Bruce deu um salto para trás, erguendo as mãos em defesa. Lucius levantou os braços, indicando que havia se rendido; o robô detectou o movimento e tornou a se pronunciar.

– *Obrigado por cooperar, Sr. Fox* – disse o drone.

Mesmo frente à empolgação, Bruce sentiu um arrepio na espinha ao ouvir as palavras.

– O que ele faz se a pessoa não cooperar? – perguntou ele.

Lucius deu mais um toque no telefone. O drone recuou, retornando à postura passiva.

– O objetivo principal do Ada é proteger os policiais sob sua guarda. Ele vai estar o tempo todo em modo de defesa; o modo ofensivo será reservado como último recurso, caso ele sinta que um criminoso perigoso está prestes a atacar.

Enquanto Lucius se aprofundava nos detalhes do funcionamento interno, Bruce analisou as articulações do drone. Lucius abriu um painel na lateral da máquina e apontou para uma série de circuitos.

– Se eu tivesse corrido ou lutado, por exemplo, Ada estenderia a mão e me bloquearia sem o menor esforço. Além disso, ele é programado para não atacar os outros drones. Não tem como um abrir fogo contra o outro.

– Impressionante – concluiu Bruce, observando atentamente enquanto Lucius exibia a fiação atrás de um segundo painel do drone.

– Nossa proposta é que cada esquadrão policial seja acompanhado por um desses drones, e que cada equipe da SWAT utilize vários como reforço. Eles podem promover uma sensação de segurança e impulsionar o moral e a confiança das contrapartes humanas, além de servirem como uma defesa extremamente ágil, protegendo a vida dos policiais da nossa cidade mesmo nas ruas mais perigosas.

Bruce examinou o drone. Nunca vira uma inteligência artificial tão responsiva. Sua mente tentou juntar as peças para descobrir como Lucius conseguira aquilo. Ele se lembrava de haver um drone anterior, descartado por Lucius anos antes. Bruce pensou nas programações e no maquinário que vira. Teria Lucius elaborado tudo isso a partir daquilo?

Madeleine ia gostar.

A ideia percorreu sua mente feito um lampejo, presente e ausente no mesmo instante. Ele piscou os olhos, envergonhado. Para começar, ela era uma criminosa, o tipo de gente que aquele drone era programado para prender. Por que importava se ela entendia o bastante sobre aquela tecnologia a ponto de se interessar?

– Ada pode assumir os mais diversos tamanhos – prosseguiu Lucius, meneando a cabeça para o robô e acionando alguns comandos no aplicativo.

Enquanto observavam, o robô espichou as pernas metálicas até atingir o dobro do tamanho original.

– Isso permite que ele execute seu trabalho de proteção com um grau de mobilidade impressionante.

– Quando é que ele vai ser implementado como beta? – indagou Bruce.

– No baile de gala – respondeu Lucius, cruzando as mãos atrás do corpo. – Vamos posicioná-lo no lugar de um dos seguranças humanos, para impressionar os convidados.

– Legal – respondeu Bruce, tornando a pensar nas Criaturas da Noite.

Ele ainda não sabia o tamanho do estoque de armamentos, nem quando o grupo voltaria a atacar. Correu os dedos pelo dispositivo de frequências que havia guardado no bolso. Se quisesse falar com Madeleine outra vez, precisaria daquilo. Caso se deparasse com outro embate, feito o ocorrido no prédio da Bellingham, também precisaria da proteção oferecida pela tecnologia daquela sala.

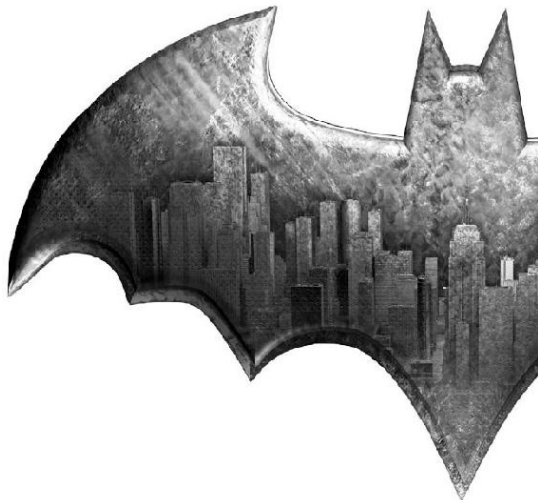
Ele se virou para Lucius.

– Você pode me inserir no sistema, para que eu possa voltar aqui sozinho? A gente não vai ter muitas oportunidades de se encontrar deste jeito durante os próximos meses.

Ele pigarreou, encarando Lucius com o olhar mais honesto possível.

– Eu adoraria estudar os drones um pouco mais – completou.

– É claro – respondeu Lucius, com um aceno respeitoso de cabeça, gesto que costumava dispensar ao pai de Bruce. – Afinal de contas, a empresa é sua.



CAPÍTULO 17

Aquela noite, Bruce se viu perdido em mais um pesadelo. Ele tornava a vagar pelos corredores escuros de sua casa. A mansão parecia se estender infinitamente em todas as direções: corredores que se transformavam em salas de estudo, depois em sacadas que contemplavam a completa escuridão. Alfred não estava em lugar algum. Bruce parou na sala de jantar. Havia alguém estendido no sofá.

A tempestade desabava. Uma das grandes janelas da sala de estar se estilhaçou, arremessando cacos de vidro para todos os lados. Um vento frio adentrou o ambiente, apagando a lareira e fazendo subir uma cortina de fumaça. Por instinto, Bruce se encolheu e cobriu a cabeça com um braço, para proteger o rosto; quando tornou a encarar o salão escuro, porém, a misteriosa silhueta já não estava lá. Uma breve vibração de medo percorreu seu corpo, e ele sentiu o súbito impulso de correr.

Uma mão tocou seu braço. Ele se virou.

Madeleine.

Pálida feito um fantasma, uma aparição, linda. Seu cabelo escuro liso e brilhoso se esparramava pelos ombros, refletindo com um brilho azulado as fendas de luz que banhavam o piso e as paredes.

Ela abriu um sorriso, como se o esperasse. Bruce notou que retribuía o sorriso, e ao mesmo tempo sentiu um arrepio onde a mão dela havia tocado. Ela não devia estar ali, devia? Ele estava se esquecendo de algo? Ela era uma criminosa, encarcerada atrás de uma

espessa barreira de vidro no Asilo Arkham. O que estava fazendo ali, então? Era difícil compreender as coisas perto dela, como se toda a lógica se virasse do avesso em um instante.

– Você não se lembra? – murmurou Madeleine, aproximando-se. – Você me tirou de lá e me trouxe para cá.

A voz dela era muito baixa, e Bruce sentiu o coração pesar ao ouvir aquele som. Sentia as mãos dela em seu peito, pequenas e frias. Levou um instante para perceber que havia sangue nelas, que marcavam sua pele com manchas escuras.

– Acha que o meu irmão mereceu sofrer como sofreu? – perguntou ela.

Não. Claro que não. As palavras dela trouxeram o familiar sentimento da perda dos pais, e Bruce estremeceu e desviou o olhar. Madeleine ergueu os braços e o abraçou pelo pescoço. Tocou-lhe o queixo, conduzindo delicadamente seu rosto de volta.

– Me diga a verdade – murmurou ela.

Seus olhos eram tão escuros. As pupilas escuras eram indistinguíveis das íris.

– Você não consegue parar de pensar em mim.

Não consigo.

Ela sorriu.

– E o que exatamente você pensa, Bruce?

Seus lábios. Seus olhos. A curva do seu sorriso. O sangue nas suas mãos.

Eu quero você.

Tenho medo de você.

Bruce começou a balançar a cabeça e se afastar. Sabia que ela não devia estar ali, sabia com cada fibra de seu ser que estava correndo perigo, mas ela o puxou de volta, até seus lábios se tocarem. O corpo dela estava colado ao dele, e isso era tudo que ele sempre quis. Então por que ele desejava ir embora? Ela correspondia ao beijo com sofreguidão. Ele estava nauseado... sentia cada músculo do corpo tenso, de desejo e terror. Jamais estivera com alguém como ela antes, jamais estivera nos braços de uma garota que genuinamente o assustasse. Parecia *errado*, doentio... e, ainda assim, era a melhor sensação do mundo. Ele não conseguia se afastar. Só conseguia continuar beijando seus lábios, a linha de sua mandíbula, seu pescoço. Queria ouvir sua respiração ofegante, queria ouvi-la sussurrar seu nome repetidas vezes.

E ela queria estar ali, nos braços dele.

Corra, Bruce. Ela quer matar você.

De algum ponto atrás dele, Bruce ouviu o inconfundível clique de uma arma de fogo. Afastou-se um pouco de Madeleine e olhou para trás. Encarava uma parede escura e lisa. Virou-se de volta... mas Madeleine havia desaparecido. As paredes pareciam distorcidas, indo e voltando, e ele balançou a cabeça, ainda tonto com o calor dos lábios dela. Um medo súbito e fortíssimo lhe embrulhou o estômago. Eles não estavam sozinhos.

Criaturas da Noite. Vão me trancar aqui. Ele tinha que sair da casa.

Bruce deu meia-volta e correu. Parecia arrastar os pés no ar. Alcançou a porta da frente e a abriu com um empurrão, mas em vez de sair da casa foi parar no mesmo corredor do qual havia acabado de fugir. *Impossível.* A janela quebrada da sala de estar agora estava intacta. A luz fraca que banhara as janelas havia desaparecido; Bruce estava envolto pela escuridão. Em algum ponto em meio às sombras ele viu uma silhueta correndo. Mais passos. Sussurros. O som penetrante de metal contra metal.

– Madeleine – chamou ele.

– Estou aqui – respondeu ela, atrás dele.

Bruce despertou do sonho com um arquejo. O ribombo de um trovão ecoou do lado de fora, e os galhos das árvores batiam com força na vidraça da janela. Ele se sentou na cama por uns segundos, ofegante, os olhos ainda arregalados encarando o quarto à sua volta.

Teria mesmo sido um sonho? Estariam as Criaturas ali à caça dele, trancando-o em sua própria casa como as vítimas anteriores de Madeleine? Ele ainda sentia o fogo dos lábios dela, o calor de seus braços. Suando frio, Bruce ficou ali parado, até que sua respiração enfim se acalmou. A lembrança do sonho começou a se dissipar, levando consigo o terror. A tempestade continuava lá fora.

Foi só um sonho. Ainda assim, em algum lugar de seu inconsciente, ele sentia Madeleine ali. Morria de medo dela, e ao mesmo tempo estava louco para tê-la nos braços.

Bruce olhou a hora em seu celular. Tinha acabado de amanhecer, mas as nuvens pretas do lado de fora faziam parecer madrugada. Ele recostou a cabeça e fechou os olhos por um instante. Então se levantou. Uma luz fraca iluminou seu peito nu. Ele saiu do quarto, descalço, e encarou o corredor, observando-o desaparecer em meio às sombras, imaginando Madeleine ali, uma imagem fantasmagórica na

escuridão. Só o silêncio e a tempestade o saudaram. Alfred ainda não tinha levantado. Depois de um longo instante, ele arriscou avançar e seguiu em direção ao escritório.

O ar naquele cômodo parecia estagnado, e a chuva que açoitava as janelas transformava o mundo num borrão. Bruce parou para encarar o antigo relógio de pé encostado numa parede. Os ponteiros estavam imóveis, e ele nunca havia se dado o trabalho de consertar. Ele correu a mão pelo cabelo, exausto, e foi até a escrivaninha. Sentou-se e ligou o computador.

A máquina – apenas um painel fino de vidro transparente da mesma largura da mesa, tecnologia que ele próprio desenvolvera – ganhou vida, e Bruce foi iluminado por um brilho frio e artificial. Ele olhou os ícones flutuantes que surgiam na tela e digitou uma nova busca.

mãe + Madeleine Wallace

Muitos links familiares surgiram, por conta das buscas anteriores a respeito de Madeleine: a prisão, os detalhes divulgados ao público dos assassinatos que ela cometera. Ele correu duas páginas de resultados. Por fim, no início da terceira, encontrou uma breve menção num artigo sobre Madeleine.

Era um artigo que discorria sobre os melancólicos detalhes da infância dela. Uma foto desbotada da família. *Madeleine Wallace. Cameron Wallace. Eliza Eto.* O irmão era mais velho que ela, porém parecia mais magro e frágil, de olhos fundos e ombros caídos, o cabelo raspado à máquina. Bruce se concentrou em Eliza Eto. Não havia dúvidas de que Madeleine herdara a beleza da mãe; as duas tinham o mesmo cabelo comprido, liso e preto azulado, a mesma pele clara e os lábios carnudos. Bruce voltou a ler o artigo.

“Tal negligência médica teve consequências trágicas. Uma semana após a morte do filho, Eliza Eto invadiu o consultório da Dra. Kincaid. Kincaid foi golpeada mais de doze vezes com uma faca de cozinha.”

Ao ler o trecho, Bruce engoliu em seco. A história era similar à que Madeleine contara a ele... mas não *idêntica*. Na versão de Madeleine, a mãe tinha acertado a médica uma vez com força demais, por acidente. Nessa versão, Eliza golpeara a médica uma dúzia de vezes com uma faca de cozinha, cometera um homicídio terrível e premeditado, e por consequência fora condenada à morte. Ela morreu na prisão antes da

execução da pena.

Bruce se recostou na cadeira, com um suspiro frustrado. Todos os relatos de Madeleine pareciam meias verdades. E as outras coisas que ela dissera a ele?

Uma janela de chat surgiu no canto da tela. Era Dianne.

Dianne: *Já está acordado?*

Bruce: *Tempestade doida. Não consegui dormir.*

Dianne: *Nem eu.*

Bruce: *Tudo bem? Como você está?*

Dianne: *Estou bem, Bruce. A questão é: você está bem?*

Bruce: *Não muito.*

Bruce suspirou. Por mais que odiasse ver Dianne de certa forma envolvida no caso, sentia alívio por ter alguém além de Draccon e da Dra. Zoe com quem conversar. Ele apagou a busca e tentou outra. Dessa vez procurou por Cameron Wallace.

Bruce: *Então, a Madeleine me contou mais sobre o passado dela.*

Bruce: *Draccon estava certa sobre ela vir de uma família de criminosos, só que eu ainda não sei dizer exatamente o quanto havia de verdade no que a Madeleine me contou.*

Dianne: *Bruce, você ainda está nesse caso? O caso que quase te matou?*

Bruce: *Só escute. Por favor, Di.*

Dianne: *Ok, ok. O que mais?*

Bruce: *A mãe dela também foi condenada à morte, por assassinato.*

Dianne: *Caramba.*

Bruce: *Mas fiquei com pena. Ela tinha 10 anos na época. E foi por causa do irmão.*

Dianne: *Ai, Bruce, eu lamento. E não sabia... ela tinha um irmão?*

Bruce encarou os resultados da busca na tela. O primeiro era o obituário de Cameron Wallace, 12 anos. Em cima, uma foto do garoto sorrindo.

Ele enviou o link a Dianne.

Bruce: *O irmão dela morreu de uma infecção bacteriana.*

Dianne: *E como isso acabou unindo a Madeleine às Criaturas da Noite?*

Vingança. Bruce sabia. Ouvira em seu relato sobre a morte da mãe e o tratamento insensível que recebera da justiça, na forma como falava do irmão. Se estivesse no lugar dela, Bruce talvez tivesse feito o mesmo. Porém, ele não negligenciava a médica que havia sido morta nem os três filantropos assassinados a sangue-frio.

Seja lá qual for o motivo, respondeu Bruce, *ela não fez isso sozinha*. Uma garota de 10 anos não se transforma numa assassina sem a ajuda de alguém.

Bruce pegou o perfil de Madeleine que roubara do escritório de Draccon. *Vou devolver da próxima vez que for lá*, disse a si mesmo. Correu o dedo pelo perfil, pelos relatos dos crimes. Parou perto do fim, onde havia um link impresso junto a um nome de usuário e uma senha. Era o vídeo do interrogatório.

Ele hesitou por um instante. Então digitou o endereço no navegador. A página pediu o nome de usuário e a senha, e Bruce inseriu.

Nome de Usuário: *DPGC Visitante*

Senha: *RaioVerde*

Apertou Enter. Ele estava agora no diretório de vídeos do departamento de polícia de Gotham. Os já conhecidos registros de cada crime de Madeleine surgiram na tela, seguidos de uma série de vídeos e interrogatórios. Bruce pausou o mouse sobre um dos vídeos, onde Draccon e vários outros policiais cercavam Madeleine em sua cela. Ela permanecia na cama, a cabeça virada, relaxada, enquanto eles disparavam um sem-número de perguntas, num tom de frustração cada vez maior. A visão trouxe um sorriso pungente aos lábios de Bruce, que recordou a mesma sensação de ser ignorado por Madeleine.

– Você não está tendo muito sucesso com as mentiras, Srta. Wallace – dizia Draccon, com o mesmo tom forte do dia em que conhecera Bruce. – Nós sabemos muito bem que você não estava sozinha na casa de sir Grant. Na verdade, suspeitamos que houvesse pelo menos três, talvez quatro, pessoas trabalhando nesse assassinato

com você. Quem eram os seus cúmplices?

Madeleine, como esperado, permaneceu em silêncio, com o olhar tão calmo e distante que parecia acreditar que estava sozinha na cela. A única coisa que Bruce percebeu foi o leve movimento das mãos no colo – ao olhar mais de perto, notou que ela dobrava e redobrava uma de suas criações em papel, repetindo seguidamente as mesmas três ou quatro dobras.

Dracon se aproximou e balançou a cabeça.

– A gente vai pegar todos eles, com ou sem o seu depoimento – disse ela. – Mas, para você, uma confissão pode fazer a diferença entre a prisão perpétua e a pena de morte. A escolha é sua.

Madeleine não se deu o trabalho de responder.

Bruce seguiu assistindo ao infrutífero interrogatório. Ficou sentado no silêncio da sala, ouvindo o som da tempestade do lado de fora, perguntando-se sobre os parceiros de trabalho de Madeleine. Ela invadira o sistema da prisão com apenas 10 anos; era esperta, claro, mas com certeza tivera ajuda de alguém. Então ele pensou nos assassinatos em si, na natureza hedionda de cada um: degolas, sangue por todo lado, sinais de luta desenfreada em cada residência.

Uma garota de 10 anos não se transforma numa assassina sem a ajuda de alguém. Já com cerca de quatro cúmplices...

O vídeo terminou. Bruce apertou replay e deixou tocar novamente.

E se *Madeleine* tivesse estado lá, mas não fosse a verdadeira assassina? *Quem mais estava com ela?*

O vídeo chegou outra vez ao ponto em que Madeleine dobrava o papel no colo. Bruce apertou os olhos... algo, *algo* em seus movimentos o fez pausar o vídeo. Ele reproduziu o trecho de novo. Como era de se esperar, ela dobrou os mesmos vincos repetidas vezes, três ou quatro, desfazendo e refazendo as dobras antes de prosseguir.

Bruce a vira fazer aquilo antes, claro, mas nunca do ponto de vista das câmeras de segurança. Daquele ângulo, uma nova ideia lhe ocorreu.

Ele e os policiais sempre haviam considerado aqueles origamis o passatempo de uma mente inteligente e entediada. E se aquilo, no entanto, nada tivesse de trivial? E se fosse uma forma de comunicação com o mundo externo? E se ela estivesse mandando *sinais* a alguém do outro lado das câmeras?

Bruce recostou o corpo na cadeira, atingido por uma onda de náusea. Ela era perspicaz, mas às vezes parecia saber mais do que

devia sobre o que se passava para além das paredes da cela. Havia à solta gente que tinha trabalhado com Madeleine... que talvez *ainda* trabalhasse com ela.

Só naquele instante notou o bate-papo aberto com Dianne:

Dianne: *Bruce?*

Dianne: *Alô?*

Dianne: *Bruce, está aí?*

Dianne: *Qual é a das sirenes?*

Com a nova teoria a respeito de Madeleine ainda revolvendo em sua mente, ele levou um tempo para perceber do que ela falava. *Sirenes?* Lá fora, em plena tempestade, sufocado pelo ribombo da chuva e dos trovões, ouvia-se o som distante de sirenes. *Muitas* sirenes.

Dianne enviou a ele um vídeo. As sirenes e luzes vinham de algum lugar próximo à rua dela, ensurdecedoras de tão perto.

Dianne: *Parece uma festa de ano-novo.*

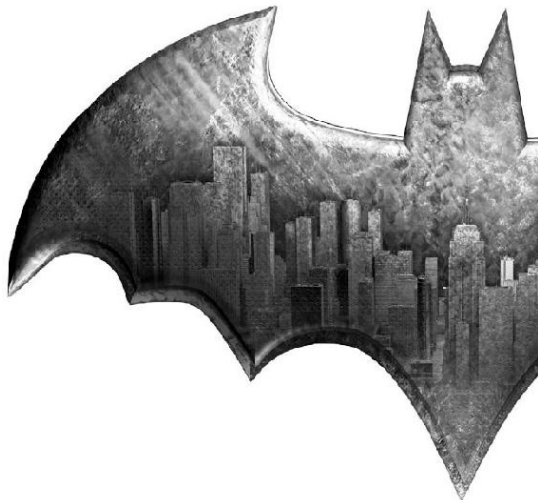
Ele se levantou, caminhou até a janela e espiou para ver se conseguia enxergar. Ali, na esquina abaixo da encosta da mansão, reluzia um aglomerado de viaturas da polícia.

Algo sério havia acontecido.

Ele correu de volta à escrivaninha, apanhou o controle remoto e ligou a tevê do quarto. Passou por diversos canais até chegar a um noticiário matinal. Um repórter falava sem parar. Abaixo dele havia uma tarja, revelando em letras garrafais a mais recente vítima das Criaturas da Noite:

O TERROR REINA:

Prefeito Price encontrado morto em casa



CAPÍTULO 18

Bruce se sentou diante da tela, que exibia fotos do prefeito no último evento público ao qual comparecera, sorridente, ao lado da mulher e dos filhos. A caçula, uma garotinha, estava com os braços enroscados em sua perna. Ao ver aquilo, Bruce sentiu um aperto no peito. Da última vez que vira Katie, ela ainda era um bebê, que soltava gritinhos animados ao ser jogada repetidas vezes para o alto.

Ele observou Richard, que na mesma foto estava virado para o pai. Bruce se lembrou de como a relação entre os dois estava péssima e do olhar penetrante de Richard enquanto limpava o sangue do nariz.

Ele imaginou Richard naquele instante, parado na entrada da casa, sem o olhar de desprezo, desnorteado, policiais à sua volta... Estaria ele sentado na ambulância, com um cobertor enrolado no corpo, encarando o vazio? Teria testemunhado a morte do pai? Estaria confortando a mãe e a irmãzinha?

Bruce tentou ligar para ele, mas a chamada caiu imediatamente na caixa postal. Tentou outra vez. Mesmo resultado. Fazia sentido; a última coisa que seu ex-amigo devia querer naquele momento era atender ao telefone.

A última informação anunciava que, daquela vez, as Criaturas da Noite haviam deixado um bilhete:

Gotham, culpe o vírus, não a febre. Vocês não estão sob o ataque das Criaturas da Noite. Estão sob o ataque de seus próprios ricos,

de seu sistema corrupto de dinheiro. Agora eles vão se banhar em sangue. Não tentem nos deter. Morte à tirania.

Estampado abaixo se via um carimbo com o símbolo das Criaturas da Noite.

Com o coração a mil, Bruce trocou de roupa e desceu as escadas em disparada. Em seu bolso, sacolejando a cada passo, estava o dispositivo de frequência que ele apanhara na WayneTech. Certificou-se também de que levava consigo o cartão de acesso ao Arkham. A Dra. Zoe andava pegando leve com ele desde a rebelião; provavelmente concordaria em ajustar suas horas e deixá-lo dar entrada mais cedo naquele dia.

Sem olhar para trás, Bruce abriu a porta e partiu.

A chuva açoitava o para-brisa do carro. Em meio à escuridão, o tempo parecia uma criatura viva no meio da noite, cheia de membros retorcidos e sombras salientes. A cada curva, uma ilusão.

Da última vez que ele empreendera uma investigação com a ajuda de Madeleine, conseguira revelar um esconderijo subterrâneo pertencente às Criaturas da Noite, forçando-os a deslocar suas operações para outro ponto. Se conseguisse falar com ela agora, se conseguisse descobrir *com quem* ela estava se comunicando, talvez fosse capaz de descobrir aonde levavam os rastros daquele crime. Poderia chegar a uma pista do líder.

A questão, claro, era até que ponto poderia confiar em Madeleine. Naquele momento, porém, ela era seu único guia, e as Criaturas da Noite estavam jogando ainda mais pesado. Ele precisava ajudar a polícia a desvendar a fundo aquela história, antes que o destino batesse à sua porta.

E se ela fosse inocente?

Quando Bruce chegou aos portões do Arkham, o temporal havia diminuído um pouco, e ele viu o asilo se avultando através do para-brisa. Uma luz amarela entremeava as janelas. Ele cruzou os dois portões de acesso, estacionou diante da entrada e saiu do carro, encolhendo-se ao receber uma lufada de vento. Passou depressa o cartão de identidade e correu para dentro assim que as portas se abriram.

– Madrugando, Wayne? – perguntou o segurança ao vê-lo dar entrada na recepção.

O homem via Bruce com tanta frequência que nem deu bola.

– Pois é – respondeu Bruce. – Preciso falar com a Dra. Zoe.

O guarda deu uma abocanhada na rosquinha e voltou a assistir à previsão do tempo na tevê.

– Vai lá. Ela deve estar no refeitório.

Ele não precisou mandar duas vezes; Bruce saiu correndo pela recepção em direção ao elevador que levava ao subsolo.

Ele não tinha permissão para estar ali embaixo, mas a Dra. Zoe demoraria para voltar. Para falar a verdade, com a morte do prefeito nos noticiários, Draccon talvez nem aparecesse – provavelmente estava na propriedade de Price naquele exato instante. Não estaria pensando em Bruce. Ele enfiou a mão no bolso e segurou o dispositivo de frequência.

Os dois detentos que haviam escapado durante a breve rebelião já não estavam por ali; haviam sido transferidos para outro local. No lugar deles havia outros, bem parecidos, de olhares assustadores e expressões ameaçadoras. Bruce parou no corredor, logo antes da primeira câmera de segurança no teto, e ligou o dispositivo.

Nenhum barulho – pelo menos, não que ele pudesse ouvir. Ele deixou correrem todas as frequências possíveis. Os segundos se arrastavam.

Então, uma convergência. Ele ouviu um breve clique vindo de uma das câmeras. Todas as outras acompanharam, num efeito sonoro que mais parecia um dominó; a luz vermelha que costumava piscar em cada câmera havia se apagado. Bruce aguardou. Ao ver uma luz azul, indicação de que as câmeras estavam sendo reiniciadas, ele tornou a pressionar o dispositivo e conectou todas a uma frequência errada, assim não gravariam nada do que se passava no corredor.

Ele rumou para a cela de Madeleine.

A garota estava acordada e alerta. Encarava o teto, como se observasse outra vez as câmeras de segurança. Bruce se perguntou se ela já sabia o que ele acabara de fazer. As câmeras não somente deixariam de gravar o encontro, como também estariam temporariamente inutilizadas, caso Madeleine as estivesse *de fato* usando como meio rudimentar de comunicação com o mundo externo.

Ela se virou para ele, que se aproximava da janela da cela.

– Achei que você não tivesse mais permissão para descer aqui.

– As Criaturas da Noite atacaram poucas horas atrás – respondeu Bruce. – O prefeito foi morto. Mas você já deve saber disso, não é?

Ele apontou com a cabeça para a câmera desligada.

– Você usa algum tipo de sistema interno para se comunicar? – perguntou Bruce.

Se ele não estivesse tão acostumado com a expressão calma e enigmática de Madeleine, não teria prestado muita atenção em sua piscadela astuta, no gesto sutil que denunciava sua surpresa.

– Essa hora da manhã, Bruce, e você tão angustiado – disse ela. – Não consegue parar de pensar em mim, não é?

As palavras eram tão similares ao que ela dissera em sonho que Bruce deu um passo para longe da janela, como se a distância pudesse protegê-lo. Esperava que ela não visse o rubor em seu rosto nem adivinhasse no mesmo instante o teor do sonho – mesmo agora ele não conseguia parar de encarar seus lábios. Tudo parecia tão real.

– Vamos lá, Madeleine – disse ele, baixando a voz.

Não tinha condições de confrontá-la agora... Precisava parecer vulnerável, para que ela baixasse a guarda.

– A gente já não conversou o suficiente para dispensar os joguinhos? O... o prefeito era pai de um amigo meu.

Ele desviou o olhar por um instante, então deu um passo à frente e tornou a pousar a mão no vidro.

– Você já me ajudou antes, me deu uma dica que ajudou a revelar um dos esconderijos das Criaturas da Noite. Se souber de alguma coisa, *qualquer coisa*... Por favor, me conte.

Madeleine suspirou. Por um breve segundo pareceu irritada, como se a notícia que Bruce trouxera não fosse a esperada. Então ela se levantou e caminhou até a vidraça que separava os dois. A proximidade fez Bruce recordar o sonho – os braços dela em seu pescoço, seus lábios se tocando –, e ele engoliu em seco, tentando afastar o pensamento.

– Eu não acho que você tenha cometido aqueles crimes – prosseguiu ele. – Acho que está envolvida, que *sabe* quem foi, mas por algum motivo estranho não quer compartilhar a informação. Está levando a culpa. E acho que você pode me ajudar a impedir a morte de mais gente inocente.

As palavras dele pareceram surpreendê-la outra vez. Ela o observou, agora pensativa, e por um instante o brilho em seus olhos de fato pareceu pertencer a uma adolescente.

– Bruce Wayne – disse ela, baixinho.

Seu olhar estava estranhamente afetuoso, exibindo um brilho cor

de mel.

– Existem duas formas de superar uma tragédia pessoal, sabia? Você é do tipo que se recupera e volta mais forte para a guerra.

– E você, de que tipo é? – perguntou ele.

Madeleine o encarou, sem responder, e Bruce sentiu um arrepio. Ela, então, se aproximou da janela, sua respiração embaçando o vidro.

– Escute bem – disse ela, a voz tão baixa que ele mal ouvia.

Bruce também se aproximou mais do vidro.

– As Criaturas da Noite tinham originalmente planejado invadir as contas do prefeito daqui a umas semanas. Eles receberam uma dica, alguma informação interna.

– Interna? De quem? – indagou Bruce, num sussurro premente.

Balançando a cabeça, Madeleine prosseguiu:

– Isso não tem importância. Se já atacaram, isso quer dizer que todo o cronograma foi adiantado...

Bruce prendeu a respiração; o tempo todo Madeleine *sabia* o que viria a seguir e tinha ocultado as informações de todos.

– Você sabia desse ataque e, mesmo assim, escondeu a informação da polícia? Se eles soubessem, poderiam ter salvado o prefeito.

– A vida do prefeito nunca esteve em discussão.

– Então você é uma integrante das Criaturas da Noite?

– Sim. E sei o bastante para alertá-lo.

As entranhas de Bruce se reviraram.

– Me alertar sobre o quê?

– Você está na lista das Criaturas da Noite. Cada um dos nossos alvos estava pagando propina ao prefeito para fazer vista grossa enquanto enchiam o bolso de dinheiro público. Você sabe o que isso significa, não sabe? *Milhões* que deviam ter ido para assistência aos pobres, aos doentes, a educação dos jovens, a proteção das ruas... tudo desperdiçado. O tempo do prefeito simplesmente acabou.

Policiais corruptos. Filantropos com negócios escusos. O próprio prefeito, aceitando propina e participando de fraudes.

– E eu? – vociferou Bruce. – Por que *eu* estou nessa lista? Eu não fiz nada disso. Meus pais eram pessoas boas... Com a riqueza deles foram implementadas mudanças *reais*. E eu só venho tentando levar adiante esse legado.

– A WayneTech vai lucrar milhões com aquele contrato para a melhoria das forças policiais de Gotham, não é? – perguntou Madeleine, agora com o semblante sério. – As Criaturas da Noite

lutam contra a opulência obscena que controla as mãos do governo, as algemas que aprisionam os fracos demais para se defender. Eles não acreditam que ninguém deva ter direito a tanto dinheiro e poder.
Morte à tirania.

Ela disse aquilo feito um bordão, e Bruce sentiu outro arrepio ao reconhecer a frase: fora o bilhete deixado pelas Criaturas da Noite na cena do assassinato do prefeito.

– Eles lutam contra gente feito *você*, estando ou não metido com a turma errada. Você ainda não estava na lista porque estavam esperando você completar 18 anos e tomar posse da herança. Mas agora você está no radar. Eles precisam da sua riqueza.

Ela fez uma pausa.

– Você é o próximo, Bruce.

As palavras dela soavam mais como ameaça que advertência.

– E o que você sugere que eu faça? – perguntou ele.

– Saia de Gotham – respondeu Madeleine. – Viaje para algum lugar; vá para o Taiti, passe o resto do verão lá. Daqui a pouco vai acabar o seu período aqui no Arkham, não é? Aí nós vamos parar de nos comunicar. Saia do caminho das Criaturas da Noite.

Bruce balançou a cabeça, confuso.

– Por que você está fazendo isso? – perguntou ele. – Você parece querer impedi-los; está tentando me proteger. Mas agora quer que eu saia do caminho deles. Você os apoia ou não? O que está fazendo, Madeleine? *Quem você está protegendo?*

Madeleine se limitou a olhar para ele, como se desejasse que houvesse outra saída. Ele sentiu uma força invisível o atraindo até ela, que também aproximava o rosto do dele. Então ela se virou.

– Sinto muito – disse ela.

E foi isso.

– Espere – pediu ele, mas ela não retornou.

Ele estava em perigo?

– Você precisa me contar mais. Você sabe o que eles estão...?

– *Bruce!*

Ao se virar, ele viu a detetive Draccon avançando pelo corredor, o casaco comprido balançando, seguida pela Dra. Zoe.

– O que está fazendo aqui? – esbravejou a Dra. Zoe.

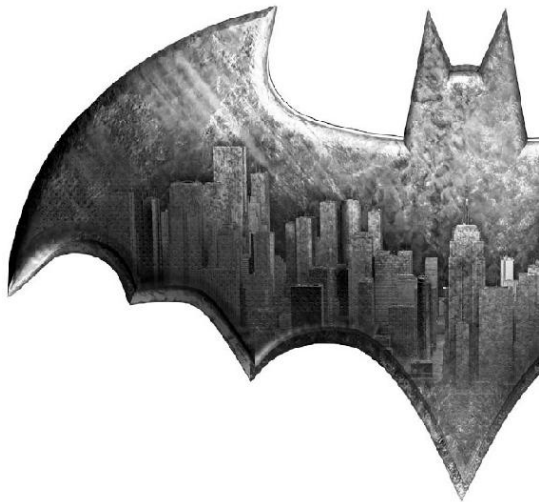
Ela encarou as câmeras de segurança, que emitiam novamente uma luz vermelha.

– Você está fora do caso – acrescentou Draccon. – *Acabou.*

Bruce olhou mais uma vez para a cela de Madeleine. A quietude dela revelava que estava escutando. Assim que a detetive e a doutora o alcançaram, Madeleine virou a cabeça, e ele viu que a garota sorria de leve.

– Vocês não estão entendendo – disse ele às duas, apontando para Madeleine. – Ela tem informações sobre o assassinato do prefeito. Ela disse que eu...

– Você vem comigo – interrompeu Draccon, agarrando Bruce pelo braço. – Se você olhar para essa garota outra vez, vou mandá-lo pessoalmente de volta ao tribunal.



CAPÍTULO 19

A chuva salpicava o para-brisa do carro de Draccon, que conduzia Bruce para fora do Arkham. Enquanto os dois avançavam pela trilha ladeada de árvores nuas, a luz fraca refletia a fúria nos olhos da detetive.

– E o meu carro? – perguntou Bruce, olhando em direção ao asilo.

– O departamento vai devolver daqui a algumas horas – retrucou Draccon, entregando a ele uma folha de papel dobrada. – Depois da morte do prefeito e da sua conduta hoje de manhã, não foi difícil conseguir um mandado de busca para o seu carro. Além disso, quero *ver* você entrar em casa.

– Está suspeitando de mim?

– E eu não deveria, depois do seu espetáculo de hoje? – perguntou ela, encarando Bruce. – Dei a ordem explícita de que não descesse lá. Por que você foi?

– Eu tinha que fazer uma última pergunta a Madeleine – insistiu Bruce. – Detetive, ela pode nos apontar quem foi que matou o prefeito. *Ela sabe*. Acho que as Criaturas da Noite estão tramando alguma coisa importante, e...

– Sabe o que eu acho? Acho que você está triste por ficar longe dela. Foi coincidência as câmeras de segurança do subsolo terem sido reiniciadas na mesma hora em que você decidiu ir conversar com a Madeleine sem o meu consentimento?

– Não sei do que a senhora está falando.

– Pode parar de teatrinho comigo. Acha que eu nunca vi um rapaz apaixonado? – perguntou ela, num tom mais ríspido que o necessário, dando uma fungada e largando a bolsa e os papéis no banco de trás. – Eu já perdi a conta de quantas vezes me apaixonei e desapaixonei... Detesto trazer más notícias, mas acho que você não tem um futuro com aquela garota.

Bruce tentou imaginar a detetive apaixonada, despindo-se da carapaça autoritária.

– Isso é ridículo.

– Ah, é? – perguntou ela. – Então por que você continua falando com ela?

Draccon estivera acompanhando de perto as imagens das câmeras de segurança. Bruce a encarou e viu uma expressão impassível; ela queria saber mais. Ele respirou fundo.

– Não acho que a Madeleine tenha matado aquelas três pessoas.

– Por que acha isso? – perguntou a mulher, com um olhar rígido.

– Eu estava lendo sobre os detalhes dos crimes dela e da mãe. Ela parece sempre proteger alguém ainda à solta. Sabe aqueles guardanapos que ela vive dobrando? Não acho que seja só passatempo... Acho que, quando ela faz as dobras, transmite mensagens pelas câmeras de segurança. E o prefeito foi morto hoje de manhã. Tem alguém solto por aí, cometendo os crimes que *achamos* que foram cometidos pela Madeleine. Simplesmente não faz sentido.

Draccon arqueou as sobrancelhas.

– Uau... Você está pior do que eu pensava.

– Estou sendo objetivo – retrucou Bruce. – Não sou maluco.

– Não. É só ingênuo.

Draccon apertou o volante.

– Quando ela foi presa, eu estava na cena do crime. Fui um dos policiais que a pegaram no flagra. Ela estava coberta de sangue, Bruce, com cortes nas luvas e facas presas à cintura. As impressões digitais dela estavam espalhadas pela casa inteira. Depois, durante o interrogatório, ela confirmou que era culpada por cada um dos crimes.

– Ela é inteligente demais para deixar digitais pela casa inteira – retrucou Bruce. – Não foi a senhora que conversou com ela. A senhora não a *ouviu*. Se tivesse ouvido, entenderia o que eu estou dizendo.

– Não conversei porque ela *escolheu* falar com você. Você está questionando o meu trabalho, Bruce, o trabalho de todo o departamento de polícia. Ela matou aquelas pessoas. Agora está nos

dando... dando a você... informações nada úteis, porque percebeu que isso pode ajudá-la a evitar a pena de morte. Não é nada bom para ela continuar retendo informações.

– E o que foi que vocês fizeram para tentar arrancar mais coisas dela?

– Como assim?

– A senhora e a Dra. Zoe também autorizaram que o Arkham a tratasse com violência?

– Que *papo* é esse? – perguntou Draccon, trocando a irritação pelo espanto.

– Os *hematomas*. A senhora também já deve ter visto. Um tempo atrás, quando fui conversar com a Madeleine, ela tinha hematomas no olho e no braço.

Draccon permaneceu em silêncio.

– Isso é ridículo – disse ela, por fim. – Ninguém encostou nela.

– Foi no mesmo dia em que ela disse que tomou a medicação intravenosa. Será que ela arrumou aqueles hematomas na ala médica?

– Bruce, ela *não* toma medicação intravenosa. E, mesmo que tomasse, seria administrada na cela. Ela não precisa sair do confinamento para nada.

Ao ouvir aquilo, Bruce hesitou.

– Ela me disse que teve uma briga com a enfermeira quando tentaram injetar o medicamento – explicou ele.

Draccon balançou a cabeça.

– Estava mentindo – retrucou ela.

– Então...

Bruce franziu o cenho, tentando entender. Ela *se* feriu como estratégia?

– Talvez valesse a pena conferir as imagens de segurança – disse ele. – Mande alguém lá para conferir. Se ela tiver mesmo hematomas, então talvez seja bom ver se não há algum empregado indo até lá para agredi-la. Ela ainda é muito vantajosa para vocês, não é?

Draccon hesitou, com um grunhido de irritação.

– Vou conversar com o pessoal da segurança – respondeu ela, então olhou para Bruce. – Avisei para tomar cuidado com essa garota. Ela não é normal, Bruce. Não é alguém com quem seja possível se abrir e esperar que corresponda. Não é alguém com quem possa ter uma conversa e sair achando que a compreende melhor.

A detetive o olhou de esguelha.

– Pois bem. O que mais ela contou e você escolheu não repassar? – insistiu ela.

Bruce hesitou. *Saia de Gotham*, dissera Madeleine. No entanto, talvez também estivesse mentindo em relação a isso. Draccon reduziu a velocidade e parou diante de um sinal fechado. Então encarou Bruce.

– Escute aqui, garoto. Se ela contou alguma coisa que eu deva saber, você precisa me dizer *agora*. Entendeu?

Ela precisa saber. Bruce encarou a detetive.

– Ela disse que eu estava na lista de alvos – respondeu ele. – Me mandou sair de Gotham, para a minha própria segurança.

– Há uma lista de extermínio? – perguntou a detetive.

Draccon o observou por um instante. Soltou um palavrão e pegou o telefone.

– Mande uma equipe para a mansão Wayne.

Quando os dois chegaram à mansão Wayne, a chuva já havia cessado. O caminho que levava aos portões principais estava livre, e o destacamento de segurança ainda não havia chegado. Na mesma hora, Bruce sentiu que havia algo errado.

A detetive parou o carro em frente ao interfone. Estava prestes a apertar o botão quando Bruce estendeu a mão para detê-la.

– Espere – disse ele, olhando para os portões.

– A entrada costuma ficar destrancada? – perguntou Draccon, vendo o que havia chamado a atenção do garoto.

– Não – respondeu ele.

Nunca. Alfred não tinha o hábito de deixar os portões sem tranca, mesmo que estivesse à espera de Bruce. No entanto... a abertura entre os dois lados era tão sutil que à primeira vista eles pareciam fechados.

Um mal-estar subiu à garganta de Bruce. Entreabertos daquela forma, os portões deveriam emitir um alarme. Mas estavam em silêncio, desativados.

– Espere aqui – disse Draccon, a mão já na arma.

– Mas eu...

– *Fique no carro, Bruce*. É uma ordem.

Draccon saiu do veículo e avançou devagar. Deslizou pela pequena abertura entre os portões. Madeleine o havia alertado apenas uma hora antes. Será que alguém...? Ele voltou a atenção para a mansão. Nenhuma das luzes estava acesa.

Uma náusea forte atingiu Bruce bem no peito. *Alfred.*

Dracon havia chegado aos degraus da frente e os subia lentamente, encostada na parede, a arma apontada para baixo. Murmurava algo pelo comunicador preso à gola da blusa. Bruce olhou pelo vidro traseiro do carro. Nada da equipe de segurança. Tornou a encarar a casa, onde Dracon gritava para que alguém abrisse a porta. Uma onda de pavor dominou Bruce. Alfred ainda não viera abrir a porta. Um instante depois, ouviu um rangido. Com um leve toque, Dracon abriu a porta.

Os detalhes dos assassinatos lhe retornaram à mente num lampejo. *O sistema de segurança de cada residência não apenas foi comprometido, mas totalmente reprogramado para trabalhar contra os proprietários, trancando-os dentro da própria casa em vez de protegê-los.* As Criaturas da Noite estavam ali e *queriam* que ele entrasse.

O casaco caramelo de Dracon havia desaparecido atrás dos pilares da frente. Ela tinha entrado na casa. Bruce olhou em volta, à procura de qualquer coisa que pudesse usar como arma, mas não encontrou nada. Se Madeleine estivesse certa, se eles estivessem ali atrás *dele*, iriam encontrá-lo cedo ou tarde.

Bruce semicerrou os olhos. *Que venham.* Isso os distrairia, evitando que fizessem mal a Alfred – se já não tivessem feito. Ele saiu do carro e passou pela brecha nos portões.

A casa jazia num silêncio assustador. Bruce avançou, as costas coladas nos pilares e o olhar atento a tudo. Deslizou devagar até a porta e entrou na sala de estar. Foi saudado pelas sombras. Ao fechar a porta atrás de si, fez-se um leve clique. Ele parou, a mão ainda na fechadura, então deu um puxão. Um puxão forte. A porta não abriu.

Ele estava trancado com os assassinos. E Dracon não estava em lugar algum.

Ao ver marcas escuras numa das paredes, um arrepio percorreu seu corpo. *Sangue? Tinta?* Olhou mais de perto, incerto do que via, e recuou, aflito. Um símbolo fora pintado em spray na parede: o contorno grosseiro de uma moeda consumida em chamas.

As Criaturas da Noite estavam ali, à espera dele.

Os pesadelos de Bruce retornaram com força: ele cruzando os corredores escuros da própria casa, encontrando Madeleine, sendo perseguido.

Não. Ele se forçou a fechar os olhos e acalmar as ideias. Estava em vantagem ali. A casa era *dele*. Ele a conhecia como a palma da mão.

Podia percorrê-la inteira vendado, se fosse preciso.

A escuridão era sua aliada, não inimiga.

Bruce avançou a passos suaves, em direção à cozinha. Precisava de uma arma.

Ele ouviu passos de algum lugar da casa. Não era o caminhar já conhecido de Alfred. Ele seguiu em frente. As cortinas brancas sobre a mobília das salas de jantar e de estar pareciam fantasmas; a porta do escritório estava escancarada. Ele cravou os olhos, como sempre, no relógio de pé parado ali. E, enquanto o encarava... viu uma silhueta passar à sua frente.

Ficar parado seria o mesmo que morrer. Ele disparou pelo corredor e entrou na cozinha, cuja iluminação fraca vinha da janela sobre a pia. Bem ao lado viu a fileira de facas sobre a grande tábua de madeira, imantadas a uma barra de metal.

Passos no hall de entrada. Se fosse Draccon, poderia facilmente atirar em Bruce por engano, caso ele se descuidasse. Ele tinha que se esconder. Pegou uma das facas da cozinha e foi tateando pelas sombras em direção a um armário grande e vazio, que outrora abrigara uma adega climatizada.

De repente ele ouviu um berro, vindo da garagem.

– Alto!

Era Draccon.

– Polícia! Mãos para cima, ou *eu vou atirar!*

Uma onda de adrenalina irrompeu nas veias de Bruce, e o mundo ao seu redor se aguçou. Ele se lembrou de quando caiu no poço da mansão quando criança, rodeado de água, escuridão e criaturas. Fechou os olhos por um instante.

O medo clareia a mente. O pânico a obscurece.

Bruce abriu os olhos e se concentrou.

Uma porta bateu, seguida pelo bipe de um alarme. Bruce começou a mapear mentalmente a planta da mansão. Alguém havia trancado a porta da garagem com o sistema automatizado de segurança da casa. Não podia ter sido Draccon. *As Criaturas da Noite isolaram a detetive na garagem.*

Ele não podia ficar escondido por muito tempo, com Draccon presa e Alfred ferido. Os intrusos foram até lá atrás *dele*, e ali ficariam até encontrá-lo.

O corrimão no segundo andar está bambo. Bruce se virou para a escada que dava para o segundo andar, esperando para ver se o

caminho estava livre. Respirou fundo, saiu em disparada da cozinha e subiu a escadaria, evitando os pontos rangentes.

A voz grave de um estranho, sarcástica e debochada, chamou-o do andar de baixo.

– Bruce!

Todos os pelos da nuca de Bruce se eriçaram frente àquele som. Um suor frio brotou em sua testa. *Não entre em pânico*, lembrou a si mesmo, taciturno. *Pense*. Enfiou-se nas sombras formadas por uma série de bustos de mármore e aguardou.

Como era de se esperar, o som de passos ecoou pelas escadas; alguém o seguia até o andar de cima. Eram passos pesados, claramente de um estranho, e Bruce ouviu a respiração fraca do desconhecido que subia os degraus.

Segurava a faca com tanta força que as juntas de seus dedos estavam brancas. Ele podia surpreender o intruso naquele exato momento, mas a ideia de esfaquear alguém não lhe parecia certa. Por entre as sombras, Bruce distinguiu parte da silhueta do estranho – grande, ombros arqueados – e ouviu suas passadas, um caminhar levemente coxo, meio fora de ritmo. Ele se equilibrava mal.

Ele passou pelo corrimão bambo, perscrutando tudo à frente, à procura. *Agora*. Bruce deu um bote na escuridão. O estranho se virou e Bruce vislumbrou seu rosto: enrugado, ameaçador, surpreso.

Ele acertou o bandido com força. Por um segundo, não pareceu suficiente; no entanto, o homem recuou e se agarrou ao corrimão, que se entortou com o seu peso, então cedeu, com um estrépito. Ele tentou em vão impedir a própria queda, mas foi tarde demais. Com um grito, desabou e bateu a cabeça na lateral do sofá do andar de baixo.

Mexa-se, disse Bruce a si mesmo. O ataque denunciara sua posição. Se houvesse outros na casa, saberiam onde ele estava. Sua faca havia caído em algum ponto do corredor, mas ele não tinha tempo para procurá-la. Disparou escadaria abaixo. Da cozinha veio o som de passos e algo se arrastando. Uma voz abafada. Ele se mesclou às sombras da sala de jantar. Armando uma estratégia, cobriu o espaldar de uma cadeira com a cortina amarela.

– Sabemos que você está aqui, Bruce Wayne – chamou outra voz, agora bem mais perto. – Aquela viatura de polícia no portão está quieta demais.

Quantas Criaturas da Noite haviam invadido a mansão?

Bruce viu silhuetas escuras lado a lado na cozinha. Dois homens

mascarados, com um terceiro caído entre eles. Ele identificou a terceira pessoa, que tinha um pedaço de pano branco enfiado na boca. *Alfred.*

Ele estava consciente, mas havia um corte ensanguentado em sua testa; parecia se escorar nos dois homens. A fúria de Bruce fez cada músculo de seu corpo se contrair. Alfred, seu guardião, que jamais na vida demonstrara fraqueza... à mercê daqueles monstros.

– E se ele já tiver escapado? – murmurou um dos homens.

– Não – respondeu o outro. – A casa está protegida. A gente vai saber se ele tentar escapar.

– Tem certeza?

– Mads arrumou os detalhes do sistema de segurança dessa casa pessoalmente. Tenho certeza.

Mads? Madeleine.

O nome se alojou na cabeça de Bruce, embrulhando seu estômago. Como era estranho ouvir o apelido dela. Talvez fosse mais apropriado, revelasse sua verdadeira face. Madeleine parecia mesmo gostar dele – até o *advertira* a sair de Gotham. Mas e se na verdade ela só tivesse se aproveitado dele?

Dracon estava certa em relação a tudo.

A raiva de Bruce era abrasante e serviu de combustível. As outras três vítimas de Madeleine haviam morrido por tentar *fugir* de casa. Este fora o primeiro erro: agir como presas. Aquela, no entanto, era a casa de Bruce. A casa dos *pais* dele. Eles agora estavam em seu território.

E, em seu território, ele era o predador.

Bruce saiu do esconderijo em silêncio e contornou o balcão da cozinha. Daquele lado da ilha havia um interruptor, que acionava o triturador de alimentos na pia. Ele esticou o braço. Do outro lado, os homens olhavam para baixo, concentrados em Alfred.

Bruce prendeu a respiração e apertou o interruptor.

O triturador ganhou vida, ensurdecendo em meio ao silêncio. Os dois homens saltaram, xingando, e se viraram para a pia. Na escuridão, Bruce viu o contorno de suas armas. Apenas Alfred voltou o olhar para o outro lado, onde Bruce estava agachado.

Antes que os dois homens pudessem se virar de volta, Bruce arrancou Alfred de seus braços. Um deles deu um giro. Bruce acertou um soco em seu maxilar, depois no estômago, e o homem curvou o corpo, com um arquejo ruidoso. Alfred deu um chute no segundo

homem, desequilibrando-o. Bruce não perdeu tempo. Partiu para cima dele e o derrubou.

– Abaixe-se! – gritou Bruce.

Alfred deu um mergulho no chão.

– *Seu mer...* – grunhiu o homem, estendendo a mão.

A arma reluziu em meio à penumbra. Bruce voltou os olhos para a sala de jantar.

– Detetive, agora! – gritou ele.

O segundo homem olhou para trás, por instinto, e confundiu o tecido com que Bruce cobrira o espaldar de uma cadeira com o casaco caramelo de Draccon. Levou um susto e apontou a arma para o que imaginou ser a detetive.

Era a distração de que Bruce precisava. Ele cravou um soco no pescoço do homem. Os treinos de luta lhe vieram à mente.

Antes que pudesse desferir o segundo golpe, porém, alguém o puxou bruscamente. A primeira Criatura tinha se levantado, cambaleante. O golpe em seu maxilar o havia desestabilizado o bastante, mas o homem era pesado e muito maior que Bruce. Bruce se debateu, em vão, tentando alcançar o agressor, mas o ângulo não era bom. O homem o agarrou pelo pescoço, tentando estrangulá-lo. O ar se alojou na garganta de Bruce. Ele cambaleou.

– O chefe vai ficar feliz em ver você, riquinho – bradou o segundo homem.

Alguém avançou para cima do captor de Bruce. Era Alfred, que chutou o homem com força na lateral do corpo, bem no fígado. O sujeito caiu de joelhos, com um grito agonizante. Bruce respirou fundo, acertou o homem no maxilar e o observou cambalear.

– *Bruce Wayne.*

Bruce se virou e viu uma figura alta na entrada da cozinha. Um par de óculos lançava um brilho prateado na escuridão. Algo metálico reluzia em seus braços e pernas, feito uma armadura, e seu rosto estava coberto por uma máscara que deixava apenas a boca exposta. Ele abriu um sorriso assustador.

O líder das Criaturas da Noite.

– Ora, ora – disse o homem, apontando uma arma para Bruce. – Todo crescidinho e cheio da grana.

As palavras ecoaram na mente de Bruce. Algo naquele homem parecia familiar, como se ele o conhecesse de outra vida. Mas não havia tempo para divagar. O homem mantinha a arma apontada para

ele. Bruce se jogou no chão. A bala estilhaçou a janela da cozinha atrás dele. Um alarme soou.

Bruce se levantou com um salto, puxou uma das facas da barra metálica e arremessou direto no homem.

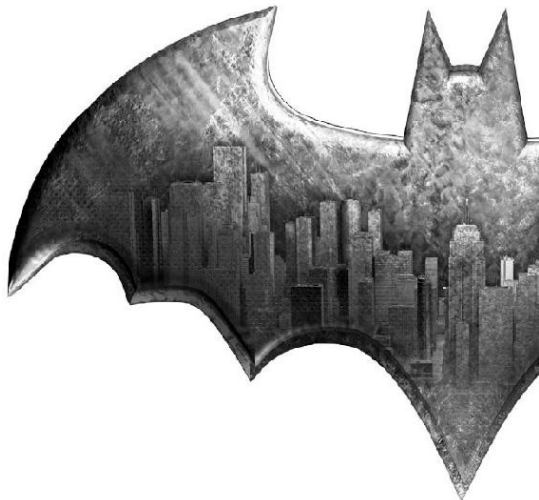
O chefe havia subestimado Bruce. Ele soltou um grunhido surpreso e deu um giro para o lado, levando a mão ao rosto. *Acertei*, pensou Bruce. Ele agarrou o braço de Alfred e tentou arrastá-lo para fora do recinto – para fora do tiroteio.

Sirenes soaram do lado de fora. A equipe de segurança de Draccon enfim havia chegado.

O líder tornou a encarar Bruce. Então, se decidiu: emitiu uma ordem às duas outras Criaturas e jogou uma bomba de fumaça no chão. A explosão fez o chão estremecer. Todos foram envolvidos por uma onda de fumaça preta, que encobriu o recinto em total escuridão. Bruce se agachou, tossindo.

– Até breve, Bruce Wayne.

Um enorme estrondo irrompeu da garagem onde Draccon estava presa. Bruce tentou alcançar os outros homens, mas eles já haviam escapado pela cortina de fumaça. Enquanto Draccon e a polícia adentravam a casa às pressas, as Criaturas da Noite se desvaneciam com a mesma rapidez com que haviam chegado.



CAPÍTULO 20

As horas seguintes passaram feito um borrão. Bruce tinha flashes de recordações na ambulância, no hospital, na sala de espera... Uma confusão de médicos, enfermeiros e policiais, e ele mal sabia onde um terminava e o outro começava. Ele teve a mão enfaixada, graças a um corte na palma que ele nem se lembrava de ter recebido. Tirando isso, havia escapado ileso. Fisicamente, pelo menos. Suas mãos ainda tremiam, e por mais que estivesse em um local que parecia seguro, esperava a qualquer instante por um ataque de uma Criatura da Noite.

O importante era que Alfred estava vivo. Sofrera uma concussão por causa do golpe na cabeça, mas ficaria bem.

– Bruce!

Ele ergueu os olhos, com a cabeça apoiada nas mãos, e viu Dianne e Harvey correndo na sala de espera. Ao se aproximar, Dianne abraçou Bruce com força. Harvey pôs a mão em seu ombro, os olhos repletos de preocupação.

– A gente veio assim que soube. Caramba, Bruce! – disse ele, com um longo suspiro. – Como você está?

Bruce deu de ombros, enquanto os dois se sentavam a seu lado.

– Na medida do possível, bem – respondeu ele, encarando o corredor na direção do quarto de Alfred.

– E o Alfred? – perguntou Dianne, acompanhando o olhar do amigo.

– Ainda está descansando – respondeu ele, sufocando a culpa que

insistia em dominá-lo. – Estou aguardando uma autorização para visitá-lo no quarto.

– Sinto muito – falou Harvey, baixando a voz e dando um tapinha no ombro de Bruce. – Esses caras vão pagar. Eles não vão se safar. Espere só... Até a noite, o chefe deles vai estar no noticiário, atrás das grades.

Dianne balançou a cabeça.

– Você realmente botou três Criaturas da Noite para correr sozinho e ainda evitou que machucassem o Alfred?

– Tudo aconteceu muito rápido – respondeu Bruce, sem se sentir um herói, por mais que tudo fosse verdade. – Pelo que soube, as Criaturas da Noite têm uma lista de execuções, e eu estou nela.

– *Como assim?* – perguntaram Dianne e Harvey ao mesmo tempo.

– Bruce!

Os três se calaram, ergueram o olhar e viram Lucius, correndo pela sala de espera. Ele tomou a mão de Bruce num aperto afetuoso e o puxou para abraçá-lo.

– Você está a salvo, graças aos céus. E Alfred?

– Vai se recuperar – respondeu Bruce.

Lucius balançou a cabeça, atônito.

– Ouvi dizer que você conseguiu se virar bem contra as Criaturas da Noite – disse ele –, mas seria ótimo se evitássemos que você se metesse em situações de perigo no futuro. Você não precisa ir ao baile de gala hoje à noite... Não é obrigado a fazer nada. Só descanse. Confie em mim, ninguém vai ficar chocado se você decidir que é melhor se resguardar. Sua vida foi...

– Eu vou ficar bem, Lucius, obrigado – interrompeu Bruce, com um meneio de cabeça. – Vou estar tão seguro no baile quanto em qualquer outro lugar, e vai ser uma boa distração. Nossos drones vão estar todos lá, não vão?

– Sim, vão – respondeu ele, conseguindo abrir um sorriso.

Uma médica se aproximou.

– O Sr. Pennyworth está acordado – disse ela. – Os sinais vitais dele estão bons, e o senhor vai poder levá-lo para casa hoje à noite.

– Posso falar com ele agora?

A médica assentiu.

– Sim, Sr. Wayne. Mas não exagere. Ele ainda precisa descansar.

Bruce acompanhou a médica pelo corredor e entrou no quarto. Encontrou Alfred sentado na cama. Bruce sempre o considerara forte e

invencível. Agora, porém, pela primeira vez ele também parecia *velho*, o cabelo grisalho mais aparente do que nunca. Mortal. Bruce não gostou do pensamento.

– Patrão – disse Alfred, com um pouco de rouquidão na voz em geral forte e grave.

Uma enorme atadura lhe cobria o alto da cabeça. Bruce correu para o lado de Alfred, agarrou sua mão e a apertou.

– Como está se sentindo? – perguntou ele. – Me disseram que o corte da testa precisou de pontos.

– Ah, vou ficar bem – respondeu ele. – Isso não é nada comparado ao que já passei no Exército.

Ao ouvir as palavras otimistas de Alfred, Bruce sentiu um enorme peso sair de seu peito.

– Eu sinto tanto, Alfred – lamentou ele. – Achei por um momento que tivesse perdido você.

Por tantas vezes Bruce deixara Alfred preocupado: dirigindo depressa demais, perseguindo um criminoso por impulso, arriscando a própria vida. Ainda assim, nada o assustara tanto quanto perceber que Alfred poderia ter morrido. Quantas vezes Bruce infligira o mesmo temor em seu guardião?

Alfred encarou a cabeça baixa de Bruce, com um olhar suave.

– Cabeça erguida, patrão Wayne – disse ele. – Eu estou aqui e, fora um curativo na cabeça, estou me sentindo muito bem. O senhor agora é um homem, embora um homem bastante jovem que por vezes se mete em confusão... mas sempre vai ser o meu protegido, e eu sempre cuidarei do senhor. Assim como o senhor cuidará de mim.

Bruce o encarou. Reconhecia aquele olhar. Mesmo dez anos depois da noite no beco, aquele olhar ainda era capaz de tranquilizá-lo nos momentos mais sombrios. Bruce assentiu, tentando não imaginar a vida sem ele.

Alfred sorriu.

– Nós dois formamos uma boa equipe, patrão – disse ele.

Bruce deu um tapinha no ombro do guardião.

– Você mandou muito bem, Alfred. Aquele chute foi incrível!

Alfred deu uma piscadela, então fechou a expressão.

– O senhor está marcado como um dos alvos das Criaturas da Noite. Tem pontos em comum com os alvos anteriores de Madeleine, não é?

– Como você sabia disso?

– O senhor achou que eu não ia pesquisar sobre essa garota de quem vive falando? – retorquiu Alfred, inclinando-se para a frente. – Ela é perigosa.

Bruce assentiu, então franziu a testa.

– Eu sei. E não estou entendendo nada.

Ele baixou a voz:

– Alfred... ela me avisou. Na última conversa que tivemos, ela mandou que eu saísse de Gotham, disse que eu era o próximo da lista das Criaturas da Noite. Ela *sabia* que aquilo ia acontecer e queria que eu soubesse.

Alfred semicerrou os olhos.

– Talvez tenha armado tudo aquilo, uma emboscada.

Então a porta do quarto se abriu, e Draccon entrou. A detetive exibiu um terrível olho roxo e um dos braços estava numa tipóia. Ao vê-la, Bruce foi tomado por uma onda de alívio. Ele se levantou para cumprimentá-la.

– Detetive – disse ele. – A senhora está...

Ela abriu um sorriso receoso, mas não se afastou da porta, e a frase de Bruce se esvaiu na boca.

– Detetive? – repetiu Bruce, agora hesitante.

– O que houve? – acrescentou Alfred.

Draccon respirou fundo.

– É a Madeleine.

A alegria em ver Alfred se recuperando, em saber que Draccon estava bem... no mesmo instante tudo deu lugar a uma gélida mortalha de pavor. Bruce encarou a detetive.

– O que tem ela?

– Ela fugiu.

Fugiu.

Bruce permaneceu sentado, incapaz de compreender. *Não.* Como? Ela não havia escapado durante a rebelião... por que faria essa manobra agora?

– Ela... não pode... – balbuciou ele.

Draccon indicou a tevê do quarto de Alfred, que agora exibiu o noticiário.

– Veja por si próprio.

Bruce contemplou as imagens de uma equipe de reportagem no interior da antiga cela de Madeleine.

Uma onda de náusea o atingiu. Ele se lembrou do primeiro olhar

de Madeleine às câmeras de segurança, da conversa despretensiosa sobre embaralhá-las, de sua postura vulnerável dentro da cela, da insistência na ideia de conversarem às escondidas. Bruce não sabia como, mas Madeleine com certeza tirara vantagem de seu esquema de reiniciar as câmeras de segurança.

Claro. Agora fazia total sentido; por que ela tentaria fugir durante a rebelião, quando o asilo estava sob alerta máximo, com todos os vigias de olho nos detentos? O local devia estar cheio de guardas. Em vez disso, ela escolheu esperar para preparar a verdadeira fuga. Tudo fora parte de um grande esquema contra ele.

Agora ela estava à solta em algum ponto da cidade, *longe do Asilo Arkham*. Talvez até tivesse escapado durante a invasão da mansão Wayne. Ele balançou a cabeça, chocado.

– Onde... Como? – balbuciou ele. – Algum suspeito?

– Sim, um.

Dracon empurrou um pouco mais a porta, e Bruce percebeu que havia vários outros policiais com ela. Atrás estavam Harvey, Dianne e Lucius, atônitos.

– Você.

Bruce sentiu uma onda de tontura que enturvou sua visão.

– Eu?

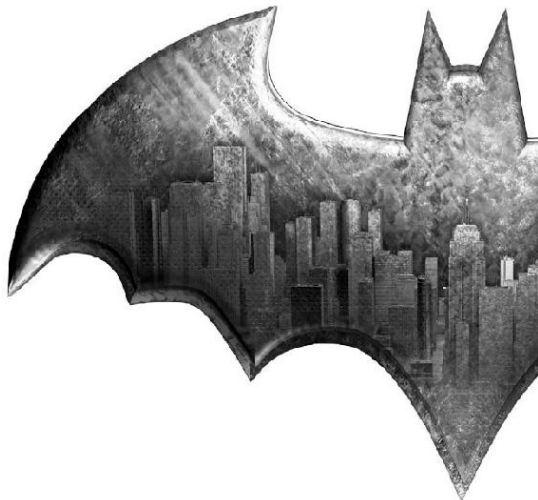
– Temos imagens mostrando que você foi a última pessoa que entrou na ala de tratamento intensivo, e logo depois disso as câmeras foram reiniciadas. Madeleine deixou um bilhete para você na cela, agradecendo pela ajuda.

– *O quê?* Vocês não podem estar pensando uma coisa dessas... ainda mais depois de hoje de manhã...

– Não tenho outra escolha a não ser considerá-lo suspeito. Eu lamento.

Dracon deu um suspiro profundo e pediu para que um policial entrasse. Ele trazia um par de algemas.

– Bruce Wayne, você está preso.



CAPÍTULO 21

A sala de interrogatórios da delegacia do departamento de polícia de Gotham era pequena e fria, equipada apenas com cadeiras e uma mesa, que separava Bruce da detetive Draccon e outro policial. Draccon deslizou uma folha de papel para ele, sentou-se de braços cruzados e o observou com atenção.

– Ela deixou isso para você – disse ela. – A segurança informou que a câmera, por conta do defeito, estava reproduzindo as imagens erradas da cela de Madeleine, e por isso ela pôde atacar dois funcionários enviados para conferi-la. Derrubou os dois e passou na porta o cartão de identificação de um deles sem que nenhum alarme fosse disparado, porque nenhuma câmera registrou nada.

Bruce se viu encarando um bilhete escrito à mão por Madeleine, dobrado no formato cuidadoso e intrincado de uma flor. Ele jamais vira a caligrafia dela, claro, mas parecia apropriada: espaçada, pequenina e elegante, com surpreendentes floreios aleatórios. Pensou nas imagens que vira dela, em como ela parecia enviar sinais às câmeras de segurança por meio das dobraduras no papel. Estaria ela se comunicando com alguém de dentro do Arkham e armando um esquema para que Bruce participasse de tudo? E se algum funcionário tivesse intencionalmente permitido sua fuga? Ele leu e releu o bilhete, incapaz de acreditar.

Querido Bruce,

Não somos o casal mais harmonioso, não é? Não posso imaginar uma história onde o bilionário e a assassina terminam felizes para sempre. Então, ficamos quites: agradeço por me ajudar a sair deste lugar e aceito seu agradecimento pelos meses de diversão. Espero que se lembre de mim.

bj, MW

Tinha tudo a ver com ela. Bruce, porém, não conseguia entender por que ela fizera aquilo. Se queria fugir, por que deixar um bilhete para ele? Por que fazer isso depois de ajudá-lo a enfrentar as Criaturas da Noite? Ele releu o bilhete, repassando mentalmente as lembranças das conversas entre os dois, então refez as dobras. Como todas as dobraduras de Madeleine, era possível transformar a flor em outra figura, dessa vez num diamante tridimensional. Bruce encarou a dobradura de duas faces. Todas as conversas em tom de seriedade, todo o papo de condolências pela morte dos pais, o teatrinho de ajudá-lo a perseguir as Criaturas da Noite, o aviso para que ele saísse de Gotham. Dos olhares lânguidos ao lamento final. *Sinto muito*, dissera ela antes de dar as costas.

Madeleine se enquadrava em apenas uma categoria.

– Ela é uma *mentirosa* – vociferou Bruce, amassando o bilhete nas mãos, destruindo a flor. – Foi um plano dela. Foi fácil demais para ela fazer isso. Vocês não podem estar achando que eu a ajudei de propósito.

Ele encarou a detetive e o policial, incrédulo.

– E o perfil que você roubou da minha mesa? – inquiriu Draccon, a voz áspera e fria. – Também foi uma das mentiras dela?

Bruce hesitou. Não havia tempo para começar a esconder coisas da polícia.

– Eu realmente peguei o perfil – admitiu ele. – Mas só porque estava tentando entendê-la melhor.

– O nosso departamento de TI informou ainda que alguém de fora da delegacia acessou os diretórios da polícia por meio de um login de convidado. Rastreamos o endereço de IP até a sua casa.

Bruce permaneceu em silêncio.

– Então – prosseguiu Draccon –, você desativou as câmeras de segurança. Se ela armou para que *você* fizesse isso, então você, de livre e espontânea vontade, virou cúmplice dela.

Para desativar o sistema é só usar o misturador de frequências certo,

na frequência certa. Aquelas tinham sido as palavras dela.

Ela colocou a armadilha bem na cara dele e, mesmo assim, ele havia caído.

– Não dificulte as coisas para si mesmo, Bruce. Sei que isso tudo vem sendo difícil e que fui eu quem o colocou no caminho dela.

Ela deu uma batidinha com a caneta na mesa.

– Mas compreenda o meu ceticismo. *Por que* Madeleine o agradeceria pela fuga? Se você de fato não teve nada a ver com isso, por que ela só não fugiu e deixou tudo como estava?

Bruce balançou a cabeça.

– Não faço ideia – respondeu ele. – Mas a senhora tem que acreditar em mim. Ela sabia que ao deixar esse bilhete ia me levar direto para a sala de interrogatório. Pense. Por que ela me mandaria para cá? Não tem lógica isso!

– Algumas pessoas não procuram nada lógico – respondeu Draccon. – Algumas pessoas só querem ver o circo pegar fogo.

– Isso não faz sentido – disse Bruce. – *Por favor*, detetive. A senhora e eu já desvendamos muita coisa sobre a Madeleine para saber que ela *nunca* faz nada sem motivo. Eu...

Ele fez uma pausa, percebendo o próprio tom. Draccon ergueu a sobrancelha. O jeito com que Bruce falava dava a impressão de que ele a conhecia muito bem, bem *demais*, e que se importava com ela para além de uma curiosidade objetiva. E era verdade, não era?

Para surpresa de Bruce, Draccon tinha o semblante cansado, em vez de nervoso, e escutava Bruce com uma expressão de profunda exaustão.

– A culpa é minha – disse ela, com um suspiro. – Eu nunca deveria tê-lo envolvido nesse caso. Devia ter deixado você concluir a pena de serviços comunitários e pronto. Quando achei que poderíamos contar com você para arrancar informações da Madeleine, não achei que fosse acabar sendo o passaporte dela para a liberdade.

Bruce deu uma pancada forte na mesa.

– Mas eu *não a ajudei*.

– No que você quer que a gente acredite, Bruce? – perguntou Draccon, cruzando os braços. – Eu vi as imagens de segurança. Vi a sua linguagem corporal diante dela mudar com o passar do tempo. Bruce... a Madeleine fugiu. Está à solta agora. Provavelmente deu um jeito de se reunir com as Criaturas da Noite. A nossa polícia está toda empenhada em localizá-la... mas ela encobriu muito bem os rastros.

Bruce apoiou a cabeça nas mãos, desorientado. O que era preciso fazer para se livrar daquela confusão?

– Quanto tempo eu tenho que ficar aqui? – murmurou ele. – Posso pagar a fiança?

Draccon balançou a cabeça.

– Sinto muito, Bruce – respondeu ela. – Você vai ter que passar a noite aqui. A gente precisa obter o máximo de informações, e a delegacia não quer você vagando pela cidade. É tanto para o nosso benefício quanto para a sua proteção.

– Está dizendo que não confiam em mim – retrucou Bruce. – Acham que vou fugir?

Draccon não alterou o olhar.

– Você não está na melhor posição para discutir agora – retrucou ela.

Bruce fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

– Muito bem. Tenho direito a um telefonema, não tenho?

No interior de uma cabine envidraçada, Bruce tentava fazer sua ligação. Do outro lado do vidro ele via fileiras de baias e mais adiante uma série de tevês de tela plana presas à parede. Os noticiários exibiam um repórter parado na rua, diante de um tapete preto. Ao enfim conseguir completar a ligação para o celular de Alfred, Bruce desviou o olhar.

Graças a Deus, pensou ele quando o telefone começou a tocar.

Alfred atendeu ao primeiro toque.

– Alfred Pennyworth falando – disse ele.

– Alfred! Você ainda está no hospital?

– Patrão? Estava começando a achar que o senhor não teria permissão para telefonar. Estou bem... Vou receber alta hoje à noite. Como está indo aí?

– Já tive dias melhores.

– Sua amiga Dianne não para de falar no senhor – prosseguiu Alfred. – Tinha esperança de que o senhor fosse solto mediante fiança. Ela já está no baile... Muitos convidados estão comparecendo em apoio ao senhor e em memória ao prefeito.

Dianne. O baile. O *tapete preto*. De súbito Bruce se lembrou, cravando os olhos na tevê. Como era de se esperar, os drones Ada da WayneTech já estavam em plena atividade, avultando-se na entrada do Salão de Concertos de Gotham. O evento assumira um tom sombrio

desde a morte do prefeito; tecidos pretos pendiam das paredes, com o símbolo oficial do baile, um diamante, bordado em prateado. Os convidados também chegavam vestidos de preto, tratando o evento mais como um memorial ao prefeito do que uma celebração.

Bruce se concentrou no diamante que simbolizava o baile de gala: um desenho quase idêntico à dobradura da carta de Madeleine. Um punho de gelo comprimiu seu coração.

Toda a elite de Gotham estaria no baile aquela noite. *As Criaturas da Noite vão atacar de uma vez só.* Passaram todo aquele tempo estocando armas para *esse momento*, sua maior operação. E Madeleine entregara a pista no bilhete.

– Alfred – disse Bruce, aflito. – Ligue para a Dianne. Peça para ela entrar num táxi e ir para casa agora mesmo. *Agora.* Ela não devia estar lá hoje à noite. Mande-a sair de lá. Diga a ela, *diga a ela...*

– Patrão Wayne, fique calmo.

Houve uma breve pausa do outro lado.

– Vou ligar para ela agora mesmo – disse Alfred. – O que está acontecendo?

Bruce abriu a boca para responder, mas percebeu que os policiais da delegacia estavam todos atentos às tevês. *Não.* Pela tela ele viu o repórter subitamente se virar ao ouvir gritos vindos de dentro do prédio. Viaturas de polícia estacionaram na entrada principal. No meio delas havia drones de segurança Ada e dois carros da SWAT; Bruce assistiu horrorizado à saída de um bando de policiais dos fundos dos veículos, armados com rifles e coletes à prova de balas.

Tarde demais.

As Criaturas da Noite estavam atacando.

As palavras débeis do repórter chegaram aos ouvidos dele.

– ...confirmaram que pelo menos cem convidados, do procurador-geral ao vice-prefeito de Gotham, de Lucius Fox, da WayneTech, a dezenas de outros civis inocentes, estão sendo mantidos reféns pelas Criaturas da Noite. Uma nota de resgate pode ser divulgada a qualquer momento, embora ainda não tenhamos informações a respeito do conteúdo.

Lucius estava preso lá dentro. *Dianne também.* E mais uma centena de pessoas. Bruce sentia o coração palpitar na garganta. Ainda tinha o telefone na mão e pôde ouvir Alfred gritando do outro lado; no entanto, estava longe, os pensamentos entorpecidos. Dianne fora ao baile aquela noite em apoio a ele, estivera a seu lado durante toda

aquela provação... e agora ele mais uma vez botara a vida dela em perigo.

Preciso tirá-los de lá. Preciso dar um jeito nisso.

Os drones na entrada, virados para a rua, de repente deram meia-volta. Estranho.

Frente à aproximação da polícia, eles assumiram uma postura ofensiva. Bruce piscou os olhos. *O quê?* Os primeiros oficiais da SWAT se agacharam e apontaram os rifles para os drones, que avançavam, bloqueando sua entrada no prédio.

O repórter se virou, de cenho franzido.

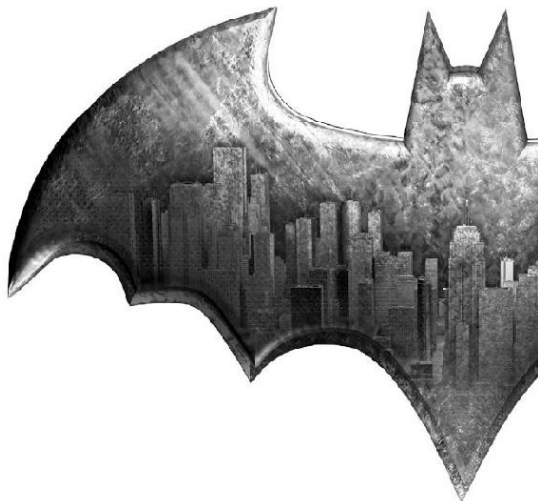
– Acabamos de receber a informação de que algo deu errado com os drones Ada da WayneTech, parados na entrada do salão de concertos. Estão demonstrando agressividade frente às forças do departamento de polícia de Gotham.

Madeleine. Bruce soube no mesmo instante. Ela tinha dado um jeito de adulterar os drones, para que atuassem como exército das Criaturas da Noite. *Nunca confie na tecnologia.* Ao que parecia, a garota tinha razão – sobretudo quando era ela que a comandava.

Bruce semicerrou os olhos. Agora tremia ao pensar em Lucius com as mãos amarradas, em Dianne ameaçada pela arma de uma Criatura da Noite. *Cansei de ser a presa de vocês,* pensou ele, encarando a tela. *Agora vocês vão ser a minha.*

– Patrão Wayne! – chamou Alfred, ainda no telefone. – Patrão? O que está havendo?

– Nós formamos uma boa equipe, certo, Alfred? – perguntou Bruce, com a voz baixa. – Pois você vai ter que me ajudar. Preciso chegar ao baile de gala *agora mesmo.*



CAPÍTULO 22

Apesar de estar numa cela e sem direito à fiança, Bruce não era vigiado por muitos guardas. A delegacia em si estava meio caótica. Todos os oficiais de plantão tinham sido enviados ao salão de concertos, e os remanescentes zanzavam para cima e para baixo, atendendo a uma enxurrada de telefonemas, ou assistiam embasbacados às notícias que se desenrolavam na tevê.

Dentro da cela, Bruce ouvia a comoção; por mais que tentasse, de onde estava só era possível ver um pedacinho de um dos aparelhos de tevê. Agora era tarde, quase meia-noite, e o baile de gala deveria estar a pleno vapor. No entanto, o que seria uma noite de tributo e celebração se tornara o maior confronto com reféns da história de Gotham.

Bruce andava de um lado para o outro. Não tivera muito tempo para explicar a Alfred o necessário pelo telefone. Era arriscado ficar falando com policiais por perto. Alfred, porém, como sempre, compreendeu.

Bruce não tinha ideia do que faria se confrontasse Madeleine. Se ela de fato era responsável por tudo aquilo, nenhuma conversa seria capaz de impedi-la. Mesmo assim, não conseguia parar de pensar em seu meneio de cabeça, no olhar em seu rosto, em sua frase. *Existem duas formas de superar uma tragédia pessoal, sabia? Você é do tipo que se recupera e volta mais forte para a guerra.* Por trás daquele intrincado labirinto de ações e expressões, haveria uma parte de Madeleine, por

menor que fosse, que de fato agia com sinceridade?

Precisava saber por que ela fizera aquilo com ele. Precisava levá-la à justiça. Mais do que tudo, precisava impedi-la antes que as Criaturas da Noite ferissem mais gente. A convicção ardia em seu corpo feito uma chama preta.

– Mande mais uma viatura! – exclamou alguém, disparando pelos corredores da delegacia. – Não temos tempo, os drones já começaram a cercar...

O coração de Bruce parou. As Criaturas da Noite haviam conseguido controlar todos os drones Ada presentes no baile de gala e transformá-los em máquinas assassinas. Se eles tinham dado um jeito de acessar e reprogramar os drones no interior da WayneTech, ou apoderar-se de outros armamentos de lá, a polícia de Gotham não teria chances.

– Anda logo, Alfred – murmurou Bruce entre os dentes.

A detetive Draccon passou correndo pela porta da cela.

– Detetive! Detetive Draccon! – gritou Bruce ao vê-la.

Ela se virou, os olhos fuzilando Bruce.

– A senhora tem que me deixar sair – gritou Bruce. – Eu posso dar um jeito de entrar no salão de concertos. Eu posso...

– Fique na sua, Bruce – gritou ela de volta. – Você vai estar seguro aqui.

Bruce a observou disparar pelo corredor atrás dos policiais, com seus homens a seguindo. Enquanto o caos prosseguia na tevê, o ambiente nos fundos da delegacia se aquietava cada vez mais. Metade das luzes agora estava apagada, e havia apenas alguns guardas fora de serviço, com a atenção voltada às tevês e aos telefones. Bruce segurou com força as barras, então fechou os olhos e baixou a cabeça. Como tudo pudera dar tão errado? Lá estava ele, preso, incapaz de ajudar.

– Ah, obrigado – disse Harvey Dent a alguém. – É, eu vim ver o meu pai.

Bruce arregalou os olhos ao avistar seu amigo Harvey na área de detenção, com um policial atrás. Ele não viu Bruce logo de início, mas assim que o policial apontou para uma cela mais adiante, Harvey abriu um sorriso fervoroso.

– Sim, posso seguir a partir daqui. Obrigado, senhor.

– Tudo certo, garoto. Você tem dez minutos.

O policial se retirou, apressado, distraído pelo caos do ambiente.

– Harvey? – perguntou Bruce baixinho, enquanto o amigo cravava

os olhos nele.

– Bruce – sussurrou Harvey, rumando para a cela. – Encontrei você.

– O que está fazendo aqui? – indagou Bruce, vendo Harvey se aproximar. – Veio ver o seu pai...?

Harvey abriu um sorriso trêmulo.

– Eu enfim dei queixa, Bruce – disse ele. – Ele foi preso.

Bruce foi incapaz de reprimir o sorriso que irrompeu em seu rosto. Depois de tanto tempo, o amigo enfim havia enfrentado o pai.

– Você... você deu queixa do seu pai? Ele está preso aqui?

Harvey assentiu.

– Pois é. Mas eu não vim para vê-lo. Foi só uma ótima desculpa para que a polícia me deixasse entrar.

Ele mostrou uma pequena chave. Bruce a encarou, e seu sorriso deu lugar ao choque. Era a chave da cela.

– Acontece – sussurrou Harvey – que eu tenho as mãos leves, e Alfred é muito bom em convencer pessoas.

Alfred. Bruce o encarou.

– *Ele* meteu você nisso? Você vai me ajudar a sair?

– Ei, sinta-se lisonjeado por eu me dispor a infringir a lei por você e pela Dianne – retrucou Harvey, metendo a chave na fechadura. – Quem pertence a esse lugar é o meu pai, não você. Agora vamos.

Em qualquer outra noite, seria quase impossível escapar da carceragem do departamento de polícia de Gotham. A detetive Draccon teria interrogado Bruce outra vez antes do fim da noite; duas equipes de ronda estariam de plantão, não uma, e ninguém estaria de olho nas tevês, que exibiam o pesadelo dos eventos em curso.

Naquela noite, porém, enquanto as Criaturas faziam a cidade de refém, Bruce pôde cruzar um dos corredores do recinto, de cabeça baixa, ombros tensos e os olhos fixos em Harvey, que avançava à frente. Os dois correram até a única porta dos fundos do prédio, que levava ao estacionamento da delegacia.

De repente, Harvey deu uma guinada para o lado e se enfiou num cantinho onde ficavam os banheiros. Bruce fez o mesmo. Um instante depois, uma jovem policial passou correndo, tocando a arma na cintura. Ao vê-la, os dois prenderam a respiração.

– Tem alguém ainda aqui? – gritou ela, enquanto avançava. – Foram solicitados reforços!

– A Guarda Nacional está a caminho! – respondeu outra voz, mais adiante.

Bruce ouviu o som de passos se afastar e desaparecer. Ele voltou a respirar.

– Vamos – disse Harvey, afobado.

Os dois dispararam de volta pelo corredor. Enquanto seguiam, Bruce ouviu outro grito vindo da área de carceragem.

– Achei que a Draccon estivesse mantendo o Wayne aqui!

– Ela está...

– Como foi que ele conseguiu fugir?

– Ligue para a Draccon, temos um prisioneiro fugitivo...

Bruce rangeu os dentes, correndo a toda ao lado de Harvey. *Acho que isso me torna oficialmente um fugitivo.* Os dois irromperam porta afora e adentraram a noite, deixando a prisão para trás.

Depois de darem dois passos, um carro surgiu cantando pneus. Não era o costumeiro e austero veículo em que Alfred conduzia Bruce, mas um carro que Bruce reconheceu da WayneTech: esguio, minimalista e preto, com uma carroceria que se mesclava à noite.

– Precisam de carona? – perguntou Alfred.

Bruce abriu um sorriso. Harvey e ele correram até o carro. Bruce mal havia fechado a porta quando Alfred desceu o pé no acelerador, disparando pelo estacionamento. Pelo retrovisor eles viram a jovem policial sair cambaleante da delegacia, bem a tempo de presenciar a fuga.

– Um pouco mais devagar nas curvas, Alfred – disse Bruce, enquanto este dobrava uma esquina cantando pneu e acelerava até o túnel de uma rodovia.

Alfred deu uma risadinha. Ainda tinha o punho enrolado na atadura do hospital.

– Os carros da WayneTech não foram feitos para curvas lentas, patrão.

– E você se pergunta de onde eu tirei isso.

Bruce sentia o coração na garganta. Nem no Aston Martin ele era capaz de dirigir como Alfred.

– Eu servi à Força Aérea Real, patrão – retrucou Alfred, num tom seco. – Pelo menos tenho justificativa. Só porque o cidadão *pode*, não quer dizer que *deva*. Espero que o senhor não use isso contra mim da próxima vez que sair para um passeio.

– Vou tentar não usar – respondeu ele, agarrado ao assento.

No banco traseiro, Harvey estava pálido.

– Por que concordou em me soltar, Alfred? – perguntou Bruce. – Eu tinha certeza de que você não aceitaria.

– Porque você está sem recursos – disse Alfred, fazendo mais uma curva.

– Verdade – resmungou Bruce.

– Não, patrão, você está realmente sem recursos. Recebi um alerta do banco meia hora atrás. Houve uma atividade suspeita nas suas contas.

– Atividade suspeita? – perguntou Bruce, com a voz fraca.

Alfred entregou a ele um telefone, que exibia uma visão geral de suas contas.

– Parece que a organização de alguém precisava de ajuda financeira – comentou Alfred.

Bruce visualizou os saldos de suas contas. Madeleine tinha zerado três delas, as contas mais antigas, as que ele já possuía antes de completar 18 anos. Todas haviam sido totalmente limpas. Ele engoliu em seco.

Madeleine.

– Nossa! – murmurou Harvey, espiando por trás do banco de Bruce.

Mais mentiras, mais enganação. *Nada do que ela me contou no Arkham era verdade.* Ela estivera o tempo todo atrás da fortuna. Quando ele decidira baixar a guarda e se abrir, ela o mandara para a prisão e roubara seu dinheiro. Tal e qual as Criaturas da Noite faziam com as suas vítimas. Isso significava que, se repetissem o padrão, se voltariam para tudo o que as Indústrias Wayne representavam. Apontariam a mira às novas contas, onde estava o grosso da fortuna de sua família.

– Com todo o respeito, patrão – disse Alfred, com polidez –, o diabo que vou deixar o legado de seus pais acabar nas mãos desse gênio maldito do crime.

Bruce tentou transformar a própria raiva em ação. *Foco. Reflita.* Ele pensou em Lucius, que naquele momento estava entre os reféns do baile de gala. *Ele não desenvolveu um novo sistema de segurança para as minhas contas recentes?*, pensou Bruce. Então se empertigou.

O sistema de segurança ativado em suas novas contas. Não era espantoso que Madeleine ainda não tivesse posto as mãos nelas; talvez estivesse com dificuldade em penetrar o escudo erguido por Lucius.

Talvez ela...

Uma ideia começou a tomar forma em sua cabeça.

– Vou precisar de mais ajuda, Alfred – disse Bruce. – E da sua também, Harvey.

Ele esperou que Harvey hesitasse, mas o amigo nem pestanejou.

– Me diga o que tenho que fazer. Você tem um plano?

Bruce assentiu, taciturno.

– O começo de um plano, pelo menos. Harvey, preciso que você alerte a polícia. Peça a eles que não disparem contra os drones. Mande que recuem. Não sei o que Madeleine e as Criaturas da Noite vão fazer com os reféns se a polícia tentar avançar. Dê uma enrolada neles, ok?

– Se for preciso, me joga em cima deles – disse Harvey, inclinándose para a frente e agarrando o encosto de cabeça de Bruce. – Só tire a Dianne de lá... e *tome cuidado*. Entendeu?

– Você também.

Os dois trocaram um sorriso. Alfred parou em uma calçada. Harvey saiu e, sem olhar para trás, andou em direção às luzes.

Bruce observou o amigo partir. Então olhou para Alfred.

– Precisamos fazer uma parada.

– Onde?

– Na WayneTech.

Alfred o encarou com desconfiança.

– Lucius deixou claro que nenhum daqueles protótipos está pronto para uso.

– Falou o homem dirigindo *este* carro. Lucius está sendo feito de refém no salão de concertos, com uma arma na cabeça – respondeu Bruce. – Acho que ele vai nos perdoar.

– Não se o senhor não sair desta vivo.

– Alfred – disse Bruce, com um sorriso arisco –, de que adianta ser bilionário se eu não posso me divertir um pouco?

Alfred disparou um olhar fulminante.

– Eu tenho que fazer isso – concluiu Bruce. – Vou fazer com ou sem a sua ajuda. Mas, *com* a sua ajuda, tenho mais chances.

Alfred balançou a cabeça.

– A primeira vez que percebi que teria trabalho foi quando o senhor botou fogo acidentalmente naquele armazém de ferramentas no jardim com um maçarico – respondeu ele. – Lembra? O senhor tinha 13 anos. Cinco anos depois, cá estamos nós, cúmplices da sua fuga da prisão.

Alfred baixou a voz:

– Minha função é manter o senhor a salvo, patrão. Porém, se isso significa garantir que não tente nenhum absurdo pelas minhas costas, que assim seja.

Dessa vez não havia ninguém para receber Bruce quando os dois estacionaram na entrada dos fundos da WayneTech. Bruce saiu do carro primeiro, e Alfred foi atrás.

Bruce encostou a mão no painel de segurança. *Por favor, abra*, implorou ele em silêncio. A porta emitiu um bipe, depois uma luz verde, e deslizou. Bruce soltou um suspiro de alívio. Do lado de dentro, nêgas de luar fatiavam o chão, banhando em luz azulada o interior sob o teto em domo.

Eles chegaram ao fim do corredor, onde mais portas os aguardavam. Bruce tocou o segundo painel, que dessa vez exibiu uma luz vermelha. As portas permaneceram fechadas.

– Não está funcionando – murmurou Bruce.

– Permita-me – disse Alfred, aproximando-se.

Ele pôs as próprias mãos diante do retângulo e pressionou.

– Lucius ainda não deve ter cadastrado o senhor no sistema deste ambiente.

O painel retangular emitiu uma luz verde, e as portas se abriram, deixando-os entrar. Bruce disparou pelos corredores, analisando cada prateleira, e parou diante de um painel de vidro que guardava a vestimenta metálica. *Com anéis reforçados, feito uma armadura de correntes microscópicas, forte como aço, mas maleável o bastante para que o usuário possa saltar e se mexer*. Bem, ela era funcional, e melhor que nada. Bruce encarou Alfred, que assentiu.

– Desculpe, Lucius – murmurou Bruce, avançando com o cotovelo no vidro e estilhaçando o painel.

Uma chuva de cacos de vidro os atingiu. Bruce removeu com cautela o traje do cabide e seguiu em frente pelo corredor.

– É esse o seu plano? – perguntou Alfred, incrédulo, enquanto Bruce parava diante de outra prateleira, onde se via uma fileira de dardos a laser. – Roubar artefatos secretos e experimentais da sua própria empresa e partir para o salão de concertos? Sozinho?

– É esse o plano – respondeu Bruce, apanhando vários dardos de metal dos estojos e organizando-os com cuidado na mochila. – Se tiver uma ideia melhor, Alfred, vou adorar ouvir.

Alfred soltou um suspiro. Bruce avançou pelas prateleiras e pegou um lançador de cabos em miniatura e o que parecia ser uma pequenina esfera. Enfiou os dois itens também na mochila.

– Patrão Wayne – retrucou Alfred, enfim, enquanto eles avançavam ainda mais. – Talvez o senhor queira refletir sobre como pretende transpor os drones adulterados diante do salão de concertos. Eu vi as imagens. Lucius botou tantos de guarda lá que eles são capazes de conter quase toda a força policial de Gotham. Uma roupa especial e bombas de fumaça não vão adiantar muito.

Bruce assentiu.

– Eu sei... e andei pensando nisso. Mas olhe.

Os dois chegaram ao final do corredor de prateleiras. Mais adiante jazia o restante dos drones Ada, desativados, aguardando comandos.

– Lucius falou que esses drones foram planejados para não atacar uns aos outros – disse Bruce, sorrindo. – Posso usar um deles para transpor os drones que foram reprogramados pelas Criaturas da Noite.

Alfred não parecia satisfeito com a ideia, mas não argumentou.

– Como são ativados? – perguntou ele.

Bruce apanhou seu celular, destravou a tela e abriu o aplicativo que Lucius instalara.

– Me dê o seu telefone, Alfred.

O guardião entregou o celular. Bruce instalou o app e apertou um botão. Os olhos do drone Ada mais próximo se acenderam de imediato, com um brilho azul, e se voltaram para os dois, atentos a Bruce.

– *Olá, Bruce Wayne* – disse a máquina, agachando-se num movimento firme, à espera de mais ordens.

– Agora preciso dar um jeito de entrar no edifício – murmurou Bruce.

Alfred franziu o cenho.

– Patrão...

– Você me trouxe até aqui, Alfred. Preciso de sua ajuda.

Alfred balançou a cabeça e suspirou.

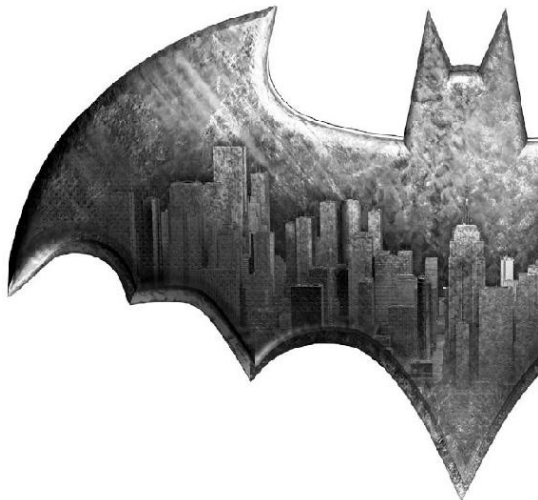
– Neste caso, patrão, sugiro que use como caminho o Centro Financeiro Secco, perto do salão de concertos. As Indústrias Wayne estão financiando a obra no subsolo, para conectar o edifício à rede de corredores no centro de Gotham. A obra está inacabada, mas provavelmente dá para passar.

Bruce assentiu.

– Perfeito.

– E depois, patrão? – indagou Alfred, vendo o drone virar a cabeça e acompanhar seus mais sutis movimentos. – O senhor tem certeza disso?

– Não tenho certeza de nada – admitiu Bruce, erguendo a mochila nos ombros. – Mas não vou deixar a Madeleine escapar dessa. E a única forma de impedi-la é ir até lá.



CAPÍTULO 23

Na noite da morte de seus pais, Bruce se sentara na calçada do beco, ao lado de um policial, e contara repetidas vezes as oito viaturas de polícia e duas ambulâncias na cena. Agora, ao aproximar o carro o máximo possível do bloqueio erguido na entrada do salão de concertos, Bruce contou mais de duas dúzias de viaturas policiais, um aglomerado visível a até quatro quarteirões de distância. Uma multidão havia se reunido em torno do bloqueio; mais adiante um vazio assustador dominava as ruas, com todos os moradores entocados em casa.

– Chegou uma nota de resgate – disse Alfred, acenando para que Bruce olhasse o noticiário que passava na tela do carro. – Olhe.

Bruce leu a manchete: CRIATURAS DA NOITE EXIGEM 500 MILHÕES DE DÓLARES DE RESGATE, DEMISSÃO DE OFICIAIS DA CIDADE E SOLTURA DE TODOS OS DETENTOS DA PENITENCIÁRIA DE GOTHAM E DO ASILO ARKHAM.

– Isso é um absurdo.

Bruce desviou o olhar, sentindo-se mal. *E eles devem saber disso.* Era uma declaração política, para tentar impor sua justiça distorcida. *Eles devem saber que a cidade não pode simplesmente soltar todos os detentos e vão usar isso como justificativa para matar todo mundo dentro do prédio.* Ao pensar nisso, seu coração disparou. *Dianne estaria entre os mortos.*

Alfred encostou o carro na esquina de um beco e olhou para Bruce.

– Onde ele está? – perguntou ele.

Bruce checkou o celular. O drone Ada havia avançado por uma rota

diferente e agora estava a um quarteirão de distância deles. Bruce já o imaginava reunindo dados e detalhes sobre os outros drones mais adiante: seus escudos erguidos em modo de defesa e a postos para possíveis agressores. Enquanto Bruce virava o corpo, sentiu a placidez gélida de sua malha protetora, a armadura preta e ajustada ao corpo que o envolvia dos pés à cabeça. Ele apanhou o capacete preto opaco que acompanhava a armadura. Do lado de dentro via o reflexo de seu rosto que o encarava, pálido e inseguro.

Para sua surpresa, os sons dentro do capacete se intensificaram no mesmo instante; pelo visor, o mundo parecia mais aguçado, com cores mais vivas e fortes. Seria mais fácil distinguir os outros na escuridão.

– A partir daqui eu vou a pé – disse ele, com a voz abafada e um pouco diferente. – Alfred, fique atento ao nosso drone. Garanta que ele me proteja. Se alguma coisa der errado, desligue-o imediatamente.

Ele revelou um pequeno rastreador colado ao quadril.

– Voltaremos a nos falar quando eu estiver dentro do salão de concertos.

Alfred parecia pronto para argumentar pela última vez, para denunciar o absurdo daquele plano. Bem, não era exatamente um plano. O que ele faria se de fato conseguisse entrar? E depois? Como se aproximaria a ponto de encontrar e resgatar Dianne? Ou Lucius? Ou qualquer um dos outros?

Bruce hesitou, com o coração disparado. Uma parte de si desejava que Alfred o impedisse. Ao encarar o guardião, percebeu que o brilho daqueles olhos não era de desaprovação, incredulidade ou ceticismo. Era de medo. Medo de perdê-lo.

– Vou ficar de olho no senhor – disse Alfred. – Resgate Dianne e Lucius... e saia de lá em segurança. Está me entendendo, patrão?

Bruce engoliu em seco.

– Sim, Alfred.

Ele se deteve por um instante, sem saber se sairia daquela vivo, se essa seria a última conversa entre os dois.

Alfred deu um único e firme aceno de cabeça.

– O senhor consegue.

Bruce assentiu de volta, tentando acreditar naquelas palavras, sentindo-se uma criança outra vez. Pensou na noite em que Alfred o amparou sob um guarda-chuva e o acompanhou de volta à mansão, afastando-o do beco, de seus pais, do sangue e da chuva. Bruce abriu a boca para responder, mas o nó em sua garganta estava apertado

demais. Se esperasse mais um pouco, não sabia se conseguiria reunir a coragem necessária. Então, sem olhar para trás, ele saiu do carro e partiu.

À medida que Bruce se aproximava da barricada, o burburinho e o rebuliço da multidão de observadores cresciam. Policiais tentavam sem sucesso esvaziar a área – o povo dispersava, então voltava devagar. Um policial gritava em vão para que todos retornassem às suas casas.

Pelo alto-falante do salão de concertos, todos ouviam a voz grave de um homem fazendo novas exigências à polícia. Sua voz ressoava pela noite.

– Queremos todo o conteúdo dos cofres da cidade transferidos para as nossas contas na próxima hora – bradou ele. – Se assim for feito, libertaremos alguns reféns. Caso contrário, vamos começar a mandar os corpos. A escolha é sua, Gotham.

Não se eu puder impedir.

Bruce parou numa rua estreita, longe da vista de todos. Conferiu duas vezes o cruzamento e passou por uma pequena porta lateral, que levava ao saguão vazio de um arranha-céu. Ele entrou em um elevador e apertou o botão para o subsolo.

O Centro Financeiro Secco possuía um andar pouco usado, que se conectava à rota subterrânea de túneis do centro de Gotham – incluindo o túnel que saía em frente ao salão de concertos. Assim, ele conseguiria transpor a barricada da polícia.

Bruce caminhou pelo corredor vazio. Minutos depois, ao chegar ao fim dele, encontrou o elevador que o levaria de volta à superfície. Respirou fundo e entrou. Enquanto isso, mandou uma mensagem a Alfred. Se tivesse sorte, o drone já teria o alcançado.

– Vamos lá – sussurrou Bruce.

Ao chegar ao nível da rua, o elevador parou e as portas se abriram.

Uma enxurrada de sons o atingiu. O bramido dos helicópteros acima. Os tiros de uma equipe da SWAT que tentava abater os drones. O rugido da voz de um oficial no megafone, exigindo que as Criaturas da Noite recuassem.

Do quiosque, Bruce observou os drones que conseguiam deter os policiais fortemente armados. Do outro lado da rua, um grupo de drones vigiava as portas da frente do salão de concertos. A um quarteirão de distância, estava a barricada das viaturas de polícia tentando manter a população longe do conflito.

Bruce encarou o celular, com as mãos trêmulas. Seu drone havia chegado perto da contenção policial. O departamento de polícia o veria a qualquer instante. Quando comesse a correr, não poderia parar.

Era a sua única chance. Bruce tensionou os músculos.

Agora, Alfred, disse ele, apenas movendo os lábios.

Um estouro de berros irrompeu da barreira. Bruce olhou quando o drone Ada saltou sobre a barricada, intocado pelos disparos da polícia, e avançou em direção a ele. Os dois drones próximos viraram a cabeça, recuando; quando o drone de Bruce se aproximou, porém, eles relaxaram, reconhecendo um de seus pares.

Bruce não hesitou. Aproveitou a oportunidade e disparou pela rua em direção ao salão de concertos. Ele ouviu um policial gritar:

– Não atire! *Não atire!* Civil nas proximidades!

Em poucos segundos, Bruce havia transposto a barreira de drones e cruzado o caminho até uma das entradas laterais. A cota de malha metálica parecia dar força a seus movimentos, aumentando sua agilidade. Ele se sentia percorrendo um circuito numa simulação da academia. Sua respiração estava compassada. Atrás de si, viu os dois drones hostis partindo para cima do drone dele. Alguém do grupo das Criaturas da Noite devia ter cancelado manualmente os controles de prevenção de ataque aos pares. Bruce esperara ter mais tempo. Um dos drones hostis apontou uma arma para o drone de Bruce e abriu fogo. O segundo avistou Bruce próximo à entrada lateral trancada e foi em sua direção. Seus olhos emitiam um brilho escarlate, um aviso claro, e a máquina ergueu o braço.

– *Renda-se, civil* – disse o robô. – *Você não tem permissão de acesso a esta área.*

Estaria Madeleine por trás das ações do drone? Será que o reconheceria naquele disfarce? E se *soubesse* que era ele... ainda assim atacaria? Ele se agachou, tenso, enquanto o drone o espreitava de cima a baixo, esperando que ele recuasse. Bruce permaneceu onde estava. O drone se avultou ainda mais.

– *Você está preso por resistir às ordens policiais* – disse o drone. – *Mãos ao alto.*

– Vá em frente, então – retrucou ele, como se falasse diretamente com Madeleine.

O drone hesitou por um segundo – talvez a hesitação fosse *dela*. Então ergueu a arma. Um leve brilho azul surgiu na ponta do braço.

Ele vai atacar.

O robô foi para cima dele. Bruce desviou uma fração de segundo antes de ser atingido, e o braço acertou a porta de vidro, que explodiu em mil estilhaços. Bruce protegeu o pescoço e o rosto. Enquanto o drone mudava de direção e recuava para atacar outra vez, ele se levantou depressa e avançou até a porta escancarada. O drone disparou atrás.

Bruce virou em um corredor estreito. Dois guardas das Criaturas da Noite, vestidos de preto, apontaram seus rifles para ele. Ao ver o drone seguindo Bruce, os dois ficaram atônitos. Bruce reagiu por instinto: mergulhou no chão e deu uma rasteira no primeiro, derrubando-o. O drone avançou, agarrou pelo peitoral o guarda que caía e ergueu-o no ar. O homem soltou um urro, apontou o rifle para o drone e abriu fogo. Os tiros ricochetearam na superfície de metal. Bruce se abaixou. As balas acertaram as pernas do segundo guarda, que caiu, aos berros.

Bruce agarrou o braço do guarda ferido, arrastou-o pelo corredor e o jogou num canto, deixando-o em segurança, enquanto o drone atrás deles percebia que havia capturado uma das Criaturas da Noite. Uma pequena falha, que precisava de correção.

O guarda ferido encarou Bruce, aturdido, mas não havia tempo para explicar que ele não estava ali para machucar ninguém. Deixou o homem onde estava e continuou correndo.

Bruce estivera naquele salão de concerto duas vezes na vida, e reconheceu naquele andar o corredor que levava ao menor dos dois saguões. Onde as Criaturas da Noite estavam mantendo os reféns? Atrás dele ecoaram os gritos do primeiro guarda:

– Tem alguém aqui! – disse o homem. – Eu... eu não sei... talvez um policial... tinha um capacete preto...

Bruce acionou um botão na lateral do capacete. Pelo seu visor, as paredes se tornaram grades de linhas verdes, e sinais térmicos revelavam a localização das Criaturas da Noite em pontos diferentes do prédio. Ele encarou o teto. Três andares acima havia um denso aglomerado de sinais térmicos, numa área que devia ser o mezanino da câmara de concerto.

Os reféns.

O corredor levou Bruce até um amplo saguão, onde fitas de seda e estandartes do baile de gala jaziam desordenados. Sinais térmicos de um salão adjacente se aproximavam de onde ele estava. Contudo, no

momento em que chegaram ao saguão, Bruce já tinha disparado por um corredor vazio. Em meio à confusão, os homens reduziram a velocidade, tentando descobrir o caminho que ele havia escolhido. Bruce aproveitou a oportunidade e voltou sua atenção à escadaria mais próxima. Havia sinais claros de calor vindo do lado de dentro, mas eram apenas três. Se fosse rápido o suficiente, eles não o pegariam. Chegou ao fim do corredor e deu uma pancada forte na porta da escadaria. Uma sirene de emergência disparou.

Bruce ergueu o olhar. Não precisava da tecnologia do capacete para saber que duas Criaturas da Noite vinham descendo em sua direção. O som das botas ecoava nos degraus de metal. Enquanto subia dois degraus de cada vez, indo de encontro a eles, pegou uma pequena esfera na mochila. Ao chegar ao fim do primeiro lance, arremessou a bomba de fumaça na parede o mais forte que pôde.

Um *bum* ensurdecedor ecoou pela escadaria. A onda de fumaça engolfou a escuridão. Bruce teve a súbita e perturbadora sensação de estar de volta à mansão, de onde o líder das Criaturas escapara. Os dois homens nos degraus de cima ficaram desorientados. Pelo visor, Bruce ainda enxergava os sinais térmicos dos agressores. Um deles atirou; os disparos pareciam estouros fracos, num tom amarelo-avermelhado. Feito um fantasma, Bruce avançou.

A meio caminho do segundo lance, deu de cara com a primeira Criatura da Noite.

O homem berrou, empunhando a arma. No entanto, era tarde demais. Bruce o golpeou no rosto com precisão e força. Bruce o escorou antes que ele rolasse pela escada e o apoiou no corrimão.

Outras duas Criaturas da Noite surgiram. Bruce se jogou no chão enquanto o primeiro sujeito atirava. Balas passaram logo acima de sua cabeça. *Não pense, só aja.* Ele agarrou o primeiro pelas pernas e o arremessou para trás. O segundo tentou acertar uma cotovelada em Bruce, mas ele desviou depressa enquanto outra rodada de balas acertava a parede.

Evitando um novo ataque, ele desapareceu na fumaça. Subitamente, uma voz ecoou pelo sistema de alto-falantes do corredor. Bruce a reconheceu, e por um instante parou na escadaria.

– Pare.

Era Madeleine. *Ela está aqui, afinal de contas.*

– Dê meia-volta agora, ou vai arriscar a vida dos reféns.

Suas palavras irritaram Bruce. Talvez fosse ela, o tempo todo, a

chefe das Criaturas da Noite. *Se você ameaça os meus amigos*, pensou ele, *eu vou me envolver na briga*. Por uma fração de segundo, ele hesitou. E se as Criaturas comessem de fato a matar os reféns? *Meu tempo está acabando*.

Ele seguiu avançando pela escadaria. Outra Criatura da Noite apareceu, mas Bruce a havia visto de longe e estava pronto para tirá-la de seu caminho. Antes que o inimigo pudesse abrir fogo, ele acertou o joelho com força em suas costelas. As botas de Bruce seguiram ecoando pelos degraus.

Por fim, ele chegou ao topo da escadaria. Abriu a porta com um chute e emergiu num saguão redondo, no andar dos balcões do salão de concertos. Através do visor ele enxergou a câmara de concerto, para além das paredes transparentes do salão. Os reféns estavam ali. Bruce disparou outra vez. Enquanto seguia, deu um pequeno toque na lateral do capacete.

– Alfred? Na escuta?

A voz de Alfred surgiu.

– A polícia entrou pela abertura que o senhor criou – informou ele. Bruce abriu a boca para responder, mas não chegou a ter a chance.

Madeleine.

Ela surgiu, de arma em punho. Era estranho vê-la sem a barreira de vidro, como se tivesse escapado de uma realidade alternativa. Parecia totalmente diferente da lembrança que ele tinha do Asilo Arkham. Já não usava o macacão branco de prisioneira. Vestia azul-marinho dos pés à cabeça, roupas militares – botinas com proteção, coldres no cinto, uma camisa de mangas compridas sob o colete à prova de balas. Luvas de couro preto cobriam suas mãos. Seu longo cabelo preto estava preso num coque alto.

Quantas versões dela Bruce iria conhecer? Seus olhos já não guardavam aquele olhar familiar, misterioso e travesso. Não havia nada de divertido nela. Essa não era a garota que espichava o corpo feito uma dançarina lânguida, que pressionava o dedo esguio aos lábios para provocá-lo, que se aninhava na cama e abraçava os joelhos. Essa era a Madeleine real: fria, rígida, feita de aço. Alguém capaz de cometer assassinatos.

– Quem é você? – perguntou ela, apontando a arma para ele.

Como pôde ter sentido qualquer coisa por essa garota? Ela agora era uma completa estranha – talvez sempre tivesse sido, talvez ele nunca tivesse desvendado nada sobre ela. Ele morreria pelas mãos

dela aquela noite? Ela dormiria tranquila depois?

Nada disso importava. Ela estava com Dianne e Lucius, e ele não sairia dali sem os dois. Bruce deu um passo firme à frente. Ela curvou o canto dos lábios, ajeitou o corpo e inclinou a cabeça, daquele jeito familiar e debochado.

– Ah – disse ela. – É *você*.

Ela descobrira quem ele era pelo caminhar. Astuta como sempre. Desviou a arma para a porta da câmara. Ao mesmo tempo, a porta se abriu, revelando uma Criatura da Noite que arrastava uma pessoa. O coração de Bruce parou.

Era Dianne. Ela lutava contra seu captor, o rosto demonstrando terror e fúria. Mas a Criatura da Noite não a soltava.

A Criatura era Richard Price.

Bruce ficou tão surpreso em ver o rosto do ex-amigo que quase o chamou pelo nome, mas logo se lembrou de que ninguém podia saber sua identidade.

Richard? Membro das Criaturas da Noite?

Por trás da expressão ameaçadora de Richard, contudo, havia medo escancarado. Naquele segundo, ao encará-lo nos olhos, Bruce percebeu que Richard estava tão aterrorizado em estar ali quanto Dianne. Quanto ele próprio.

Madeleine apontou a arma para a cabeça de Dianne.

– Não se aproxime mais – ordenou ela a Bruce.

Ele ficou parado, encarando Richard.

– Solte a garota – vociferou ele, com a voz distorcida.

Richard pareceu se remexer, como se desejasse fazer o que Bruce mandara. Madeleine, porém, apontou a arma para ele, que imediatamente voltou a seguir suas ordens. Tinha os cantos dos olhos vermelhos, como se tivesse chorado por horas.

Madeleine indicou com a cabeça a mochila de Bruce.

– Jogue para cá os seus brinquedos. Agora.

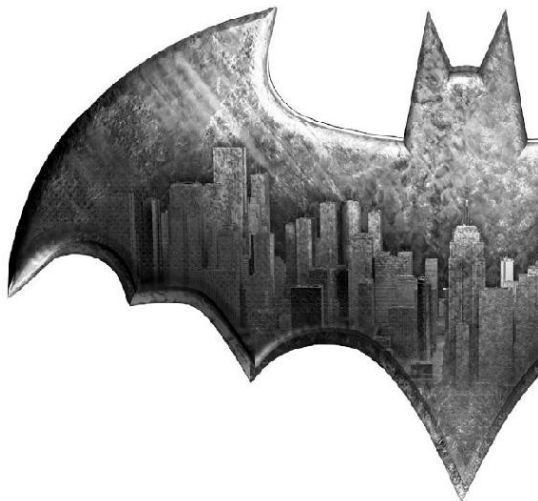
Bruce encarou os olhos escuros e atemorizados de Dianne. Ela não parecia saber quem ele era, mas tentava balançar a cabeça, indicando bravamente que não fizesse aquilo. Ele tirou a mochila e a jogou para Madeleine. Ela apanhou com destreza e a pendurou nos ombros.

– Obrigada.

Então ela voltou os olhos para algo atrás de Bruce e fez um meneio de cabeça quase imperceptível.

Bruce começou a se virar, mas, antes que conseguisse, foi atingido

com força atrás do pescoço. Uma explosão de estrelas se fez diante de seus olhos. Ele cambaleou para a frente. O mundo se fechou à sua volta, escuro e sufocante. Ao desabar no chão, a única coisa que ouviu foi o grito de Dianne.



CAPÍTULO 24

A primeira coisa que Bruce ouviu ao voltar a si foi a suave e familiar voz de Madeleine. Suas palavras flutuavam. Ele tentou virar o corpo para ela, mas a dor perfurava sua cabeça, como se mil facas a golpeassem. Ele emitiu um gemido e parou.

– Você devia tirar o capacete dele – sugeriu uma voz desconhecida.

– *Eu* o estou vigiando, não você – retrucou Madeleine.

– Mas o chefe quer informações sobre ele, e se...

– Se quiser discutir isso com o chefe, fique à vontade. Agora pare de desperdiçar o meu tempo.

Um silêncio relutante.

– Sim, claro.

Em meio à enxurrada de dor, Bruce tentou se concentrar. Madeleine não era a chefe, mas sem dúvida ocupava um posto alto na organização das Criaturas da Noite. O que fizera com Dianne? Para onde eles a haviam levado? Por que Madeleine ainda não o tinha matado?

Bruce permaneceu parado enquanto tentava desvendar o que acontecia à sua volta. Manteve os olhos fechados e a respiração compassada, numa tentativa de convencer quem estivesse por perto de que ele não escutava.

– O que foi aquele drone traidor? – perguntou alguém. – Achei que você tivesse se certificado de atualizar todos ao mesmo tempo.

– Não era nosso – respondeu Madeleine. – Não estava na nossa

grade... O número de série não constava no arquivo.

– Deve ter vindo de outro canto, seja lá onde a WayneTech guarda o estoque.

– Lucius Fox está na primeira fileira. Vá perguntar a ele.

Ao ouvir o nome de Lucius, o coração de Bruce acelerou.

Eles estavam no interior da câmara de concerto? As vozes não reverberavam. Nenhum som de pés se remexendo, nenhum choramingo ou murmúrio assustado dos reféns. Depois de um instante de concentração, Bruce distinguiu o zumbido fraco de um ar-condicionado. Um escritório administrativo? Uma despensa?

– Ele está voltando a si – disse Madeleine, a voz mais próxima.

Ele abriu os olhos. Havia lâmpadas emoldurando dois grandes espelhos presos a uma parede, cujas luzes quentes e penetrantes o fizeram piscar algumas vezes. Abaixo havia duas penteadeiras, cada uma cheia não de cremes, pincéis e cosméticos, mas de rifles e laptops. *Os camarins da coxia*, concluiu Bruce, ainda meio grogue.

Ele virou a cabeça e viu Madeleine sentada numa cadeira a seu lado, o cabelo agora solto, os cotovelos apoiados nos joelhos, os dedos entrelaçados. Ela analisava seu capacete, mas não tentou tocá-lo. Atrás dela havia três Criaturas da Noite, dois homens e uma mulher, todos encarando Bruce, taciturnos, de armas em punho.

Era estranho, ocorreu a ele, que os papéis agora tivessem se invertido: ele era o prisioneiro, e ela, a captora.

– Ele é policial? Vai sobreviver? – perguntou o integrante mais jovem dos três.

Bruce aguçou o olhar o bastante para perceber que era Richard quem falava. Tinha a expressão exaurida por completo e segurava sem jeito a arma no cinto, como se jamais a tivesse usado.

– Eu... – prosseguiu Richard, depois de engolir em seco. – Eu não pedi para ficar... Eu não quero ficar aqui...

– Você parecia bem à vontade quando forneceu a senha da conta do seu pai – respondeu Madeleine, sem olhar para trás.

Richard empalideceu. Então contorceu o rosto, cheio de culpa e aflição.

– Achei que só quisessem o dinheiro dele! Achei que vocês...

– Ellison, Watts, tirem o garoto novo daqui – interrompeu Madeleine, inclinando a cabeça para a porta. – Parece que estou ouvindo a porcaria de um disco arranhado. Andem.

Não foi preciso ordenar duas vezes. As Criaturas da Noite no

mesmo instante saíram do recinto sem dizer uma palavra, levando Richard.

A mente de Bruce rodopiava. Richard estava sendo mantido ali à revelia? Ele e o pai tinham suas diferenças, mas Richard não parecia fazer ideia de que as Criaturas da Noite invadiriam sua casa e matariam seu pai. Talvez tivesse sido chantageado a fazer outras coisas.

Quando a porta se fechou, Madeleine deu um suspiro e o encarou, com um olhar de decepção.

– Tire o capacete, Bruce – disse ela.

Ele estendeu a mão e removeu lentamente o capacete. O ar frio atingiu seu rosto exposto.

– Onde está Dianne? – perguntou ele. – Se você fizer mal a ela...

Madeleine sorriu, embora com uma expressão amarga.

– Achei que fosse você mesmo – disse ela. – Calma. Sua amiga não está ferida, só um pouco nervosa.

– Deixe-a ir – disse ele, encarando a porta. – E Richard Price também.

Madeleine revirou os olhos.

– Ele não está aqui à força, seu idiota. Foi recrutado de livre e espontânea vontade. Achou que era só uma vingancinha leve, que só ia dar um prejuízo financeiro ao papai. Idiota.

Em um lampejo, Bruce visualizou a expressão de desgosto de Richard na formatura, a revelação de que seu pai o excluía da herança. Então pensou nas luzes da polícia aglomeradas na casa da família Price. O assassinato do prefeito. Ele realmente entregaria o próprio pai por vingança?

Você vai se arrepender disso. Essas foram as últimas palavras de Richard a Bruce, antes daquela noite. A lembrança acertou Bruce em cheio, e ele cerrou os punhos.

Richard o havia entregado às Criaturas da Noite?

– Há quanto tempo ele está trabalhando com as Criaturas?

– Uns dois meses.

Dois meses. Na festa de aniversário de Bruce, teria Richard pedido acesso à WayneTech para tentar roubar armas para as Criaturas da Noite? Seria o trabalho com as Criaturas da Noite a razão pela qual Richard havia melhorado tanto no combate, a razão pela qual ele conhecia golpes que o treinador não ensinara?

– E como é que você sabe disso? – pressionou Bruce. – Você estava

no Arkham esse tempo todo.

Madeleine abriu um sorrisinho.

– Você não foi o único que me ajudou a escapar.

A mente de Bruce fervilhava com tantas conexões, fazendo seu coração disparar. O governo da cidade tinha controle e poder sobre tudo dentro do Arkham. Richard, por sua vez, tinha acesso ao prefeito.

Bruce pensou nas dobraduras de Madeleine, em sua teoria das mensagens secretas. Ela já havia mencionado que alguém de dentro estava dando pistas às Criaturas da Noite. Seria *Richard* ajudando as Criaturas da Noite a receber os sinais de Madeleine através das câmeras de segurança? Teria ele garantido acesso aos funcionários certos, para que ela conseguisse escapar?

Richard não era só um amigo explorador. Era um filho desesperado, ávido por aprovação, cheio de fúria por tê-la negada, tão determinado a se vingar do próprio pai que acabara se envolvendo demais com as Criaturas da Noite.

Bruce tremia – se era de raiva ou pena, ele não tinha certeza. *Você caiu direitinho na armadilha, Richard*, pensou Bruce, amargo. Mas Madeleine também o havia enganado.

– O que você prometeu a ele em troca? – perguntou Bruce, com os dentes cerrados.

– É mais o que prometemos a ele que *não* faríamos – respondeu Madeleine, dando de ombros.

O resto da família. A mãe, a irmã. Teriam as Criaturas da Noite as ameaçado também?

– Vocês são monstros – rosnou Bruce.

– Eu avisei para sair de Gotham.

– Você mandou os seus capangas atrás de mim e do Alfred na minha própria casa – vociferou Bruce, sem esforço para conter a ira que jorrava em suas palavras. – Que *generosa*.

Madeleine soltou um grunhido irritado.

– Você acha mesmo que tomei essa decisão de dentro do Arkham? Não seja burro. Além do mais, eles não foram até lá para matá-lo. A gente ainda precisa de você.

– Então você estava no esquema, no fim das contas. Não minta.

– Não é mentira – respondeu Madeleine, dando de ombros. – Eu só contei o que sabia na época. Eu não tinha obrigação de ajudá-lo... não que você tenha dado ouvidos.

– E o que vocês queriam? Acessar as minhas contas? Que eu

patrocinasse as suas campanhas de terror?

– Você já fez isso – respondeu ela, com um meneio de cabeça debochado. – Aliás, muito obrigada.

– É, eu percebi – retrucou Bruce, num tom grosseiro. – Como conseguiu acesso às minhas contas?

– Com o mesmo esquema que usei para acessar os drones da sua empresa – respondeu Madeleine, com uma piscadela. – Seu pessoal está desenvolvendo uma tecnologia bem avançada por lá, Bruce. Não avançada o bastante, mas precisei de várias tentativas.

– E é por isso que eu ainda não estou morto? – Bruce lutava, mas só conseguia apertar ainda mais as amarras em seus braços. – Precisam de mim para acessar o resto?

Um lampejo de irritação surgiu no rosto de Madeleine. Era o que Bruce precisava para confirmar que ela *havia* tentado – sem sucesso – invadir suas novas contas, mais seguras. Precisava dele para acessar as contas.

Madeleine inclinou a cabeça para a porta atrás de si.

– Não quero você morto por uma série de motivos. O chefe acha que posso invadir todas as suas contas. Mas parece que tem umas travas que só você consegue abrir.

Ela se apoiou nos joelhos.

– Eu disse para se afastar. Mas, agora que você está aqui, eles vão querer que libere o resto. E nem de longe vão ser tão legais quanto eu.

O chefe. Bruce recordou o homem que confrontara na mansão, momentos antes da chegada da polícia. Teria sido dele a voz nos alto-falantes a listar as exigências? Ao ver o olhar de Madeleine, ele semicerrou os olhos.

– Você deixou um bilhete que me levou para a sala de interrogatório da polícia... Você me mandou para trás das grades. *Muito* legal. Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diz?

Madeleine disparou um olhar de mágoa.

– Acha que eu não fui sincera no meu bilhete?

– Não insulte minha inteligência. E pensar que acreditei de verdade que você podia ser mais que uma assassina fria. Eu estava errado. O que mais não sei a seu respeito, Madeleine? É esse mesmo o seu nome? Você mente só por diversão? Fica feliz em bagunçar a minha cabeça? Acha bacana inventar histórias sobre os seus pais mortos, só para zombar dos meus?

Madeleine estremeceu, arrefecendo por um momento a raiva de Bruce.

– Você acha que me desvendou, não acha? – perguntou ela.

– Não seria preciso, se você fosse uma pessoa honesta.

Os dois se encararam em silêncio. A estranha atração que Bruce sentira em todas as visitas no Arkham retornou com toda a força, permeando o ar pesado.

Por fim, ele balançou a cabeça.

– Quem é você?

Madeleine o encarou por um longo instante. Franziu os lábios, como se tentasse encontrar as palavras certas, e pela primeira vez Bruce achou que ela pudesse de fato estar se preparando para dizer a verdade, uma verdade, qualquer verdade. Ela olhou os espelhos iluminados, e seus reflexos a encararam de volta.

– Meu nome verdadeiro é Madeleine Wallace – começou ela. – E eu sou um dos líderes das Criaturas da Noite.

As palavras pareciam verdadeiras, sólidas. Assim como as palavras do passado, claro... Bruce, no entanto, permaneceu em silêncio, encorajando-a a continuar.

– Tudo que contei sobre a minha mãe é verdade – prosseguiu ela. – Ela era uma professora brilhante. Ensinou tudo que sabia a mim e ao meu irmão. Nós dois começamos a mexer com programação muito novos... mas eu era o verdadeiro prodígio, quem persistiu quando o meu irmão começou a ficar doente.

Madeleine encarou Bruce.

– Ela perdeu o emprego tentando cuidar dele. Disso você já sabe. Ela fez o que tinha que fazer.

– E por isso matou a médica.

– Você não mataria? – perguntou Madeleine, com frieza. – Ó, nobre Bruce, o que você faria se os seus pais tivessem sido mortos não por um ladrão qualquer, mas por um figurão da medicina? Se tivesse virado órfão no gueto, em vez de numa mansão murada? Diga... você seria a mesma pessoa que é hoje? Ou encararia a justiça de outra forma? Acha que todo mundo anda por aí com os mesmos privilégios que você?

A lembrança que Bruce tinha da morte dos pais se alterou por um instante. Ele imaginou os dois envenenados por alguém com uniforme de médico, imaginou o assassino sendo solto em vez de acabar na prisão. *Acha que todo mundo anda por aí com os mesmos privilégios que*

você?

– E as outras coisas que você me contou? – perguntou Bruce, ignorando as perguntas dela. – Por que deixou aquele bilhete na cela? Por que me conduziu até a sala subterrânea das Criaturas da Noite e sabotou a sua própria equipe?

– Eu sabia que a gente já tinha limpado aquele espaço quase todo. Precisava dar alguma coisa a você, para ganhar a sua confiança. Esse era o objetivo de todas as nossas conversas, Bruce... Você era parte do meu passaporte de saída. Você foi um doce. E útil.

Mentirosa e exploradora. Ele queria partir para cima dela, feri-la por todas aquelas traições.

– Quanto ao bilhete... Deixei para que a polícia prendesse você, claro – disse Madeleine, revirando os olhos com irritação.

Bruce a encarou com cautela; algo em seus gestos exagerados parecia sinalizar que ela escondia os verdadeiros sentimentos.

– Se o pusessem atrás das grades – concluiu ela –, ninguém poderia chegar até você.

Ninguém poderia chegar até você.

– Você... estava tentando me proteger? – perguntou ele, incrédulo.

Madeleine suspirou. Outra brecha na muralha. Outra emoção escondida por trás da casca.

– O que você acha? – murmurou ela. – Você estava na lista de extermínio muito antes que eu o conhecesse pessoalmente. Falei a verdade em relação a isso. Avisei para sair da cidade. Em vez disso, você foi para casa e caiu numa armadilha óbvia.

– Eu entrei para salvar o Alfred – respondeu Bruce. – Não ia deixá-lo para trás.

– Por sua própria conta e risco – retrucou Madeleine, dando de ombros.

Bruce se inclinou para a frente. Era só o que podia fazer, e mesmo esse pequeno gesto fez sua cabeça rodopiar de dor.

– Não entendo por que você quis me salvar – disse ele.

Ela abriu um sorriso triste e se aproximou. Poucos centímetros a separavam de seu rosto. Bruce sentia o hálito quente de Madeleine em sua pele, o roçar do cabelo escuro em seu braço.

– Eu não contei sempre a verdade, Bruce Wayne – murmurou ela. – Mas disse a verdade naquela carta.

Antes que ele pudesse responder, ela o beijou.

Foi como se uma corda que os tivesse aproximado cada vez mais

agora de súbito se rompesse, deixando Bruce atordoado. *Não.* Ele, no entanto, sentia que correspondia ao beijo, sentia o corpo dela se aproximar. O que ela estava tentando fazer? O que aquilo significava? Seus pensamentos estavam confusos. Ele fechou os olhos e a beijou com mais fervor, incapaz de romper aquele laço. Ela soltou um gemido suave, ávido. Talvez fosse outro sonho, do qual ele despertaria trêmulo, suando frio... mas os lábios dela eram quentes e macios, os cílios roçavam em seu rosto. Uma onda de calor o invadiu.

Não faça isso. Mas ele não podia evitar. Queria mais daquilo. *Dela.*

Por fim, ela se afastou. Sua respiração ficou mais superficial, a expressão momentaneamente vulnerável.

– Eu não entendo – sussurrou Bruce, chegando mais para perto, ávido por beijá-la de novo. – O que você está fazendo?

Pela primeira vez Madeleine parecia tão desorientada quanto ele. Ela se afastou, franziu o cenho e tentou se recompor. Sua habitual postura calma estava abalada.

– Eu escolhi ir para o Arkham – respondeu ela, por fim. – Mas não previ que o conheceria lá.

– Por que você *escolheria* ir para o Arkham?

Diante da pergunta, ela tornou a endurecer a expressão.

– Você não vai me impedir, nem vai impedir nenhuma das outras Criaturas da Noite. Há milhares de coisas mais importantes para mim do que você.

– E aqueles assassinatos? – pressionou Bruce.

Ao vê-la se recusar a encará-lo, ele se inclinou mais para perto.

– Você realmente cometeu aqueles crimes?

Pela primeira vez, ela hesitou frente à pergunta.

– Você estava protegendo alguém – insistiu Bruce. – Você assumiu a responsabilidade, confessou os crimes e foi para o Arkham no lugar de alguém. Foi por isso que disse ter escolhido ir para o Arkham, certo?

– E o que o faz presumir isso?

A voz de Madeleine assumira um tom muito baixo, reforçando as suspeitas dele.

– Você é inteligente demais para ser encontrada pela polícia coberta de sangue – respondeu Bruce.

O som de passos fez os dois se calarem. Um brilho de alerta cintilou nos olhos de Madeleine. Mais que depressa, ela se afastou de Bruce tão logo a porta se abriu. Duas das Criaturas que estavam no

camarim retornaram, trazendo consigo um terceiro sujeito.

Bruce fixou a atenção imediatamente no recém-chegado. Reconhecia o homem. Era a mesma silhueta alta e imponente que estivera em sua casa, apontando a arma para ele – o mesmo sujeito de máscara e óculos, cujas roupas refletiam um estranho brilho metálico sob a penumbra. Bruce reconheceu aquele caminhar: tranquilo e perigoso, feito um tigre. Dessa vez, porém, o homem estava sem máscara, com a face exposta.

Bruce perdeu o ar. A semelhança era impressionante. Os mesmos olhos escuros, a mesma pele branca e pálida, o mesmo cabelo preto – embora o dele fosse curto e arrepiado. Ao contrário da expressão mais contida e calculada de Madeleine, o homem tinha o rosto cheio de fúria. Bruce não precisava conhecê-lo para saber que era alguém de pavio curto.

O que chamou de fato a atenção de Bruce, porém, foi o brilho metálico na pele exposta. Pelas laterais de seus antebraços corria algo que pareciam faixas de metal, subindo até os cotovelos. As juntas eram totalmente metálicas. Seu caminhar predatório provavelmente se devia às juntas melhoradas dos joelhos, conferindo muito mais controle do que um ser humano normal teria.

Madeleine olhou o homem com amargor, mas Bruce enxergou uma afeição que só podia significar uma coisa.

– Demorou hoje, *chefe* – disse ela, permeando a última palavra com uma cadência debochada.

Aquele homem, o famigerado líder das Criaturas da Noite, era Cameron Wallace. *Irmão dela*. Bruce não disse nada. Só encarou o homem, que abriu para a irmã um sorriso afetado e sem graça.

– Estava muito divertido lá fora – comentou ele, inclinando a cabeça para a porta e depois para os guardas agora ajoelhados diante deles, de cabeça baixa. – E aqui dentro também, pelo jeito.

– O que está havendo? – perguntou Madeleine.

– Mesmo sem ajuda desses aqui, descobrimos que alguns policiais conseguiram avançar por um túnel subterrâneo e chegaram à área do salão de concertos. E trouxeram uns drones traidores.

Cameron empurrou um dos guardas das Criaturas da Noite com força, fazendo-o cair no chão.

– Se eu quisesse ver a polícia aqui, seus imbecis, teria deixado que entrassem. Agora vocês dificultaram a minha vida.

Cameron puxou uma arma do coldre no cinto e apontou para o

primeiro guarda. O homem começou a balançar a cabeça.

– Não faça isso, Cam – pediu Madeleine, a voz tensa.

– Deixa ele em paz. Fui *eu* que fiz isso – disse Bruce, chamando a atenção de todos. – Conduzi a polícia à passagem subterrânea. Trouxe os drones traidores. Eles são meus, afinal de contas.

– Ah, é? – perguntou o homem, encarando Bruce e Madeleine. – Então presumo que você seja Bruce Wayne. Muito prazer. Você se lembra de mim, Bruce? A gente se conheceu na sua casa.

– Cam – interrompeu Madeleine, o tom de advertência crescendo em sua voz.

– Bom trabalho em trazê-lo até aqui, mana – respondeu Cameron.

Ele voltou a atenção outra vez ao guarda que soluçava. Então puxou o gatilho.

Bruce se encolheu, mas não desviou o olhar. Seus ouvidos estalaram. O guarda deu um grito quando a bala penetrou sua barriga. A parede recebeu um jorro de sangue. Numa rápida sucessão, Cameron também acertou os outros dois guardas: um no braço, o outro na mão.

– *Cam!* – gritou Madeleine, levantando-se com um salto e empurrando o irmão, que cambaleou para trás. – A gente não tem tempo para isso, e você está desperdiçando gente da nossa equipe. Gente *sua*. Será que preciso lembrar que agora estamos em desvantagem numérica?

– Calma, irmã. Só estou dando um incentivo a eles – disse Cameron, fechando a cara e balançando a arma.

Ele fez um gesto com a cabeça para que os outros guardas removessem os feridos e soluçantes.

– Uma bala para cada erro – disse ele aos outros. – Então tratem de errar *menos*.

– Muito inteligente! Agora você tem três guardas feridos – vociferou Madeleine em resposta. – O que acontece se a gente precisar fugir? Deixaremos os três aqui para serem presos e interrogados? Levaremos todos com a gente? Você está atrasando a gente, seu imbecil.

– Se precisarmos fugir, eu os matarei. Mortos não contam segredos – retrucou Cameron. – Então não enche.

Bruce encarou o carpete, meio entorpecido. Havia listras de sangue seguindo até a porta, e ele ainda ouvia os gritos dos sujeitos feridos do outro lado. Os berros ecoavam em sua mente. Então *esse* era o chefe,

um homem que todos davam por morto. De repente a forma enigmática com que Madeleine se comunicava fez sentido.

Enquanto Madeleine parecia furiosa, Cameron escancarou um sorriso torto e deu um cutucão na irmã.

– Atrapalhei o seu encontro, maninha? – perguntou ele, virando-se para examinar Bruce rapidamente. – Seus reflexos são impressionantes, Wayne. Que pena que você está contra nós. Você daria um excelente cunhado.

Madeleine o encarou com irritação. Bruce olhou para Cameron, depois outra vez para ela.

– Você falou que ele tinha morrido – disse ele. – Eu li o obituário na internet.

– Não é difícil forjar uma morte, Bruce – respondeu Madeleine. – Depois que o Cameron quase morreu, minha mãe saiu do país com ele e arrumou um médico estrangeiro, que salvou a vida dele com um procedimento experimental. Por isso as articulações artificiais. Desde então, ele ficou... diferente.

Ela tornou a olhar o irmão, revirando os olhos com amargura. Bruce encarou os dois com cautela. Teria o procedimento não apenas fortalecido o corpo de Cameron, mas também deformado sua consciência?

– Estar morto ajuda bastante, não é, Cameron? Você tende a não ser o principal suspeito dos assassinatos – concluiu ela, num tom cortante.

– Você é o verdadeiro assassino – disse Bruce a Cameron. – Você degolou aquelas pessoas e mandou Madeleine assumir a culpa no seu lugar.

– Eu não mandei nada – respondeu Cameron.

– Eu *escolhi* levar a culpa – respondeu Madeleine. – Eu era responsável pela invasão do sistema de cada uma das casas. Era o meu trabalho. Cameron era o executor.

A voz dela tornou a exibir aquele estranho sarcasmo. Dessa vez, Bruce compreendeu que Madeleine não planejava nem aprovara a forma como Cameron matara as vítimas.

– Eu vi o que a nossa mãe passou na prisão. Não estava disposta a ver outro parente passar pela mesma coisa... Ainda mais o Cameron, que a nossa mãe morreu para defender.

Cameron sorriu para a irmã.

– É bom ter você de volta – disse ele. – Agora podemos seguir em

frente.

– Seguir em frente? – perguntou Bruce.

– Sabe por que matei cada um desses ricos, Wayne? – perguntou Cameron, com um brilho selvagem no olhar. – Porque eles eram corruptos até as entranhas.

Madeleine torceu a cara, mas ele balançou a cabeça.

– Se você não fosse Bruce Wayne, herdeiro riquinho, teria tido uma pena *muito mais pesada* por interferir nos assuntos da polícia. Aposto a minha vida nisso. Então me perdoe por dizer que *aprecio* roubar os milhões das contas dos ricos, degolá-los e usar esse mesmo dinheiro para destruir a corrupção apoiada por todos – concluiu ele, dando de ombros, com uma piscadela para Bruce. – É revigorante, não acha?

– Não era para eles terem morrido – intrometeu-se Madeleine, fechando a cara outra vez para o irmão. – Eu vivo dizendo que você lucraria mais com cada roubo se deixasse as vítimas vivas. Deixe que sofram pela perda da riqueza.

– E que eles não recebam a justiça merecida? – zombou Cameron.

– Cada um desses tais *filantropos* lucrou com a privatização das penitenciárias de Gotham. Diga, então, se merecem ou não morrer.

– Não mereciam ter morrido daquele jeito – retrucou Bruce, cheio de raiva. – Ninguém merece. Talvez nem você.

– Eu? Eu já morri. Tenho até uma certidão de óbito para provar – respondeu Cameron.

– E eu era o próximo? – perguntou Bruce, a voz tomada de ira.

– Esse era o meu plano. Mas parece que *alguém* o avisou.

Cameron cravou em Madeleine um olhar mordaz. Bruce a encarou. Talvez no fim das contas ela estivesse cuidando dele.

– Você *honestamente* acha que esse ciclo de roubo, assassinato e destruição vale a pena?

Madeleine ergueu a cabeça.

– Acredito que seja um alerta para Gotham, sim – respondeu ela. – Não tenho paciência para a classe de governantes protetora dos mercenários.

– E eu? – perguntou Bruce, baixinho. – Você acha que eu mereço o mesmo destino das pessoas cuja morte você permitiu?

– Você não devia estar aqui – disse Madeleine, com a voz tensa.

Cameron olhou para ela e suspirou.

– Você gostou mesmo desse, não é?

Ela não respondeu, e o homem balançou a cabeça e começou a

rumar para a porta.

– Não importa. Wayne, está na hora de concluirmos nosso negócio com você. Revele à Madeleine o acesso às suas contas restantes, e a nossa transação vai ser rápida e discreta.

Bom. Faça-os continuar.

– Por que eu deveria? Se eu não fizer, você vai cravar uma faca na minha garganta? Como fez com os outros?

Cameron ergueu uma sobrancelha.

– Não, Bruce. Se você não fizer... aqueles reféns lá fora terão que responder à sua teimosia.

Bruce encarou Madeleine, que o olhava com seriedade.

– Não me obrigue a fazer isso – murmurou ela.

Cameron não ouviu. Em vez disso, apenas abriu a porta e saiu.

– Não demore muito, maninha! – gritou ele. Então se retirou, deixando os dois sozinhos.

– Madeleine – chamou Bruce, rompendo o silêncio. – Essa não é você de verdade. Eu vejo no seu rosto.

Ela não respondeu. Encarava a porta com determinação, mas inclinava o corpo instintivamente na direção dele, que sentia o calor da proximidade.

– Não faz diferença – respondeu ela, baixinho, cada palavra maculada pela indecisão. – Nossos objetivos permanecem os mesmos.

– E o que vai acontecer comigo depois que o seu irmão terminar? – sussurrou Bruce. – Você acha que ele vai me deixar sair daqui vivo? Acha que ele vai me entregar à polícia? – Ele encarou a porta. – Acha que ele vai libertar os reféns?

Madeleine não respondeu. Naquele instante de hesitação, Bruce enxergou a verdade.

– Você se importa, sim – sussurrou ele, aproximando-se, desesperado para sentir que algo naquela conexão, fosse lá o que houvesse entre os dois, era real.

– Eu nunca quis você aqui, Bruce – sussurrou Madeleine, com o olhar severo.

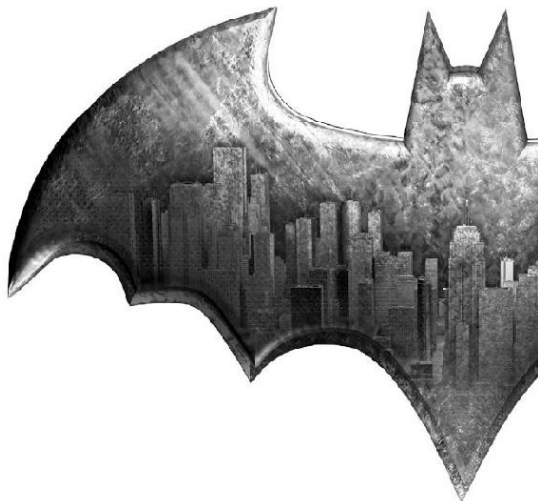
– Por quê?

Ela olhou para o lado, parecendo prestes a dizer algo... mas pensou melhor.

– *Por quê*, Madeleine? – insistiu Bruce, baixinho. – Eu achei de verdade que gostasse de você. E, apesar de tudo, ainda sinto algo por você. Não siga por este caminho.

Madeleine o encarou friamente.

– Essa história não vai terminar bem para nós – respondeu ela, com os olhos cheios d'água. – Então vamos acabar logo com isso.



CAPÍTULO 25

Madeleine o conduziu para fora do camarim, em direção ao salão de concertos. Bruce analisou os arredores. Havia pelo menos uma dúzia de Criaturas da Noite espalhadas pelos balcões, todas em trajes militares, de costas para o andar de baixo.

Quantos haviam invadido o salão? Como estava o trabalho de ocupação da polícia? Bruce perscrutou o espaço, procurando uma saída. Cravou os olhos na porta que levava de volta à escadaria. Não havia subido a escada externa até o fim. Se tivesse, teria chegado ao terraço do salão de concertos.

Ele desviou os olhos enquanto prosseguiram, mas seus pensamentos se chocavam, as ideias fervilhando em sua mente.

Madeleine subiu um lance de escada curva, e os dois cruzaram a porta de um dos balcões. A luz ali era bem mais fraca, e Bruce a associou aos momentos de afinação dos instrumentos da orquestra. Havia uma multidão sentada nas fileiras da plateia, de costas para Bruce e Madeleine, quase como espectadores do show – exceto pelo fato de estarem todos tensos e em silêncio, virando o rosto vez ou outra para as Criaturas da Noite armadas e de guarda em cada seção.

Bruce perscrutou entre os reféns, à procura de Dianne e Lucius. Alguns choravam. Outros estavam à beira do desmaio. Outros tinham as mãos atadas, talvez por terem resistido. Ele reconheceu o vice-prefeito e vários integrantes do conselho que haviam comparecido a seu último banquete beneficente.

E *Richard*. Ele vigiava um corredor. Devia ser surreal para ele ficar ali parado, pensou Bruce, encarando as cortinas pretas em luto por seu pai, sabendo ter sido o responsável por aquilo. A cada movimento, estremecia feito um coelhinho.

Madeleine permanecia sisuda, sem olhar para os reféns, como se isso pudesse ajudá-la a seguir adiante. Bruce continuou observando os rostos, com um nó na garganta.

Ali. Lucius estava sentado na primeira fila, encarando um ponto do balcão bem em frente ao palco.

E Dianne.

Ela estava sentada na ponta da última fila, ao lado de uma Criatura da Noite que montava guarda. Bruce precisou invocar toda a sua disciplina para não sair correndo para ajudá-la. À frente de Dianne estava o corredor que levava à saída. Mesmo assustada, ela parecia alerta. E o mais importante: *não estava ferida*. Se fosse preciso correr, ela daria conta do recado.

Bruce voltou a atenção outra vez para Madeleine. Parecia mais abalada do que de costume, perdida em pensamentos.

Por fim, ela caminhou até um ponto próximo ao topo do corredor acarpetado, onde uma rede de laptops havia sido montada no chão. Ela mandou que Bruce se sentasse diante deles e ficou a seu lado. As Criaturas da Noite que haviam escoltado os dois montavam guarda perto deles.

Os laptops exibiam longas sequências de números e letras num fundo preto. Bruce reconheceu umas duas séries de código, referentes aos drones Ada. Aquele era o centro de comando provisório que Madeleine montara para controlar os robôs. Bruce olhou os outros computadores. Na tela mais afastada dele havia uma janela aberta, exibindo uma de suas contas. A segunda tela exibia outra. Ambas eram contas onde pouco tempo antes fora instalado o novo sistema de segurança de Lucius.

Essa é a minha chance.

– Rápido, Bruce – disse Madeleine, num tom rígido, começando a digitar. – Me dê acesso às suas contas restantes, e a gente acaba com isso.

– E depois? – retrucou Bruce. – O seu irmão mete uma bala na minha cabeça? Me faz de exemplo?

Madeleine permaneceu em silêncio, exibindo no rosto delicado um misto de dor e determinação.

– Anda logo, Bruce – sussurrou ela.

Se houver qualquer acesso suspeito às suas contas, como uma tentativa de senha incorreta, por exemplo, Lucius explicara a ele, será enviado um alerta à sua rede, e o computador transgressor será desativado no mesmo instante.

Esses laptops eram também o meio de controle de Madeleine sobre os drones Ada. A julgar pelo modo como Cameron mencionara os drones, eles eram as únicas coisas que mantinham as Criaturas no comando da situação. Se ele conseguisse desativar os laptops, talvez desativasse o controle de Madeleine sobre os drones.

– Solte os reféns – disse Bruce a ela, sustentando seu olhar. – Essas pessoas não são corruptas. São gente decente. Alguns são meus amigos. Se os soltar, eu darei a senha.

Madeleine o encarou. Por fim, assentiu.

– Você tem a minha palavra. Entregue as suas contas, e eu liberto *alguns* reféns.

Alguns era melhor do que nenhum. Para libertar os outros, Bruce teria que pensar rápido.

– Garanta que Lucius Fox e Dianne Garcia estejam entre eles – pediu ele. – E Richard Price, o filho do prefeito.

– Fechado.

Bruce respirou fundo e tornou a encarar as telas que exibiam suas contas. Esse era o dinheiro que seus pais haviam deixado para ele, entregue com carinho ao filho, o dinheiro pelo qual haviam trabalhado a vida inteira.

Bruce estava prestes a fazer com que as Criaturas da Noite se arrependessem de tê-lo feito de alvo. Ele digitou o código para Madeleine em cada um dos computadores.

Parecia que havia entrado nas contas.

Madeleine não pareceu satisfeita nem contente. Na verdade, parecia decepcionada.

– Sinto muito – sussurrou ela.

– Eu também.

Ao mesmo tempo que os dois se encaravam, Bruce sabia que o sistema de segurança estava sendo iniciado e que em breve os drones sequestrados seriam reestabelecidos a seu propósito original. Ele tinha pouco tempo para tirar os reféns dali.

– Hora de cumprir a sua parte na negociação – disse ele, num tom amargo.

Madeleine desviou os olhos e se levantou.

– Cameron – chamou ela. – Vamos soltar alguns reféns.

– Por que eu ia querer fazer isso? – perguntou Cameron, encarando a irmã com incredulidade.

– *Eu* quero. Fizemos um acordo com Bruce Wayne. Ele nos deu acesso ao resto das contas. Conseguimos – disse ela, olhando de relance para os laptops. – Então vamos libertar uns reféns. Se houver civis saindo, a polícia vai se deter lá fora um pouco mais.

Cameron lançou um olhar duro para Bruce. Por um instante, Bruce achou que o homem não fosse aceitar a demanda da irmã, mas ele soltou um suspiro alto e convocou várias Criaturas da Noite, incluindo Richard.

Madeleine mandou que Dianne, Lucius e uma dúzia de outros reféns se aproximassem. Lucius avançou com o semblante soturno; Dianne estava receosa, os olhos trêmulos fixos em Bruce. Dois dos guardas seguiram empurrando os reféns, fazendo-os tropeçar, e os mandaram para fora pelas portas do balcão. Richard tentava imitar os movimentos das outras Criaturas, mas tinha a expressão insegura e vulnerável.

Bruce os observou sair. *Mais rápido*, pensou ele, tornando a encarar as telas de Madeleine.

Cameron caminhou de volta até eles. Ainda tinha a arma apoiada no ombro, e parou para avaliar Bruce de cima a baixo. Ao receber uma olhada de Madeleine, Bruce também se levantou.

– Esse aí agora dá ordens por você – disse Cameron.

– Agora temos as contas dele – respondeu Madeleine. – Ele não vai mais dar ordens.

– É. Não vai mais, não – disse Cameron, ainda com o olhar fixo em Bruce.

Bruce o encarava em silêncio, os músculos tensos. Um sexto sentido urrou dentro dele. Madeleine arregalou os olhos para o irmão.

– Não, Cam! Não foi o que eu quis...

Cameron puxou a arma do ombro e a apontou para Bruce.

– Terminamos – disse ele.

Bruce se jogou no chão no mesmo instante em que Madeleine ergueu o braço, desviando a mira do irmão. Bruce sentiu o calor da bala, que por pouco não acertou sua cabeça, explodindo contra a parede atrás dele.

– Que droga, Cam! – gritou Madeleine.

Ela tornou a bater no irmão, dessa vez bem no queixo. Cameron cambaleou para trás, atordoado por uma fração de segundo.

Bruce pegou o capacete, que Madeleine havia levado com eles, e o pôs na cabeça. Levantou-se com um salto e saiu em disparada. Os reféns gritaram ao vê-lo derrubar a Criatura mais próxima. Ele acertou o guarda antes que outros pudessem reagir, jogando-o no chão, e chutou o segundo guarda mais próximo. Sua bota atingiu o pescoço do homem. Ele arrancou as armas das mãos dos guardas abatidos e no mesmo movimento removeu os cartuchos das pistolas e atirou-as do alto do balcão. Havia apenas mais três guardas no recinto – e todos apontaram as armas para Bruce.

– Matem um refém! – gritou Cameron para eles.

– *Baixem* as armas! – berrou Madeleine ao mesmo tempo.

As Criaturas hesitaram, confusas, dando a Bruce o tempo necessário para chutar a arma na mão de um dos guardas e dar um tranco forte em outro. Os dois se desequilibraram, caindo um por cima do outro. Mais um tiro explodiu perto dele, faiscando sobre um dos assentos. Ele olhou para cima e viu Cameron atirando em sua direção. Bruce cerrou os dentes e avançou a toda velocidade entre os assentos.

Madeleine acertou um golpe feroz na cabeça do irmão. Enquanto ele cambaleava, ela chutou a arma que o homem segurava, que voou para longe.

Cameron rosnou para ela. No entanto, uma barulheira nos corredores de baixo atraiu a atenção de todos. Parecia o som de mil botas. O ar foi subitamente tomado de berros.

– Polícia! – gritavam as vozes. – Polícia! Todos no chão, agora!

A polícia. Eles tinham ultrapassado a contenção e invadido o local. Bruce se virou para Cameron e Madeleine, que por um instante pareciam perplexos. Madeleine, então, encarou os laptops. *Ela sabe*. Os drones haviam sido desativados. Seus laptops haviam sido destruídos, arruinados pelo vírus de segurança de Lucius.

Cameron berrou uma ordem de retirada para o resto de seus homens. As três outras Criaturas da Noite enfim perderam a coragem. Um deles agarrou o refém mais próximo, fazendo com que outros corressesem aos berros para se proteger. Outro arriscou um tiro. Bruce se abaixou, e a bala acertou o peitoral do balcão. Ele foi correndo atrás deles. Os homens irromperam pelas portas do balcão e retornaram ao corredor, onde uns poucos policiais já haviam chegado ao topo da escadaria. Cameron perscrutou o corredor de um extremo a outro. A

polícia de Gotham subia pelos dois lados, feito um enxame, bloqueando qualquer chance de fuga. Madeleine encarou Bruce por sobre o ombro, com um olhar de choque e traição.

– Você desativou os drones – disse ela.

– *Agora* estamos quites – respondeu Bruce.

Para sua surpresa, um sorrisinho surgiu no canto dos lábios dela.

Ela disparou com Cameron em direção à porta mais próxima. Bruce os seguiu, mas, por uma fração de segundo, foi detido. Perto da porta estava Richard, paralisado de pânico em meio ao caos que se desenrolava. Segurava a arma diante do corpo, com os braços trêmulos. Encarou o capacete de Bruce com os olhos arregalados e se encolheu, preparando-se para um ataque.

– Fuja – disse Bruce, com a voz grave e baixa.

Não foi preciso pedir duas vezes. Com tudo acontecendo ao seu redor, Richard largou a arma no chão e correu na direção dos reféns.

Bruce não teve tempo de ver Richard sair. Disparou pela porta da escadaria antes que a polícia o alcançasse. A meio lance de escadas à frente estava Cameron, cuja agilidade era invejável. Numa passada só ele escalou cinco degraus, já avançando rumo ao segundo lance. Bruce se forçou a acelerar. Toda a concentração dos treinos, todas as habilidades desenvolvidas nas simulações da academia se resumiam àquele momento, à possibilidade de ver Cameron escapar depois que tudo aquilo chegasse ao fim. *Não*. Bruce foi atrás deles.

Cameron parou um lance acima de Bruce, dando a ele tempo suficiente para desviar dos tiros em sua direção. Os dois avançaram mais um lance. Cameron tropeçou em um dos degraus, perdendo preciosos segundos. Madeleine voltou para ajudá-lo a se levantar. Bruce aproveitou o momento e escalou com destreza o corrimão de metal da escadaria, então deu um salto e passou para o mesmo lance em que estavam os irmãos.

Cameron tentou atirar em Bruce, que antecipou a ação, agarrando o braço dele, sentindo o metal frio de suas juntas. Imprensou a mão armada de Cameron com força contra a parede. A arma caiu no chão, e Bruce a chutou para longe. Vários lances abaixo deles, irrompeu o som da polícia que se aproximava.

Eles não vão conseguir chegar a tempo, pensou Bruce. Cameron pegou uma das bombas de fumaça da WayneTech.

Tudo que Bruce conseguiu fazer foi soltar um berro para avisar a polícia:

– Cuidado!

Cameron largou a bomba pela escada abaixo, e uma explosão de fumaça engolfou a polícia.

Cameron tornou a atacar Bruce, que dessa vez falhou em desviar. O golpe foi tão forte que o mandou voando para o lado, e suas costas acertaram com força o corrimão. Cameron lutava para agarrar o pescoço de Bruce com as duas mãos. Bruce se inclinou para trás o máximo que pôde sem cair. Acertou dois socos em Cameron, então avançou no adversário.

Estava prestes a desferir o terceiro soco quando sentiu um cano frio encostar em sua nuca.

– Solta ele – disse Madeleine.

Ela não vai atirar em mim, pensou Bruce. No entanto, o movimento dela foi tão repentino que o fez parar. E um instante era tudo de que Cameron precisava. Ele deu um empurrão em Bruce, subiu correndo o último lance da escadaria e irrompeu pela porta que levava ao terraço.

Madeleine encarou Bruce por um momento. A fumaça da bomba agora os havia alcançado, envolvendo-os em uma névoa.

– Eu devia ter imaginado – disse ela, por fim.

Ele sabia que Madeleine se referia ao código que desativara os drones.

– Entregue-se – respondeu Bruce num tom grave, por sob o capacete.

Ela ficou parada mais um segundo, então deu meia-volta.

– Vão ter que me pegar primeiro – respondeu ela.

Bruce tentou agarrá-la pelo tornozelo, mas ela disparou depressa demais e desapareceu em meio à fumaça. Ele praguejou e a seguiu.

Ao entrar no terraço, Bruce foi atingido pelo ar frio da noite. À distância, ouviu o som de um helicóptero.

Para onde eles foram?

– Você é um homem morto.

A voz de Cameron veio de trás. Bruce sentiu um braço apertar firme seu pescoço, pele e metal agarrados com força à sua garganta. Ele arquejou, lutando por ar, tentando golpear o rosto de Cameron com o cotovelo. Cameron apertou mais um pouco, sufocando-o ainda mais.

Um clique. Pelo nevoeiro, Bruce viu uma arma apontada em sua direção. Na outra extremidade estava Madeleine, o rosto sombrio e determinado.

– O que está esperando? – rosnou Cameron por trás de Bruce. – Atira nele. A gente não tem tempo para enrolação.

Madeleine fixou os olhos escuros nos de Bruce. Ele a viu apertar a arma.

– Madeleine – balbuciou Bruce, engasgado.

Ela deslocou de leve a arma, apontando-a para Cameron. O som do helicóptero se intensificou.

– Ele não é nosso inimigo, Cam – disse ela, calmamente. – Deixa ele ir.

– *O quê?! –* gritou Cameron, incrédulo. – Ele acabou de arruinar a nossa operação! Ele simplesmente...

– Ele arruinou a *sua* operação – interrompeu Madeleine. – Minha missão sempre foi buscar a justiça. Bruce Wayne não é corrupto. Não foi ele quem matou a nossa mãe nem quem fraudou o tratamento quando você estava morrendo. Matá-lo não é fazer justiça. Solta ele, Cam.

– *Traidora* – bradou Cameron com desdém, enquanto Bruce sentia a força no punho dele se abrandar. – O que foi que houve com você?

Madeleine semicerrou os olhos, cheia de raiva.

– A gente não tem tempo para brigar – disse ela.

Como se para enfatizar o argumento, o holofote de um helicóptero reluziu por entre os prédios, avançando na direção deles.

Cameron largou Bruce e o empurrou para cima de Madeleine, que perdeu o equilíbrio. Cego de fúria, Cameron partiu para cima dela e arrancou a arma de sua mão. Então apontou para Bruce e atirou.

E errou.

Bruce sentiu Madeleine tremer violentamente perto dele.

Madeleine tinha sido atingida.

Ele sufocou um grito. Sua visão se revestiu de vermelho, e toda a fúria e adrenalina em sua cabeça preencheu seus membros. Ele avançou para cima de Cameron.

Cameron acertou com força a lateral do corpo de Bruce, que desabou, arquejante. Pouco depois, outro soco varou a escuridão em sua direção. Mesmo com a proteção do capacete, sua cabeça foi golpeada com tanta força pelas juntas de metal de Cameron que ricocheteou para trás. Tudo virou um borrão. Mãos brutas o agarraram e o arrastaram pelo terraço enquanto ele se debatia. Seus instintos entraram em alerta. *Ele vai me atirar daqui de cima.*

Em um só movimento, Bruce agarrou os punhos de Cameron. Deu

um rodopio e içou Cameron para a frente o mais forte que pôde. Cameron cambaleou, perdendo o equilíbrio. Atrás deles estavam as paredes de concreto que ladeavam a porta da escadaria. *Ataque agora.* Bruce soltou um grito violento e golpeou Cameron na cabeça.

A pancada foi em cheio. Cameron colidiu com a parede de concreto e colapsou. Enquanto Bruce permanecia parado, arquejante, a luz do helicóptero que se aproximava iluminou sua silhueta. *A polícia chegou. Tenho que sair daqui.*

Ao dar meia-volta, ele viu Madeleine cambaleando em direção ao irmão. Ela apertava o abdômen, e a dor a deixara branca como a neve. Uma rajada de vento os açoitou com a chegada do helicóptero. Pela primeira vez viu um indício real de medo nos olhos dela. *Não.* Ele correu em sua direção.

Atrás deles, uma voz bradou, vinda do helicóptero:

– Mãos ao alto! Nós vamos atirar! Repito... nós *vamos* atirar!

Bruce semicerrou os olhos e viu um brilho metálico – um rifle – nas portas abertas de um helicóptero militar. O som das hélices talhando o ar era ensurdecedor. O soldado que erguia o rifle apontou a mira. Bruce arregalou os olhos.

O chão perto deles se iluminou de fagulhas. Bruce agarrou a mão de Madeleine e disparou com ela para a segurança da parede de concreto. Ela resistiu por um instante, ainda virada na direção do irmão, numa tentativa de protegê-lo. Porém, seus movimentos eram fracos, instáveis. Bruce estava prestes a gritar algo para ela quando viu seus olhos se arregalarem, em choque.

Cameron jogava os braços para cima, em rendição. E apontava para *Madeleine*. Estava mandando que a polícia atirasse *nela* primeiro. Na irmã. Para salvar a própria pele.

Madeleine só teve tempo de olhar o helicóptero. O rifle foi apontado para ela.

Não, ela não.

Tudo pareceu se desenrolar como uma série de fotos. Bruce soltou um grito e estendeu a mão. Arrastou-se com ela até a parede de concreto, para se proteger.

– Abaixem as armas! – berrou a voz no helicóptero para Cameron.

Mais disparos.

Bruce deitou Madeleine com cuidado no chão. Viu o corpo de Cameron arqueado na marquise. Uma poça de sangue se formava debaixo dele. A polícia não se distraíra por muito tempo.

Bruce se virou de volta para Madeleine. Uma flor de sangue brotara em sua camisa, e ela lutava para respirar em seus braços. *Não*. Ele tirou o capacete, para ver seu rosto sem a barreira de vidro que parecia sempre separá-los.

– Eles vão levá-la para o hospital, Madeleine. Está me ouvindo? Você vai ficar bem.

O rosto dela tinha marcas de lágrimas. Ela tremia incontrolavelmente, mas seus olhos – profundos, escuros, infinitos – permaneciam fixos em Bruce.

– Tão nobre, o maldito... – balbuciou ela, esboçando nos lábios o espectro de um sorriso.

Estavam sujos de vermelho. Bruce apertou-a nos braços e a trouxe mais para perto.

– Poupe o fôlego – disse ele.

Madeleine estremeceu, e ele levou um instante para perceber que lágrimas borravam sua visão.

– Mas continue respirando. Entendeu? Continue respirando.

– É... ruim demais... – murmurou ela ainda mais baixo, fazendo Bruce ter que se inclinar ainda mais para ouvir. – Que a gente tenha se conhecido assim.

Ela estava se despedindo. Bruce fez menção de responder, mas ela balançou a cabeça.

– Você está lutando do lado errado – disse ela.

Bruce curvou o corpo sobre o dela, desejando poder convencê-la, desejando haver uma palavra mágica que revelasse a visão oblíqua de seu mundo, que mostrasse que nada do que ela aprendera era verdade, que *havia* verdadeira justiça no mundo. Desejou haver uma palavra mágica para que ela não morresse. Em vez disso, porém, ele se viu encarando fundo os olhos dela, vendo seu brilho se esvaír.

– Eu sinto tanto... – disse ele, por fim.

Ela tentou focar o olhar nele.

– Eu também.

Ele tocou seu rosto com delicadeza, curvou-se e encostou os lábios nos dela. Talvez achasse que poderia senti-la retribuir o beijo, que aquele gesto pudesse preservar o ar em seu corpo por tempo suficiente para salvá-la. Ao se afastar outra vez para olhá-la, porém, seus olhos estavam fechados.

O helicóptero ainda bramava no céu, e o holofote apontava direto para eles. Bruce ouviu a polícia chutando a porta da escada, prestes a

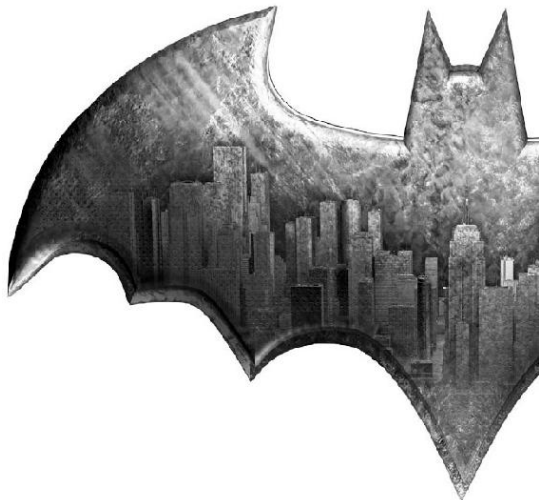
irromper no terraço.

Ele manteve a cabeça baixa e enterrou o rosto no de Madeleine, prolongando-se ali por um último instante. Então forçou-se a soltar o corpo. Tornou a colocar o capacete e, envolto nas sombras da parede de concreto, correu até a beirada do telhado. Enganchou um cabo na marquise, deu um salto e desapareceu antes de ser atingido pela luz.

Ao aterrissar, ouviu a polícia enfim arrombar a porta da escadaria acima. Imaginou-os invadindo o terraço, voltando a atenção aos dois corpos. Ouviu-os gritarem o nome de Madeleine.

Não havia motivo algum para chorar, pensou Bruce enquanto fugia. Madeleine havia sido uma criminosa, ladra, fugitiva e mentirosa. Ele repetiu aquilo para si mesmo incontáveis vezes.

Mesmo assim, ele chorou.



CAPÍTULO 26

O som de uma equipe de reportagem, uniformes em disparada. O bramido do helicóptero ainda pairando sobre o corredor. Bruce ouviu toda a confusão que ocorria à sua volta, mas não houve tempo de absorver nada. Ele escondeu o traje preto e vestiu as próprias roupas de novo. Retornou pelos túneis, onde deu de cara com a polícia. Eles o levaram até o aglomerado de carros que formava a barricada, onde Alfred e Harvey o aguardavam.

Alfred inventara uma história em que as Criaturas da Noite haviam tirado Bruce da delegacia para forçá-lo a revelar as senhas das contas bancárias. Bruce explicou que utilizara as contas para desativar remotamente os drones. Harvey confirmou tudo. Se alguém suspeitou que Bruce era a figura de preto no terraço, nenhuma atitude foi tomada.

Dianne estava sentada com a postura ereta, enrolada num cobertor, numa maca ao lado de uma das ambulâncias do bloqueio policial. Ao ver Bruce e Harvey, estendeu os braços trêmulos em direção aos dois e os abraçou com força. Pelo menos estavam todos ali. Pelo menos seus amigos estavam todos vivos. Era a única coisa que importava.

Ao abrir os olhos, Bruce pensou por um instante ter visto uma garota de olhos escuros andando pela multidão. Pensou ter ouvido sua voz. Talvez, se piscasse os olhos, estaria novamente no interior do Arkham, encarando, através de uma vidraça, uma garota que inclinava

a cabeça para ele e trançava o brilhante cabelo preto.

Ao olhar outra vez, porém, ela havia sumido, e em seu lugar havia apenas uma horda de policiais e repórteres.

Na manhã seguinte, Bruce acordou na mansão e desceu coxeando até o pátio. Seu corpo estava cheio de hematomas e dolorido, mas pela primeira vez em um bom tempo havia dormido a noite inteira. Sem sonhos. Sem corredores assombrados. Era surreal a sensação de ver a luz do sol banhando as janelas de sua casa e formando desenhos reluzentes no chão. Como se a noite anterior jamais tivesse acontecido.

No alpendre do pátio, Alfred já havia servido uma bandeja com café, ovos e torradas. Bruce se acomodou com cuidado numa cadeira e contemplou a apaziguante horta. A manhã guardava uma quietude muito estranha. Só se ouvia o som de pássaros e de um chafariz distante. Fora mesmo na noite anterior que ocorrera o incidente com os reféns no salão de concertos, que seus ouvidos foram tomados pelo tiroteio e o estrondo do helicóptero?

– Bom dia, patrão Wayne.

Bruce se virou e viu o guardião se aproximar, carregado de envelopes.

– Bom dia, Alfred – respondeu ele.

– Lucius passou aqui. Queria agradecer ao senhor – informou Alfred. – Se a polícia resolver farejar a WayneTech, ele certamente o protegerá.

– Alguém está suspeitando...?

Alfred balançou a cabeça.

– A polícia ainda tem um mandado de prisão contra um *agressor não identificado em vestimentas pretas*. Não vão localizar o senhor, não com a ajuda de Lucius.

Bruce tentou abrir um sorriso.

– Você transmitiu as minhas desculpas a ele pela invasão do laboratório?

– Considerando toda a situação, Lucius está de acordo com o seu furto – disse Alfred, com um sorriso sutil –, e gostaria de encontrá-lo mais tarde para agradecer pessoalmente, se o senhor estiver disposto. Ele contou que a equipe da WayneTech está ocupada tentando decifrar a falha de segurança nos drones que Madeleine conseguiu invadir. Uma senhora falha, permita-me observar.

Alfred colocou a pilha de envelopes sobre a mesa.

– Foram entregues alguns cartões para o senhor.

Bruce percorreu a pilha, reconhecendo os nomes e alguns endereços. Eram de colegas e amigos da escola, professores, funcionários das Indústrias Wayne. Ele parou em um dos envelopes. O remetente era Richard. Ele olhou para Alfred, que se limitou a assentir, então abriu o envelope com cuidado. Dentro havia um cartão estimando melhoras. Ao abri-lo, Bruce viu uma breve mensagem, escrita à mão.

Obrigado.

Mesmo depois de tanto tempo, Bruce ainda reconhecia a caligrafia de Richard. Ele releu as palavras. Richard não tinha como saber que era Bruce a figura disfarçada dentro do salão de concertos. *Tinha?* Teria ele reconhecido o estilo de luta ou sua voz? Bruce balançou a cabeça, aturdido com o pensamento, e por um instante visualizou Richard sendo levado sob custódia à delegacia. Ele revelaria a identidade de Bruce à polícia?

Sem dúvida era uma atitude condizente com o comportamento de Richard: vingativo, amargo, provocativo, ávido por ver Bruce punido uma segunda vez. Bruce, porém, analisou a mensagem.

Obrigado.

Aquela palavra simples, pensou ele, trazia em algum lugar a promessa velada de guardar seu segredo.

O caos da noite anterior agora lhe veio todo à mente.

– Sinto que não estou aqui de verdade, Alfred – admitiu Bruce.

– Eu sei – respondeu Alfred, em um tom manso. – Dê tempo ao tempo para se curar de tudo o que aconteceu.

Ele suspirou, então observou seu jovem protegido.

– É difícil mantê-lo fora de perigo, patrão, mas ontem você provou que consegue enfrentar um obstáculo sem medo.

Bruce tornou a pensar em Madeleine sem vida em seus braços. Ainda se sentia meio zozzo e não conseguia perguntar a Alfred o que a polícia faria com o corpo dela. Onde ela seria enterrada.

– Não acho que eu tenha provado muita coisa – retrucou Bruce.

Alfred olhou para ele.

– Só tente não me fazer enfartar. Eu já não sou um rapazote.

A campainha tocou. Alfred se levantou e foi atender a porta. Bruce voltou a contemplar o pátio, até ouvir vozes familiares.

Eram Dianne e Harvey trazendo presentes. Harvey carregava uma

mochila extra, o cabelo loiro penteado para trás e um sorriso no rosto. Dianne parecia mais reservada. Relativamente ilesa e até tranquila, vestia um suéter branco largo e leggings listrada. Seus olhos castanhos exibiam um brilho pensativo e assombrado, mas ao ver Bruce ela sorriu.

Diante dos amigos, Bruce abandonou os pensamentos soturnos.

– Não acredito que já esteja de pé! – exclamou Harvey, agarrando a mão estendida de Bruce e puxando-o para um abraço. – Ouvi dizer que um dos integrantes da SWAT acabou entrando em confronto no terraço com os irmãos Wallace... e ouvi dizer que *you* teve participação no auxílio que a polícia recebeu para ocupar o local. Está tudo uma zona; ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Mas eu passaria o resto do mês na cama, vendo filmes e me entupindo de pizza.

Bruce soltou Harvey e se virou para abraçar Dianne.

– Bom, considerando que *you* de fato sobreviveu à experiência como refém – disse ele –, eu não tenho muita desculpa.

Dianne o abraçou com força.

– Obrigada, Bruce – falou ela. – Não sei se estaria aqui agora se *you* não tivesse ajudado a polícia.

Bruce fechou os olhos e retribuiu o abraço. Ela não parecia saber quem era a figura atrás do capacete preto, que ele estivera no balcão com ela, que vira seu rosto assustado. Tudo parecia tão surreal...

– Que bom que *you* veio – respondeu ele.

– A polícia não sabe como lidar com *you*, acredita? – comentou Dianne, enquanto os dois se acomodavam tranquilamente ao lado de Bruce.

Alfred trouxe mais ovos, torradas e duas canecas de café.

– O noticiário informou hoje de manhã que as Criaturas da Noite tiraram *you* da prisão para forçá-lo a entregar as senhas das suas contas.

Bruce e Harvey trocaram olhares de alívio. Harvey ainda não parecia totalmente à vontade em burlar a lei, mas Bruce também não achava que ele correria até a delegacia para se entregar.

– E o seu truque de mestre salvou o dia – prosseguiu Dianne. – Por outro lado, houve toda a história com a... – Ela hesitou. – Com a carta da Madeleine. A polícia ainda está tentando decidir se manda *you* para o tribunal outra vez ou não.

– Eles seriam uns idiotas se acusassem *you* de alguma coisa, Bruce

– comentou Harvey. – E, vindo de mim, você sabe o que isso significa.

De alguma forma, nada daquilo – a indecisão da polícia, a possibilidade de um julgamento – parecia importante.

Como sempre, Dianne percebeu a mudança no humor de Bruce. Apontou para os ovos e a torrada em seu prato, que ele não havia tocado, e fez uma cara séria.

– Você vai ficar bem? Eu sei... Deve ser difícil, depois de tudo o que aconteceu ontem – disse ela, estendendo a mão, que Bruce percebeu ainda tremer um pouco. – Espero que essa sensação ruim vá embora logo. Algum dia.

– Algum dia – respondeu Bruce, com um meneio de cabeça, mas pensando em Madeleine.

Ele ainda via seu corpo banhado pelas luzes, ainda sentia ela tremendo em seus braços. A cena se repetia em sua cabeça sem parar. Ele balançou a cabeça. Não era o único traumatizado pela noite anterior. Havia muita gente ainda tentando se recuperar.

Harvey recostou o corpo na cadeira e soltou um suspiro.

– Acho que você vai ter que aceitar ser presença constante na primeira página dos noticiários de Gotham – comentou ele, mas com um toque de tristeza. – A única coisa que eles querem é o último furo a seu respeito. Estão tentando cavar entrevistas com todo mundo. Os tabloides já estão criando suas próprias versões sobre o ocorrido.

– Que imbecis – comentou Dianne, balançando a cabeça. – Por um tempo, Bruce, tente andar pela sombra.

Intrigado, Bruce voltou a atenção para a mochila que o amigo trazia.

– Ei, para que isso?

Harvey o encarou, depois respirou fundo.

– Então – começou ele, hesitante. – Lembra quando eu dei queixa do meu pai?

Dianne sorriu, antecipando o que Harvey estava prestes a dizer, mas Bruce permaneceu em silêncio, recordando as últimas palavras do amigo ao ajudá-lo a escapar da delegacia. Assentiu, esperando que Harvey prosseguisse.

– Bom, acontece que ele vai passar um tempo na prisão. Então eu estava pensando... – A voz de Harvey falhou por um instante, em sua luta para entoar as palavras. – Eu estava pensando se você aceitaria... que eu ficasse aqui na sua casa. Só por um tempo... Só umas semanas, até a faculdade começar, no outono. Eu trouxe quase tudo meu –

concluiu ele, meneando a cabeça para a mochilinha surrada. – Claro, se for muito transtorno...

Bruce arregalou os olhos. Harvey enfim, *enfim*, deixava o pai para trás. Para sempre. O amigo pareceu querer começar a balbuciar alguma justificativa, mas Bruce o interrompeu, com o olhar firme.

– Fique – respondeu ele. – Fique o tempo que quiser.

Harvey hesitou por mais um instante.

– Achei que eu também devia ser um pouquinho corajoso – disse ele.

Bruce colocou a mão no ombro do amigo.

– Você é mais corajoso do que eu jamais fui.

Dianne puxou Harvey para um abraço, e Bruce fez o mesmo, desfrutando da companhia deles. Os dois não tinham a menor obrigação de visitá-lo, pensou; ambos haviam sofrido na noite anterior, cada um a seu modo, e provavelmente estavam tão exaustos quanto ele. No entanto, lá estavam tentando animá-lo. Bruce percebeu a profunda gratidão que sentia por aqueles amigos, com quem podia simplesmente ser ele mesmo.

Sempre haveria no mundo os mentirosos, traidores e ladrões, mas também sempre haveria as pessoas de bom coração.

Os três ficaram ali até Alfred tornar a aparecer, informando a Bruce que ele tinha outra visita. Bruce pediu licença, levantou-se e deixou Dianne e Harvey listando os shows que veriam antes do início da faculdade. Ele rumou para dentro da mansão, onde uma figura alta o aguardava no saguão.

Era a detetive Draccon, acompanhada de um homem que Bruce não conhecia. Ao ouvi-lo se aproximar, ela se virou e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Na outra mão, meio sem jeito, ela trazia um buquê de flores e um cartão.

– Oi, Bruce – disse ela, meneando a cabeça para o homem a seu lado. – Este é o detetive James Gordon.

O detetive deu a Bruce um olhar cordial, e os dois se cumprimentaram. O homem era jovem, porém algo – as sobrancelhas grossas, os olhos fundos na pele clara e meio envelhecida – o fazia aparentar mais idade.

– É um prazer conhecê-lo, Sr. Wayne.

– O prazer é meu, senhor – respondeu Bruce.

– Gordon veio de Chicago – acrescentou Draccon. – Ele vai me substituir no departamento de polícia.

Bruce a encarou, confuso.

– Substituir?

– Eu recebi uma oferta em Metrópolis. Saio do departamento no fim do mês para liderar a força de segurança de lá.

– Parabéns, detetive – disse Bruce, incapaz de evitar um sorrisinho.

– Foi graças a você, na verdade.

Dracon balançou o buquê, constrangida, até que Alfred a tirou do sofrimento pegando as flores e se retirando para apanhar um vaso.

– Os rapazes da delegacia quiseram mandar isso – explicou ela, ajeitando os óculos. – Quando estiver se sentindo melhor, queremos convidá-lo para receber um certificado formal honorário por suas ações.

Bruce baixou os olhos para o cartão. Dentro havia um monte de assinaturas.

– Depois de tudo o que fiz vocês passaram? – perguntou ele, abrindo um sorriso torto. – É demais.

Dracon pôs a mão na cintura, mas também sorria.

– Só aceite a porcaria das flores, Wayne, antes que eu mude de ideia.

– O certificado é pelo quê?

– Por tomar ações decisivas e salvar a vida tanto de policiais quanto de civis – respondeu Gordon. – O senhor foi muito corajoso, Sr. Wayne, em desativar os drones. – Dracon deu de ombros, sem saber ao certo como elogiá-lo. – Pelo seu heroísmo – acrescentou ela. – A gente não teria conseguido nada disso sem a sua ajuda.

– Parabéns – disse Gordon.

– E Richard Price? – arriscou Bruce, hesitante. – O que vai acontecer com ele?

– Vai ter que se entender com a Justiça – respondeu Dracon. – Mas ele tem cooperado bastante, nos ajudando a rastrear as Criaturas da Noite que fugiram ontem à noite. Vamos fazer o possível para ajustar a pena. Sei que ele é seu amigo, Bruce, e ele está muito arrependido.

Bruce imaginou o futuro de Richard, sem o pai, carregando nos ombros a culpa por ter se metido com pessoas que mudaram o rumo de sua vida. Talvez, depois de cumprir a pena, Richard encontrasse conforto e paz com o restante da família.

– Obrigado, detetive – disse Bruce.

Dracon abriu um sorriso afetuoso.

– Olha, Bruce... Sei que no início peguei muito pesado com você. Quando você chegou para cumprir serviço comunitário, eu me senti no dever de mostrar a extensão dos seus privilégios, de mostrar que você não pode simplesmente sair por aí fazendo o que der na telha.

Depois de uma pausa, ela prosseguiu:

– Mas você tem os seus motivos para buscar justiça. Eu gostei de verdade de ter trabalhado com você nesses últimos dois meses, com todos os altos e baixos. Você é um rapaz bom, Bruce, de bom coração. Considerando tudo o que você viu e sofreu, isso é muita coisa.

– Obrigado, detetive – repetiu Bruce.

Ele era *mesmo* bom? Já havia ferido os que amava; já havia desobedecido a ordens centenas de vezes. Talvez, porém, houvesse algo no fim de tudo aquilo, algo que faria mais sentido quando ele assumisse todo o legado dos pais.

Ele contorceu os lábios.

– Então... tem mais alguma condicional à minha espera? Não que eu não goste de condicional.

Os dois detetives soltaram uma risada, e por um instante Draccon soou mais como ela própria.

– Desta vez, não – confirmou ela. – Dada a situação na qual se envolveu e a sua contribuição, você teve o perdão total concedido, e a sua ficha será totalmente limpa no que diz respeito a esse caso. – Ela encarou Bruce com uma carranca dura. – Mas não brinque com a sorte. Que esta seja a última vez que você cruza o caminho da polícia.

– A última vez – concordou Bruce, com firmeza. – Duvido que algum dia eu volte a me envolver em algo tão intenso.

– Acho bom – respondeu Draccon, franzindo os lábios.

Dessa vez Bruce percebeu um desconforto na expressão da detetive, como se ainda houvesse algo em seus pensamentos.

Gordon se inclinou para a frente.

– Encontramos provas que ligam Cameron Wallace aos três assassinatos originalmente atribuídos a Madeleine... Não sabíamos que ele estava vivo, então as provas de DNA contra ela agora parecem inconclusivas. Ela estava lá, mas é provável que não tenha cometido os crimes.

Bruce assentiu, meio entorpecido, tentando não visualizar o corpo inerte de Madeleine. Ao olhar a detetive Draccon, percebeu outra vez a careta em seu rosto. Sua curiosidade se aguçou.

– O que a senhora está escondendo de mim, detetive?

Alfred se aproximou, retornando da cozinha.

– É melhor a senhora contar, detetive – disse Alfred. – Ele vai descobrir sozinho, de um jeito ou de outro.

Dracon esfregou a têmpora e endireitou o blazer.

– Madeleine... O corpo dela desapareceu do hospital uma hora depois da captura.

Bruce congelou.

– O quê?

– Nós a rastreamos até o aeroporto, onde descobrimos que ela já tinha embarcado num voo para fora do país.

Madeleine não havia morrido?

Estava viva.

Ela ludibriara a equipe médica, que a encaminhara ao hospital, e em meio ao caos conseguira fugir. Bruce tornou a pensar em seu rosto pálido, nas lágrimas, no adeus. A trapaça final. Sem poder evitar, ele baixou a cabeça e soltou uma risada.

Claro que ela ia dar um jeito de escapar.

– Bom – disse Bruce, depois de uma longa pausa –, ela deve ter encontrado um jeito de ter acesso a todo aquele dinheiro, seja lá onde estiver agora.

Gordon pigarreou.

– O que foi? – perguntou ele.

– Madeleine não tirou o dinheiro das contas das Criaturas da Noite – respondeu ele.

Ao ouvir isso, Bruce congelou.

– Não?

– Não – disse Gordon. – Ela encaminhou tudo a uma instituição. O Fundo de Proteção Legal de Gotham acabou de receber uma doação de muitos milhões, em nome da mãe dela.

Bruce encarou os dois detetives. O Fundo de Proteção Legal de Gotham era a instituição de caridade que sua mãe sempre ajudava por meio dos bailes beneficentes, um grupo que oferecia defesa jurídica a quem não podia arcar com os custos. Madeleine havia acabado de doar todo o dinheiro das Criaturas da Noite. Enquanto os detetives engatavam numa conversa a respeito, Bruce se viu olhando pelas janelas e imaginando o que passara pela cabeça dela ao fazer aquilo, o que havia motivado aquela atitude.

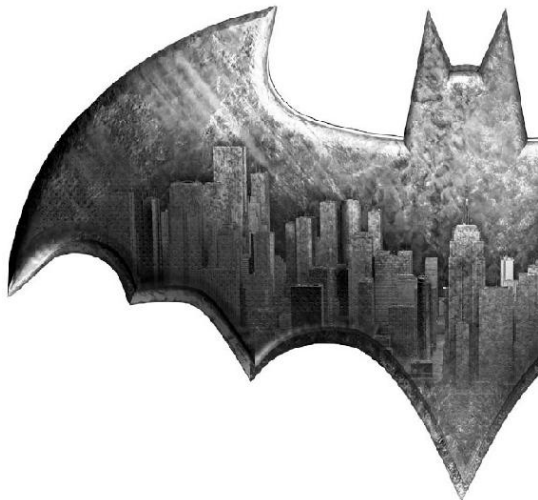
Talvez ela já não acreditasse que eles dois lutassem em lados opostos. Talvez ele a tivesse mudado, assim como ela o havia mudado.

Talvez fosse um último gesto de benevolência, fossem eles amigos, inimigos ou algo mais.

Ou talvez, depois de tantas mentiras, aquela fosse a forma dela de contar a verdade sobre quem de fato era.

UM MÊS DEPOIS





CAPÍTULO 27

A lua cheia iluminava as ruas de Gotham aquela noite, tingindo as esquinas de preto, branco e prata.

Bruce atravessava a autoestrada em um novo carro, perdido em pensamentos. Naquele mesmo dia, mais cedo, ele fora com Harvey ao aeroporto para se despedir de Dianne, que fora para a Inglaterra; mais tarde, na mesma semana, seria a vez de Harvey partir para a universidade. E em breve ele próprio daria início à vida de universitário, ali mesmo em Gotham, e seguiria os passos dos pais, enquanto Lucius e Alfred continuavam a prepará-lo para assumir as Indústrias Wayne.

A vida parecia estar se organizando outra vez; todos os blocos de seu futuro estavam alinhados na ordem certa, e ele sabia exatamente o que era preciso fazer. Tudo havia voltado ao normal.

Mesmo assim, enquanto dirigia, Bruce sentia que ainda não sabia ao certo aonde estava indo. O GPS em seu carro seguia apitando, alertando-o do eventual retorno que teria que fazer se quisesse rumar de volta para casa. Ele, porém, continuou seguindo em frente, cortando um cruzamento após o outro. Refletia sobre as partes de sua vida que, apesar de tudo, pareciam incompletas. À espera.

Meia hora depois, percebeu que tinha ido parar em frente ao Salão de Concertos de Gotham.

Bruce parou o carro no estacionamento vazio, vestiu o sobretudo e andou até o edifício. As ruas antes cheias de policiais e viaturas agora

estavam ermas e escuras; o próprio salão de concertos, em vez de iluminado pelos holofotes, jazia envolto em uma mortalha de sombras. Uma brisa fria soprou. Ele levantou a gola do casaco, deixando apenas a metade superior do rosto à mostra. Não havia evento no salão aquela noite, mas as portas da escadaria externa estavam abertas; ele entrou e foi até o terraço.

Lá em cima, Bruce se aproximou da marquise, de onde via as luzes da cidade inteira.

Era estranho que apenas uns meses antes ele tivesse posto os pés no Asilo Arkham e conhecido uma garota que parecia existir num mundo entre o preto e o branco; que parecia uma força do mal, e depois do bem, e depois de tudo que havia entre essas duas forças. Ele ainda se lembrava do primeiro encontro: ela sentada, encostada na parede, os olhos pairando na direção dele, a expressão indecifrável, os pensamentos escondidos por trás da muralha escura de seu olhar. O que lhe passara pela cabeça naquele primeiro encontro? O que ela vira nele? Somente mais um bilionário, o passaporte para sua fuga do Arkham? Ou alguém com quem valia a pena conversar?

Bruce meteu a mão no bolso e puxou a carta que Madeleine lhe deixara ao fugir do Arkham. Ele a havia dobrado e redobrado tantas vezes – primeiro como uma flor, depois como um diamante, depois de volta à flor –, acompanhando as linhas originais, que as dobras já começavam a se desgastar, abrindo finíssimos rasgos no papel. Ele releu as palavras.

Querido Bruce,

Não somos o casal mais harmonioso, não é? Não posso imaginar uma história onde o bilionário e a assassina terminam felizes para sempre. Então, ficamos quites: agradeço por me ajudar a sair deste lugar e aceito seu agradecimento pelos meses de diversão. Espero que se lembre de mim.

bj, MW

Bruce analisou as palavras por um momento. Na primeira leitura achara o bilhete debochado, provocativo, por ele ser ingênuo a ponto de permitir que ela escapasse; agora as palavras soavam melancólicas, até nostálgicas, uma carta que ansiava por algo que jamais seria. Um último recado para ele, caso seus caminhos jamais tornassem a se cruzar. Talvez ela tivesse feito aquilo de propósito. Tratando-se dela,

era difícil dizer.

Mesmo sem querer, ele abriu um sorriso ao se lembrar de suas conversas, ao saber que ela ainda estava por aí, em algum lugar, sem dúvida trilhando um novo caminho para si mesma.

Talvez eles de fato não fossem um casal harmonioso, mas mesmo assim o destino os havia unido. Talvez algum dia, no futuro, os dois se unissem outra vez. Ele se perguntou o que diria caso a visse de novo. Diria que desejava tê-la conhecido em um mundo diferente, um mundo onde eles não vivessem separados por uma vidraça.

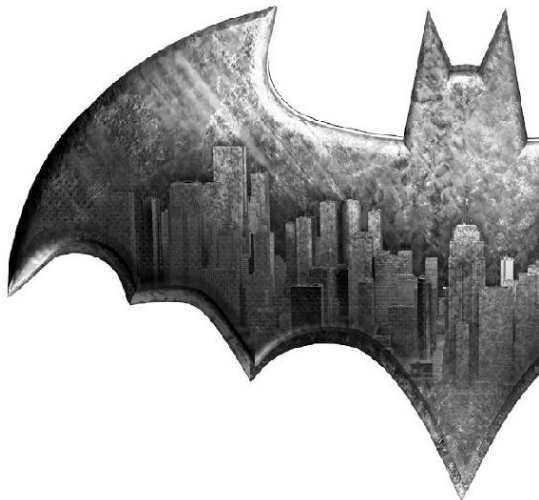
Bruce, por fim, tornou a dobrar o bilhete e o devolveu com cuidado ao bolso. Fechou os olhos, respirou e escutou a quietude da noite. De algum ponto das entranhas de Gotham vinha o som de sirenes; os defensores da justiça davam início a uma nova noite de trabalho. O vento se aprumou, bagunçando seu cabelo preto e fazendo drapejar seu casaco, tal e qual uma capa.

À distância, Bruce era quase invisível, uma diminuta silhueta perdida em meio às sombras do salão de concertos, envolta na paisagem urbana. Nenhuma luz no céu apontava para ele, nenhum rosto mirava o seu, ninguém chamava seu nome. Ninguém fazia ideia de que estava ali, uma sentinela silenciosa vigiando a cidade.

No entanto, tudo que ele via estendido à sua frente era um oceano de luz, o coração reluzente de Gotham. Ele ainda não sabia o que o futuro lhe reservava, mas sabia que, fosse o que fosse, estava ali.

Era um lugar que merecia proteção.

Era a sua casa.



AGRADECIMENTOS

Não sei muito bem como foi que dei a sorte de escrever uma história sobre o Batman, mas me lembro da rapidez com que aceitei este projeto. Minha primeira lembrança do Cavaleiro das Trevas vem de *Batman: a série animada*, à qual eu assistia com a cabeça apoiada nas mãos, imaginando como seria sobrevoar uma cidade e combater os bandidos. Batman foi meu primeiro encontro com um personagem cheio de nuances – e com a noção de que, a despeito do pouco reconhecimento que recebemos ou de quanto o lado negro tente nos seduzir, ainda precisamos acordar todos os dias e lutar pelo que vale a pena. Essa verdade, para mim, agora se faz mais forte do que nunca.

Batman tem o apoio da Liga da Justiça; ao escrever esta história, eu também tive a minha liga.

A Kristin Nelson, minha incrível agente e amiga, obrigada por pensar em tudo e mais um pouco. À minha brilhante editora, Chelsea Eberly, obrigada por desbravar comigo as trincheiras e me ajudar a dar o contorno final à história de Bruce Wayne, a qualquer custo (tecnológico). Conseguimos!

Sou muitíssimo grata a toda a equipe da Random House por me receber de braços abertos e com grande entusiasmo: Michelle Nagler, Jenna Lettice, Alison Impey, Dominique Cimina, Aisha Cloud, Kerri Benvenuto, John Adamo, Adrienne Waintraub, Lauren Adams, Kate Keating, Hanna Lee, Regina Flath e Jocelyn Lange. Obrigada, obrigada, obrigada por todo o carinho, sua inestimável ajuda editorial,

pela experiência em design, marketing e publicidade e por serem demais. À maravilhosa equipe da Warner Brothers – Ben Harper, Melanie Swartz e Thomas Zellers – e a todo o pessoal da DC, obrigada por confiarem a mim a história do jovem Bruce Wayne e por me darem a chance de dizer “Eu sou o Batman”. Este vai ser sempre um ponto alto na minha vida.

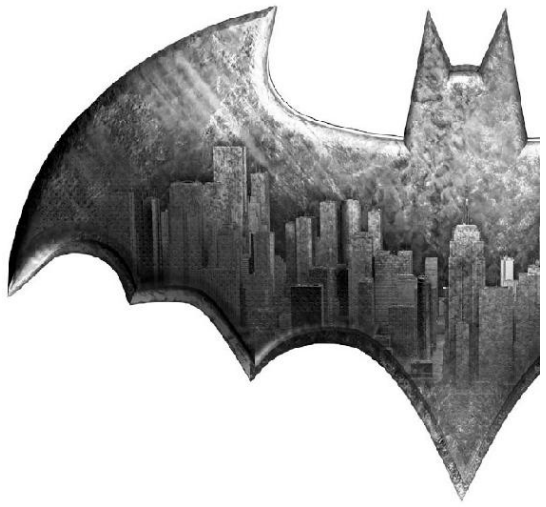
À minha amiga amazona, feroz e maravilhosa, a inimitável Leigh Bardugo (também conhecida como Wondugo): esta louca autora não teria conseguido sem você. Obrigada por tudo.

Minha incrível Dianne – este livro era para você desde o início, sua espertinha, mas você sabia. Obrigada por dar ouvidos às minhas perguntas sobre o Batman e entabular comigo profundas discussões sobre o Bruce Wayne em pleno chá da tarde, como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo.

À fabulosa Dhonielle Clayton, por sua percepção, sagacidade, sabedoria e amizade. Às queridas Amie Kaufman, JJ e Sabaa Tahir – muito obrigada por me animarem quando eu mais precisei. Aspiro ser como cada uma de vocês.

Ao Primo, meu marido e super-herói – obrigada pelas muitas noites de conversas sobre Batman, por assistir comigo a tudo sobre o Batman, por ser sempre incrível, divertido e amoroso. Parece até que a gente se ama.

Por fim, aos leitores e defensores da justiça por aí: obrigada por serem os verdadeiros Cavaleiros das Trevas do nosso mundo. Os super-heróis nos inspiram porque representam o melhor que a humanidade tem a oferecer. Eles nos fazem lembrar que também somos capazes de operar mudanças e fazer o bem. Não é preciso um bilhão de dólares e uma batcaverna para ser o Batman. Basta um coração destemido e indomável. Sigam na luta.



SOBRE A AUTORA



MARIE LU é a autora das séries Warcross e Jovens de Elite e da aclamadíssima trilogia Legend. Ela se formou na Universidade do Sul da Califórnia e trabalhou como designer na indústria de videogames. Atualmente escritora em tempo integral, passa as horas livres lendo e jogando. Mora em Los Angeles com o marido e um cãozinho mestiço de chihuahua e corgi.

marielubooks.tumblr.com
[@Marie_Lu](https://www.tumblr.com/marie_lu)

LEIA AGORA UM TRECHO DE OUTRA
AVENTURA DA COLEÇÃO
LENDAS DA DC

MULHER-MARAVILHA

SEMENTES DA GUERRA

POR

LEIGH BARDUGO

ANTES DE SE TORNAR
A MULHER-MARAVILHA,
ELA ERA APENAS DIANA.

WONDER WOMAN and all related characters and elements © & TM DC Comics



CAPÍTULO 1

Não se entra em uma corrida para perder.

Diana se aquecia na linha de largada. As panturrilhas estavam rígidas como cordas de arcos, as palavras da mãe reverberavam em seus ouvidos. Uma multidão havia se reunido para assistir às disputas de luta e lançamento de dardo que marcariam o início dos Jogos Nemeus. Entretanto, a prova mais aguardada era a corrida, e as arquibancadas estavam em polvorosa com a notícia de que a filha da rainha participaria da competição.

Ao avistar Diana entre as corredoras, Hipólita não demonstrou surpresa. Conforme a tradição, desceu de sua plataforma de observação para desejar boa sorte às atletas, soltando um gracejo aqui e oferecendo uma palavra de incentivo ali. Deu um breve aceno de cabeça para Diana, sem demonstrar qualquer favoritismo, mas sussurrou, tão baixo que apenas a filha pôde ouvir:

– Não se entra em uma corrida para perder.

Amazonas ladeavam o caminho que dava para fora da arena e pediam o início dos jogos, como num grito de guerra. À direita de Diana, Rani abriu um sorriso radiante.

– Boa sorte hoje.

Ela era sempre gentil, graciosa e, claro, vitoriosa. À esquerda de Diana, Tira soltou uma bufada e rebateu, balançando a cabeça:

– Ela vai precisar.

Diana a ignorou. Fazia semanas que ansiava pela corrida, que consistia em uma longa trilha para reaver uma das bandeiras

vermelhas penduradas sob o grande domo em Bana-Mighdall. Se fosse uma prova apenas de velocidade, ela não teria chance. Ainda não havia alcançado a totalidade de sua força de amazona. *Com o tempo, você chega lá*, prometera a mãe, só que ela fazia muitas promessas que nem sempre se realizavam.

Aquela corrida era diferente. Requeria estratégia, e Diana tinha se preparado. Treinara às escondidas com Maeve, aprimorando sua velocidade e traçando uma rota por um terreno mais acidentado, porém sem dúvida era um percurso mais linear até a ponta oeste da ilha. Ela havia até... bem, não exatamente *espionado*... mas colhido informações das outras participantes. Ainda era a menor, e com certeza a mais jovem, mas dera uma boa espichada no último ano e já estava quase do tamanho de Tira.

Não preciso de sorte, disse a si mesma. Então encarou a fileira de Amazonas na linha de largada. Parecia uma tropa se preparando para a guerra. É, um pouquinho de sorte também não faria mal. Ela queria aquela coroa de louros. Era algo que podia conquistar em vez de simplesmente receber.

No meio da multidão, avistou os cabelos ruivos e o rosto sardento de Maeve e abriu um sorriso, tentando transmitir confiança. A amiga retribuiu o sorriso e sussurrou:

– Não se precipite.

Diana revirou os olhos, mas assentiu e tentou respirar mais devagar. Tinha o péssimo hábito de disparar logo na largada e desperdiçar energia. Clareou a mente e tentou se concentrar no trajeto enquanto Tecmessa caminhava pela fileira vistoriando as corredoras, com joias reluzindo em seus cachos e pulseiras de prata cintilando nos braços morenos. Ela era a conselheira mais íntima de Hipólita, tinha a posição mais importante depois da rainha e se comportava como se seu vestido índigo cintado fosse uma armadura de batalha.

– Pegue leve, Píxide – murmurou Tec para Diana ao passar. – Não quero ver você se despedaçar.

Diana ouviu Tira soltar outra risada, mas se recusou a demonstrar incômodo ao ouvir o apelido. *Quero ver a sua cara quando me vir subindo no pódio*.

Tec ergueu as mãos para pedir silêncio e fez uma mesura para Hipólita, que estava sentada entre duas outras integrantes do Conselho das Amazonas no camarote real – uma plataforma alta, protegida da luz por uma cobertura de seda tingida de azul e vermelho, as cores

vibrantes da rainha. Diana sabia que era ali que sua mãe queria que ela estivesse naquele exato instante: sentada a seu lado, aguardando o início dos jogos em vez de competindo. Nada disso teria importância depois que ela vencesse.

Hipólita vestia sua elegante túnica branca, calças de montaria e um diadema simples na cabeça. Era, nos mínimos detalhes, a rainha. Parecia serena e tranquila, mas, se assim o desejasse, poderia dar um salto e entrar na competição a qualquer momento.

Tec se dirigiu às atletas reunidas nas areias da arena.

– Pela honra de quem vocês competem?

– Pela glória das amazonas – responderam em uníssono. – Pela glória da nossa rainha.

Diana sentiu o coração acelerar. Jamais entoara essas palavras antes, não como competidora.

– A quem exaltamos todos os dias? – bradou Tec.

– A Hera, Atena, Deméter, Héstia, Afrodite e Ártemis – responderam em coro.

Estas eram as deusas que haviam criado Temiscira e a entregado a Hipólita como local de refúgio.

Tec fez uma pausa e, ao longo da fileira, Diana ouviu o sussurro dos outros nomes: Oyá, Durga, Freia, Maria, Jael. Outrora proferidos na hora da morte, nas últimas orações de guerreiras abatidas em batalha, eram palavras que possibilitaram que fossem trazidas àquela ilha e que lhes concederam vida nova como amazonas. Ao lado de Diana, Rani levou aos lábios o amuleto retangular que sempre usava e murmurou o nome das Matri, as sete mães que combatiam os demônios.

Tec ergueu uma bandeira vermelha idêntica à que aguardava as corredoras em Bana-Mighdall.

– Que a ilha as conduza a uma vitória justa!

Ela baixou a seda vermelha e a multidão urrou. As corredoras se lançaram em direção ao arco leste: a corrida havia começado. Diana e Maeve haviam previsto o tumulto inicial. Ainda assim, sentiram uma pontada de frustração ao ver as atletas aglomeradas na boca do túnel de pedras, um emaranhado de túnicas brancas, braços e pernas musculosos, o eco dos passos, todas tentando sair da arena ao mesmo tempo. Então alcançaram a estrada e avançaram pela ilha, cada uma seguindo o próprio percurso.

Não se entra em uma corrida para perder.

Diana ajustou as passadas ao ritmo dessas palavras, os pés descalços atingindo a terra batida da estrada que a levaria pelo emaranhado da Floresta Cibeliana até a margem norte da ilha.

Em geral, a caminhada para cruzar aquela floresta era longa e lenta, dificultada por árvores caídas e vinhas tão grossas que só se podia abrir caminho com um facão. Entretanto, Diana delineara muito bem seu trajeto. Uma hora depois de adentrar a mata, irrompeu em meio às árvores na estrada costeira deserta. O vento levantou seus cabelos e uma rajada de sal lhe açoitou o rosto. Respirou fundo e conferiu a posição do sol. Sairia vencedora.

Ela havia mapeado o percurso na semana anterior com Maeve, e ambas o completaram duas vezes em segredo, sob a luz cinzenta da manhã, quando suas irmãs ainda se levantavam da cama, os fogões ainda eram aquecidos e os únicos curiosos com quem tinham que se preocupar eram os madrugadores que saíam para caçar ou fazer a pesca do dia. Porém, os caçadores se limitavam às matas e aos prados bem mais longe ao sul, e ninguém pescava para além daquela parte da costa; não havia bons pontos de partida para os barcos, somente os penhascos íngremes cor de aço que mergulhavam direto no mar, além de um abrigo diminuto e hostil acessado apenas por um caminho tão estreito que só se podia descê-lo de lado, arrastando os pés, com as costas coladas à rocha.

A margem norte era cinza, sombria e inóspita, e Diana conhecia cada cantinho daquele cenário secreto, os rochedos e as grutas, as poças de maré apinhadas de lapas e as anêmonas. Era um bom lugar para ficar sozinha. *A ilha se empenha em agradar*, explicara a mãe uma vez. Por isso Temiscira era arborizada por sequoias em uns pontos e seringueiras em outros; por isso ela podia passar a tarde vagando pelos pastos, montada em um pônei, e a noite em um camelo, escalando uma encosta de dunas de areia sob o luar. Tudo isso eram fragmentos da vida que as amazonas haviam levado antes de chegarem à ilha, pequenas paisagens da alma.

Diana às vezes se perguntava se a margem norte de Temiscira existia apenas para ela, para que pudesse se desafiar escalando suas escarpas íngremes, para que pudesse ter um lugar para onde fugir quando o fardo de ser a filha de Hipólita ficasse pesado demais.

Não se entra em uma corrida para perder.

Essa não fora uma advertência corriqueira da mãe. As perdas de Diana eram muito diferentes, ambas sabiam disso – e não apenas por

sua condição de princesa.

Diana quase sentia o olhar sagaz de Tec, quase ouvia sua voz debochada. *Pegue leve, Píxide*. Era assim que Tec a apelidara: Píxide. Um pequeno vaso de barro, feito para guardar joias ou tintura de carmim para os lábios. O nome era inofensivo, provocativo, sempre entoado de maneira afetuosa – pelo menos era o que Tec alegava. Mas sempre machucava: fazia Diana se lembrar de que não se equiparava às outras amazonas, que isso jamais aconteceria. Suas irmãs eram guerreiras experientes, forjadas a ferro pelo sofrimento e talhadas à perfeição ao passar da vida à imortalidade. Todas haviam conquistado seu lugar em Temiscira. Exceto Diana, nascida do solo da ilha e do desejo de Hipólita por uma filha, moldada no barro pelas mãos de sua mãe. *Pegue leve, Píxide. Não quero ver você se despedaçar*.

Diana acalmou a respiração, manteve os passos firmes. *Hoje não, Tec. Hoje os louros pertencem a mim*.

Ela deu uma olhadela para o horizonte, deixando que a brisa do mar resfriasse o suor em sua testa. Avistou a silhueta branca de um navio além do nevoeiro. Estava bem perto da divisa, de modo que Diana pôde distinguir as velas. A embarcação era pequena – uma escuna, talvez? Tinha dificuldade em recordar detalhes náuticos. Mastro grande, mezena, mil nomes para as velas, o cordame. Uma coisa era estar em um barco, aprendendo com Teuta, que navegara com piratas. Outra muito diferente era se enfiar na biblioteca em Éfeso e ficar encarando o desenho de um bergantim ou de uma caravela.

Às vezes Maeve e ela brincavam de tentar localizar navios ou aviões, e uma vez chegaram a avistar o contorno de um cruzeiro no horizonte. No entanto, a maioria dos mortais sabia que era preciso manter distância daquele canto em particular do Egeu, onde as bússolas rodopiavam e os instrumentos demonstravam súbita recusa em obedecer.

Naquele dia uma tempestade parecia se formar para além do nevoeiro da divisa, e Diana lamentou não poder se deter para assistir. As chuvas que chegavam a Temiscira eram fracas, tediosas e previsíveis, nada como o estrondo ameaçador dos trovões e o vislumbre da luz trêmula dos relâmpagos ao longe.

Você tem saudade das tempestades?, perguntara Diana uma tarde, enquanto Maeve e ela relaxavam sob o sol no terraço do palácio, escutando o bramido estrondoso de um temporal. Maeve havia

morrido durante a Emboscada de Crossbarry, e as últimas palavras que saíram de seus lábios foram uma prece a Santa Brígida de Kildare. Ela era nova na ilha em relação às outras amazonas e viera de Cork, onde tempestades eram frequentes.

Não, respondera Maeve em seu tom de voz cadenciado. Sinto saudade de uma boa xícara de chá, de dançar, dos rapazes... Mas, definitivamente, não da chuva.

A gente dança, protestou Diana.

Maeve soltou uma risada.

A gente dança de um jeito diferente quando sabe que não vai viver para sempre. Então ela se espreguiçara, a pele branca repleta de sardas, feito densas nuvens de pólen. *Acho que fui um gato em outra vida, porque só quero me espreguiçar e ficar dormindo em um lugar quentinho.*

Não se precipite. Diana resistiu ao ímpeto de acelerar. Era difícil se conter quando se estava com o sol da manhã nos ombros e o vento nas costas. Ela se sentia forte. Era fácil se sentir assim quando estava consigo mesma.

Um estrondo ecoou por sobre as ondas, um som metálico. Os pés de Diana vacilaram. No horizonte azul se elevou uma torre de fumaça. A escuna estava em chamas. Em uma explosão, a proa se despedaçou, um dos mastros desabou e a vela foi se arrastando pela amurada.

Diana percebeu que reduzia a velocidade, mas se forçou a retomar o ritmo das passadas. Nada havia a ser feito pela escuna. Aviões caíam. Navios naufragavam nas rochas. Essa era a natureza do mundo mortal. Ali o desastre podia acontecer, e com frequência acontecia. A vida humana era uma maré de sofrimento que jamais atingia a margem da ilha. Diana se concentrou no trajeto. Bem longe, podia ver o brilho dourado do sol a reluzir no grande domo em Bana-Mighdall. Primeiro a bandeira vermelha, depois a coroa de louros. Esse era o plano.

De repente, ela ouviu um grito.

Uma gaivota, disse a si mesma. *Não é possível que seja uma pessoa.* Um grito humano não podia ser ouvido a uma distância tão grande, certo? Não importava. Não havia nada que ela pudesse fazer. Mesmo assim, seus olhos tornaram a mirar o horizonte. *Só quero tentar ver um pouco melhor,* pensou. *Tenho muito tempo. Estou adiantada.*

Não havia um bom motivo para se aproximar da beirada do rochedo. Ainda assim, ela o fez. As águas perto da orla estavam calmas, claras, um turquesa vibrante. O oceano era um poço bravio,

um mar azul-escuro, já quase negro. A ilha podia se esforçar para agradar a ela e suas irmãs, mas o mundo para além da divisa não se preocupava com a felicidade ou a segurança de seus habitantes.

Mesmo a distância, ela podia enxergar a escuna afundando. Porém, não via botes salva-vidas ou sinalizadores, apenas fragmentos da embarcação destruída levados pelas ondas revoltas. Era o fim. Diana esfregou os braços com vigor, afastando um súbito arrepio, e começou a retornar para a trilha das carroças. A vida humana era assim. Tantas vezes Maeve e ela haviam mergulhado perto da divisa, nadado em meio aos destroços de aviões, veleiros e lanchas reluzentes. A água salgada alterava a madeira, que endurecia e não apodrecia. Com os mortais era diferente. Eles serviam de alimento para os peixes do mar profundo e tubarões. O tempo os consumia lenta e inevitavelmente, quer estivessem sob a água ou em terra firme.

Diana tornou a conferir a posição do sol. Poderia estar em Bana-Mighdall em quarenta minutos, talvez menos. Perdera só alguns instantes. Poderia compensar o tempo. Em vez disso, olhou para trás.

Todos os livros antigos contavam histórias sobre pessoas que cometeram o erro de olhar para trás. Ao deixar cidades em chamas. Ao sair do inferno. Apesar disso, Diana olhou para o navio que naufragava nas grandes ondas, todo inclinado, feito a asa quebrada de um pássaro.

Calculou a extensão do topo do penhasco. Havia pedras pontudas na base. Se não desse impulso suficiente, o impacto seria feio. Mesmo assim, a queda não a mataria. *Isso vale para uma amazona de verdade*, pensou. *Será que vale para você?* Bem, esperava que sim. De qualquer forma, a mãe a mataria.

Diana encarou mais uma vez os destroços e deu um impulso. Correu a toda, ganhando velocidade a passadas largas, os braços se movendo no ritmo, reduzindo a distância até a beira do penhasco. *Pare, pare, pare*, clamou sua mente. *Isso é loucura*. Mesmo que houvesse sobreviventes, não poderia fazer nada. Tentar salvá-los era atrair o exílio, e não havia exceção à regra – nem para uma princesa. *Pare*. Ela não soube ao certo por que não obedeceu. Quis acreditar que foi porque seu peito abrigava um coração de heroína, que exigia uma resposta àquele chamado. No entanto, ao se lançar por sobre o penhasco e avançar pelo céu vazio, soube que parte do que a impulsionava era a provocação daquele grande mar cinzento, que não se interessava por seu amor.

Seu corpo descreveu um arco amplo no ar; os braços à frente conduziam o caminho. Ela direcionou o corpo para a água e atravessou a superfície em um mergulho hábil, os ouvidos tomados por um silêncio súbito, os músculos rijos à espera do impacto brutal das pedras... que não aconteceu. Ela avançou para cima, respirou fundo e começou a nadar até a divisa, os braços transpassando a água morna.

Aproximar-se da divisa era sempre meio empolgante, quando a temperatura da água começava a mudar: o frio lhe tocava primeiro as pontas dos dedos, depois invadia o couro cabeludo e os ombros. Diana e Maeve gostavam de nadar para além das praias ao sul, ousando ir cada vez mais longe. Certa vez avistaram um navio que passava pelo nevoeiro, com os marinheiros de pé na proa. Um dos homens tinha o braço apontado na direção das duas. Elas mergulharam para se proteger, gesticulando loucamente sob as ondas; gargalhavam tanto que retornaram à margem engasgadas com a água salgada.

Poderíamos ser sereias!, gritara Maeve ao se jogar com Diana na areia morna, apesar de nenhuma das duas ser capaz de cantar bem. Passaram o resto da tarde entoando, desafinadas, canções violentas de bêbados irlandeses e rindo feito bobas, até que Tec as encontrara. Mais que depressa, calaram a boca. Transpor a divisa era uma infração leve. Ser vista por mortais em qualquer local próximo à ilha era motivo para sérias ações disciplinares. E o que Diana estava fazendo agora?

Pare. Mas ela não podia. Não enquanto aquele grito humano ainda ecoasse em seus ouvidos. Diana sentiu a água fria depois da divisa engolfá-la por completo. O mar agora a possuía e não era amistoso. A corrente a puxou para baixo, uma força poderosa e revolta, o mais sutil movimento de um deus. *Você precisa lutar*, percebeu ela, forçando os músculos a corrigir o rumo. Jamais tivera que enfrentar o oceano.

Ficou um tempo à deriva, tentando se localizar enquanto as ondas se encrespavam à sua volta. A água estava repleta de destroços, papéis flutuando, lascas de madeira, fragmentos de vidro, coletes salva-vidas cor de laranja que a tripulação decerto não tivera tempo de vestir. Era quase impossível enxergar para além da chuva que caía e da neblina que envolvia a ilha.

O que estou fazendo?, perguntou-se. *Navios vêm e vão. Vidas humanas se perdem.* Tornou a mergulhar e explorou as impetuosas águas cinzentas, mas não viu ninguém.

Subiu à tona. Sua própria estupidez lhe consumia as entranhas. Ela sacrificara a corrida. Justamente o momento em que suas irmãs a enxergariam de verdade, a chance de deixar a mãe orgulhosa. Em vez disso, abandonara a liderança, e para quê? Não havia nada ali além de destruição.

De esguelha avistou uma silhueta branca, uma grande lasca do que poderia ter sido o casco do navio. Emergiu em uma onda, desapareceu, depois tornou a aparecer. Diana viu um braço esguio agarrado firme à lateral, os dedos abertos, as juntas dobradas. Então, desapareceu.

Outra onda se elevou, uma imensa montanha cinzenta. Diana mergulhou, à procura. Por toda parte havia lascas de madeira, destroços e cacos de vidro; era impossível distinguir um fragmento de navio de outro.

E lá surgiu outra vez – um braço, dois braços, um corpo, a cabeça encurvada e os ombros arqueados, uma camisa amarelo-limão, um tufo de cabelos escuros. Uma garota. Ergueu a cabeça e arquejou, tentando respirar, os olhos injetados de pavor. Uma onda arrebentou por cima dela, uma rajada de água branca. O fragmento de casco emergiu. A garota não estava mais lá.

Outro mergulho. Diana mirou o ponto onde vira a garota afundar. Avistou algo amarelo em um lampejo e arremeteu. Agarrou o tecido e puxou. O rosto de um fantasma emergiu da água turva diante dela: cabelos louros, olhos azuis arregalados e sem vida. Ela nunca vira um corpo de perto. Tampouco um rapaz. Recuou e soltou a camisa, mas, ao mesmo tempo que via o garoto desaparecer, assinalava as diferenças: maxilar marcado, rosto largo, tal e qual as imagens dos livros.

Ela tornou a mergulhar, mas agora perdera por completo o senso de direção – as ondas, os destroços, a sombra da ilha em meio à névoa. Se nadasse para muito mais longe, talvez não fosse capaz de voltar.

Diana não conseguia se desvencilhar da imagem daquele braço esguio, daqueles dedos ferozes agarrados à vida com tamanha força. *Mais uma vez*, disse a si mesma. Mergulhou, agora sentindo a água gélida se entranhar ainda mais profundamente em seus ossos.

Em um instante o mundo era uma corrente cinza e um mar turvo; no momento seguinte lá estava a garota, em sua camisa amarelo-limão, o rosto virado para baixo, braços e pernas estirados. Tinha os

olhos fechados.

Diana a agarrou pela cintura e se içou com ela à superfície. Por um instante aterrador não conseguiu encontrar o contorno da ilha, e então a névoa se dissipou. Ela se impulsionou com as pernas para a frente, enganchando desajeitadamente a garota contra o peito com um dos braços, os dedos da outra mão buscando seu pulso. *Ali*. Fraco e indistinto, porém presente. Embora a garota não respirasse, seu coração ainda batia.

Diana hesitou. Ainda podia ver os contornos de Filos e Ectros, as rochas que demarcavam o início escarpado da divisa. As regras eram claras: não era permitido impedir a maré mortal da vida e da morte, e a ilha jamais deveria ser tocada por ela. Não havia exceções. Nenhum humano podia ser levado até Temiscira, mesmo que fosse para ter a vida salva. Quebrar essa regra significava apenas uma coisa: exílio.

Exílio. A palavra era um lastro indesejável, um peso insustentável. Uma coisa era transpor a divisa, mas sua atitude seguinte poderia apartá-la para sempre da ilha, de suas irmãs, de sua mãe. O mundo parecia grande demais; o mar, profundo demais. *Largue*. Simples assim. Se Diana largasse a garota, seria como se jamais tivesse saltado daquele penhasco. Voltaria a ser livre daquele fardo.

Pensou na firmeza e na fúria do punho cerrado da garota, na determinação em seus olhos antes de afundar com a onda. Sentiu o ritmo irregular do pulso dela, uma batida distante. *Viva, viva*.

E nadou até a margem.

Enquanto cruzava a divisa com a garota nos braços, o nevoeiro se dissipou e a chuva diminuiu. Um calor lhe invadiu o corpo. Era estranho ver as águas calmas e inertes depois da violência do mar, mas Diana não reclamou.

Quando seus pés tocaram a areia do chão, ela deu um impulso para cima, ajeitando os braços para erguer a garota de dentro d'água. Era de uma leveza assustadora. Diana parecia estar segurando um pardalzinho nas mãos. Não era de se espantar que o mar tivesse vitimado tão facilmente aquela criatura e seus companheiros tripulantes.

Diana a deitou delicadamente na areia e tornou a verificar seu pulso. Agora não havia batimentos. Ela sabia que precisava fazer o coração da garota bater, tirar a água de seus pulmões, porém a lembrança do procedimento lhe era um pouco turva. Aprendera sobre ressuscitação de vítimas de afogamento, mas jamais pusera esse

conhecimento em prática. Talvez não tivesse prestado muita atenção à época. Que probabilidade tinha uma amazona de se afogar, ainda mais nas águas calmas de Temiscira? Agora sua desatenção poderia custar a vida da garota.

Faça alguma coisa, disse a si mesma, tentando vencer o pânico. Por que tirou a garota da água se não vai fazer nada?

COLEÇÃO LENDAS DA DC

Mulher-Maravilha: Sementes da Guerra

Leigh Bardugo

Batman: Criaturas da Noite

Marie Lu

Mulher-Gato

Sarah J. Maas

Superman

Matt de la Peña

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia um trecho de outra aventura da coleção lendas da DC

MULHER-MARAVILHA: Sementes da Guerra

Capítulo 1

Coleção lendas da DC

Informações sobre a Arqueiro

JAMES PATTERSON

E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



Zoo

Patterson, James

9788580414431

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Algo está acontecendo na natureza. Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam. A humanidade é presa fácil. Apavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara. O fim da civilização está próximo. Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

[Compre agora e leia](#)



Pela luz dos olhos seus

Janine Boissard

ARQUE-TEJO

Pela luz dos olhos seus

Boissard, Janine

9788580412116

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Laura Vincent cresceu entre o mar e as macieiras da Normandia. Passou a adolescência à sombra da irmã mais velha. Agathe – a bela – era admirada e disputada por todos os garotos da cidade; Laura – a pequena – passava as noites em casa, lendo romances. Mas o destino preparou uma surpresa para Laura. Trabalhando como assessora de imprensa de músicos, ela recebe, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, a visita do agente de um dos tenores mais famosos do mundo. Ela é requisitada para ser guia dele e seu chefe não deixa margem para discussão. Rico e bem-sucedido, Claudio Roman viaja pelo mundo emocionando plateias com sua voz. Fã de banquetes, bebedeiras e belas mulheres, ele parece ter tudo o que quer, porém seu comportamento esconde a amargura de nunca poder interpretar Alfredo, em La Traviata, por causa de um ataque criminoso que lhe custou a visão. Laura está preparada para lidar com um homem difícil e arrogante, mas, assim que ouve Claudio cantar pela primeira vez, ele toca seu coração. Aos poucos, mais do que sua guia, ela se torna também a confidente das noites sombrias de angústia. Como ela nunca lhe pede nada em troca de seu apoio, Claudio promete lhe dar qualquer coisa. No momento certo, ela cobra a promessa: quer que o cantor se submeta a um transplante de córnea capaz de lhe restituir a visão de um dos olhos. Apaixonada e convencida de que Claudio não precisará mais dela quando voltar a enxergar, Laura vai embora sem se despedir e sem dar a ele a oportunidade de vê-la. Será que Claudio saberá lidar com essa decisão? Ou ele vai enfim perceber que sempre lhe faltou o alimento mais essencial à vida: o amor?

Compre agora e leia



OS BRIDGERTONS — 8

Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR



A caminho do altar

Quinn, Julia

9788580415742

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao contrário da maioria de seus amigos, Gregory Bridgerton sempre acreditou no amor. Não podia ser diferente: seus pais se adoravam e seus sete irmãos se casaram apaixonados. Por isso, o jovem tem certeza de que também encontrará a mulher que foi feita para ele e que a reconhecerá assim que a vir. E é exatamente isso que acontece. O problema é que Hermione Watson está encantada por outro homem e não lhe dá a menor atenção. Para sorte de Gregory, porém, Lucinda Abernathy considera o pretendente da melhor amiga um péssimo partido e se oferece para ajudar o romântico Bridgerton a conquistá-la. Mas tudo começa a mudar quando quem se apaixona por ele é Lucy, que já foi prometida pelo tio a um homem que mal conhece. Agora, será que Gregory perceberá a tempo que ela, com seu humor inteligente e seu sorriso luminoso, é a mulher ideal para ele? A caminho do altar, oitavo livro da série Os Bridgertons, é uma história sobre encontros, desencontros e esperança no amor. De forma leve e revigorante, Julia Quinn nos mostra que tudo o que imaginamos sobre paixão à primeira vista é verdade – só precisamos saber onde buscá-la.

[Compre agora e leia](#)

LISA
KLEYPAS
MANHÃ DE
NÚPCIAS

Os Hathaways 4



Manhã de Núpcias

Kleypas, Lisa

9788580412901

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O estilo natural de Lisa Kleypas cria mais um apimentado romance de época, instigante do início ao fim." – Publishers Weekly Quando herdou o título de lorde Ramsay, Leo Hathaway e sua família passavam por um dos momentos mais difíceis de sua vida. Mas agora as coisas vão bem. Três de suas quatro irmãs já estão casadas, uma preocupação que Leo nunca teve consigo mesmo. Solteiro inveterado, ele tem uma certeza na vida: nunca se casará. Mas então a família recebe uma carta que pode pôr tudo isso em risco: se Leo não arrumar uma esposa e gerar um herdeiro dentro de um ano, ele perderá o título e a propriedade onde todos vivem. Solteira e sem pretendentes, a governanta Catherine Marks talvez seja a única salvação da família que a acolheu com tanto carinho. O único problema é que Leo não compartilha do mesmo afeto que suas irmãs têm pela moça. Para ele, Catherine é uma megerazinha cheia de opinião que fala demais. Apesar de irritá-lo e quase o levar à loucura, ela é a primeira – e única – mulher com quem ele considera se casar. Catherine, por sua vez, tem uma opinião igualmente negativa a respeito do patrão. Além disso, ela esconde alguns segredos do passado e um deles pode destruir a vida que tão cuidadosamente construiu para si. Agora Leo e Catherine precisam um do outro, mas para vencer as dificuldades e consertar as coisas eles terão que superar as turras e as diferenças, num romance intenso e sensual que só Lisa Kleypas poderia ter escrito.

[Compre agora e leia](#)

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO UM
APRENDIZ

Raymond E. Feist



Mago, Aprendiz

E. Feist, Raymond

9788580415551

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre. Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer. Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

[Compre agora e leia](#)